LINDSEY KELK

Eu amo Hollywood

Livro 2



FUNDAMENTO

LINDSEY KELK

Star Books Digital

Eu amo Hollywood

Livro 2



FUNDAMENTO



https://t.me/SBDLivros

2013, Editora Fundamento Educacional Ltda.

Editor e edição de texto: Editora Fundamento Editoração eletrônica: Star Books Digital

Ilustração de capa: Adrian Valencia

Tradução: Útil Assessoria e Consultoria Empresarial Ltda. (Fabiane Marina Amend Ariello)

Copyright de texto © Lindsey Kelk 2010

Design do layout da capa © HarperCollinsPublishers Ltd 2010

Publicado originalmente em inglês por HarperCollinsPublishers Ltd. sob o título I HEART HOLLYWOOD.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Maria Isabel Schiavon Kinasz)

Kelk, Lindsey

K26 Eu amo Hollywood / Lindsey Kelk - 1. ed. - São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2013.

304p.: il.: 23cm

Título original: I heart Hollywood

1. Literatura Inglesa - ficção I. Título CDD 823 (22.ed)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Inglesa - ficção 823

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de dezembro de 1907. Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Telefone: (41)3015-9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br

Capítulo 1

O casamento foi perfeito.

Apenas dez pessoas reunidas na Prefeitura, sem músicas, sem leituras, sem rebuliço; em seguida, fomos para Alta, no West Village, para a festa. Velinhas iluminavam o rosto das minhas pessoas mais queridas: Jenny, Vanessa, Erin. E Alex. Deus do céu, como ele ficava bonito de terno. Fiz uma anotação mental para convencer aquele garoto a vestir calça, paletó e colete com mais frequência. No nosso casamento, talvez... não, Angela má, é muito cedo para pensar em uma coisa dessas. Tan-tan-taran...

— Então você não acha que estou cometendo um erro ridículo? — Sussurrou minha amiga Erin por cima do meu ombro, trazendo-me de volta à realidade. — Quer dizer, não faz nem seis meses que eu lhe disse que nunca mais me casaria.

Balancei a cabeça.

— Não, mesmo — dei uma olhada para o novo sr. Erin, ou Thomas, como ele é chamado pelos amigos. Ou "aquela bundinha linda", como era conhecido por *Jenny.* — Você não estaria fazendo isso se não fosse a coisa certa.

— Ahn, e com certeza é. Acorde! — Jenny Lopez se aproximou gingando e deu um beijão na noiva, deixando o rosto de Erin todo pintado de batom MAC Ruby Woo. — Ele é um advogado super-rico, supergato, que está superapaixonado por você. Tenho certeza de que esses são os três fatores principais a considerar antes de se amarrar. *E,* nossa, esta corda é praticamente feita de ouro. Melhor até que o seu último casamento. E muito melhor que o penúltimo.

— Meu Deus, como você é grosseira disse Erin, dando um tapinha de brincadeira nos cabelos cacheados cor de chocolate de Jenny. — Mas está certa. Eu não podia deixar de me casar com ele, visto que é simplesmente um doce.

— Sim, um doce. Pois eu só me caso quando o cara puder reservar meu restaurante preferido só para mim em uma noite de sábado — Jenny suspirou e bebeu uma taça inteira de champagne em um gole. — O Thomas não tem amigos solteiros. Quero dizer, advogados, ricos e solteiros?

Não pude deixar de sorrir. O último casamento em que estive não tinha sido exatamente um sucesso. Eu tinha começado o dia como uma madrinha adorável, com meu noivo dedicado, e terminado como uma quebradora de mãos, armada com um sapato de salto alto, já que o dedicado noivo se divertia com uma qualquer no banco de trás de um Range Rover.

Depois de deixar todo mundo na festa chorando e/ou no hospital, parti para New York para ser recebida por Jenny: uma família inteira, melhor amiga e terapeuta em uma única pessoa. As coisas por aqui não foram tranquilas como um passeio no Central Park, mas acabei encontrando

meu caminho. Um emprego como blogueira para a revista *The Look*, grandes amigas, uma vida de verdade, tantas coisas que estavam faltando fazia tempos. Quando uma mão deslizou pela minha cintura e me puxou lembrei-me de outra coisa que tinha encontrado em New York: Alex Reid.

— Acho que este é o melhor casamento em que já estive — ele pressionou os lábios gentilmente na minha pele. — E estou com a garota mais linda da festa.

— Em primeiro lugar, só tem oito garotas aqui e, em segundo, isso não é verdade — respondi, virando-me para afastar a longa franja de Alex de seus olhos — A Erin está maravilhosa, a Jenny ficou absurdamente bonita com aquele vestido e a Vanessa...

— Será que dá para apenas aceitar o elogio? — Alex balançou a cabeça. — E não ligo para o que diz, pois não há mulher nenhuma nesta cidade que se compare a você neste momento.

Torci o nariz e aceitei um beijo, silenciosamente agradecendo às minhas estrelas da sorte. Tínhamos nos conhecido logo depois que cheguei a New York e as coisas logo ficaram muito sérias, rápido demais. Ele tinha decidido pisar no freio e eu passei seis meses na geladeira, fingindo que não estava pronta para começar um relacionamento quando, na verdade, imaginava se haveria algum problema em ligar para ele. Por fim, peguei o telefone, apostei todas as minhas fichas de carma e, graças a Deus, Buda e Marc Jacobs, Alex atendeu. Agora, só estava tentando me divertir e ignorar a sensação incômoda no meu estômago de que Alex era o cara certo. Eu não queria de jeito nenhum repetir o papelão da última vez. Durante os dez anos que passei com meu ex, nunca, nem por um momento, o medo de perdê-lo foi tão grande quanto o medo que tenho de perder Alex, principalmente porque agora eu costumava ficar acordada à noite, observando-o dormir.

Nos últimos dois meses, ele tinha sido o namorado mais atencioso, amável e incrivelmente maravilhoso que eu poderia imaginar. Comprava presentinhos como o lindo girassol que trouxe para prender ao vestido Cynthia Rowley verde-oliva que eu estava usando no casamento. Ele me surpreendia com piqueniques em casa quando estava com o prazo apertado para terminar um trabalho. Saía para comprar o café da manhã antes que eu acordasse e chegou a fazer todo o caminho do Brooklyn até Manhattan para entregar a bolsa e as chaves que eu tinha esquecido na casa dele. Nesse dia, ainda trouxe uma enorme pizza já que Jenny e eu estávamos bêbadas e tínhamos conseguido ficar presas do lado de fora do nosso apartamento às 3 horas da manhã. Nunca descobrimos onde Jenny tinha deixado as chaves... Mas o mais impressionante foi quando me excedi na bebida, em uma degustação de vinhos sobre a qual escreveria um artigo para a *The Look,* e ele segurou *o* meu cabelo enquanto eu vomitava. Na frente de um restaurante chique. Com todo mundo olhando. E em cima dos sapatos dele. Como se não bastasse Alex estar competindo pelo título de Melhor Namorado do Mundo, também havia outro pequeno detalhe a levar em conta: ele era um roqueiro famoso. A banda dele tinha lançado o terceiro álbum enquanto dávamos um "tempo" e, mesmo com o pequeno sucesso comercial e imenso sucesso de crítica, ele continuava sendo um anjo. Enquanto Jenny insistia que ele deveria estar pela rua cheirando cocaína no umbigo das fãs, Alex estava deitado no sofá, comendo comida chinesa e assistindo a *America's Next Top Model.*

Olhei de um lado ao outro da mesa quando nos sentamos para jantar e não consegui me lembrar de nenhum outro momento em que estivesse me sentindo tão feliz e em paz comigo mesma. E daí que essas não eram as pessoas que me viram crescer, ou as que me ensinaram a

andar de bicicleta? Mas eram as que me ensinaram a pegar o metrô e a caminhar com meus próprios pés. Ou, pelo menos, a ficar de pé sobre eles depois de ter caído no chão de porre.

— Ei, a presença dela não lhe dá vontade de vomitar? — Jenny me cutucou. — Corno é que consegue se casar, sei lá, sete vezes, e eu não consigo nem ir para a cama com alguém?

— Eu estava curtindo um momento de paz e silêncio, pensando em como era sortuda por ter encontrado amigos tão maravilhosos — dei um tapinha na mão de Jenny. — E agora você estragou tudo.

— Aaah, você me ama — Jenny encostou a cabeça no meu ombro e brincou com meu queixo. — E sabe que eu também a amo. Porém, na boa, acho que vou chorar. Se você e o Brooklyn ali acham que vão casar antes de mim, estão muito enganados.

— Jenny! — Virei-me para o Alex, mas ele estava ocupado exibindo uma de suas melhores expressões de bom ouvinte para um dos amigos investidores de Thomas. — Fique quieta. Nós estamos juntos há dois minutos. Não atraia mau agouro.

Não tem como, querida — Jenny passou a mão na chama da vela que estava à sua frente. — Quantas noites vocês passaram separados desde que voltaram a sair? Três? Quatro, no máximo. Ele está louco por você. E sei que está ouvindo a Marcha Nupcial nessa sua cabecinha.

Aposto qualquer coisa que ainda este ano ele coloca uma aliança no seu dedo. Quer que eu o ajude a escolher uns modelos mais elegantes? Sei que ele é todo, assim, 'criativo', mas tem que ser uma coisa que você possa usar para o resto da vida.

Com nervosismo, passei os dedos na minha longa franja castanho-clara.

— Sério, pare com isso. Estamos indo devagar, você sabe.

Jenny sorriu.

— Eu sei, acontece que é muito óbvio. E você sabe o quanto fico feliz, pois isso é maravilhoso. Entretanto, Angie, temos que arranjar alguém para mim. Faz uns seis meses que não transo, fala sério. Ai, comida, graças a Deus.

— Sim, porque tudo que eu quero depois dessa conversa e comer — murmurei.

O jantar passou rápido demais, o bufê estava maravilhoso, embora não tenha absorvido o champanhe tão bem quanto eu gostaria. Um enroladinho de salsicha e umas asinhas de frango teriam ajudado, mas esse era um evento chique em New York, não uma festinha da família Clark. Quando o jantar se tornou uma sucessão de discursos e estes se tornaram uma rodada de drinques, pedi licença para um fascinante analista de sistemas, que quase desmaiou quando descobriu que eu não tinha previdência privada, e fui procurar pessoas com as quais eu realmente queria conversar. Erin e Vanessa estavam ocupadas com afazeres de noiva e de madrinha perto da porta; Jenny estava distribuindo sorrisos para vários amigos de Thomas e Alex, e parecia estar se escondendo desses mesmos amigos no banheiro. Ele até podia vestir um terno e pentear os cabelos pretos, mas não podia esconder o olhar de tédio quando Thomas e os amigos começavam a falar sobre ações e investimentos. Sem ninguém para me proteger do tédio que esse tipo de conversa me causaria, fugi até o terraço para me esconder.

— Também está querendo espionar o pessoal? — Perguntou Alex quando subi o último degrau. Ele estava encostado no parapeito segurando uma taça de champanhe, a gravata frouxa e o botão do colarinho aberto.

— Então é aqui que você estava se escondendo — bebi um gole da taça dele. Bem, um golinho a mais não faria mal nenhum. — Pensei que tinha ido embora com o namoradinho que arranjou no jantar.

— Ah, sim, acho que somos almas gêmeas. Você sabe que sempre fui fascinado por ações de alto rendimento. — Alex comentou.

— Eu sabia que esse negócio de banda era só fachada. E então, quem estamos espionando? — Indaguei.

Ele apontou para baixo, na direção do bar que ficava nos fundos do restaurante.

— Bem, você, mas aí você sumiu; portanto, é só a Jenny. Estou tentando descobrir quem é o alvo dela esta noite.

Eu a vi imediatamente, encostada no balcão do bar, toda cachinhos e boca vermelha. Ela bebia um coquetel clarinho e admirava as próprias unhas, ignorando o rapaz parado ao seu lado, que, meio desajeitado, tentava chamar a atenção com uma tossidinha e um sorriso assustado.

— Parece que ela finalmente esqueceu Jeff — disse Alex.

— Pelo jeito, sim — franzi a testa. — Mas não tenho certeza. Em um minuto ela está toda "quero sexo, quero sexo", só que, depois, fica em casa noite após noite assistindo a *Supernanny*. Olhe lá. Parece que ele nem está ali.

— Será que não é só porque ela é exigente? — Sugeriu Alex enquanto o banqueiro desistia e mudava o alvo para Vanessa. — Ou talvez goste muito da Supernanny.

— Bem, ela gosta mesmo, e tem, sim, que ser exigente, porque é maravilhosa, mas é mais que isso. — Respondi. — Sei lá. Ela sai, conhece alguns caras, eles passam o número de telefone e ela nunca liga. E ao mesmo tempo, reclama o tempo todo que não consegue arranjar ninguém. Não sei o que fazer. Sei que a Jenny ainda sente falta do Jeff, só que se recusa a falar sobre isso. Sóbria.

— Ela acha que ainda podem voltar? — Alex encostou a cabeça na minha.

Dei de ombros e fiz um beicinho. A versão oficial era que ela tinha esquecido totalmente o ex, mas a versão bêbada às 2 da manhã era "Nunca vou esquecê-lo enquanto eu viver, ele é minha alma gêmea". Porém, algo me dizia que Jenny não gostaria que eu conversasse sobre isso com Alex.

— Então, melhor não lhe contar que uma loira se mudou para o apartamento dele ontem? — Ele perguntou. — Desculpe não ter comentado nada antes. Esqueci totalmente.

— Verdade? — Questionei.

Alex assentiu.

O fato de Jeff ter se recusado a vender o apartamento só porque era no mesmo prédio em que morava o ex de Jenny já era um dos motivos pelos quais ficavam sem se falar por vários dias, então achei que seria bom não compartilhar a informação por enquanto.

— Não, ela não pode descobrir urna coisa dessas. Ficaria tão deprimida que não sairia da cama por um mês.

— Parece legal — ele sorriu, deslizando uma mão pelas minhas costas enquanto a outra se apoiava no parapeito. — Podemos fazer isso já, por favor?

Encarei os olhos ridiculamente verdes de Alex e a franja dele roçou nos meus cílios quando seu rosto se aproximou do meu para um longo beijo. Podia sentir seu corpo quente contra a seda fina do meu vestido, e o parapeito pressionando a parte de baixo das minhas costas. Senti a bolsa escorregar dos meus dedos e cair, sem saber se tinha caído lá embaixo, e também sem dar muita importância ao fato

— Tenho que ir embora logo — falei com a voz convidativa enquanto Alex passava a mão na minha nuca e enrolava meus cabelos em seus longos dedos. — Tenho uma reunião com a Mary às 9.

— Se fomos de metrô, minha casa é mais perto; se fomos de táxi, a sua — os olhos de Alex estavam escuros; as pupilas, dilatadas; e a respiração, ofegante. — Mas acho que o pessoal do metrô não vai gostar muito do que estou planejando.

— Táxi, então — ajeitei o vestido e peguei a bolsa do chão. Ainda bem que não tinha caído da sacada e atingido alguém. Eu já havia atacado gente suficiente em casamentos. — E devo lhe confessar que não achei que você era o tipo de cara que se excita com casamentos.

— Que tipo de "cara" você achou que eu era? — Sorriu Alex. — E não é bem o casamento, é você. Agora, vamos logo pegar um táxi.

Capítulo 2

A manhã seguinte estava cinzenta e gelada, como tinham sido todas as demais desde o fim de novembro. Ao colocar os pés para fora da cama, tateando à procura dos chinelos, tive a sensação de que o chão de madeira do meu quarto era feito de gelo. Sabia que era bobagem não usar minhas meias de dormir gigantes quando Alex passava a noite aqui, mas não estávamos juntos havia tanto tempo assim e eu achava que ele não estava preparado para elas, por isso preferia ficar sofrendo. Como uma idiota.

Março era o oposto de julho. Tinha sufocado de calor desde que colocará o pé para fora do avião; e agora, no entanto, às vezes me perguntava se algum dia sentiria calor de novo. O verão quente e grudento tinha se transformado em um outono fresco e ameno, que foi substituído rápido demais por temperaturas abaixo de zero e tempestades de neve. Por mais lindo que fosse ver tudo coberto com um metro de neve, eu já tinha aprendido que aquilo não era: a) novidade nenhuma na cidade e b) nada legal. Quando nevava na minha cidade, tudo parava. Minha mãe esperava espalharem sal pelas ruas para a neve derreter e ia a pé até o mercado usando galochas, caminhando no meio da rua para comprar quantidades desnecessárias de comida enlatada e oito galões de leite, que venciam antes que ela conseguisse convencer meu pai a beber tudo dentro do prazo de validade. Quando nevava de verdade em New York, as estradas congestionavam, o metrô parava, mas a vida não. E enfrentar o vento cortante com o rosto úmido de chuva e neve não me ajudava muito a ter a vida glamorosa que minha família na Inglaterra imaginava que eu estivesse vivendo. E também podia ser porque meus e-mails e telefonemas raramente mencionavam o fato de eu estar andando para cima e para baixo há meses com um nariz vermelho igual ao da rena do Papai Noel, enrolada em casacos, parecendo o bonequinho da Michelin.

Abri uma fresta da cortina para ver como estavam as ruas. Pelo menos não tinha nevado durante a noite. O céu, porém, estava cinzento e ameaçador e, lá embaixo, as pessoas caminhavam empacotadas como se estivessem a caminho de uma expedição no Ártico.

— Que horas são? — Gemeu Alex, rolando até perto de mim e fechando novamente a cortina.

— Sete e meia — suspirei deixando que ele me puxasse de volta para a cama, meus pés desaparecendo sob o cobertor. Alex parecia uma bolsa humana de água quente. Por mais gelado que estivesse o apartamento, ele estava sempre quentinho. Além do óbvio, essa era uma das razões pelas quais eu mais gostava de tê-lo na minha cama. — E por mais que não queira, tenho que me levantar.

— Sabe, eu digo para as pessoas que é maravilhoso ter uma namorada escritora — resmungou Alex quando me afastei de novo —, porque ela não precisa acordar cedo para ir para o trabalho

todo dia. E veja só você aí, saindo da cama às 7h30...

— Não posso fazer nada — respondi, finalmente me desvencilhando para enfrentar o chão gelado de novo. Vesti minha camisola de flanela enorme e encarei-o de volta. Ele estava com os olhos fechados e as cobertas puxadas até o nariz. — Você diz mesmo para as pessoas que tem uma namorada escritora?

— Hum — Alex se enrolou sob as cobertas, escondendo a cabeça quando acendi a luz. — O que mais eu posso dizer? Que é uma refugiada britânica que não pode voltar para casa porque quebrou a mão de um cara?

— Bobão — peguei a toalha pendurada perto do aquecedor e fui para o banheiro. — Você pode dizer o que quiser. — "Desde que diga que sou sua namorada", pensei comigo com um enorme sorriso.

O edifício da Spencer Media ficava na Times Square, um dos lugares de que eu menos gostava em Manhattan. Mesmo naquele dia em uma manhã gelada de março, às 8h50, as ruas estavam repletas de turistas usando luvas de lã finas demais para aquele frio e carregando copos de café Starbucks e câmeras digitais. Nunca tinha pensado que um casaco acolchoado da North Face fosse uma peça necessária no guarda-roupa, até tentar sobreviver ao mês de janeiro em New York vestindo apenas um sobretudo lindo Marc by Marc Jacobs e uma jaquetinha de couro fina da H&M. Jamais, na minha vida inteira, passei tanto frio. Agora entendia que tinha que deixar de lado meu recém-descoberto interesse em moda e pôr Tantas Roupas Quanto Era Humanamente Possível antes de sair de casa. Era uma loucura.

Passei por um bando de estudantes que se revezavam para tirar fotos do grupo, cada vez um deles se fazendo de fotógrafo, e pensei na quantidade de fotos de turistas que eu tinha invadido desde que começara a trabalhar para a T*he Look.* Devia haver milhões de fotos no Facebook com uma certa garota mal-humorada aparecendo ao fundo, suspirando com impaciência.

A vista do escritório de Mary no 42° andar do edifício quase fazia valer a pena a caminhada pela Times Square. Quanto mais alto subia, mais incrível New York parecia. No chão, às vezes perdia a noção de onde estava ao observar as marcas conhecidas — H&M aqui, HSBC ali — mas lá no alto, cercada de arranha-céus, vendo as águas ao redor da ilha, eu sabia que só podia estar em Manhattan.

— Mary já está esperando — disse uma voz desinteressada por trás de um enorme monitor de computador enquanto eu tentava localizar o grupo de estudantes dali de cima.

— Mas não estou adiantada? — Perguntei para a inspetora. A assistente de Mary, Cici, nunca tinha sido minha maior fã. Mesmo assim, ela geralmente fazia a gentileza de pelo menos me lançar um olhar feio. Infelizmente, eu estava usando tantas roupas que não conseguia localizar o relógio, e a Spencer Media era um pouco como Las Vegas, não colocava relógios em lugar nenhum, provavelmente para que os funcionários não percebessem como estavam trabalhando até tarde. Não era incomum receber e-mails de Mary e dos outros editores às 9, 10 horas da noite

— A Mary chega às 7, e a reunião de vocês estava marcada para às 9 — a assistente se levantou e deu a volta na mesa. Só o que pude fazer foi torcer para que ela tivesse roupas muito, muito quentes, para vestir antes de sair. Seu traseiro minúsculo estava coberto por uma sainha que mal alcançava a parte de cima das meias sete-oitavos e ela não parecia estar usando nenhuma segunda pele sob a blusa transparente com laço. Na verdade, não parecia estar usando nada sob a blusa.

Minha nossa. Agora são 9h03. Você está atrasada.

Será que era legal essa assistente me fazer sentir como uma adolescente chegando tarde na escola?

— A Angela Clark finalmente chegou — falou Cici gentilmente quando passamos pelas grandes portas de vidro do escritório de Mary. — Quer que lhe sirva alguma coisa, chefe?

— Mais café. Você deseja algo? — Mary estava usando o uniforme de sempre, jeans skinny, blusa de cashmere e cabelos grisalhos cortados curtos, mas havia alguma coisa diferente nela. Percebi que estava sorrindo. Só podia ser um bom sinal.

— Adoraria um café — tentei abrir um sorrisinho para a assistente, que se sentiu ofendida e saiu da sala. — Como você está, Mary?

— Bem, e você? — Ela se debruçou sobre a mesa sem esperar uma resposta. — Tenho uma surpresinha para você. E acho que vai me amar por isso.

— Parece bom — comecei a tirar as camadas. Luvas, cachecol, casaco. — Gosto de surpresinhas.

— Bem, você sabe que todos aqui adoram seu blog — Mary apoiou o queixo nas mãos e sorriu. Eu vinha escrevendo um diário online para o site TheLook.com desde que chegara a New York, graças à amiga incrivelmente bem relacionada de Jenny, Erin, e à minha total falta de pudor em colocar todos os detalhes da minha vida pessoal na internet.

Para animar minhas ambições jornalísticas, minha editora às vezes me passava as críticas de livros e música da revista para fazer, quando precisavam de uma mãozinha. Mas a parte que eu achava mais empolgante era a coluna na edição inglesa, para desgosto da minha mãe. Ela não gostava que a Susan, dos correios, soubesse o que eu estava fazendo antes dela. — Temos um projeto novo para você. O que acha de mudar de ares?

— Mudar de ares? — Parei de tirar as camadas de roupa quente. Isso parecia muito com uma demissão. — Sair da T*he Look*?

— Não, não é isso — Mary acenou com a cabeça em agradecimento quando Cici chegou com o café. Olhei para ela esperançosa. Nada de café para Angela. Eu estava sendo demitida, com certeza. — Sua grande chance chegou, Angela. Apareceu uma entrevista e queremos que você a faça.

— Nunca entrevistei ninguém — disse lentamente, sem querer atrair azar para a história.

— Claro que já entrevistou, você faz isso o tempo todo — o simples fato de Mary não conseguir me encarar era uma prova de que nem ela acreditava em si mesma. O que é que estava acontecendo?

— Fiz algumas perguntas para a quarta colocada da oitava temporada de *América's Next Top Model* e conversei com uma das gêmeas Olsen na fila do banheiro. Não foram entrevistas, Mary — esclareci. — Vocês não têm uma porção de jornalistas que são, tipo, especialistas em entrevistas?

— Temos — respondeu Mary, encarando-me. — Mas esta é sua. Está me dizendo que não quer fazer?

Milagrosamente, um café quentinho apareceu diante de mim, porém Cici já tinha dado as

costas antes que eu pudesse agradecer. "Conquistando aos pouquinhos", pensei comigo.

Respirei fundo. É claro que queria fazer essa entrevista. Não podia ser tão difícil assim fazer umas perguntas para alguém.

É claro que quero. Vai ser superlegal. Darei o meu máximo. Vou dar um jeito. Vou tentar.

— Não há espaço para tentar aqui, Angela — Mary empurrou os óculos para perto dos olhos. — É coisa grande. Uma semana em Los Angeles com James Jacobs.

— James Jacobs? O ator? — Perguntei entre um golinho e outro do café. — Eu?

— Sim, você — Mary recostou-se um pouco na cadeira. — E sim, o ator.

O astro britânico bonitão.

— Quer que eu o entreviste para o site? — Perguntei.

— Não, exatamente — ela respondeu. — É para a revista.

— Quer que eu entreviste James Jacobs para a revista? — Será que eu havia escorregado no banheiro e batido a cabeça enquanto tomava banho? Só isso explicaria eu achar que Mary estava sugerindo que eu entrevistasse aquele ator britânico lindo.

— Isso mesmo. — Ela continuou. — Você vai para Los Angeles, se entende com ele porque são britânicos e podem falar sobre, sei lá, chá e biscoitos, e consegue umas declarações exclusivas. Ele não tem aparecido muito na mídia, mas parece que quer muito fazer essa matéria. Deixar que as fãs conheçam melhor o "verdadeiro James", alguma porcaria assim.

— Pelo que ouvi, ele já deixou várias fãs o "conhecerem melhor" — tirei o último blusão, encalorada e um pouco exasperada. — Ele não é meio galinha?

— Se você quer dizer que ele já "esteve com várias estrelas de Hollywood", então, sim — Mary fez as aspas no ar com os dedos. Ela digitou algo rapidamente em seu Mac e virou o monitor para mim. — Mas é isso que queremos deixar de lado. A equipe dele está preocupada que toda essa "atenção" possa gerar uma resposta negativa das fãs.

A tela exibia os resultados de uma busca de imagens do Google. James Jacobs era alto, grande e atlético e não dava para negar que ficava muito bem de sunga. Os olhos azul-escuros e o cabelo castanho ondulado ajudavam a criar o look "esportista".

— Não me parece muito britânico — comentei, pegando o mouse para conferir mais algumas fotos. — De onde mesmo ele é?

— Hum, na Wikipédia diz que é de Londres — Mary pegou novamente o mouse e procurou até encontrar a foto que era evidentemente sua preferida, na metade da página James olhando direto para mim, a ponta dos cabelos castanhos encostando nas maçãs do rosto, gravata afrouxada, dois botões da camisa abertos. — Então, você viaja no sábado.

— Desculpe, o quê? — Desviei o olhar das lindas fotos e encarei Mary. Ela estava com a expressão "Não estou de brincadeira". Não era uma das minhas preferidas. — Acontece que hoje é segunda...

— O que significa que você terá quase uma semana inteira para se preparar — Mary começou a clicar em outros itens na tela. Um sinal indicativo de que a reunião estava quase acabando. — A Cici vai reservar os voos, o carro, o hotel e organizar as demais coisas. Dinheiro, cartão de crédito, BlackBerry *etc.*

— Mas, honestamente, essa é uma boa ideia? Talvez eu não tenha experiência suficiente para isso. Não sou entrevistadora profissional, o que faço é falar e, quando tenho sorte, as pessoas respondem. Isso não é exatamente ser qualificada — inclinei-me sobre a mesa. Será que a Mary não estava se sentindo bem? — E nunca estive em Los Angeles. O que estou tentando dizer é que, bem, não faz muito sentido mandar justo eu, não é?

— Veja bem, Angela — disse Mary, os olhos passando de um canto ao outro da tela. — O negócio é o seguinte. Eu não deveria contar, mas eles pediram que fosse você.

— O quê? — Indaguei admirada.

— Eu fiquei tão surpresa quanto qualquer um — Mary fez uma careta. — Não é que eu não a considere qualificada, mas, como você mesma disse, não tem prática de entrevista: nós duas sabemos disso. O fato é que a equipe de James não aceitou que fosse outra pessoa. Foi a única condição deles para a entrevista.

Realmente não sabia o que dizer. O que eu poderia ter feito para chamar a atenção da equipe de James Jacobs? Não acho que eles ficariam muito impressionados com a minha aclamada série sobre a melhor loja de departamentos de Manhattan para conseguir uma maquiagem grátis antes de sair para a balada (a Bloomingdale's no Soho)

— Se não vai aceitar, diga logo — continuou Mary — O pessoal de celebridades aqui da revista já está bem bravo. Eles podem arranjar alguém que...

— Não! — Respondi rápido. — Não é isso. É claro que quero muito fazer. Isso é incrível. É só que... Não entendo.

— Nem eu — Mary não era o tipo de pessoa que mentiria para me agradar. Mesmo que eu tivesse gostado disso. — Só posso lhe dizer o que me passaram. A equipe de James não quer um repórter de celebridades conhecido, superpreparado que vai surpreendê-lo com perguntas sórdidas sobre garotas de Hollywood. E sim alguém que ajude a mostrar James como, você sabe, o homem dos sonhos. Essa entrevista tem que ser fofinha, sem escândalos, uma coisa do tipo “Minha semana dos sonhos com James Jacobs". Quase como se fosse escrita por uma leitora.

— Basicamente, uma amadora sem experiência suficiente para descobrir alguma coisa sobre o filho secreto que ele teve? — Questionei aliviada e ofendida ao mesmo tempo.

— Sim, é bem isso — Mary tinha deixado passar, ou preferiu ignorar a parte em que eu me senti ofendida. — O editor de celebridades achou que podia ser porque, sei lá, você é inglesa e por isso James vai confiar em você.

— A Inglaterra não é um vilarejo em que todo mundo faz geleia em casa e diz bom dia para os vizinhos, sabe? — Resmunguei. — A Margaret Thatcher era inglesa e ninguém confiava nela.

— Então, como eu disse, a Cici vai arranjar tudo para a sua viagem — Mary apontou para a porta, onde Cici estava, prancheta na mão e uma expressão de ódio no rosto. — E deverá continuar atualizando o blog lá de Los Angeles, o.k.? Pode dizer que está fazendo uma entrevista, mas é melhor não contar tudo. Guarde o melhor para a revista. Será bom para você.

— E, depois do fiasco da guerra, ninguém era muito fã do Tony Blair — acrescentei pensativa. — E Sweeney Todd. Ele era real?

— Não, Angela, não era — Mary voltou a me encarar. — Angela, eles pediram você. Vamos mandar você. Contra a vontade dos jornalistas. E da equipe editorial. Não estrague tudo. Não

quer perder seu visto, não é?

Mordi o lábio. Parecia que eu estava levando uma bronca da minha mãe.

— Perder meu visto? — Indaguei.

— Essa entrevista é muito importante para a revista e, se fizer tudo certo, poderá até ser publicada em outros países — explicou Mary. — Se der errado, porém, acho que a direção não vai querer que você continue com o blog, não é?

— Não — respondi, subitamente me sentindo enjoada.

— Olhe, ninguém está esperando uma matéria para ganhar o Prêmio Pulitzer, então vá até lá e converse com o cara. Há coisas bem piores para fazer durante uma semana de março. Você vai ganhar uma viagem para Los Angeles com todas as despesas pagas, e ainda vai receber por isso. Engula o choro, vá comprar um biquíni e faça uma entrevista com o bonitão — ela acenou em despedida. — Vejo você em duas semanas. E não estrague tudo.

Senti uma mão ossuda no ombro e me levantei lentamente da cadeira. "Tomara que seja a Morte", desejei em silêncio enquanto reunia minhas blusas, luvas e casaco.

— Podemos nos apressar? — Disse a voz da dona daquela mão mortal. — Tenho mais coisas para fazer hoje.

— Ah, Cici — falei, tentando não parecer decepcionada. Ela podia ser magrela como a Morte, mas Cici era bem mais perigosa.

— E aí, como se eu já não estivesse suficientemente desesperada, ela basicamente disse que eles só me queriam porque eu sou novata — deitei a cabeça na mesa do Scottie's Diner, o restaurante que ficava em frente ao prédio onde morávamos, e derrubei o ketchup nas batatas fritas de Jenny. — Devo me sentir insultada?

— Veja bem. Você é uma novata, não é? — Jenny bebeu um gole da

Pepsi Diet e deu de ombros. — Isso só quer dizer que nunca entrevistou ninguém antes, não é? E então, vai para Los Angeles no sábado?

— Sim — comecei a responder —, mas...

— Não. Enche — Jenny ergueu a mão. Vão lhe pagar para ir para a ensolarada e quente Los Angeles, fugindo da gelada e feiosa New York.

Em março. Para entrevistar um dos caras mais gatos do mundo. Que pediu que fosse especificamente você a entrevistá-lo. E vai receber por isso. Não vejo problema nenhum aqui. É um passo enorme para a sua carreira, pois vai entrevistar um dos astros mais cobiçados do momento. E vai para Los Angeles. Com um dos homens mais gatos de todos os tempos. Em Los Angeles.

— Já deu para perceber que você encontrou o lado positivo — franzi a testa e bebi um pouco de chocolate quente. — No entanto, eu sei que vou soar como uma vaca chorona quanto mais penso a respeito, mais sinto que essa não é uma boa ideia. Não quero aceitar essa oportunidade incrível e estragar tudo porque não sei entrevistar alguém, ainda mais um supergaranhão de Hollywood. Além disso, não quero desaparecer por uma semana sozinha em Los Angeles. Não agora... — interrompi a frase e olhei para o meu chocolate, já sabendo que tinha dito a coisa errada.

Jenny balançou a cabeça.

— Não, senhora. Não vai fazer isso: essa pode ser minha única chance de conhecer o James Jacobs e acho que não seria nada mal dar uma olhada em Los Angeles de novo — disse ela, apontando para mim com uma batatinha molenga. — Se está pensando em recusar essa chance só porque voltou a se engraçar com o Alex, vou ficar muito brava com você.

— Em primeiro lugar, não foi isso que eu quis dizer — menti, empurrando as batatinhas para o outro lado da mesa. Na maior parte do tempo, adorava a capacidade que Jenny tinha de sempre saber o que eu estava pensando, independentemente das palavras que saíam da minha boca, mas às vezes era meio irritante. — E, em segundo, quando é que esteve em Los Angeles? E terceiro, você vem comigo?

Primeiro, sim; eu vou; segundo, há alguns anos; já contei e você não ouviu; e terceiro, foi exatamente o que você quis dizer, e é uma bobagem.

— Não é que eu não queira ir, pelo menos não por causa do Alex. Eu... não sei. Vou sentir falta dele. É a coisa mais lamentável de todos os tempos?

— Sim, é — Jenny me encarou com sua melhor expressão de "você está sendo ridícula". — Está achando que ele vai trair você?

— Não, claro que não — dei de ombros. Talvez aquilo tivesse me ocorrido. — Está tudo indo tão bem. Mas as coisas estavam indo bem antes e veja só o que aconteceu.

— Ah, Angie — disse Jenny - desta vez é diferente. Qualquer um pode ver que o que existe entre vocês dois é real.

— Não era real antes? — Perguntei. Tinha feito todo o possível para não pensar nessas coisas e agora eu estava dizendo em voz alta. — E ele foi embora. E fez sabe Deus o quê com sabe Deus quem. E se eu viajar e ele sair com os amigos e, bom, você sabe. É só olhar para ele para entender. Ele é muito maravilhoso.

— Sim, mas esquece isso. Preste atenção! Ele não vai trair você porque está apaixonado — Jenny me acertou com uma batatinha cheia de ketchup.

— Ele ainda não disse que me ama — argumentei.

— Você já disse? — Minha amiga me questionou.

— Não — respondi.

— Você o ama? — Ela inquiriu.

— Sim — confessei.

— Hum. Então você pensa nisso, só que não fala? — Jenny indagou.

— Er, sim — admiti.

— E o que a faz imaginar que ele não está pensando também e só não disse ainda? — Ponderou Jenny.

— Mas e se eu disser e ele achar que estamos indo rápido demais e me largar de novo? — Repliquei.

— Então não diga — Jenny ergueu as mãos. — Ou diga. Tanto faz.

— Hum — pensativa, mordisquei uma batatinha enquanto Jenny engolia um bocado. — Você

esteve lá em férias?

— Onde, em Los Angeles? — Perguntou Jenny com a boca cheia.

Assenti, tentando não olhar para aquela nojeira batatal. Para uma moça tão linda, Jenny podia ser bem porquinha às vezes.

— Que belo jeito de mudar de assunto. Ok., não ria, mas antes de decidir que me tornaria a próxima Oprah e antes da metida da Tyra Banks ser mais rápida que eu nisso, pensei em dar uma chance a carreira de atriz. Passei um tempo em Los Angeles, e fiquei por lá durante a temporada de estreias. No entanto, percebi que aquela vida não era para mim, então retornei para New York. Acho que será legal voltar, rever alguns amigos. Talvez possamos nos hospedar no The Hollywood. Posso tirar uma semana de férias e lá, sabe como é, você pode me apresentar para o James Jacobs.

— O.k., o.k., isso já é demais — não pude deixar de sorrir para Jenny. — E não se atreva a tentar mudar de assunto, quem faz isso sou eu. Você foi para Hollywood para ser atriz?

— E teria sido uma deusa das telas, mas a Costa Oeste não é para mim — Jenny balançou a cabeça. — Podemos deixar essa história para lá?

— Claro, é só que... bom, eu não consigo imaginá-la vivendo qualquer papel que não seja o de Jenny Lopez — comentei.

— É o papel da minha vida — Jenny fez uma dancinha com as mãos. Mas você está falando de mim, não é? Porque, se estiver falando da outra, vou ter que chutar o seu traseiro.

— Você é muito mais diva. — Concordei. — Então, o que é esse The Hollywood?

Jenny acenou para o homem grisalho atrás do balcão.

— É uma espécie de rede. Tem o The Union, em New York, o The Hollywood, em Los Angeles, o The Strip, em Las Vegas e, hum, o The Outra Coisa, em Paris. Nunca consigo lembrar. Scottie, pode trazer mais uma porção de batatinhas, por favor?

— Quantas vezes eu vou ter que dizer, meu nome não é Scottie, é Igor? — O cara que estava atrás do balcão trouxe mais batatinhas. — Eu comprei este lugar do Scottie, por isso se chama Scottie's Diner.

— Obrigada, Scottie! — Jenny pegou uma batatinha quente com a pontinha dos dedos e assoprou. — Você é gente boa.

— Tem certeza de que poderemos ficar lá? O pessoal da revista disse que ia me arranjar um apartamento em algum lugar.

Não dava para acreditar na quantidade de porcaria que a Jenny comia sem ganhar um quilo sequer. Como boa discípula dos Vigilantes do Peso, durante um ano inteiro eu tinha abolido da minha dieta todos os alimentos que tivessem mais calorias que uma cenoura, tudo para caber no meu infeliz vestido de dama de honra. Caminhar pelas ruas de New York todos os dias me ajudava a manter o peso, mas eu jamais seria uma dessas garotas que pode comer sorvete, pizza e chocolate o dia todo sem engordar. Uma garota como Jenny, que ganha um ou dois quilinhos — no máximo; que vão parar direto nas suas já curvilíneas curvas, e nunca, jamais, na cinturinha. Se ela não fosse uma amiga tão maravilhosa, acho que não seria nada difícil odiá-la.

— Mas é claro que nós vamos ficar lá. Pode avisar a revista que você já resolveu isso — Jenny

já tinha comido quase metade do novo prato de batatinhas. — Até parece que eu ia deixá-la ficar em algum apartamento pavoroso. Vai saber onde iria parar. Além do mais, meu amigo Joe gerencia o bar lá e tenho um montão de dias de férias para tirar. O hotel está me devendo. E Joe e eu temos uma história, então ele vai cuidar da gente.

— Com "história" você quer dizer que já tiveram um caso? E com "da gente" quer dizer "de você"?

— Bom, é — os olhos de Jenny ficaram ligeiramente vidrados. — Aí, se as coisas não derem certo entre o James Jacobs e eu, posso contar com o Joe. Estou precisando de sexo.

— Sério? E esse (Joe, é aquele Joe Gato que trabalhava no The Union? — Perguntei, testando os humores. — Tem certeza de que está preparada para seduzir estrelas de cinema e bartenders?

— Estou bem — respondeu Jenny sem me encarar. — É verdade, estou feito nova.

— Que bom, porque eu estava preocupada — afastei a mão dela das batatinhas com um tapa. — Você não tem sido irritante como de costume.

— É só o inverno — ela disse. — Eu sei que estive meio fora do ar. Tenho pensado em fazer uma pausa, então, parabéns por ter escolhido o momento perfeito.

Sorri. Ir para Hollywood com a Jenny podia ser divertido.

— Então, vamos para Los Angeles?

— Angie, meu bem, quando foi que eu errei em alguma coisa com você? Vai ser maravilhoso — entusiasmou-se Jenny, roubando a última batatinha — E tenho certeza de que o Alex é incrível para quem gosta de moderninhos magrelos, mas o Joe é quase, quase tão gato quanto o James Jacobs. Você organiza os voos, eu organizo o hotel e a pegação.

— Eca — meneei a cabeça. — Simplesmente eca.

Embarquei no trem L na Union Square depois de deixar minha amiga empolgadíssima na porta do hotel. Quando o trem chegou ao Brooklyn, a excitação de Jenny começava a desvanecer. Eu já estava quase esquecendo que isso não era uma viagem entre amigas, e sim um trabalho. Se por acaso eu falhasse na entrevista, isso poderia me custar meu emprego, meu visto, tudo. Enquanto subia as escadas do metrô, pensei que a viagem com Jenny poderia ser uma má ideia e, além de tudo, por mais trágico que fosse, não queria deixar o Alex. Eu não podia lhe dizer que o amava porque ele podia entrar em pânico e me abandonar. Por outro lado, se eu me declarasse, será que isso o impediria de me trair com todas as fãs do Brooklyn enquanto estivesse longe?

E deixando de lado a destruição da minha vida pessoal e profissional, o que é que tinha de bom em Los Angeles? Um voo de sete horas, uma cidade cheia de ratinhas de praia superlindas e superbronzeadas e, o mais assustador, uma entrevista de uma semana com um astro de cinema de verdade.

Escrever no blog era fácil, sempre havia alguma coisa interessante para falar, e qualquer um podia escrever resenhas sobre livros e alguns CDs — era só soltar umas duzentas palavras. Agora, porém, era diferente, e eu não conseguiria escapar dessa assim. Não podia negar que era uma ótima oportunidade para me lançar como escritora, mas também havia grandes chances de cair com meu traseiro no chão. Afinal de contas, eu era só uma "amadora". A imagem de eu me jogando do "H" do letreiro de Hollywood agarrada a uma foto autografada do James Jacobs passou várias e várias vezes pela minha cabeça enquanto me dirigia ao apartamento de Alex.

— Oi — ele abriu a porta, me puxou para dentro e me empurrou contra a parede, beijando minha boca com força.

— Estou com tanto frio — murmurei, tirando o cachecol, as luvas e o casaco e jogando-os no chão. — Quero que me dê um bom motivo para eu não ir para Los Angeles no sábado.

— A pizza de lá é uma droga! — Resmungou Alex, colocando-me sentada sobre o balcão da cozinha e tirando duas das minhas blusas com um único movimento.

— Isso serve — respondi, concordando com a cabeça e tentando tirar as botas por trás das costas dele com chutinhos, mas conseguindo apenas acertá-lo no quadril sete vezes.

— Sabe, isso está machucando — Alex tirou as botas para mim.

Cruzei as pernas por trás de suas costas enquanto ele me carregava até a sala.

— Pois é, nunca é como nos filmes, não acha? — Comentei.

O apartamento de Alex era tão bagunçado quanto o dono, com livros, cordas de guitarra e camisetas usadas jogados por toda parte. Felizmente, as lindas janelas do chão ao teto, com uma vista de Manhattan depois do East River, compensavam pela cozinha nojenta. Ficar estirada no sofá da sala enquanto Alex tocava alguma coisa nova no violão (e eu fingia não estar assistindo a *Gossip Girl* com o som baixo e legendas) era oficialmente o meu novo jeito preferido de passar a noite de segunda-feira. Bocejei, olhando para o céu. Quando não se estava lá fora, New York ficava fantástica com a neve. O sol, o mar e a areia jamais poderiam competir com essa beleza.

O apartamento também era uns 20° graus mais quente que o meu, e agora, totalmente aquecida, eu estava bem feliz no sofá, vestindo apenas uma camiseta de Alex e minha calcinha. Meu corpo encaixado no peito dele, que subia e descia lentamente, minhas pernas nuas enroscadas em suas pernas longas e quentes. Nem tínhamos chegado até o quarto, algo que sempre me deixava orgulhosa. Eu já estava bem distante daquela Angela Clark que passou uns cinco anos enfiada no pijama de flanela antes de o ex chegar em casa, só para não ter que aguentar seus suspiros e fungadas e tateada geralmente desconfortáveis.

— E então, alguma razão em particular pela qual eu deveria convencê-la a não ir para Los Angeles no sábado? — Perguntou Alex, passando os dedos pelos meus cabelos emaranhados. Com as emoções de voltar com o Alex e o tempo terrível, meu cabelo estava constantemente bagunçado. — Foi um pedido bem doido, até mesmo para você.

— A revista quer que eu vá entrevistar um ator — agitei a mão em círculos, tentando parecer casual a respeito da coisa toda — Mas querem que eu parta no sábado, e, como nunca entrevistei ninguém antes, não sei se devo ir. Estou bem indecisa.

— Parece uma ótima oportunidade — ele comentou com diplomacia. — Los Angeles vai estar mais quente que New York.

— É — concordei, virando o pescoço para olhar melhor para ele. — Eu sei, pode ser incrível. É só que é tão longe e tal.

— Verdade — ele disse. — Mas nunca se sabe, talvez você goste!

— E você? — Quis saber. — Gosta de Los Angeles?

— Naaah... — ele ergueu a mão para tocar a minha. Minhas mãozinhas pálidas, com unhas roídas e lixadas, palma a palma com seus longos e calejados dedos de guitarrista. — Não curto

muito.

— Quer dizer que não viria comigo? — Perguntei sem pensar muito na fúria de Jenny. — Seria só uma semana ou coisa assim.

— Como vou sobreviver sem você? — Alex beijou minha mão.

Parei por um momento para sentir o coração dele. Pulso tranquilo, regular.

— Não sei. Simplesmente não sei se deveria ir. Mesmo que possa ser incrível — afirmei.

— Então não vá — ele falou.

Os batimentos de Alex começaram a ficar mais lentos, dava para ver que estava prestes a capotar. Esse era o único problema que eu tinha com esse homem na cama. Ele sempre precisava tirar uma soneca depois de transar, enquanto eu ficava superacesa. E como eu estava sempre pensando demais a respeito de tudo, a narcolepsia pós coito dele não era muito legal para mim. Dependendo de como o dia tinha sido, eu podia estar planejando nosso casamento (pensei em ficarmos descalços em uma praia no México; nunca estive em nenhuma, mas a ideia parecia sensacional) ou entrando em pânico porque nosso relacionamento estava prestes a se acabar de novo.

Fiquei acordada, tentando me mexer o mais silenciosamente possível, dividida entre ir para Los Angeles com Jenny ou ficar exatamente onde eu estava para toda a eternidade, quando o telefone começou a tocar dentro da bolsa. Deixando os braços de Alex, saí do sofá e atendi.

— Alô? — Sussurrei, entrando no banheiro.

— Angela, sou eu — disse uma voz que parecia muito distante. — Você está aí? Por que está tão baixinho?

— Louisa! Como está? Tudo bem? Você nunca me liga no celular! — Fiquei surpresa.

Louisa sempre foi minha melhor amiga. Tínhamos crescido juntas, frequentamos a mesma universidade, viajamos para Londres na mesma época, fazíamos praticamente tudo juntas — até que quebrei a mão do marido dela durante o casamento dos dois. Mas como já tínhamos resolvido esse pequeno problema, nossas ligações telefônicas semanais podiam durar horas. Ela não ligaria se eu fizesse pipi enquanto conversávamos. Pelo menos era o que eu esperava.

— Eu sei, mas você não estava em casa e eu não podia esperar, é tão emocionante! — Eu não a ouvia tão feliz desde que ela me contara que tinha ficado noiva — O banco de Tim foi comprado por uma empresa americana essa manhã. Você viu o noticiário?

— Louisa, considerando que fui noiva de um banqueiro por cinco anos e nem sabia dizer qual era a profissão dele, acho que você vai ter que me explicar melhor. O emprego de Tim está garantido?

— Sim, está mais que garantido! — Louisa ainda estava extasiada. — Pediram que ele e a equipe fossem para os Estados Unidos para conhecer a operação. Vamos passar um tempo em New York. E partimos na semana que vem!

Levantei-me tão depressa que quase derrubei a tampa do vaso sanitário.

— Louisa, isso é ótimo! Quando vocês chegam? Já sabem onde vão ficar? Nossa, há tantos lugares por aqui que quero lhe mostrar!

— Angela, você está no banheiro? — Minha amiga perguntou.

— Sim. Quero dizer, não — falei.

— Não?

— Que bom, porque isso seria nojento — ela disse séria. — Enfim, sairemos daqui na sexta à noite, mas não tenho certeza de onde vamos ficar, pois o Tim acabou de ligar para me contar a novidade. Ah, Angela, mal posso esperar para vê-la!

— Ah, eu sei, também quero ver você! — Respondi, tentando lavar as mãos e apertar a descarga no maior silêncio possível. — E o Tim! Nossa, nem consigo acreditar!

— Só tem uma coisa que pode ser... bom, mas não é nada — a empolgação de Louisa diminuiu por um momento. — Afinal, New York é uma a grande cidade e tudo mais, não é?

— Louisa...?

— É só, bem, como eu disse, nada. Esqueça o que disse. Eu vou para New York!

— Louisa Price! — Exclamei.

— Tudo bem, é que não é só o Tim que estará aí — suspirou Louisa. — Toda a equipe dele vai.

— Então... Mark? — Indaguei.

— Hum, é, e... bem — minha amiga resmungou.

— Mark e... ela? — Quis saber.

Mesmo seis meses depois de descobrir que meu namorado estava me traindo, eu ainda não conseguia dizer o nome dela. Por mais feliz que estivesse com Alex, por mais satisfeita que estivesse por ter saído daquele relacionamento, a lógica feminina falava mais alto: ele era um lixo traidor maligno e ela era uma vagabunda nojenta.

— Ah, Lou — massageei as têmporas. — É sério?

— Vai ficar tudo bem — insistiu Louisa. — Você não terá que vê-lo, ou vai? A não ser que, sei lá, que queira?

— Isso não tem a menor graça — meu cérebro estava dando voltas. — Por que iria querer vê-lo?

— Bem, já faz um tempão, e vocês ficaram juntos por muito tempo — disse Louisa lentamente. — Talvez se sinta melhor se encontrá-lo?

— Você se lembra do que aconteceu da última vez que o vi? — Eu podia sentir que estava ficando brava, e esse não era meu melhor visual. Desde o incidente quebra-mão no casamento de Louisa. — E do que aconteceu da última vez que não me contou alguma coisa? O que está acontecendo, desde quando você voltou a ser a fã número um do Mark?

— Tudo bem, sim, o Mark pediu ao Tim que me pedisse para convencê-la a encontrar-se com ele — desabafou Louisa — Mas eu disse que ele mesmo tinha que procurá-la se queria falar com você. Porque, se não quiser vê-lo, não precisa; e eu disse que não ia tentar enganá-la ou fazer com que se sentisse culpada nem nada assim. Ele é um chato.

Olhei fixamente para o teto do banheiro, relembrando os últimos seis meses. É claro que fazia sentido encontrar Mark novamente. Nós tínhamos ficado juntos por dez anos, e crescemos juntos, na verdade. E isso faria de mim a pessoa madura do relacionamento, ajudaria a provar para todo mundo que eu tinha realmente mudado depois do que aconteceu. E seria do meu jeito:

New York era meu lar agora, afinal de contas, e ele nunca tinha estado na América. E é claro que eu não fazia questão, mas, se me forçassem, poderia exibir meu lindo namorado superlegal. Nada intimidava mais os homens das finanças do que os caras das guitarras. Eles não conseguiam compreendê-los

Entretanto, é claro que nada disso faria diferença se eu não estivesse em New York quando Mark chegasse...

— Angela, você ainda está aí? — Minha amiga perguntou.

— Estou querida, mas tenho más notícias — respirei fundo. — Na verdade, vou para Los Angeles no sábado, a trabalho. Tinha me esquecido.

— Você o quê? — Disse Louisa.

— Vou para Los Angeles entrevistar James Jacobs, então não estarei aqui — esclareci.

— E se esqueceu disso? — Ela questionou.

— Sim — confirmei.

— Esqueceu que estava indo para Los Angeles no sábado para entrevistar um dos homens mais famosos do mundo? — Ela duvidou.

— Ele não é tão famoso assim — retruquei. Uau, a Louisa estava brava mesmo.

— Isso é só porque o Mark, está indo? Você é muito melhor do que isso, Angela — ela argumentou.

Fiz uma pausa antes de responder.

— Na verdade, não, não é por isso — disse. — É uma coisa que eu tenho mesmo que fazer. É uma oportunidade incrível, não é? Quer dizer, não vou mentir, estou um pouco aliviada de não precisar vê-lo, realmente não é o que mais queria fazer neste fim de semana, mas eu tenho mesmo que ir para LA. Só estou chateada porque não vou poder ver você.

— Certo — Louisa assentiu.

— Lou, por favor, não fique brava — implorei.

— Não estou brava — ela suspirou depois de algum tempo. — Só estou triste porque não vou vê-la. Mas, sim, não dá para competir, não é? Posso entender por que você prefere escapulir para Los Angeles e conhecer o James Jacobs do que passar a semana congelando em New York.

E, pela primeira vez, eu também entendi.

— Você é demais — sorri, sentindo bolhas de empolgação e alívio explodir no estômago. — Vou lhe escrever um e-mail com todos os lugares incríveis que você tem que ir e daí me liga se ficar sem nada para fazer a qualquer momento, o k.?

Nós nos despedimos e desliguei o telefone. Respirei fundo e apertei o número de chamada automática sem nem mesmo olhar.

— Cici? Posso passar aí mais tarde e reservar meus voos? Eu viajo no sábado, certo?

Capítulo 3

O sábado chegou rápido demais para mim, mas não tanto quanto Jenny gostaria. Depois de pedir permissão no trabalho para tirar uns dias de folga, ela passou a semana inteira se depilando, se esfregando e fazendo bronzeamento artificial, e, entre uma coisa e outra, mandava mensagens de texto cada vez mais indecentes para o Joe do The Hollywood e colocava biquínis cada vez mais ousados na mala. Eu tinha decidido me preparar para a viagem com um pouco mais de estresse.

Depois da minha não muito divertida conversa pelo telefone com a Louisa, voltei para a cama para dizer a Alex que tinha mudado de ideia a respeito da viagem para Los Angeles. Um sorriso sonolento e um "legal, traga alguma coisa sem carboidratos" não eram exatamente a resposta que eu estava querendo, mas não ia deixar minha paranoia de namorado bonito estragar Los Angeles. Na verdade, não muito lá no fundo, esperava que ele odiasse o fato de eu viajar para entrevistar um homem maravilhoso com uma péssima reputação na ensolarada e cintilante Hollywood, e implorasse para vir comigo, porém não foi bem assim. Ele nem ligou.

E, para piorar tudo, ele tinha "trabalhado" a semana toda e mal pude vê-lo. A banda tinha começado a escrever as músicas para o novo álbum, o que significava que ele ficaria horas trancado no apartamento e apareceria sem avisar na minha casa umas duas vezes no meio da noite, com os olhos vermelhos e uma música nova para mostrar. E, bom, tudo mais que vinha junto com uma visita às 2 da manhã. O que não era tão ruim, mas passar a noite toda com o Alex e o dia inteiro escrevendo não me deixou nas melhores condições. Na noite de sexta, Jenny parecia uma coelhinha da Playboy, toda maravilhosa, morena e maquiada e eu estava igual a uma buldoguinha, insone, inchada e com imensas olheiras.

Às 8 horas daquela amarga manhã, Jenny estava de pé na esquina da nossa rua, enrolada em uma grande parca e com óculos de sol ainda maiores, enquanto eu me demorava no abraço despedida de Alex.

— Você me avisa quando chegar lá? — Ele puxou uma mecha um pouco mais longa do meu cabelo e a enrolou no dedo. — Mande uma mensagem, algo assim.

Concordei.

— Se eu não estiver muito ocupada tirando essa daí da cadeia por assédio sexual — Jenny estava lendo suas mensagens de texto com um sorriso safado. — Talvez tenha até que pagar fiança.

— Bem, desde que não assedie sexualmente ninguém além de mim... — ele se aproximou e me deu um beijo quentinho, a franja dele tocando a ponta do meu nariz gelado e me fazendo espirrar. — O que você pensa sobre sexo por telefone?

— Você deve estar congelando — eu disse, ignorando a pergunta dele —, e a Jenny está prestes a entrar no táxi e me deixar para trás. Ah, e só para constar, eu amo você — acrescentei em silêncio. — Hum, posso ligar mais tarde?

— Para o sexo por telefone — concordou Alex muito sério. — Não esqueça que estará três horas mais cedo que eu.

— Bem, você sempre acorda três horas mais tarde que eu, mesmo — acenei com a cabeça para Jenny chamar um táxi.

— Isso pode ser perfeito para nós, então — Alex falou.

Ele me entregou minha mala velha de couro. Era de dar pena perto da minha (suspiros, tão linda) bolsa Marc Jacobs. Talvez ela encontre uma nova amiga em Los Angeles.

— Podemos ser o primeiro casal do mundo a fazer um relacionamento a distância dar certo.

— É, sei — tentei rir. Pode contar com um garoto para dizer alguma coisa idiota logo antes de você entrar em um avião. Meu Deus, eu deveria dizer logo — Alex?

— Angela?

— Eu... eu... — fiquei em silêncio, sem saber exatamente o que estava esperando. Alex estremeceu ansioso, sua respiração formando uma nuvem entre nós, as mãos enfiadas até o fundo dos bolsos da calça jeans. — Estarei de volta na próxima segunda-feira. Portanto, não se acostume muito a ficar sozinho.

Parabéns, sua banana. Que grande exemplo de mulher forte e moderna eu estava me tornando.

— Você só vai ficar longe uma semana. Acho que vou sobreviver — Alex beijou meu nariz congelado e fechou a porta. — E não se esqueça do sexo por telefone.

— Tchau, Alex — eu amo você, amo você, amo você, amo você.

— Então você não curte muito sexo por telefone? — Perguntou Jenny quando o motorista arrancou.

— Fique quieta — respondi brincando, enquanto via nosso prédio, e Alex, desaparecerem.

Desde o segundo em que pusemos o pé para fora do aeroporto, ficou completamente óbvio que a Califórnia seria muito diferente de New York. Quando chegamos à estrada, eu mal podia acreditar que estávamos no mesmo país. A cidade era ampla, os carros circulavam pelas ruas com as capotas abertas, os arranha-céus do centro cintilavam a distância em vez de estarem constantemente nos pressionando e, pelo amor de Deus, ainda havia o sol.

Apesar de ter sido uma chata e reclamado do verão úmido de New York na época, certa manhã eu acordei e ele tinha ido embora. O tempo brincou comigo, trazendo algumas semanas de um outono cremoso, perfeito para cardigãs, antes de se dissolver em um inverno de queimar-o-nariz-quando-respira. Não era como se New York não tivesse dado o seu melhor para tentar me ganhar — as lojas logo ficaram cheias de blusas de lã lindinhas, meias-calças opacas que alongavam as pernas e enormes quantidades de chocolate quente delicioso, porém, lá pelo Natal, quando eu já havia enfrentado duas nevascas e perdido um par de botas de camurça para uma tempestade que não estava na previsão, estava louca por um pouco de sol. E ele estava aqui. Escondendo-se em Los Angeles todo esse tempo.

— Ah, meu Deus — pisquei os olhos. Duas vezes.

— Eu sei — Jenny me deu um tapinha nas costas.

— Mas tem sol — olhei para o alto, para o céu azul.

— Eu sei — suspirou Jenny.

— Em março? — Questionei.

— Vamos ficar quietinhas? — Minha amiga pediu.

— Jenny, veja! — Falei.

Encostei meu nariz na janela do táxi, vendo os cartazes e restaurantes de fast-food passarem rapidamente. Pelo menos os motoristas de táxi dirigiam como doidos — Londres, New York, Los Angeles, tudo a mesma coisa. Era estranhamente reconfortante.

— É — Jenny murmurou, retocando a maquiagem. Um pouco de Touche Eclat, pó bronzeador, um toque de gloss e... ta-dan! Estava perfeita.

Eu estava evitando até ver meu reflexo na janela. Apesar de ter passado o voo todo me limpando, hidratando e hidratando mais um pouco, sabia que devia estar um caco. Minha pele parecia uma lixa e meu cabelo estava pendurado ao redor das bochechas, mole e sem vida. O mais irritante é que Jenny não tinha feito nada naquelas três horas além de se encostar na janela, assistir à meia temporada de *America's Next Top Model* e beber o máximo possível de vinho de graça, e de vez em quando estapear minha mão para longe, refutando minhas tentativas de hidratá-la. E felizmente o cara sentado ao nosso lado só reclamou uma vez, quando uma das minhas patinhas cheias de creme hidratante foi parar acidentalmente no meio da testa dele.

— Você viu aquilo? — Apontei para um shopping. — Tem uma loja ali chamada Camisinhalândia? Uau. E IHOP! Já ouvi falar da IHOP!

— Angela, você mora aqui há, tipo, nove meses ou algo assim. Por que as lojas e os restaurantes americanos ainda são uma coisa incrível para você? — Jenny apontou para mim com o rímel para enfatizar o que dizia. — Se esta viagem toda vai ser como aquela vez em que você viu Twinkies na lojinha da esquina, então, pelo amor de Deus, vamos embora já.

— Desculpe — disse, tentando não apontar para o WalMart à nossa esquerda —, mas é empolgante! Você vê essas coisas na TV, porém elas não existem em New York. Só estou um pouco boba. Não acredito que não queria vir. Talvez seja o sol.

— É, sei lá — murmurou Jenny — Você sabe que tem que entrevistar uma celebridade amanhã, não é?

— É só uma entrevista; ele é só uma pessoa, não é? — Torci o nariz para a Jenny, que balançava a cabeça, incrédula. — Quer dizer, o Alex é um pouco famoso, ele faz parte de uma banda e isso não me incomoda. Eles são pessoas normais, ora!

— É, era isso que eu dizia quando comecei a trabalhar no The Union — suspirou Jenny. — Até que o Christian Bale se hospedou lá e passei três dias espiando o quarto dele e roubando suas cuecas.

— Por favor, diga que está brincando — desviei o olhar de um Taco Bell.

— Estão debaixo da minha mesinha de cabeceira — sorriu Jenny alegremente. — Graças a Deus ele nunca reclamou. Só fazia uma semana que eu estava lá; com certeza seria demitida. Você

vai perder a cabeça quando o vir.

— Jenny, é sério, eu vou ficar bem — falei, tentando não duvidar de mim mesma. E se ela estivesse certa? — Ele é só uma pessoa. Já falei com pessoas antes.

— Boa sorte — ela disse. — Celebridades não são como as pessoas normais; é impossível não ficar perturbada perto delas. Elas têm uma coisa, sabe, um carisma.

— Mas você vê celebridades todos os dias. — Argumentei. — E não faz nada além de xingar a Angelina Jolie por querer um chá especial.

— Ah, mas estou falando dos homens — Jenny explicou. — Eu não dou a mínima para as mulheres. Você vai ficar doida com o James Jacobs, meu bem.

Balancei a cabeça e sorri, voltando a olhar para fora da janela.

— Nunca vi um filme com ele. Achei que fosse melhor não me envolver com a coisa de estrela do cinema e apenas me concentrar em conhecê-lo — comentei.

— E o que tem para conhecer? Ele é superlindo, é um astro do cinema, então deve ser super-rico, além de também ser supertalentoso. Jeff e eu vimos aquele filme do cassino... — ela perdeu o rumo por um momento. O "J". — Ele estava ótimo.

O restante da corrida de táxi transcorreu em um silêncio constrangedor, porém misericordiosamente curto. Eu ficava aterrorizada com a possibilidade de irritar Jenny mencionando o ex dela: nove entre dez vezes acabava mal. Uma vez tentei animá-la depois de um dia chato no trabalho (ela tinha misturado a roupa limpa de Mischa Barton e Nicole Richie — foi um escarcéu) com um pote de sorvete, só para ouvir uma história chorosa e meio nojenta que envolvia ela, Jeff, o chão da cozinha, um pote de sorvete e o réveillon de 2007. Outra vez, quando ela achou que o tinha visto no metrô, tentei distraí-la com várias garrafas de vinho, mas a noite acabou às 4 da manhã com Jenny de pijamas, bêbada e furiosa, xingando todos os homens. E depois, vomitando da janela do nosso apartamento, que fica no terceiro andar. Momentos felizes.

Logo saímos da estrada e começamos a passar por lojas e cafés que eu reconhecia. Uma American Apparel, um Starbucks, a Gap, e, depois de algum tempo, pessoas de verdade caminhando pelas ruas. Segurando copos do Starbucks.

— Chegamos — falou o motorista, manobrando por uma pequena rua circular. — São 75 dólares.

— Sério? — Sussurrei para Jenny ao pegar a carteira e entregar meu precioso dinheiro para 'despesas' que ganhei da *The Look*.

— Os táxis aqui são uma loucura — disse Jenny, descendo do carro. — Todo mundo em Los Angeles sabe dirigir. Por que você acha que as celebridades vivem sendo presas por dirigir embriagadas por aqui? Porque não há táxis.

— E eles não podem andar, se sabem que vão ser presos? — Perguntei, me arrastando pelo banco traseiro depois de tentar abrir a porta e não conseguir. Se é que era possível, o sol estava ainda mais forte no hotel do que no aeroporto.

Jenny me encarou como se eu fosse uma débil mental.

— Isso aqui não é New York, Angela. Será possível que você não sabe nada sobre Los Angeles?

Eu não sabia nada sobre Los Angeles.

Se é que isso era possível, o lobby do The Hollywood era ainda mais pomposo que o do The Union. A iluminação suave aqui era tão bonita quanto lá, as dúzias de velas estavam acesas exatamente como lá, mas havia uma camada extra de brilho em tudo, das superfícies douradas ao cabelo das garotas atrás da mesa da recepção. A única coisa que faltava eram os grupos de turistas ricos remexendo suas malas, mumificados dentro de jaquetas North Face, que iam até os joelhos. No lugar deles havia o que parecia ser meia dúzia de figurantes de *Barrados no Baile*. Altos, lindos e seminus, eles se recostavam nas poltronas — não exatamente sentando, apenas encostando. Enquanto Jenny fazia nosso check-in, tentei ficar encarando o chão para evitar superfícies espelhadas, mas podia me ver refletida nos olhares deles com clareza. E nem toda a iluminação suave do mundo poderia me ajudar.

— Vamos lá Angie! — Exclamou Jenny a caminho do elevador. — Estamos no 14° andar, uma vista maravilhosa. E nossos quartos são conjugados! Você vai ficar a uma porta de distância.

— E dá para trancar essa porta? — Perguntei, tentando parar de olhar para as pessoas lindas da recepção,

— E por que diabos você trancaria a porta na minha cara? — Jenny entrou no elevador e pressionou o grande botão redondo com o número " 14" — Vamos logo, quanto antes desfizermos as malas, antes poderemos ir para a piscina.

— Piscina? — Indaguei.

Arrastei minha mala de rodinhas até o elevador enquanto uma das meninas com os shorts mais curtos do mundo abaixou os óculos de sol e me olhou com uma expressão genuína de horror. Com certeza ela estava visualizando a cena assustadora que seria se eu usasse um biquíni. Exatamente como eu.

— Isso não é demais, Angie? — Jenny apertou meu braço com um pouquinho de força. — Estamos em Los Angeles, baby, uhu!

Quando as portas se fecharam, o elevador subiu e meu estômago afundou.

Para piorar tudo, eu não tinha feito as malas com cuidado. Nem mesmo de forma razoavelmente apropriada. Estar parada ao lado da cama em um hotel americano encarando minhas péssimas escolhas de vestuário era uma experiência terrivelmente familiar. Sobre os lençóis de algodão egípcio estavam espalhadas todas as minhas coisas. Dois jeans Seven, uma porção de camisetas American Apparel (mangas três quartos), dois cardigãs de cashmere da Century 21 que foram uma pechincha e meu vestido Marc by Marc Jacobs de manga comprida, superpesado. Todos tinham dito que o tempo estaria ensolarado na Califórnia, mas ainda estávamos em março, então não podia estar tão quente, não é? É claro que podia. Droga.

E para deixar tudo mais estranho, o The Hollywood era absolutamente idêntico ao The Union. Os quartos dispostos do mesmo jeito, a mesma roupa de cama, sabonetinhos do Rapture Spa, as mesmas camisinhas de 8 dólares no "kit íntimo" ao lado da cama. Até as cortinas eram iguais, eu percebi ao esfregar o tecido pesado entre os dedos e olhar pela janela. Lá embaixo, na rua ensolarada, dava para ver pessoas. Várias e várias pessoas. E todas elas estavam usando shorts curtos e blusinhas ainda mais curtas. Droga.

— Estou entrando — anunciou Jenny ao passar pela porta que unia nossos quartos, que ficava ao lado da cama.

No começo ela tinha insistido para que dividíssemos um quarto, mas também em dar mole para o Joe assim que possível; então, por mais que eu amasse aquela garota, certamente não queria ter que me sentar no banheiro com meus fones de ouvido enquanto aquilo acontecia. Esta viagem não seria como a ida para a Bélgica com a turma do colegial.

— O quê, você não está pronta? — Minha amiga me perguntou.

A semana de cuidados da Jenny tinha valido muito a pena. Ela estava radiante das unhas cor-de-rosa dos pés até os longos cachos cor de chocolate. Normalmente, o cabelo dela ficava preso em um rabo de cavalo para o trabalho, ou pelo menos por uma tiara superforte. Ao vê-lo livre, caindo ao redor do rosto e passando dos ombros, lembrei-me de por que eu tinha ficado tão receosa com ela quando nos conhecemos.

— Coloque esse traseiro em um biquíni e saia já — exigiu Jenny, tirando os óculos escuros para me encarar. O que me lembrou de por que a amei cinco minutos depois.

— Por favor, não me mate... — caminhei lentamente para trás para deixar a cama entre nós. Eu já a tinha visto nervosa usando salto alto, então aquele chinelinho com certeza não iria segurá-la. — Mas não trouxe nenhuma roupa de banho. Não tenho nenhuma e, bom, eu me esqueci de comprar.

— Sabia que isso iria acontecer. Não falei que estava completamente despreparada? — Ela remexeu o interior de uma grande bolsa metalizada.

— Você me disse que eu era uma idiota por não aceitar uma viagem para Los Angeles; que ia dar para o Joe até quebrar alguma coisa; e que estava depilada até a alma. Mas não me lembro de ter dito que eu estava despreparada — comentei.

Procurei entre as minhas roupas novamente — não que fosse adiantar, porque eu sabia com certeza que não tinha nenhuma roupa de banho. Não usava um biquíni desde os 17 anos. Eles eram coisas malvadas que odiavam as mulheres.

— Eu sei que está aqui em algum lugar, e tenho quase certeza absoluta de que não disse "dar" — Jenny tirou um biquíni preto básico das profundezas da mala. — O que seria de você nesta entrevista sem mim?

Aí, ela ia me obrigar a vestir aquela coisa.

— Mojitos — Jenny colocou dois coquetéis enormes na mesinha que havia entre nós duas. — Viva Hollywood, não é?

— Eu achava que o letreiro seria, sei lá, maior? — por trás dos óculos escuros, semicerrei os olhos para ver melhor. — Só sei que não é como pensei que seria.

— Hum, acho que sim — Jenny estava ocupada olhando para o bar. — Acho que quando você vê todos os dias por alguns meses, já não vê mais, sabe como é?

— Acho que sim — concordei. — Mas é estranho. Quando eu vi a Estátua da Liberdade, mal podia acreditar. Era incrível. Isso é estranho.

— Isso é porque você é uma nova-iorquina agora, querida — Jenny me entregou um mojito e brindamos. — Los Angeles é legal, e se você quer se divertir, tem que superar a ideia que tem de como será, porque, querida, na verdade nada é como esperamos.

— Agora estou mais tranquila — puxei as alças do biquíni para cima. Será que tinha tempo de fazer um implante de silicone? — Pelo menos me diga que as lojas são boas. Temos que fazer compras. Não consigo preencher isto aqui tão bem como você.

— As lojas são legais, vamos arranjar tudo de que você precisa — Jenny olhou por cima dos óculos quando um homem alto, de cabelos escuros, apareceu atrás do balcão do bar. — Assim que eu arranjar o que preciso.

— Eca — balancei a cabeça e bebi meu mojito. — Vá nessa, gata.

Depois de ver Jenny desfilar pela piscina com seu biquíni, encostei-me na espreguiçadeira e observei o letreiro de Hollywood. Parecia irreal, mas cá estava eu, com o sol no rosto e um drinque na mão. Não era possível que ainda ontem tivesse usado botas de neve e protetores de orelha só para comprar leite. O sol era bom demais. No entanto, tinha a leve suspeita de que seria melhor ainda se Alex estivesse deitado ao meu lado. Meu Deus, eu tinha ficado trágica muito rápido.

Abrindo um olho, espiei o bar. Jenny já estava balançando os cabelos e se esticando na banqueta alta para deixar que Joe desse uma boa olhada em seu biquíni. Ela não estava errada: o cara era bonito mesmo. Ele tinha raspado o cabelo escuro de que Jenny tanto falara durante a semana, mas, em vez de ficar parecendo um detento, isso só ajudara a revelar uma incrível estrutura óssea e lindos olhos castanhos. "Sim", pensei, "acho que vale a pena voar para o outro lado do país para uma rapidinha com ele." A camiseta preta não escondia seu bronzeado e eu tinha quase certeza de que aquelas calças tão justas não seriam propícias para uma noite de trabalho com conforto, ótimas gorjetas, com certeza, mas uma noite bacana atrás do balcão? Nem tanto. Será que ele não ficava com vontade de ir ao banheiro o tempo todo? E será que um dia poderia ter filhos?

Foi só quando Joe acenou que percebi que estava olhando fixamente para ele, e foi a expressão irada de Jenny que me alertou para o fato de que eu estava focando especificamente a pélvis do rapaz. Engoli o restante do mojito, vesti uma camiseta sobre o biquíni emprestado e fui até lá cambaleando nos chinelos extras de Jenny, torcendo para que não tivesse nenhuma folhinha de menta nos dentes. Um visual muito sexy.

— Ei, inglesa! — Joe abriu um grande sorriso enquanto eu escalava a banqueta ao lado de Jenny. Elas eram altas demais para que eu tentasse ser elegante, se é que estava conseguindo enganar alguém. — Prazer em conhecê-la.

— Oi, Joe. — Tentei lançar um olhar sutil para Jenny para comentar a inegável gostosura dele. Mas não era possível.

— Joe estava me falando sobre os lugares legais a que ele quer nos levar — disse Jenny, balançando um canudinho entre os dedos. — Ele conhece todos os lugares legais.

— Parece bom — comentei. — Então você gosta daqui?

— Amo — respondeu o rapaz, preparando uma segunda rodada de drinques. — Sol, boa vida, mulheres lindas, como não amar?

— Não tão lindas quanto as de New York, não é? — Jenny lançou um olhar inocente para ele. Mesmo depois de seis meses fora do jogo, ela ainda sabia flertar como ninguém.

— Não chegam aos pés — sorriu Joe, encostando-se no balcão e se debruçando para tocar o

cabelo de Jenny. — Eu já disse, você está linda, Lopez.

— Sempre posso ouvir mais uma vez — respondeu ela, fazendo biquinho. — Uma garota tem que manter a auto estima em alta. Não é fácil andar por aí de biquíni, querido.

Movi a cabeça para o lado e sorri. Certamente, não havia nada errado com a auto estima de Jenny.

— Sei lá, você está muito bem — ele comentou, entregando os drinques. — E garotas andando por aí de biquíni é uma razão suficientemente boa para ficar em Los Angeles para sempre. Só me avise quando começarem a andar de lingerie pela Union Square em janeiro e eu volto correndo para lá, docinho.

— Bem, mas isso vale o preço de ter que ver aquelas pessoas que jamais deveriam estar usando biquíni? — Disse Jenny baixinho.

— É, mas são elas que dão as melhores gorjetas — Joe retrucou.

Por um terrível milésimo de segundo, achei que eles estavam falando de mim. Será que a depilação não tinha sido muito boa? Mas quando segui o olhar de Jenny até a piscina, entendi. Com certeza, nem todo mundo era tão espetacular quanto ela. Havia duas outras meninas de biquíni com longas pernas, cabelos perfeitos e maquiagem. Evidentemente, não estavam pensando em dar um mergulho. Elas estavam deitadas em silêncio, uma ao lado da outra, movendo-se apenas para dar um gole em um coquetel muito elaborado e para trocar de posição, a cada quinze minutos. Ao observar os demais hóspedes, ficava bem claro que nem todas as belezas aquáticas eram iguais.

Olhando com mais cuidado, algumas das mulheres que estavam se bronzeando eram bem mais velhas do que eu tinha imaginado e a pele delas parecia uma espécie de couro sob a maquiagem brilhante. Algumas usavam cangas amarradas estrategicamente, posicionadas para esconder coxas flácidas e barriguinhas salientes, enquanto outras exibiam suas curvas orgulhosamente em calcinhas fio dental amarelas neon e biquínis de cortininha. Isso daria uma porção de textos engraçados para o blog.

Perto das mulheres de couro havia vários homens sozinhos, que, ou estavam um tanto acima do peso e usando sungas justas demais, ou eram incrivelmente pálidos e magros, mas todos digitavam em seus laptops ou BlackBerries enquanto tomavam cerveja. Havia um único espécime masculino bonito, logo a minha frente, e eu tinha quase certeza de que era gay. Músculos definidos, cabelos imaculadamente arrumados e corpo definitivamente depilado; todos os sinais estavam ali. Tentei não pensar no meu corpinho nada atlético. Sim, eu tinha conseguido me manter no peso com muitas caminhadas e uma ajuda dos Vigilantes do Peso, embora a cor da minha pele não chegasse nem perto do tom da pele das garotas que participavam da competição de bronzeamento perto da piscina. De repente, comecei a me sentir muito branca e gorda. E esse não era o lugar nem a hora de ter uma crise de confiança.

— Acho que estou começando a me queimar — disse em voz alta, inspecionando um braço branco como mármore. Nesse momento, uma das garotas de biquíni se virou de costas, para exibir uma bundinha que se bronzeava perfeitamente em um fio dental prateado — Vou entrar. Lembre-se, tenho que estar com o Sr. Estrela de Cinema às 11.

— Tem certeza? — Perguntou Jenny sem dar o menor sinal de que iria me acompanhar. — Não quer sair para comer?

— Temos um excelente restaurante — sugeriu Joe. — Posso arranjar uma mesa para vocês.

— Não, acho que vou dormir um pouco para estar bem amanhã.

E tenho que escrever no blog e ligar para o Alex — dei um beijo na bochecha de Jenny e saltei da banqueta. — Grande dia.

— Certo, diga ao Alex que mandei oi — disse Jenny — E me ligue assim que estiver livre amanhã.

Caminhei pelo corredor até o quarto me sentindo um pouco tonta depois de dois mojitos. Acompanhei a estampa do papel de parede com a ponta dos dedos, tentando não achar estranho o fato de eles usarem o mesmo aromatizador de ambientes aqui e na Costa Leste. Era a versão hoteleira de uma loja da Lush. Cidades diferentes, exatamente o mesmo cheiro intoxicante.

Parada diante do imenso espelho com moldura de madeira encostado na parede, ergui a camiseta acima da cabeça, respirando fundo antes de abrir os olhos. É, não era tão ruim assim. Eu nunca seria uma modelo de 2 metros, porém não estava horrorosa. Sim, estava pálida; contudo, estava em LA há apenas um dia. Meu cabelo castanho-claro estava precisando de um corte, mas pelo menos a água milagrosa de New York o mantinha supermacio. Deixar a água ruim de Londres para trás também parece ter limpado a minha pele, que estava boa e, a maior das alegrias, trabalhar como freelancer significava que eu não tinha mais que acordar cedo, por isso meus olhos, por mais que estivessem sofrendo com umas bolsinhas "pós-noitada-de-amor", estavam superbrilhantes; até as ruguinhas que eu tinha fingido não ver nos últimos dois anos pareciam ter diminuído. Na boa, se precisassem de alguma prova de que as garotas jamais deveriam acordar antes das 10 da manhã, bastava olhar para mim. O biquíni ainda não me deixava muito feliz; no entanto, dava para aguentar. Pelo menos não tinha nada tecnicamente pendurado ou caído, apesar de não poder dizer que estava sarada. Talvez pudesse fingir que tinha alguns músculos torneados usando bronzeador. Eu trouxe um bocado...

— Espelho, espelho meu — murmurei comigo mesma, pegando a camiseta caída no chão e vestindo-a novamente. Nunca fui daquelas que achava que um tempo diante do espelho era um tempo bem investido, e tinha uma leve sensação de que Los Angeles não era o lugar nem a hora de mudar, a não ser que quisesse desenvolver um distúrbio alimentar.

Puxei uma poltrona, idêntica àquela que Jenny tinha arrastado do The Union para nossa casa por 20 quarteirões, até a janela que ia do chão ao teto e caí sobre ela como um montinho quente e levemente embriagado. A Hollywood Boulevard fervia logo abaixo de mim, com dezenas de turistas andando para cima e para baixo pela calçada estrelada. Cheguei mais perto para encostar os dedões na janela e observar. Eu só conseguia ver o topo de seus bonés de beisebol, mas podia apostar qualquer coisa que estavam todos sorrindo. E por que não estariam, visto que estavam de férias em Hollywood? E acima deles, depois do maior anúncio da Gap do mundo, estavam as famosas colinas de Hollywood. Imaginei quantas celebridades estavam sentadas em casa olhando na minha direção naquele exato segundo. Quais estrelas estariam mais perto? Em quantos planos de fundo de reality shows da MTV eu poderia aparecer?

New York e Londres também estavam cheias de atores, músicos e escritores, mas não era a mesma coisa. Por alguma razão, quando se pensa em grandes celebridades, sempre é em Hollywood.

Meu telefone vibrou, arrancando-me de uma rápida fantasia de trombar com o Brad Pitt. Era

Louisa.

— Ei — atendi e aproximei a poltrona do vidro para melhorar o sinal. — Você está em New York? Está tudo bem?

— Sim e sim — ela riu do outro lado da linha. — Chegamos há umas duas horas. Tim foi encontrar umas pessoas em um bar.

— Umas pessoas? Sei — sorri. Ela era muito querida por não mencionar o nome do panaca do meu ex. Eu me sentia ferida por ele ousar colocar os pés em New York. — E para onde você vai?

— Fiz Tim reservar aquele tal de Balthazar de que você tanto fala para jantarmos — ela riu. — E aí acho que vou direto para a cama. O que você está fazendo? Já encontrou o Tom Cruise?

— Sim, estou tomando uns coquetéis com ele e a Katie — respondi, feliz por estarmos nos entendendo de novo. Detestava brigar com as pessoas, exceto ex-namorados cretinos. Não podia evitar, sou libriana e chorona. — Não faz muito tempo que chegamos. Na verdade, estou usando um biquíni.

— Não creio — pude ouvir sua risada do outro lado do país. — Não a vejo usando biquíni desde que tínhamos 6 anos.

— E nem vai ver. Não haverá nenhuma evidência fotográfica, pode acreditar — garanti.

— Eu daria tudo para estar de biquíni — gemeu Louisa. — Está frio demais aqui.

— Eu falei — disse, feliz pelo sol que ainda brilhava lá fora. O calor inesperado me fez sentir um pouquinho menos má por não estar em New York com Louisa. Eu não ia ganhar o prêmio de Melhor Amiga do Mundo este ano — Mas você vai ficar bem, é só se manter dentro das lojas e pegar muitos táxis. Sério, abuse da conta de Tim o máximo possível.

— Que conta? Ele não pode gastar nem um centavo a mais ultimamente. Estamos hospedados em um Hilton, pelo amor de Deus — ela suspirou. — Mas acho que deveria ficar aliviada por ele ainda ter um emprego. Enfim. Tenho que tomar um banho, estou nojenta.

— Duvido — falei.

Louisa nunca estava nada além de perfeita, mesmo com uma viagem de avião de oito horas.

— Eu também preciso fazer algumas coisas. Ligue mais tarde — acrescentei.

Finalizei a chamada, aliviada por não termos falado de Mark. Eu não teria conseguido evitar um reencontro. E a regra número um do término de relacionamentos dizia que na primeira vez que você via alguém depois do fim, não importa quanto tempo fizesse ou o que tinha acontecido naquele meio-tempo, a pessoa ia querer reviver todo o final. Se não perguntasse dele, com certeza todos pensariam que queria perguntar, mas ainda estava magoada demais. E se não me perguntassem sobre o fim do relacionamento, saberia que estavam doidos para me contar alguma coisa, alguma notícia ou detalhe para me fazer “sentir melhor" e eu realmente não queria saber. Só que eu tinha que perguntar, porque era uma garota tola. E com "garota", quero dizer "masoquista".

Peguei o telefone para ligar para o Alex. Tocou algumas vezes antes de cair na secretária, sugerindo que eu nem me incomodasse em deixar recado porque ele nunca conferia a caixa de mensagens e esperando que eu ligasse de novo em breve. Desliguei e encarei o aparelho por um momento. E daí que ele não tinha atendido, eu ligaria mais tarde. Precisava apenas me manter

ocupada por uma hora ou mais. Ocupada e acordada. Olhei para o laptop e aceitei o fato de que tinha que trabalhar um pouco, por mais doida que fosse a ideia. Não seria nada mau mostrar a Mary como eu estava levando isso a sério, considerando como fui ridiculamente ingrata quando ela me contou sobre a entrevista. Fiz login na minha conta no TheLook.com e meus dedos pairaram sobre o teclado por um segundo.

As Aventuras de Angela:

Viva Hollywood

Então cá estou, em Los Angeles. Dá para acreditar? Sou uma mulher muito viajada.

Porém, sou uma mulher viajada escondida no quarto do hotel depois de beber dois mojitos e não jantar. Uma ideia nada boa, caso você estivesse se perguntando. Mas, felizmente, estou em um hotel maravilhoso, cheio de pessoas maravilhosas com um sol maravilhoso brilhando sobre mim pela primeira vez desde muito tempo e nem posso dizer quanto recomendo isso a todos. Por outro lado, não recomendo colocar um biquíni pela primeira vez desde muito tempo — que castigo mais cruel e inusitado. No entanto, pelo menos ajudou a diminuir meu apetite...

Bem, espero que esteja tendo um fim de semana divertido. Só quis dar uma passada para dizer que vim para Los Angeles para um projeto muito empolgante. Eu obviamente nunca daria uma passadinha em Hollywood só para me divertir; tudo que eu faço é um imenso sacrifício, você sabe, mas contarei um pouco mais a respeito amanhã. Por ora, vou apenas ligar o ar condicionado, rolar na minha imensa cama de hotel e dormir cedo para me preparar para um grande dia.

Exibida, eu? Imagine...

Cliquei em "enviar" e rolei para a cama. Até mesmo insinuar algo a respeito da entrevista a fazia parecer mais real. Peguei o controle remoto e decidi fazer uma pesquisa sobre James Jacobs. Talvez eu estivesse levando essa história de "ir sem preconceitos" um pouco longe demais. E se ele fosse superdiva e se recusasse a falar comigo porque eu nunca tinha assistido a nenhum de seus filmes? Não seria ruim ver pelo menos um, não é? Peguei um pacotinho de M&Ms de 10 dólares e misturei uma Coca com uma vodca de 23 dólares. Não faria mal tomar mais um drinque, não é?

— O supergato e supertalentoso James Jacobs... — falei para meu reflexo no espelho gigante, antes de me jogar de costas na cama ridiculamente confortável com os mesmos lençóis macios que eu usava, ainda que ilegalmente, todas as noites.

Passando pelos filmes do menu, acabei encontrando o filme de cassino do qual Jenny falara. Pelo menos, se eu dormisse no meio, ela podia me contar como terminava.

Mas não dormi. Sentei-me, vidrada na tela, com uma mão segurando o cobertor ao meu redor e outra sistematicamente jogando M&Ms na boca durante duas horas. Não sei se foi a última vodca, Alex não ter atendido o telefone ou toda aquela exibição carnal na piscina, mas quando o filme chegou ao fim eu estava com uma quedinha muito inadequada pelo James Jacobs.

Baseada nos três pilares da integridade jornalística — IMDb, E!Online e Perez Hilton, aprendi tudo que havia para saber, escola de teatro, RADA, participações em várias séries e a grande estreia em Hollywood. E também havia os hobbies: pintor talentoso, ótimo alpinista e, ah, sim, ele gostava de garotas. Muitas. Uma pesquisa de imagens do Google mostrou várias e várias fotos de um homem jovem e ridiculamente bonito em diferentes estágios de bebedeira ou nudez pelos últimos três anos. Saindo de uma discoteca com Lindsay almoçando com Scarlett, divertindo-se na praia com Paris e até indo à Ópera com Natalie. Cliquei em uma foto tirada em um tapete vermelho e aumentei. Uau, ele sabia mesmo como vestir um smoking. E também como tirar sutiãs, pelo jeito.

— Angie?

Um gemido dramaticamente alto vindo da porta conjugada me fez dar um pulo.

— Angie, você está acordada?

— Sim, Jenny — respondi, arrastando-me para fora da cama até a porta que separava nossos quartos. Abri e encontrei Jenny caída aos meus pés. — A noite foi boa?

— Eu me esqueci de ligar o ar condicionado no meu quarto, posso dormir com você? — Perguntou ela enquanto se arrastava até a cama e subia.

— Sim? — Esfreguei o rosto e suspirei, sorrindo. — Mas saia do meu lugar — empurrei-a para o outro lado da cama e ela já estava dormindo. — Lá se foi minha bela noite de sono.

Eu tinha a intenção de acordar cedo para nadar e ver uns cachorrinhos antes de encontrar o sr. Jacobs, mas isso foi antes de Jenny decidir invadir o meu quarto e tomar conta da cama inteira. Depois de rolá-la para o outro lado 17 vezes em duas horas, saí da cama e fiz um ninho na espreguiçadeira para assistir a alguns clipes do James Jacobs no Youtube, hipnotizada por seu rosto lindo. Depois de cair no sono por volta das 3 horas, acordei com o travesseiro colado na cara às 10h. Uma hora antes do encontro com James Jacobs. O James Jacobs. Droga.

Depois de um segundo de pânico, acordei a Jenny para pedir seus serviços como consultora de moda. Fiz o que precisava no banheiro enquanto ela saía da cama, irritantemente sem nenhum sinal de ressaca, e desaparecia em seu quarto. De alguma forma, consegui estar do lado de fora do hotel em trinta minutos, usando um vestido verde-esmeralda de veludo de Jenny, lindas sandálias de couro marrom e um cinto largo combinando. Três jatos de xampu seco nas minhas raízes e a confirmação de que podia me maquiar no táxi; sim, eu tinha evoluído muito desde a época em que ela não me deixava sair do apartamento sem uma transformação completa.

— Boa sorte, querida — disse Jenny, abrindo a porta do táxi e beijando minha bochecha — Vou buscar o carro que alugamos, então me ligue quando terminar. E sim, prometo que vou pegar um carro bem seguro. Pensei em encontrarmos minha amiga Daphne para jantar.

— Sim, seria ótimo — falei, remexendo na bolsa. Será que eu tinha tudo? Será que eu tinha alguma coisa sequer? — E olhe só, não estou de brincadeira. Não volte com alguma coisa ridícula. Não precisamos de um Mustang. E, eu quis perguntar da noite passada, como foi com Joe?

— Ele está se fazendo de difícil — Jenny fez uma careta. — Será que engordei?

— Não tenho tempo para responder a essa pergunta ridícula — gritei enquanto o carro partia. — Você é um espetáculo!

— Diga isso para o James Jacobs — ela respondeu com um grito, fazendo com que todo mundo na calçada se virasse para olhar. Sentada no banco de trás do táxi, eu estava a caminho de conhecer James Jacobs

Sem meu gravador.

Com certeza eu ia me atrasar.

Depois de um começo de manhã fantasticamente profissional, cheguei ao Toast usando um blush aplicado de forma duvidosa, um borrão de rímel e uns três minutos adiantada. De acordo com meu itinerário preparado pela agradabilíssima Cici, o Toast era um "lugar super LA para tomar um brunch, cheio de gente bacana". Implicando, é claro, que eu não era de jeito algum uma dessas pessoas. E ela estava certa. Meninas frágeis e magras usando calças skinny, botas Ugg e Os Maiores Óculos de Sol do Mundo estavam empilhadas ao redor de um café que parecia bem comum, e que ficava em uma rua bem comum. Talvez até meio ordinária. Com certeza não era a

LA glamorosa que eu estava esperando. Por falta de uma roupa adequada e um manequim 34, coloquei os óculos escuros e passei pelas mesas cheias de meninas empurrando a comida de um lado para o outro nos pratos.

— Olá, bem-vinda ao Toast. Você tem reserva?

Havia uma menina na porta com uma prancheta. E um café. Em uma manhã de domingo.

— Hum, é, sim, tenho — procurei na minha linda bolsa (pelo menos ela parecia pertencer aquele lugar, por mais que eu não) o papelzinho que eu tinha enfiado ali durante a maquiagem no carro. — Estou um pouco adiantada...

— Estamos muito ocupados, se você não tiver reserva... — a Menina da Porta me olhou de cima a baixo de um jeito nada gentil.

— Não, eu tenho, só que está com o nome de outra pessoa. James Jacobs, talvez? Vou encontrar o James Jacobs. Talvez esteja com o nome T*he Look,* como a revista? — Tentei meu sorriso mais agradável. Não ajudou.

— Claro, meu bem. James Jacobs — disse ela. Não gostei nada da pausa superlonga que ela fez entre as palavras "James" e "Jacobs". Aguardei enquanto ela olhava para a lista com mau humor e, então, ela ergueu uma sobrancelha perfeitamente delineada tão alto que quase sumiu entre as mechas do cabelo.

— Ah. Você é Angela Clark?

Concordei e sorri de novo, tentando não parecer uma vaca convencida. Ua-ha-ha.

— Certo, poderia me acompanhar? Reservamos a mesa preferida de James. Ele ainda não chegou, mas posso lhe oferecer um café? — A Menina Assustadora da Porta se transformou em Adorável-Menina-da-Porta/garçonete-atenciosa e imaginei se não era eu quem estava sendo um pouco paranoica. Talvez, lá no fundo, ela fosse humana.

— Seria ótimo. Com creme e açúcar, por favor — pedi, sentando-me à mesa preferida de James, que felizmente era escondida em um canto nos fundos do café, longe da multidão

A Menina da Porta franziu a testa.

— Creme e açúcar? Tudo bem...

Talvez eu não estivesse imaginando. Com certeza, por ser a única pessoa ali que não tinha alguma ligação com as irmãs Olsen, eles deveriam estar recebendo a mim e minha vontade de comer laticínios de braços abertos? Jesus, as pessoas sentadas neste lugar não devem comer há um mês.

Tudo no cardápio parecia delicioso, mas meu apetite tinha desaparecido. Em alguns minutos, eu conheceria James Jacobs. O James Jacobs. Quem precisava de panquecas de canela e bananas em rodelas quando se tinha 1,90 metro de gostosura prestes a encontrá-la para o café? Isto é, se ele aparecesse. Cheguei três minutos adiantada; ele estava sete minutos atrasado. Peguei meu recém-adquirido BlackBerry para fazer o joguinho de “estou esperando uma pessoa”. Pesquisando entre as mensagens, procurei alguma coisa de Alex. Ele não tinha me ligado. E eram o quê, 2 horas da tarde em New York? Isso não estava legal. Ele não deveria estar morrendo de saudade? Escrevi uma mensagem, deletei; escrevi outra, deletei, até que cheguei à mensagem de “estou com saudades” perfeita.

Oie, estou tomando café no Toast, nham. Saudade. A <3

Franzi a testa para o ícone de mensagem enviada. Sim, eu era escritora por um motivo. As palavras eram minhas ferramentas, as quais não precisaria usar se minha celebridade não chegasse logo. Mordiscando um pedaço de pão que a cada vez mais desconfiada Menina da Porta colocara na minha frente, suportei quarenta minutos de olhares de pena, sussurros nada sutis e três xícaras de café, até que o telefone tocou.

— Alô? — Atendi o número desconhecido em um piscar de olhos.

— Alô, Angela? Aqui é Blake, assistente de James Jacobs?

— Ah, oi, estou no Toast, será que estou no...

— Sim, mas olha, o James não vai? O voo dele atrasou e ele não vai poder ir? — Continuou Blake.

— Eu... você está me perguntando ou me dizendo? — Estava um pouco confusa com a forma como todas as frases de Blake tinham entonação de pergunta.

— Ele sente muito e vamos ligar mais tarde passando outro endereço para o encontro? Tchau — e ele desligou.

A Menina da Porta caiu sobre mim como um urubu.

— James não vem?

— Ah, ele não vai poder — agitei a mão com desprezo, como se levasse bolos de celebridades com tanta frequência que nem ligava mais.

— Então, a conta? — O papelzinho já estava na mão dela e eu podia ver que ela estava doida para pegar o dinheiro e colocar uma comedora de alface parecida com a Lauren Conrad na mesa.

— A conta — assenti. Malditos astros de cinema. Eu deveria ter pedido as panquecas.

Capítulo 4

— Não acredito que aquele babaca não apareceu — disse Jenny ao acelerarmos pela West Third Street no Mustang vermelho conversível ridículo que eu disse para ela não alugar, mas o qual agora secretamente amava. O que eu certamente não amava era a Jenny ao volante. Ela tinha escolhido confessar que não dirigia um carro desde sua última viagem a Los Angeles, anos atrás, e dava para ver. Como se dirigir em Los Angeles já não fosse suficientemente assustador.

— Liguei para a Mary para contar e, pelo jeito, não é grande coisa — comentei, apertando com força o cinto de segurança. — Parece que as agendas das celebridades são muito "fluidas". Vou encontrá-lo outra hora.

— Não acredito que o James Jacobs seja tão pouco profissional. Estou com o coração partido — Jenny virou em uma esquina, ignorando o sinal vermelho. Não importa quantas vezes ela me dissesse que ali era permitido virar em um sinal vermelho, eu ainda fechava os olhos. Acho que está precisando de uma terapia de compras, querida, e eu sou a maior especialista no assunto. Vou levá-la ao melhor shopping de Los Angeles.

— Com certeza ele teve os motivos dele, mas já que você está oferecendo — respondi, visualizando um passeio ao estilo de Uma Linda Mulher pela Rodeo Drive, carregada de sacolas. — Vamos fazer compras. Leve-me para a elegância, Jenny Lopez.

— O.k., chegamos — ela avisou, entrando com o carro em um estacionamento subterrâneo.

— Mas acabamos de sair do café — eu estava confusa. Não fazia nem dois minutos que estávamos dirigindo.

— E daí?

— Bem, onde estamos? — Ergui os óculos escuros para olhar ao redor na escuridão. Fileiras e fileiras de carros. Afinal, era domingo, fazia sentido que as pessoas tivessem vindo à igreja. — Não teria sido mais rápido se viéssemos andando?

— Meu Senhor, vão acabar expulsando você da cidade — Jenny procurou e acabou largando o carro no espaço de duas vagas. — Já não lhe disse que as pessoas nunca andam em Los Angeles?

— E estamos aqui? Em um shopping center? — Eu não podia acreditar.

— O Beverly Center, meu bem — ela procurou alguma coisa no porta-luvas. — Este é o shopping de Los Angeles.

Podíamos estar em Milton Keynes.

— Um shopping center?

— Ei, fui eu quem veio para Los Angeles com, sei lá, duas camisetas e uma roupa de esqui? —

Ela perguntou. — Não. Mas você veio, então precisa fazer compras. Vamos logo, arraste esse traseiro para a Bloomingdale's.

Assim que superei a decepção com "o shopping" e bebi o equivalente a todo o meu peso no Jamba Juice, comecei a focar na tarefa que tinha à frente.

— Então, conte o que aconteceu com o Joe — balbuciei por entre o vestido longo de seda com estampa paisley da BCBG que Jenny estava tentando enfiar pela minha cabeça nos trocadores da Bloomingdale's. Já havia, pendurado nos ganchos na parede, um vestido verde-oliva Roberto Rodriguez, um vestido amarelo sem mangas Phillip Lim e meia dúzia de vestidos soltinhos da Ella Moss, Splendid e James Perse que Jenny tinha decidido que iríamos comprar. Até agora, eu havia conseguido mantê-la longe da seção de biquínis.

— Nada a declarar — ela disse, dando um passo para trás, a cabeça caída para um lado, tentando entender o que havia de errado com o vestido. — Não aconteceu nada.

— Esse vestido é uns 30 centímetros mais longo do que o necessário, Jenny — expliquei, tentando tirar aquela expressão do seu rosto. Ela parecia tão decepcionada comigo. Mas podia ser porque ela já vira que eu estava usando sutiã e calcinha que não formavam um conjunto, algo que incomodava muito Jenny e minha mãe. — E como assim, "nada"? Ele não tentou nada?

— Nada, niente, *fi*m — Jenny fez um biquinho. — Sei lá, acho que ele não estava entendendo as indiretas. E o vestido não é muito longo, é um BCBG, você é que é muito baixa. Tente este. E como vai o sexo por telefone? Aposto que o Brooklyn é muito bom nas safadezas, hem?

— Fique quieta — por trás da coluna de seda que estava sendo enfiada pela minha cabeça, ruborizei. — Na verdade, ainda não falei com ele.

— É mesmo? — Jenny nem tentou esconder a surpresa na voz ao fechar o zíper de um vestido curtinho, tomara que caia, muito justo e azul da French Connection que eu havia colocado. — Mas não ligou para ele ontem à noite? Você sabe, quando me abandonou.

— Eu não abandonei você — guinchei, pois o vestido estava justo nos "meninos". — E não, não consegui falar com ele. Mas tudo bem. Nós só estamos aqui há, o quê, um dia? E ele está trabalhando bastante no álbum novo. A gravadora está pressionando para que eles terminem tudo até o fim do ano, algo assim.

— É, pode ser — ela respondeu, colocando o vestido BCBG e ficando uma verdadeira deusa. Vaca. — Eu só queria que ele não ficasse tão interessado em conversar com você toda vez que sai e eu estou na banheira.

— Hum

Era oficial: eu não ia pensar naquilo. Até agora, minha aventura estrelada em Hollywood tinha sido uma grande decepção, e ficar pensando no que Alex estava fazendo a duas milhas e meia de distância não ajudaria a aumentar a diversão.

— Jenny, se eu quisesse ir a um lugar bem glamoroso, aonde você me levaria?

— Na boa, será que dá para parar com isso? Eu sei que isso é um shopping, mas tem a maioria das lojas, é onde todo mundo faz compras — ela respondeu distraída, segurando um modelo cor-de-rosa Nanette Lepore e um vestido curto azul-marinho Theory. — Assim, nós com certeza vamos ao Melrose, talvez ao The Grove antes de irmos embora, mas o Beverly Center tem tudo... eu vi a Britney aqui uma vez. Antes daquela coisa de raspar a cabeça, quando ela podia sair

sozinha. E não vai conseguir comprar nada na Rodeo Drive. Eu sei quanto você ganha.

— Não, o que eu quero dizer é... alguma coisa realmente Hollywoodiana? — Tentei não fazer uma careta para o vestido cor-de-rosa. — Uma experiência genuína, na verdadeira Los Angeles.

— Hum, talvez um almoço no The Ivy? Drinques no La Deux? — Ela mostrou o vestido rosa para que eu aprovasse. — Acho que podemos tentar o LAX ou o Hyde ou algum outro se você quer ir a uma balada. Mas estou meio enferrujada, não sei quais são os melhores lugares.

— O almoço parece muito bom — comentei.

Mostrei a Jenny um modelo vermelho-escuro Elizabeth & James, ela assentiu com a cabeça aprovando e colocou o vestido rosa no final de uma arara qualquer. Se tivéssemos que discutir cada escolha de compras em voz alta, não teríamos tempo de falar de outras coisas quase tão importantes quanto.

— O The Ivy é legal? — Perguntei.

— Hum, acho que sim. — Jenny colocou a seda vermelha diante de si, passando a cabeça entre o vestido e o cabide, antes de jogar uma montanha de vestidos nos meus braços. — Você deveria comprar estes. Acho que o Joe consegue uma reserva para nós. Vou dizer para a Daphne nos encontrar lá.

Toda contente, bati palmas, enquanto Jenny saiu de perto para procurar um sinal mais forte para o celular, a seda vermelha ainda balançando ao redor de seu pescoço. E daí que a minha estrela de cinema tinha me dado um bolo? Que homem poderia se comparar a Jenny Lopez, compras e almoço em um restaurante superchique?

— Posso levá-la até o provador?

Uma vendedora gentil apareceu atrás de mim e ergueu os braços para segurar a montanha de seda e jérsei que eu estava segurando. Parei por um momento e pensei no meu mísero guarda-roupa lá no hotel, então pensei no limite do meu cartão de crédito.

— Na verdade, só preciso que me leve até o caixa — pedi. Ela assentiu alegremente, e literalmente correu pela loja. Quando dei uma olhada na bolsa, conferi o celular. Bom, nada de Alex, nada de ninguém. Suspirei e joguei a bolsa para atrás. Eu ia precisar de sobremesa.

No final das contas, minha interpretação de o que era a verdadeira Hollywood e a interpretação de Jenny eram muito diferentes. Não tinha como negar que o The Ivy era exclusivo e muito chique, mas, diferentemente de qualquer lugar genuinamente exclusivo em New York, não havia uma entrada escura e silenciosa, criada para manter os indesejáveis longe dali por meio de pura intimidação. Em vez disso, o restaurante era aberto e ficava no meio de uma rua movimentada, cercado de lojas e repleto de turistas e gente procurando famosos. O McDonald's da Oxford Street era mais discreto.

Flashes espocavam ao nosso redor enquanto subíamos pelo degrauzinho que levava da rua até um belo chalezinho rústico. Parei no pátio em frente e me virei para a calçada — havia paparazzi acenando, gritando e chamando. Voltando ao restaurante, segui Jenny por entre os comensais calmos, quietos e inabalavelmente lindos, apesar de nenhum parecer estar comendo alguma coisa; na verdade, estavam concentrados em fingir que não eram uma versão viva da página de fofocas da revista *Heat*. Enquanto tentava encontrar um caminho seguro por entre as mesas de ferro forjado, as cadeiras e as dúzias de sacolas de compras, vi uma mão se erguer no fundo do

pátio e acenar para nós.

— Nossa, por que é que você quis marcar aqui, J querida? — A mão era da amiga de Jenny, Daphne, que se apresentou e nos cumprimentou com beijos extravagantes. — Isto aqui é um circo.

— Angie queria uma experiência da verdadeira Los Angeles — Jenny olhou para mim por cima dos óculos escuros. — Aí está.

— Não é exatamente o que eu estava esperando — falei, mudando meu foco de atenção da multidão na calçada para Daphne. — Eu tinha pensado em algo, bem, sei lá. Glamoroso? Chique? Los Angeles é estranha.

— Ah, você se acostuma — ela disse. — Espero que não se importem, mas já fiz o pedido. Estou morrendo de fome.

Considerando que a maior parte dos clientes do The Ivy parecia ser do mesmo grupo de loiras que eu tinha visto no Toast pela manhã, que mal tinham tido tempo de ir para casa para trocar as botas Ugg por vestidinhos e os garotos de academia por velhos ricos, Daphne se sobressaía. Assim como todas as outras pessoas aqui, ela era indiscutivelmente linda, mas, ao contrário dos outros, era uma verdadeira beleza retrô. Os cabelos pretos muito brilhantes estavam penteados no estilo Betty Paige e a pele de porcelana fazia com que minha pele de Rosa Inglesa/britânica pastosa parecesse ter passado os últimos seis meses nas Bahamas. Somando-se isso ao delineador mais preciso e aos lábios vermelho-rubi mais perfeitos que eu já vira, Daphne era certamente encantadora. Jenny tinha me dito que ela era artista e consultora de moda. Mas não imaginei que o talento dela com o pincel também se refletisse no delineador. Ao lado de toda aquela perfeição, tive a impressão de que tinha vindo de pijamas.

Entretanto, estranhamente, ninguém estava dando a mínima para Daphne. Na verdade, todas as pessoas do restaurante estavam fingindo que não olhavam para uma moreninha escondida em um canto, usando roupas demais para um dia tão ensolarado, sentada com um cara incrivelmente normal de terno.

— Quem é aquela? — Perguntei baixinho, entrando no jogo de fingir-que-não-vi. — Sinto como se devesse conhecê-la.

— E deveria — disse Jenny, bebendo um dos coquetéis de gim que Daphne pedira. — É a Tessa DiArmo, a cantora. Ela ficou no The Union pouco antes do Natal. Encheu muito o meu saco.

— Todo mundo enche o seu saco — respondi, entregando-me à curiosidade e virando-me na cadeira para vê-la melhor. A menina era genuinamente minúscula, com cabelos castanho-claros ondulados e pele bronzeada. Qualquer que fosse o elemento "especial" que as celebridades tinham, Tessa aparentemente tomava banho com ele toda manhã. Com um piscar de olhos, ela tinha a atenção de todo o restaurante. — Nunca a vi no The Union. Ela é muito bonita.

— Nem se compara com a gente, hein, J? — Disse Daphne, bebericando o coquetel que tinha acabado de ser reposto. — Aquela ali não tem o nosso balanço.

— Balanço? — Tentei compreender os olhares que as duas estavam trocando, Jenny parecendo um tanto nervosa e Daphne sorrindo inocentemente para seu drinque.

— Jenny contou a você como nos conhecemos, não é? — Ela perguntou.

— Não — voltei-me para Jenny. — Na verdade, não.

— Daphne — Jenny alertou-a. Eu tinha uma leve suspeita de que não era um tom de voz sério que ia impedir Daphne de falar.

— Calma, J, não é grande coisa — ela uniu os lábios e fez um biquinho. — Nós trabalhávamos juntas. Quando a J morou aqui da última vez.

— Quando ela estava atuando? — Perguntei.

— Quando ela estava dançando — a garota contou.

Mordi o lábio e olhei para Jenny. Impossível. Ela estava ruborizada.

— Dançando? Você dançava? — Eu queria muito, muito, que Jenny concordasse, sorrisse e talvez mostrasse alguns passos de sapateado.

— Ah, querida, não acredito que a srta. J nunca lhe contou do nosso show? — Disse Daphne, fazendo uma cara triste.

— Vocês tinham um show? — Isso já era demais.

— Claro — confirmou Daphne assim que um garçom apareceu com três saladas gigantes. — Um show burlesco.

O rubor de Jenny sumiu até que sua pele cor de caramelo se transformasse em um verde-clarinho. Mesmo por trás dos imensos óculos escuros, dava para ver que ela estava com os olhos arregalados, tão grandes quanto os pratos de salada. Simultaneamente, pegamos nossas bebidas e engolimos tudo.

—Bem — finalmente consegui falar —, Jenny Lopez, sua sacana. Eu deveria ter imaginado.

— Como assim? — Jenny pegou o coquetel de Daphne do outro lado da mesa e bebeu-o também. — O que quer dizer com isso?

— É só que, você sabe, você se porta como uma dançarina — retruquei. Um único coquetel e eu já tinha bebido tanto que nem conseguia mentir. Daphne estava rindo e pedindo mais drinques para o garçom. — E você tem muito ritmo? — Eu não ia conseguir sair dessa. — Não, sinto muito, vai ter que contar mais. Dançarina burlesca, Jenny Lopez?

— Vou ao banheiro — ela empurrou a cadeira para trás, direto na pessoa que estava atrás dela. — E quando eu voltar, realmente não vou querer falar sobre isso.

— Claro — assenti enquanto Jenny atravessava o pátio, sua enorme bolsa acertando a cabeça de alguns clientes. Esperei até que ela desaparecesse e me virei para Daphne. — Temos uns três minutos. Conte!

— O.k. — ela pigarreou dramaticamente. — Jenny e eu nos conhecemos há uns sete anos. Ela estava trabalhando como garçonete, fazendo todo tipo de testes para filmes e tal, mas, basicamente, não chegando a lugar algum. Eu trabalhava em uma loja de antiguidades em Melrose e, bem, meio que fazia strip. Mas strip com classe, você sabe, nada de strip em festa de aniversário de bebuns.

— Sim, claro — concordei, tentando pensar em um exemplo de strip com classe. Não consegui.

— Então, certa noite, nós duas estávamos em uma discoteca — continuou Daphne — e

começamos a conversar, a dançar, e a beber um pouco além da conta, e eu disse a ela que no dia seguinte fariam um teste para contratar dançarinas para um novo musical. Eu não achei que ela fosse aparecer, mas cheguei lá e a encontrei. E totalmente Flashdance, sério: polainas, camiseta caindo no ombro, traje completo.

Ela continuou:

— O problema é que, na verdade, a Jenny não sabe dançar. Assim, ela se mexe, não é? Mas não é uma dançarina treinada. E olhe para mim. Eu com certeza não sou o tipo de garota que a MTV procura. Enfim, fomos lá, fizemos papel de bobas e, quando estávamos prestes a ficar bêbadas para rir da coisa toda, uma menina veio até nós e perguntou se já tínhamos pensado em fazer burlesco.

— E aí, o que aconteceu? — A imagem de Jenny vestida como uma figurante do *Fama* quase me bastava, mas eu tinha que ouvir o restante da história. Um tapa na parte de trás da minha cabeça foi o aviso de que Jenny tinha voltado do banheiro.

— O que foi que eu disse? Nós não vamos falar sobre isso — ela ressaltou.

— Ah, vamos, sim — empurrei outro drinque para ela. — Beba isso aí.

— Na boa — Jenny engoliu o drinque —, não vamos. Também não vamos conseguir dirigir o Mustang de volta para o hotel. Estou bêbada. Esqueci completamente como essas coisas eram fortes.

— Eu dirijo, vamos tomar só mais um — pedi, batendo na mão dela. — Continue, Daphne.

— Não, não continue, Daphne — Jenny balançou a cabeça. — E você não pode dirigir. Angie, querida, está de porre. Podemos comer um pouco, por favor?

Simplesmente por não saber o que fazer, revirei minha salada, sorrindo, acenando com a cabeça e acenando mais drinques quando me ofereciam. Jenny encarava Daphne com uma expressão furiosa. A sobremesa parecia cada vez mais essencial para salvar o dia. Ou, pelo menos, mais um drinque.

— Então, para onde vamos agora? — Perguntou Daphne depois que o garçom retirou nossos pratos. — O hotel de vocês tem piscina, não tem?

— Nós vamos pagar a conta e voltar para o hotel — disse Jenny, olhando para o relógio. — A Angie está aguardando o Sr. Astro do Cinema e ainda precisa ligar para o Alex, certo?

— Preciso mesmo ligar para o Alex — dei um tapa na mão de Jenny para mostrar que concordava. Talvez estivesse um pouquinho tonta. — Está ouvindo alguma coisa?

— Angie, querida, é o seu telefone.

Jenny pegou meu BlackBerry de dentro da minha bolsa (divina) e o colocou ao lado do meu rosto. Tentei me aproximar e acabei enfiando o dedo de Jenny na orelha.

— Opa — resmunguei.

— Oi, é o Blake?

— Blake? — Eu conhecia algum Blake?

— Assistente de James Jacobs?

— Ai, porcaria. Quer dizer, sim, Blake, oi. Como est...

— James quer que você venha até o Chateau agora?

Droga, droga, droga, droga, droga.

— Agora? — Havia perguntas demais nessa conversa.

— Ligue para esse número quando chegar?

O telefone fez um barulhinho quando Blake desligou.

— O que foi? — Jenny perguntou, jogando o celular de volta na bolsa — Ele cancelou a entrevista?

— Ai, meu Deus, antes fosse — fechei os olhos e desejei que, quando os abrisse, estivesse sóbria. — É o oposto. E é agora.

— Querem que você faça a entrevista agora? — Jenny estremeceu. — Ele está aqui?

— Sim. E quer que eu vá encontrá-lo agora. Meu Deus, Jenny, estou de porre! Vou ser demitida, vou perder meu visto, vou ter que voltar...

— Nossa, um pouquinho exagerada, não? — Daphne levantou-se, deixando uma pilha enorme de notas sobre a mesa (quanto será que custavam esses drinques?) e estendeu a mão. — Onde ele está hospedado?

— Uh, em um chateau? — Isso pareceu esquisito até para mim.

— Chateau Marmont, fica a 15 minutos daqui. J, leve-a para o banheiro e, caramba, sei lá, faça alguma coisa com ela. Vou chamar um táxi.

Daphne era, graças a Deus, muito prática.

Assim que cheguei ao banheiro, vi como era terrivelmente óbvio que eu estava muito, muito bêbada. E enquanto Jenny tentava me tirar do vestido dela — que estava coberto de molho de salada porque um tomate unha tugido do meu garfo — e me colocar no meu novo Robert Rodriguez de seda verde-esmeralda que tinha conquistado o meu cartão de crédito na Bloomingdale's, meu BlackBerry começou a apitar de novo.

— Atenda: pode ser aquele babaca lindo cancelando — bufou Jenny enquanto mexia no cinto de couro preto. E se for, entregue o telefone para mim, porque eu vou mandá-lo se danar. E vou dar meu telefone para ele.

— Não alcanço — respondi, tentando tirar o telefone aos chutes da minha bolsa (coitadinha), mas conseguindo apenas mandá-lo para trás do vaso sanitário.

Jenny olhou para mim.

— Este restaurante pode ser bem chique, querida, mas não vou esquecer tão cedo que tive que ficar de joelhos em um banheiro público. *Você* me deve essa — ela pegou meu telefone de trás do vaso e me entregou. — Uma chamada perdida do Alex.

— Droga — apertei o botão de rediscagem, mas caiu direto na secretária eletrônica.

— Não temos tempo, Angie, ligue para ele do táxi.

Jenny pegou o telefone e puxou minha mão por entre as mesas cheias até chegarmos ao táxi que Daphne tinha chamado.

— Está com tudo de que precisa?

— Acho que sim — respondi, segurando minha bolsa com força, torcendo para que isso ajudasse a fazer o chão parar de girar aos meus pés. —Gravador, chave do quarto. Ligo para você quando estiver voltando?

— Dane-se... obviamente vou ter que garantir que você chegue lá. — Jenny me empurrou para o banco de trás e embarcou logo depois de mim. Daphne tossiu alto na calçada, olhando para Jenny com o que eu imaginei que fosse seu beicinho mais convincente. Jenny se debruçou pela janela e suspirou. — Está bem, venha para cá, sua Pussycat Doll, vamos tomar um drinque.

O Chateau Marmont ficava a 15 minutos dali, como Daphne prometera, o que totalizava trinta minutos desde o momento em que Blake desligou na minha cara até eu estar parada diante do bangalô número dois. As duas tinham feito as pazes em tempo recorde e saíram rindo na direção do Bar Marmont, deixando-me sozinha para enfrentar a longa caminhada pelo hotel. Por mais que tentasse me concentrar em simplesmente colocar um pé na frente do outro, não podia deixar de notar como o hotel era bonito. Exatamente como eu imaginava que era a Hollywood de antigamente. Uma bela torre no meio das colinas, enormes janelas em arco que se abriam para salas cheias de cadeiras de espaldar alto, palmeiras, garçons discretos, porém gatos por todo lado. Não fossem os inevitáveis BlackBerries, MacBooks e Lindsay Lohans desfilando pela piscina, eu quase poderia acreditar que estava de volta aos anos 1950.

O que não dava para acreditar era quanto eu estava um caco. Não conseguia decidir se tinha sido o calor excessivo até para Los Angeles, a caótica viagem no táxi até aqui ou meu medo cada vez maior de encontrar James Jacobs estando com o sono atrasado, bêbada e com a maquiagem feita em um táxi que estava me deixando enjoada. Parei por um segundo e liguei para o Alex mais uma vez. Falar com ele por apenas um minuto, um segundo, seria o suficiente, aí eu poderia entrar e fazer o que quer que a revista esperava que eu fizesse. Mas ele ainda não estava atendendo. Como em todos os momentos da vida, quando minhas amigas estavam ocupadas no bar e eu não podia contar com um garoto, pedi ajuda para meus companheiros constantes: minha bolsa e meu gloss labial. Um pouquinho de gloss Mac e estava pronta como nunca.

Bati uma vez e a porta se abriu.

— Oi, eu sou... — Olhei para cima com meu maior e mais brilhante sorriso e perdi a fala. James Jacobs tinha aberto a porta.

— Angela Clark? — Ele finalizou para mim com um sorriso que deixava o meu no chinelo. — Oi, eu sou o James.

— Eu .. eu... — eu me abaixei, agarrei alguma coisa dura, me afastei da porta e vomitei em uns arbustos muito bonitinhos antes de tudo ficar muito, muito escuro.

Acordar em um lugar estranho com o som da risada de um homem estranho não era algo a que eu fosse extremamente acostumada; portanto, quando abri meus olhos em um quarto que definitivamente não era o meu, vestindo algo que não era o meu vestido, meio que entrei em pânico. E assim, caí da cama, bati o cotovelo na mesinha de cabeceira e gritei. Antes que pudesse encontrar uma janela para fugir, uma figura sombria apareceu na porta. Ah, eu tinha assistido à *Louca Obsessão, e* sabia o que estava acontecendo.

— Oi? Posso ajudá-lo?

Como não havia tempo para escapar do estranho assustador segurando uma arma e bloqueando a saída, por que não ser gentil? Minha mãe ficaria muito orgulhosa.

— Duvido, pelo menos não antes de você recolocar seu vestido — uma voz com um sotaque muito BBC de Londres soou na escuridão e as cortinas se abriam.

De onde eu estava, no chão, pude ver um homem muito alto e bonito segurando meu lindo vestido verde novo e um grande copo de água. Ah, até parece que eu ia beber o coquetel cheio de drogas que ele estava oferecendo. A não ser que não fosse um coquetel de drogas e que o gato segurando meu vestido fosse, na verdade, o James Jacobs. Ai, céus.

— James... Jacobs? — Puxei para baixo a barra da camiseta que estava usando, até cobrir os joelhos.

— Angela Clark? — Ele colocou o copo na mesinha e estendeu a mão para me levantar. — Espero que esteja se sentindo melhor.

— Ah, hum, sim — isso não estava acontecendo. Não podia estar acontecendo. Este deus grego de 1,90 metro que estava na minha frente segurando um vestido recém-passado com um sorriso estonteante não podia ser James Jacobs. — Sinto muito. Não sei o que aconteceu.

— Intoxicação alimentar, com certeza — ele disse, estendendo o vestido sobre a cama. — Há um chuveiro logo ali e pedi que lavassem isso para tirar o vômito. Quando terminar, estarei na sala.

— Obrigada? — Havia uma possibilidade tão grande de que eu ainda estivesse sonhando que decidi ir em frente. — Por acaso vomitei nos seus sapatos?

— Um pouquinho — ele respondeu, felizmente ainda sorrindo. — Não se preocupe, tenho mais sapatos aqui do que deve haver em uma loja da Footlocker. Eu vou sobreviver.

Um banho rápido, uma longa sessão com meu Touche Eclat e eu estava vestida, pronta para enfrentar meu destino. A Mary ia ficar doida. Uma coisa era eu estragar a maior chance da minha carreira, mas, no meio do banho, percebi que não se tratava apenas de mim: tinha destruído a chance de a revista publicar uma superentrevista. Eles me disseram várias vezes na última semana que o James Jacobs raramente falava com a imprensa e eu tinha acabado de vomitar nos sapatos dele, desmaiar no quarto de hotel e, ai meu Deus, ele tinha tirado minha roupa? Esta imensa camiseta Abercrombie & Fitch com certeza não era a roupa que eu estava usando quando cheguei. Não sabia se esse detalhe deveria ir para a coluna dos prós ou contras.

— Oi — ele se levantou quando entrei na sala, todo aquele lindo metro e gloriosos noventa centímetros que ele era, segurando páginas soltas de alguma coisa com suas mãos bronzeadas.

— Oi — eu não sabia para onde olhar.

Assim, o meu Alex era tão incrivelmente sexy que só de pensar nele já sentia meu estômago se contorcer, mas esse pedaço de homem era diferente. Os cabelos castanhos cacheados estavam mais compridos do que nas fotos que eu vi na internet e os olhos azuis pareciam pretos, de tão escuros. Até mesmo sob a camiseta meio puída dava para ver ombros largos e uma cintura estreita e, minha nossa, aquelas coxas enormes não viam a hora de sair de dentro daquele jeans e pular em uma banheira cheia de água quente. Comigo. E um frasco de óleo de massagem.

Que feio, Angela: é hora de ser profissional. Além disso, ainda que eu estivesse interessada, tive a impressão de que James Jacobs não se sentiria atraído por garotas que se apresentavam vomitando em seus sapatos, talvez pudéssemos ser apenas amigos.

— Está se sentindo melhor? Posso dar uma ligada para meu assistente nos trazer um café ou

outra coisa, se você quiser — ele disse, fazendo um gesto para que eu me sentasse no sofá. — Pensei que você só fosse acordar amanhã, para ser sincero.

— Por quanto tempo eu fiquei desm... dormindo? — Perguntei, olhando em volta. Qualquer coisa era melhor que encarar diretamente o Cara Mais Gato do Mundo. A decoração aqui era muito moderna, muito Los Angeles: Cidade Proibida, o oposto do The Ivy.

— Umas duas horas. Não sabia se deveria ligar para alguém ou sei lá, então achei que era melhor deixar você dormir até passar — ele disse.

James recostou-se na poltrona e eu me sentei no sofá. As pernas dele eram muito compridas. Longas o suficiente para envolver uma garota e ainda deixá-la confortável. Hipoteticamente falando.

— O único problema é que, na verdade, tenho que sair daqui a pouco. Tenho uma reunião com um diretor esta noite — ele comentou.

Fantástico. Eu tinha estragado tudo. Que gentil da parte dele me permitir alguns segundos para admirá-lo antes de lançar a bomba.

— Ah, claro. Eu sinto muito por, bem, tudo. Foi um grande prazer conhecê-lo. Vou contar à revista o que aconteceu. Desculpe — falei.

— Mesmo? Para ser honesto, não acho que eles vão achar tão engraçado quanto eu. Você não prefere vir aqui amanhã e fingir que nada disso aconteceu? — James deixou de lado as páginas do roteiro que ele estava segurando e estendeu a mão. — Adoro o jeito como você escreve. Muito engraçado, mesmo. Mal posso esperar para ver como será a entrevista.

E foi aí que me dei conta de que ele não estava segurando um roteiro, e sim impressões do meu blog. Páginas e páginas das "Aventuras de Angela", cópias de artigos que eu escrevera para as edições americana e britânica da *The Look* espalhadas pela mesinha de centro. Uau. Lindo e preparado.

— Obrigada, mas, sabe, é difícil aceitar um elogio quando se acaba de vomitar nos sapatos de alguém — falei, olhando fixamente para os pés descalços dele. Até os pés eram sexy. Olhei para o carpete. — Então, você ainda quer fazer a entrevista?

— Com certeza — respondeu a voz ligada ao homem lindo. — Pare de se estressar com isso. Vai ser uma ótima história para contar para os netinhos.

Soltei um pouco de água pelo nariz.

— Não é? — Consegui responder finalmente. — Enfim, se você tem uma reunião, acho que devo deixá-lo. A que horas podemos começar amanhã?

— Às 10h? — Ele se levantou novamente para abrir a porta. — Vou pedir a Blake que mande um carro para buscá-la. Onde está hospedada?

— No The Hollywood — respondi concentrada em colocar um pé diante do outro. — Ahn, a minha amiga trabalha no The Union, em New York, então estamos hospedadas lá.

— Adoro o The Union. Nunca me hospedei lá, mas eu... é... visitei uma amiga que estava hospedada lá no ano passado — James usou a artilharia pesada: um sorrisinho tímido com os olhos azuis espiando por trás dos cabelos. — Acho que terei que encontrá-la no The Hollywood. Para ver se é tão embonecado quanto o outro.

— Embonecado — repeti. E dei uma risadinha. — Então, amanhã às 10h.

— Amanhã às 10h — ele me deu um beijo na bochecha e eu saí. — Tchau.

Quando a porta se fechou, minha sanidade começou a se recuperar completamente. Eu precisava de um táxi. Precisava ligar para Jenny. Precisava ligar para Alex. Meu Deus, como aquele homem era bonito.

À medida que o carro viajava pela Hollywood Boulevard para mais longe — geograficamente — de James Jacobs, mais longe eu me sentia da realidade. Com certeza, nada daquilo tinha acontecido. A única coisa certa era que Jenny não gostou quando avisei que ia mais cedo para o quarto de novo.

— É a segunda noite seguida que você me abandona, Angie — ela gritou acima do ruído do bar. — Na boa, fala sério. Agora que já vomitou, podia muito bem voltar à ativa.

— Jenny, eu bem que queria — menti entre dentes. Tudo que eu queria era minha cama. — Mas tenho que encontrar o James amanhã de manhã e preciso ligar para o Alex e dormir um pouco.

— Ligar para o Alex?

Aparentemente, essa não era a coisa certa a dizer.

— Você vai voltar para o hotel e ligar para o Alex em vez de vir até aqui me encontrar? — Jenny não estava nada feliz. — Venha até aqui agora e me conte tudinho que aconteceu com o James Jacobs.

— Ela está deixando você de lado por um cara? — Ouvi Daphne falando ao fundo. — Que babaca.

— Não, eu... Jenny, eu só preciso dormir — suspirei. — É sério. Vamos sair amanhã.

— Tudo bem — ela soluçou. — Daqui a pouco você só vai ficar em casa esperando um cara ligar. Só não se incomode de me ligar quando o Sr. Estrela de Cinema lhe der outro bolo. Tenho outros planos.

— Planos do quê? — Perguntei, mas ela já tinha desligado. Jenny não era muito divertida quando estava bêbada e mal-humorada. Por que é que eu tinha a sensação de que Daphne não seria uma boa influência?

De volta ao hotel, tirei meu vestido novo e vesti a camiseta velha do Blondie que eu tinha pegado "emprestada" do Alex antes da viagem. Já devia ter sido lavada umas mil vezes, mas ainda tinha o cheiro do apartamento de Alex, de casa. Disquei novamente o número dele.

-Alô?

— Alex? Sou eu — nunca tinha ficado tão feliz ao ouvir a voz dele.

— Tentei ligar mais cedo.

— Eu sei, desculpe — o.k, então a conversa não ia começar com "Eu amo você, estou com saudades, vou ficar louco sem você". — É que o dia hoje foi absolutamente ridículo.

— Sim, também estive ocupado. Ficamos no estúdio até, sei lá, umas 3 da manhã — respondeu Alex com um bocejo. — Você não deveria estar entrevistando o ator famoso?

— As coisas não começaram muito bem, mas vai dar tudo certo, eu acho. O James é muito,

muito legal — falei, sorrindo ao pensar em Alex com o cabelo escuro bagunçado sobre o travesseiro, minha cabeça repousada sobre o peito dele enquanto ele dormia, seus dedos segurando meu pulso. — Você parece sonolento, está tudo bem?

— Eu estava dormindo — ele bocejou novamente. — E quão legal é esse James? Devo ficar preocupado?

— Não — ajeitei-me para dormir e coloquei o alarme para as 8h. — Acho que você está seguro. Principalmente porque eu...

— Você?

— Porque eu falei sem parar como uma idiota. Com certeza ele acha que eu sou a pior entrevistadora que já conheceu — decidi não contar minha história sobre o vômito no sapato até voltar para New York. Era o tipo de história que devia ser contada ao vivo. — Você tem que voltar para a cama. Não quero ser o motivo pelo qual o mundo terá que sobreviver este ano sem um álbum novo dos Stills.

— É por sua causa que haverá um novo álbum — disse Alex gentilmente. Enrolada com um travesseiro, sorri. Nenhum deus grego de 1,90 metro poderia competir com isso. — Mas e aí, e aquele sexo por telefone que tínhamos combinado?

Eu tinha certeza de que o que ele realmente quis dizer era “Eu a amo e não posso viver sem você”. Mas ele não disse.

— Boa noite, Alex. Durma bem.

— O que você está vestindo?

— Boa noite, Alex — desliguei o telefone e apaguei as luzes.

Meninos.

Capítulo 5

Quando James disse que mandaria um carro, eu realmente não estava esperando uma limusine. E realmente não estava esperando que ele estivesse dentro dela. Felizmente, eu tinha conseguido me arrastar para fora da cama em um horário razoável e estava bem-arrumada. Quer dizer, sequei os cabelos e me maquiei. Tentei ficar o mais longe possível do incidente de ontem com o vômito usando um vestido azul de jérsei Ella Moss, evidência do meu descontrole com o cartão de crédito na Bloomingdale's. Nada vomitado por aqui. Eu só não conseguia me abaixar de jeito nenhum. Tomara que o famoso se distraia com minhas pernas e não perceba minha completa falta de talento para entrevistas...

— Bom dia, srta. Clark — cumprimentou James sentado do outro lado do banco da limusine, como se não houvesse espaço o suficiente. Talvez ele estivesse confuso com meu traseiro tamanho 40. Considerando que a maioria das garotas que eu tinha visto no Chateau Marmont devia pesar 40 quilos, dava para entender por que ele se preocupara com minha circunferência. — Você parece muito bem.

Compreendi o código para "não prestes a vomitar".

— Muito obrigada, sr. Jacobs — respondi com um sorriso vitorioso — Pelo amor de Deus, eu já tinha vomitado na frente do homem, não tinha o menor cabimento ficar tímida.

— Deixe-me apresentar meu assistente, Blake — James apontou na direção de um loiro muito bonitinho, mas com cara de estressado, sentado no canto oposto da limusine. Que vergonha, eu nem tinha reparado nele; estava muito ocupada admirando as coxas grossas de James nos shorts curtos que ele estava usando. Tudo pesquisa para a entrevista, é claro. — Estávamos correndo nas colinas. Bem, eu estava, pois o Blake preferiu ler o Perez Hilton no BlackBerry.

— Cale a boca — Blake estendeu a mão. — Desculpe por não ter conseguido encontrá-la ontem?

— Ah, tudo bem. Quanto menos pessoas envolvidas no que houve ontem, melhor — respondi, cumprimentando-o e balançando a cabeça educadamente.

Blake era bem bonito, exatamente como eu descreveria um garoto da Califórnia: cabelos louros bagunçados, bronzeado incrível e aparência atlética em seu uniforme esportivo. Se ele não estivesse acionando meu "gaydar" loucamente, eu com certeza o apresentaria à srta. Jenny Lopez.

Bem, se é que a srta. Jenny Lopez conseguiu voltar para casa ontem. Dei uma olhadinha no quarto dela antes de descer para encontrar James e vi que a cama ainda estava feita, com jeito de não ter sido utilizada. Olhei para a minha (razoavelmente sofrida por ter ficado no chão do banheiro do The Ivy) bolsa Marc Jacobs para ver se ela tinha respondido minha mensagem de

texto. Nada ainda.

— Bem, enfim, estou aqui para garantir que você vai abordar somente os assuntos aprovados, e, se a qualquer momento eu disser "Pare", nós paramos e a entrevista acabou, o.k.? — Latiu Blake. — Você recebeu a lista de assuntos aprovados?

Assuntos aprovados... Tentei esconder a cara de "Será que estava em um dos papéis que a Cici me deu e eu deixei no hotel?".

— Claro.

Claro que era um dos papéis que Cici me deu e eu deixei no hotel.

— Fantástico — continuou Blake, como se James nem estivesse no carro. Eu estava tentando prestar atenção, mas quem é que consegue ouvir instruções quando James Jacobs está sentado a poucos centímetros de distância e fazendo uma carinha linda de "Essas regras não são uma bobagem?" Concentre-se. Concentre-se. — A ideia da entrevista é apresentar aos leitores o "verdadeiro James Jacobs". Então, queremos que mencione os filmes, os hobbies, suas ambições para o futuro. E você sabe do que não queremos falar.

— Ele quer dizer sexo, drogas e rock and roll — sussurrou James teatral. Foi a deixa para minha primeira risada ridiculamente alta levemente histérica do dia.

— Hilário, James, simplesmente hilário — Blake ergueu uma sobrancelha bem delineada. — Vamos fazer piadinhas na frente da repórter.

Não escreva isso.

— Ah, pode deixar, eu não... — parei, respirei fundo, e recomecei. Estou aqui para trabalhar com vocês, e não para tentar enganá-los ou algo assim — uau. Eu tinha soado muito profissional, hein?

— Nós sabemos, Angela — James esticou o braço e pegou minha mão. Calma, meu coraçãozinho palpitante e retumbante. — Blake é bastante cuidadoso. Alguns repórteres só estão atrás de histórias escandalosas. Estou preocupado porque acho que vai se decepcionar. Bem que eu queria que minha vida fosse tão emocionante quanto parece nos jornais.

Blake me lançou um sorriso tenso e concordou com James. Hum. Ainda não tinha passado pela minha cabeça que talvez esse trabalho fosse bem difícil. Quanto treinamento para lidar com a mídia este cara não teve? Se James não ia falar nada, sobre o que é que eu ia escrever?

— Com certeza será ótimo — respondi, tirando da bolsa o gravador e meu bloquinho e minha caneta novinhos em folha para entrevistar estrelas. — E quais são os planos para hoje?

— Muito emocionantes — James esticou-se até o frigobar (limusines são demais) e me entregou uma garrafa de água antes de jogar uma para Blake e abrir uma terceira para si. — Tenho que ensaiar no estúdio esta manhã. Pensei que talvez você gostaria de ver o set, conhecer os outros atores do elenco?

— Parece divertido — disse casualmente. Eu ia ver o set! Conhecer os atores!

— Depois, pensei que poderíamos almoçar. Eu poderia mostrar alguns dos meus lugares preferidos em Hollywood.

— Seria ótimo — minha cabeça ouviu lugares em Hollywood, mas meu estômago ouviu "almoçar". Eu tinha passado tanto tempo me arrumando que esquecera completamente o café da

manhã, e como tudo que eu comera ontem tinha ido parar nos arbustos na porta do bangalô de James, estava faminta. Daria meu braço direito por um Jaffa Cake. — Estou ansiosa para ver seus pontos preferidos da cidade. Devo dizer, ainda não me apaixonei por Los Angeles.

— Não? — James parecia surpreso, mas ignorou o tsc-tsc alto de Blake. — Não foi completamente seduzida pelo sol? A maioria dos ingleses adora este lugar.

— O sol é uma delícia — concordei —, mas acho que outra cidade já conquistou meu coração. Moro em New York — eu gostava tanto de dizer isso.

— Eu também gosto de New York, mas Los Angeles é simplesmente fantástica — ele insistiu. — Onde você esteve até agora?

— Hum, o Beverly Center, The Ivy e o Toast. Onde você me deu um bolo — respondi.

— Ah, é, desculpe por isso — James abriu outro sorriso. Sério, como é que alguém podia ficar bravo com ele? — Meu voo atrasou. Bem feito para mim, que aceitei fazer um filme no Canadá. E não me admiro por você ainda não gostar daqui. Esteve em um shopping center e em uma armadilha para turistas. Acredite, vou lhe mostrar alguns lugares legais. Agora, me conte como foi parar em New York.

Durante todo o caminho de Hollywood até Century City, contei para James a história de como eu tinha me apaixonado por New York, lembrando minha jornada de madrinha quebradora-de-mão à colunista de revista e blogueira, incluindo uma bolsa nova, uma nova melhor amiga e um novo namorado supersexy. E quando falei de tudo aquilo, até que me pareceu bem legal. Mas, também, deixei várias coisas de fora.

— Então você namora o vocalista do Stills? — James parecia impressionado. — Eles são muito bons. Acha que teriam interesse em compor trilhas sonoras? Seriam perfeitos para meu próximo filme.

— Alex quer muito trabalhar com filmes — disse animada. Veja só, sou a namorada bem relacionada do ano. — Você deveria conversar com ele, com certeza.

— Por que não liga para ele? — Sugeriu James, tirando o BlackBerry das mãos de Blake e entregando-o para mim. — Vamos lá, eu adoraria falar com ele. Sou um grande fã.

Como o homem bonito pediu com tanta delicadeza e como Blake parecia tão irritado, disquei. E, como já imaginava, Alex não atendeu.

— Fazer o quê — James jogou o BlackBerry de volta para Blake e riu. — Podemos falar com ele mais tarde. Acho que chegamos. Você sabia que a sede da Fox era o edifício Nakatomi, de *Duro de Matar*?

— Sério? — Gritei, colocando a cabeça para fora da janela como um labrador animado.

— Pois é — James me puxou de volta para dentro e passamos direto pela segurança. — Também apareceu em *Alvin e os Esquilos,* mas *é* melhor nem falar sobre isso.

— Você atuou em *Alvin e os Esquilos*? — Perguntei, estreitando os olhos.

James me encarou.

— É melhor nem falar sobre isso.

É, viva Hollywood.

Por algum motivo, pensei que poderia passear pelo estúdio sem problema algum, como se sempre frequentasse sets de filmagem e achasse que ver o Adam Sandler passar por mim em um carrinho de golfe fosse normal em uma segunda-feira; mas acabei sendo uma verdadeira caipira deslumbrada. Andar por lá com James também não ajudava. Quase todas as pessoas pelas quais passávamos queriam falar com ele ou pelo menos inventar alguma desculpa idiota para tocar seu braço, dar um tapinha nas costas, apertar carinhosamente o antebraço ou lançar um olhar sensual. Tentei não ficar com ciúmes, porém estava me sentindo completamente invisível.

— É aqui que vamos filmar hoje — disse James depois que a sétima assistente do assistente do assistente do dia tinha terminado de tagarelar sobre como ela se sentia privilegiada por estar trabalhando com ele.

Do lado de fora, parecia apenas um galpão enorme, cor de areia e desbotado pelo sol, como tudo mais que eu vira em Los Angeles. Entretanto, assim que James abriu a porta e entrei, uma coisa louca aconteceu. Estávamos em Londres. Virei-me para olhar para fora. Lá fora, a ensolarada e iluminada Los Angeles. Aqui dentro, Londres ao pôr do sol. Trafalgar Square, para ser mais exata.

— Fala sério — balbuciei, pisando com cuidado, completamente desorientada. — Isso é bizarro.

— Assim não fico com saudade de casa — comentou James, pegando na minha mão e me conduzindo por um labirinto de cabos e câmeras — Já subiu em um leão da Trafalgar Square?

— Não — olhei ao meu redor. — Na verdade, não. Que triste, não acha?

— Pode fazer isso agora, se quiser — disse James, apontando para uma réplica perfeita de um leão da Trafalgar Square, ao lado de uma meia coluna sem estátua. — Dê-me seu telefone, vou tirar uma foto.

Era loucura. Ali dentro, apesar dos quilômetros e quilômetros de cabos e lâmpadas, meu cérebro não conseguia aceitar que ainda estávamos em Los Angeles. Não conseguia acreditar que estávamos em um galpão fechado. As coisas que eles fazem com a iluminação... James insistiu e eu subi em um leão, um pouco chocada por perceber que ele não era feito de bronze, e sim de algo um pouco menos sólido e quente.

— Isso vai quebrar? — Perguntei, tentando passar minha perna para o outro lado sem mostrar a calcinha. — Não parece muito sólido.

— Está tudo bem — insistiu James, fazendo o enquadramento com a péssima câmera do meu celular. — Só tente não chutar. A Jessica Alba subiu aí esses dias e ficou tudo bem.

Agarrei-me ao pescoço do leão, tentando não pensar em quantas Jessicas Albas eu pesava e rezando para os deuses da cenografia, pedindo que esse leão fosse feito de um material que aguentasse o peso de pessoas normais, não só de esfomeadas de Hollywood. Um rangido baixinho foi o suficiente para me convencer de que não era.

— Não sei se vou conseguir descer — falei, tentando não entrar em pânico. Certamente, este não era meu momento de glória — É sério.

James riu, colocou meu telefone no bolso de trás da calça jeans e estendeu as mãos.

— Venha, pule.

— Não posso — respondi, segurando o leão um pouquinho apertado demais entre as coxas. — Estou presa.

— Você não vai conseguir fazer a entrevista daí, não é? — Ele disse. — E tenho uma cena aqui em cerca de uma hora. Já li o roteiro: você não está na cena. Pule.

Pressionei os lábios e fechei os olhos. Isso não seria nada bonito, por mais que eu tentasse ser delicada. Dobrando a perna para trás e quase a deslocando, escorreguei pelo leão o máximo que pude e logo senti que estava escorregando muito mais rápido do que tinha pensado.

— Droga! — Choraminguei, caindo nos braços estendidos de James.

— Essa vai ser a melhor entrevista de todos os tempos, hein? — Perguntou o astro.

Com um imenso autocontrole, afastei-me de seu peito forte e largo e tossi, sem saber se ajeitava primeiro o cabelo ou a saia.

— Provavelmente não vou mencionar esta parte — falei, aceitando meu telefone de volta. Estava quentinho por ter ficado no bolso dele. — Mas este set é incrível.

— É — ele concordou, olhando ao redor. — Porém, sempre acho uma loucura que gastem tanto dinheiro com um cenário. De qualquer forma, não daria para explodir uma parte da verdadeira Trafalgar Square.

— Vão explodir uma parte disto aqui? — Perguntei, torcendo para que meu leão não estivesse incluso.

— Droga, eu não deveria revelar nada sobre o roteiro — James fechou um zíper imaginário diante da boca. — Não falei nada.

— É claro — respondi. — Vão explodir hoje? Posso assistir?

— Está com sede de sangue, é? Não, sinto muito, Trafalgar Square só será destruída na semana que vem.

— James! — Blake gritou dos degraus da National Gallery e apontou o relógio de pulso. — Trailer!

— Quer ver meu trailer? — James ergueu uma sobrancelha perfeita.

Ergui a minha.

— Aposto que você diz isso para todas — falei.

— Talvez algumas — ele admitiu, colocando o braço ao redor do meu ombro e caminhando comigo na direção do pôr do sol em Waterloo.

Se passear pelo set tinha sido como visitar Londres, entrar no trailer de James era como entrar no paraíso. Eu nunca, jamais tinha visto alguma coisa tão gostosa. Fazia o The Union e o The Hollywood parecerem albergues.

— Este lugar é incrível. Para que você tem uma casa? — Subi os degraus até o lounge. Três imensos sofás fofos dominavam o espaço, todos virados para uma enorme TV de tela plana, com uma linda mesa de centro. Sob a TV havia um aparelho de DVD, um aparelho de Blu-ray e vários videogames. Era basicamente o paraíso de qualquer garoto.

— Fica meio chato depois de um tempo — disse James, a mão pairando sobre uma tigela de frutas, mas finalmente mergulhando em um pote de M&Ms. — Às vezes o que eu queria mesmo

era voltar para a casa da minha mãe. Já tem voo direto para Sheffield, não é? Poderia chegar lá em um dia.

— Sheffield? — Olhei para James com curiosidade. — Pensei que você fosse de Londres.

— Proibida! — Gritou Blake da cozinha. Ele colocou a cabeça para fora da porta. — Não vamos falar sobre o passado de James, srta. Clark.

— Ok. — Joguei-me em um dos sofás macios e guardei a informação.

— Então, o James vai trabalhar de verdade. Vamos levar, sei lá, umas duas horas. Você fica aqui? — Enquanto Blake o empurrava porta afora, James encolheu os ombros desolado e me lançou uma piscadela irresistível.

— Perfeito — disse para mim mesma, tirando o laptop da bolsa. Já era quase meio-dia e meu blog não ia se atualizar sozinho. Não seria nada mal tentar entregar o post na hora...

As Aventuras de Angela: Histórias em LA

Então, finalmente posso contar meu segredo... neste momento, neste exato segundo, estou escrevendo para você diretamente do trailer de um ator muito legal, muito talentoso e, veja bem, muito gato. É sério, estamos falando de uma estrela de primeira categoria, superlindo, 100% sensacional.

O melhor de tudo (mas que você não vai dar a mínima) é que vou entrevistá-lo para a The Look — minha primeira entrevista de verdade! Mas essa não é a parte mais chata (a não ser que eu faça uma porcaria de entrevista, o que seria meio trágico): o pior mesmo é que não posso contar quem é.

Eu sei, que chatice.

O que posso fazer é contar tudo sobre Los Angeles e todas as minhas aventuras aqui... Que por enquanto não passaram de umas compras e de passar mal diante de um bangalô no Chateau Marmont. Eu sou cheia de classe, sei disso. Mas sério mesmo, quem liga? Por que não estou amando este lugar? Fiquei tão empolgada em deixar a neve de New York, e agora Los Angeles me parece um pouco vazia e impessoal, e nada glamorosa e excitante. Será que estou fazendo alguma coisa errada? Se tiver alguma dica, por favor, mande um e-mail dizendo aonde é que eu deveria ir. E, sim, antes que me perguntem, eu estou de carro.

É claro que as coisas podem melhorar quando o Sr. Estrela de Cinema me levar para passear hoje à tarde... Estou fazendo tudo isso por vocês, sabem disso, não é?

Com o post escrito e enviado por e-mail para Mary, em New York, coloquei os fones de ouvido do gravador e me preparei para fazer anotações. Hum. Eu dizendo para James como tinha ido parar em New York. James rindo. Blake me dizendo que eu só podia abordar assuntos aprovados. James rindo. Até agora, só o que eu tinha para a entrevista era: James Jacobs adora rir.

Antes que eu pudesse começar a entrar em pânico, ouvi o telefone vibrando na bolsa. Mary — Escritório. Ai.

— Oi, Mary — atendi, sentando-me bem na ponta do sofá e ativamente não roendo as unhas. — Recebeu meu texto?

— Sim. Você passou mal na frente do bangalô dele? — Mary não gostava de rodeios.

— É, pois é, intoxicação alimentar — menti. — James não sabe de nada disso, mas achei que

ficaria engraçado no blog.

— Certo — sei que ela não tinha acreditado em mim nem por um segundo. — Está tudo bem? Já conseguiu alguma coisa boa?

— Sim?

— Quer me enviar? — Mary perguntou.

Parei ativamente de não roer as unhas.

— Não está pronto — falei.

— Não está pronto? — Ela se surpreendeu.

— Sou uma perfeccionista — justifiquei.

— Certo. Envie alguma coisa amanhã — ela concluiu.

Não sei se era bom ou ruim ela ter desligado o telefone sem chutar meu traseiro, mas definitivamente não era bom. Mary podia ter concordado que eu fizesse a entrevista. Contudo, se as coisas parecessem ruins, ela me tiraria dali em um piscar de olhos, e eu não podia deixar que isso acontecesse. Essa era minha chance; queria muito que desse certo. Em algum momento, eu tinha colocado na cabeça que, se podia fazer isso, poderia fazer qualquer coisa. Que talvez Mary me enviasse tarefas mais empolgantes do que fazer a resenha do último álbum da Christina Aguilera. Eu tinha que fazer um bom trabalho. Mesmo que não tivesse nenhuma experiência, antecedentes ou razão para acreditar que conseguiria Droga.

Então, o que eu tinha aprendido sobre James Jacobs? Ele gostava de correr nas colinas, tinha acabado de rodar um filme no Canadá e podia ou não ser de Shetheld. Hum. Não é suficiente nem para um status no Facebook, quanto mais para uma entrevista.

"O.k., Angela", pensei comigo, "assim que James voltar para o trailer, você vai ser uma jornalista durona. Vai ser a entrevistadora mais investigativa do mundo. Vai conferir sua maquiagem para ter certeza de que ainda parece um ser humano. E então, é claro, James vai aparecer quando estiver com dois riscos enormes de Touche Eclat enfatizando as imensas bolsas nos olhos." E ao lado dele, é claro, estava Blake.

— Bem, Angela Clark, você é mesmo uma beleza rara — ele me lançou um de seus sorrisos mais encantadores. Era incrível que não achasse que todas as pessoas do universo eram deficientes mentais, porque era muito difícil dar uma resposta coerente a um sorriso daqueles.

— É um fardo difícil de carregar. — Respondi. — Então, o que vamos fazer?

— Por hoje, terminei o que tinha a fazer aqui — James se esticou, encostando as pontinhas dos dedos no teto do trailer. — Só vou me trocar e, depois, pensei em darmos uma volta pela cidade.

— Parece ótimo — concordei, observando enquanto ele desaparecia para outro cômodo, permitindo que eu desse batidinhas (esfregar, nunca) na maquiagem mágica para melhorar minha pele e desse uma olhada no telefone. Nada de Jenny; nada de Alex. Era tão bom se sentir amada. Mandei uma mensagem curta para Jenny para saber se ela estava viva, mas não consegui elaborar uma adequada para o Alex antes que James reaparecesse com as chaves do carro na mão e Blake ao seu lado. Levei um tempo para parecer natural.

— Então, para onde vamos? — Perguntei, largando o telefone na bolsa.

James estendeu a mão e me levantou.

— Vamos mostrar LA para você. Está pronta?

Do lado de fora do trailer, a limusine de James tinha misteriosamente desaparecido para dar lugar a uma imensa picape azul petróleo. Ai, senhor.

— Um Hummer? — Tentei não erguer a sobrancelha diante do clichê. Muito Entourage.

— Um H2H: um Hummer movido a hidrogênio. Não julgue o livro pela capa, Angela.

James abriu a porta.

— Você está longe de casa mesmo, James Jacobs — testei, balançando a cabeça e entrando no carro.

— Proibida — Blake me 'ajudou' a embarcar com um tapa no traseiro. — Honestamente, srta. Clark, não vamos falar do passado de James de jeito algum... — mas, antes que ele pudesse embarcar atrás de mim, James se debruçou, puxou a porta e correu para o banco do motorista. Ele ligou o motor e deu um tchauzinho para o assistente assim que saímos da vaga.

— Tchau, Blake. Vou mantê-la nos assuntos aprovados, não se preocupe — gritou James ao se afastar fazendo um gesto dramático de ''não consigo ouvi-lo" para o furioso assistente enquanto acelerava e saía do estacionamento. — Assim, adoro aquele cara, mas como é que vamos fazer essa entrevista se ele ficar latindo "proibido" a cada dez segundos?

— Concordo plenamente — abri a janela, tentando ignorar as borboletas que voavam no meu estômago enquanto saíamos do estúdio e entrávamos na Avenida das Estrelas. Não era só por causa do nome ridículo da rua, mas também por cruzá-la a alta velocidade em um carro enorme e chamativo. E por causa do sorriso imenso e genuíno no rosto de James. — Você não tem medo que eu vá fazer alguma pergunta terrivelmente inapropriada e publicar um monte de porcaria na revista?

— Até parece — ele sorriu

— Que tal? — Perguntou James assim que paramos.

Pela segunda vez naquele dia, meus olhos pousaram em algo inacreditavelmente bonito. Tinha estado tão ocupada revirando o iPod de James na picape, tentando descobrir seu estilo musical (impossível: ele tinha tudo, de Strauss aos Stones — e Stills, é claro), que nem me dera ao trabalho de olhar pela janela uma única vez até pararmos.

Por que olharia? As ruas não eram interessantes como em New York ou Londres. Ninguém andava para lugar nenhum, as fachadas das lojas eram teias ou estragadas: não havia absolutamente nada para ver. Mas, enquanto eu estava ocupada não prestando atenção, o mar aparecera não sei de onde. O Hummer estava cercado de pessoas rindo, correndo, passeando de patins. Estávamos na praia.

Praticamente me atirando da picape, corri até a areia, deixando uma sandália para trás.

— Isso é incrível — disse mais para mim do que para alguém que estivesse ouvindo. — Olhe só.

— Aqui é Malibu. Bem melhor que Skegness, não acha? — Perguntou James baixinho, mostrando meu sapato abandonado. Ele se ajoelhou tomou meu pé descalço nas mãos e colocou a sandália. Instintivamente, perdi o fôlego e o equilíbrio e me segurei nos ombros de James. O que foi legal, até meu fôlego e equilíbrio decidirem que não iam mais voltar e eu caí em câmera

lenta, bem em cima de James.

— Melhor que Skegness — murmurei.

Eu só estava com uma leve sensação de que a minha saia estava erguida bem acima da minha calcinha, mas tinha total consciência das manchinhas verdes nos olhos azuis de James, da cicatriz na sobrancelha que restara de um piercing já desaparecido e de como cada mecha do cabelo dele era ridiculamente brilhante. Em algum lugar não muito profundo, meu relógio biológico se ajustou para o horário do Pacífico e senti um desejo intenso de ter todos os filhos de James. O mais rápido possível.

— É a segunda vez que você cai nos meus braços hoje — James me encarou por um momento e tirou o cabelo do meu rosto. — Sabe, seus olhos são muito bonitos.

— O quê?

— Seus olhos são muito bonitos — James me afastou gentilmente e se sentou. — Muito azuis. Já pensou em escurecer o cabelo?

— Hein? — Sério, eu estava praticamente montando nele na praia e ele estava me perguntando o que eu achava de tintura capilar?

— Desculpe — ele disse, delicadamente me ajudando a levantar e desviando os olhos enquanto eu me afastava. — Passo tempo demais com maquiadores. Sempre dizem que, se meu cabelo fosse mais escuro, meus olhos pareceriam mais azuis. É o que falam.

— Maquiadores — concordei. — Então, nenhuma daquelas mulheres lindas com quem você aparece nas fotos?

— Proibido — James sorriu, pegando na minha mão e me levando pela areia. — Fique quieta e venha.

O mar sem fim se derretia entre o céu azul sem nuvens e a praia dourada, mas não tinha como competir com o toque da pele dele. Com certeza, os arrepios que subiam e desciam pelas minhas costas desapareceriam se eu pudesse falar com o Alex. Porém, meu telefone só teve a decência de fazer barulho urna vez, e era para lembrar que a reprise de *Gossip Girl* estava começando. Ou estaria, se eu estivesse em New York e não em Malibu. Balancei a cabeça mentalmente e respirei fundo. Ou eu teria que simplesmente tirar o Alex da cabeça e continuar com a entrevista, ou teria uma semana de historinhas vergonhosas e um gravador vazio.

— Podemos nos sentar um pouco? — Pedi, tirando as sandálias e desmontando minha parafernália “sou muito profissional ”.

— Nossa, acho que sim — James fez uma careta. — Eu sei que você é jornalista e tudo o mais, mas será que podemos pelo menos tentar nos divertir? Vou contar um segredo, não sou uma grande celebridade.

— Vou tentar — respondi com ironia — Então, vou contar um segredo também: não sou uma grande jornalista.

— Não seja modesta — ele retrucou. — Já li seus textos, e você é ótima.

— Não tem pessoas para lhe fazer esse tipo de coisa? — Perguntei, tentando não me sentir lisonjeada demais. — Certamente, não foi você quem leu.

— Na verdade, só tem o meu empresário, um contador em algum lugar para garantir que eu

não vá à falência e o Blake. Quando mudei para cá, tinham várias pessoas ajudando, mas não deu certo. Nunca fui muito bom em deixar os outros pensarem e falarem por mim, e não gosto de ter muita gente ao meu redor sem saber se são de confiança ou não. Essa é uma das razões pela qual estou fazendo isso — ele virou a cabeça e olhou diretamente para mim. — O Blake é... O Blake é ótimo para organizar minha vida. No entanto, acho que ele não é a melhor pessoa para lidar com jornalistas. O pessoal da imprensa daqui é, sei lá, um pouco demais. Eles têm que saber todas as mínimas coisinhas que alguém fez ou pode vir a fazer. Não há privacidade nenhuma, nunca. Isso, aliás, não é para entrar na entrevista.

Ergui o gravador.

— Prefere que eu desligue?

Em vez de responder, ele tomou o aparelho da minha mão, virou-o algumas vezes e deu uma boa olhada. Antes de atirar no mar.

— Não se preocupe — ele disse.

— Nunca peça meu telefone emprestado — falei, imaginando como poderia explicar essa despesa de viagem. Droga. — Bom, então vamos lá. O pessoal da revista disse que queriam fazer uma entrevista para explicar a todas as suas fãs ardorosas que você não é apenas um conquistador barato de Hollywood, e sim um artista incompreendido em busca da mulher perfeita. Está bom para você?

— Ah, parece legal, vamos fazer desse jeito. O que precisa de mim? — Ele perguntou, concentrado em passar filetes de areia entre os dedos. — Sou completamente seu de hoje até o fim de semana.

Tentei não pensar no que ele queria dizer com "completamente seu" e pensei no trabalho que tinha a fazer. Ish.

— Tenho um bilhão de perguntas, mas, para ser honesta, nunca tive que parar e pensar em perguntas antes. Que tal se nós conversarmos, de vez em quando eu menciono os assuntos que temos que abordar, e assim que escrever alguma coisa, você confere antes de mandar para minha chefe?

— Você nunca vai conseguir emprego na *Vanity Fair,* sabia? — Ele balançou a cabeça — Mas, para mim, está perfeito.

— O.k. — assenti. — Porém, antes de começarmos, queria perguntar uma coisa. E, sim, já estou ouvindo o Blake dizer “proibido”, mas, como você atirou meu gravador no oceano, vou perguntar mesmo assim. De onde você é?

— Bem, Angela Clark, eu frequentei a escola de teatro em Londres...

— Não a biografia oficial, obrigada. Onde você nasceu? — Insisti. Ele ia me contar a verdade nem que eu tivesse que morrer por isso.

— Tudo bem, tudo bem, aliás, fico surpreso por não saberem disso — ele deu de ombros. — Sou de South Yorkshire. Perto de Sheffield.

— Fale sério! — Ri alto. — Meus avós moravam em Sheffield; passei muitos verões lá. Percebi que você tinha um sotaque, só não consegui descobrir de onde.

— O que esperava? Eles não gostam muito de “as colina são verrrde” na RADA — ele

respondeu, ameaçando-me com um punhado de areia. — E cadê o seu sotaque de Yorkshire?

— Eu não disse que era de lá, apenas que passava um bom tempo tendo chiliques no chão da loja de brinquedos Redgates quando era criança — esclareci. — Memórias felizes.

— Ahh, Redgates. Comprei todos os meus bonequinhos do Star Wars lá. Foi assim que descobri que queria ser ator. Queria um bonequinho de plástico igual a mim, como o meu Luke Skywalker — ele fez um montinho de areia entre nós e o amassou com a palma da mão. — Pensei que fizessem bonequinhos de todo mundo, sabe? E quando minha mãe disse que eram só de pessoas que apareciam nos filmes, decidi que seria um astro do cinema. Nossa, não penso na Redgates há anos. Minha mãe me levava lá no meu aniversário e, depois, íamos ao Wimpy on the Moon. Não é uma loucura?

— Com certeza — concordei. — Quem poderia imaginar: James Jacobs, o gatão de Hollywood, nascido e criado no Yorkshire.

— Bom, naquela época eu não era James Jacobs — ele sorriu. — Era apenas Jim.

— Jim? — Tentei segurar o riso. — Jim Jacobs?

— Ei, qual o problema com Jim? Meu pai é escocês — ele explicou.

— Nenhum, mas entendo por que decidiu trocar — falei e me recompus. — Você não conhece muitos Jim sexy ou Jim gato, não é?

Acho que não — ele disse, rindo de alguma coisa que com certeza não iria me contar. — É sempre o velho Jim ou o Jim maluco.

— E Jim gordo — completei.

— Está me chamando de gordo? — Ele me empurrou para o lado, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio e caísse na areia escaldante.

— Não! — Respondi, evitando pensar em quantas vezes ele já tinha visto minha calcinha. — Chamei de Jim gordo.

— Olhe, gordo ou não, só de pensar no Wimpy fiquei com fome — comentou ele, levantando-se em um pulo e me levando com ele. — Vamos comer alguma coisa.

Concordei e o segui, tentando não me distrair com a bundinha dele dentro do jeans enquanto caminhávamos pela areia. Ele era um comercial ambulante da Levi's. Não fazia o menor sentido que tivesse passado a juventude em qualquer lugar que não fosse um catálogo da Abercrombie & Fitch.

— E quando você saiu de Sheffield? — Perguntei.

— Aos 18 anos. Fui estudar teatro em Londres e nunca mais voltei — ele respondeu, desligando o alarme do carro. — Meus pais se mudaram e não há muitas oportunidades para atores por lá. Quer dizer, tinha a pantomima no Teatro Crucible, mas, quanto menos falarmos sobre isso, melhor.

— Pantomima? — Indaguei.

— Quanto menos falarmos de pantomima, melhor — ele repetiu sério. — Acho estranho que as pessoas não saibam de onde eu sou. Fiz sucesso aqui e todos pensam que sou de Londres. Você vai me revelar para o mundo?

— Posso? — Perguntei esperançosa porque, finalmente, teria algo para escrever.

— Vamos fazer assim — ele respondeu. — Pode escrever se prometer que não vai mencionar a palavra pantomima em relação a mim. Nunca.

Pensei por um momento.

— Hum, bem... — resmunguei.

— Angela... — era mais um aviso do que qualquer outra coisa, mas era bom ouvi-lo dizer meu nome.

— É justo — concordei

De volta ao carro estacionado, dei uma olhada rápida no telefone e vi algumas chamadas não atendidas de Jenny. Mordi o lábio. Meu telefone devia estar vibrando todo esse tempo enquanto estávamos sentados na areia, e isso nem me passou pela cabeça.

— Namorado? — Perguntou James, olhando do telefone para minha expressão levemente tensa. — Se quiser ligar para ele, posso me distrair com alguma outra coisa.

— Não — respondi, jogando o telefone dentro da bolsa. Afinal, eu estava trabalhando; Jenny entenderia. — Está tudo bem. Você não quer ligar para o Blake? Ele deve estar doido.

— Aposto que sim — James olhou para longe e sorriu. Ele quase passava por uma pessoa normal, mas aí mostrava os dentes. Pense em um sorriso hollywoodiano. — Olhe só, vinte chamadas perdidas do Blake.

— É mesmo? — Fiquei surpresa.

James concordou.

— Ele está sempre preocupado. É o trabalho dele — ele justificou.

— E você não vai ligar? — Quis saber.

— Ele espera. Agora, aperte o cinto, porque eu dirijo como um louco. Aparentemente.

— Imagine — apertei o cinto. — Para onde vamos agora?

— Na boa? Você me deu uma canseira — ele disse, ligando o motor ridiculamente alto. — Então, só tem uma coisa que podemos fazer...

— Ah, meu Deus — murmurei. — Acho que estou no paraíso.

— Você é demais — James parecia chocado. — Não lembro quando foi a última vez que comi um hambúrguer com uma menina que comeu o pão. Ou a carne.

— Bem, então prepare-se — avisei, esticando o braço sobre a mesa para pegar uma porção de batatinhas fritas. — Vou me jogar nos carboidratos. Havia vários pontos positivos em andar por aí com uma estrela de cinema. Dava para largar o trabalho no meio do dia e ir para a praia conversar com um guarda de trânsito e trocar uma multa por excesso de velocidade por um autógrafo para a filha dele, de 14 anos; e conseguir uma mesa no 25 Degrees, a lanchonete mais incrível de todo o mundo, apenas sorrindo para o garçom. Tentei não me sentir convencida quando passamos pelas pessoas que estavam esperando uma mesa, mas foi difícil. Sim, esse era o James Jacobs e, sim, ele estava comigo. Eu sabia que ele só estava comigo porque era uma questão de trabalho, mas ainda assim era bem adorável.

O que não foi adorável foi pensar na cara que eu estava, com todas essas pessoas me olhando.

Eu mal tinha retocado o gloss desde que saímos do estúdio. E por mais que não estivesse completamente desacostumada a ver as pessoas comentando baixinho sobre o homem com quem eu estava, isso era diferente. Um monte de gente sabia quem era o Alex no Brooklyn, mas a diferença era que na fila do Starbucks perto da casa dele pelo menos três das cinco pessoas à sua frente tocavam em uma banda. Enquanto aqui, por mais que procurasse, não tinha mais ninguém indicado para Melhor Luta, Melhor Beijo e Melhor Ator no MTV Movie Awards do ano passado. E eu tinha certeza absoluta de que não tinha nenhum outro competidor do "Peitoral da Semana" da Heat em um raio de cem metros.

— Eu só tenho que... — não conseguia completar a frase; nada parecia adequado. Então, simplesmente escorreguei pelo banco de couro, segurando minha (amada e agora meio cheia de areia) bolsa. O restaurante era comprido e estreito, então não havia como se esconder das dezenas de pares de olhos que me seguiram até o banheiro. E não podia culpá-los: no lugar deles, também teria olhado.

— Você é mesmo namorada do James Jacobs?

O que eu não teria feito, no entanto, era seguir alguém, agarrar seu braço e fazer uma pergunta mal-educada dessas. Mas também pudera, visto que não era uma menina imensa, com cara de brava, cabelos tingidos de vermelho forte e usando uma pochete.

— Que foi? Por acaso é retardada? — ela questionou com os braços cruzados e o rosto completamente irado.

— Desculpe, não, eu sou... — parei e olhei para trás. James continuava devorando a comida, inerte à atenção que estava recebendo. — Não, não sou namorada dele.

— É, eu disse que você não podia ser namorada dele de jeito nenhum — a menina parecia muito aliviada. — Mas a minha irmã... — ela fez uma pausa para apontar para uma menina magrela, também de cabelos vermelhos, acenando de uma mesa do outro lado do balcão. — Ela achou que era, porque a ouviu falar e você é inglesa. É irmã dele? Não parece ser irmã dele.

— Estou fazendo uma entrevista com ele — respondi estupefata. Agora eu precisava muito fazer um pipi. — Então, não, não sou parente e não estou saindo com ele. Com licença? Estava a caminho do banheiro.

— Vou esperar aqui, você tem que me apresentar para ele — gritou a menina nas minhas costas. Não dava para acreditar, será que o Blake tinha que aguentar isso o tempo todo? Nem quero pensar no que aquela garota teria feito se eu fosse namorada dele. Eu tinha lidado com o fato de que algumas garotas deveriam ser apaixonadas pelo Alex (e com o fato menos agradável de que, antes de nos conhecermos, ele era um galinha), mas isso estava no passado. A ameaça das fãs de Alex o seguindo não era nada comparada a de um ator. James era diferente; toda mulher com olhos sabia quem ele era. Bastava combinar aquela aparência com o detalhe de ele ser uma celebridade e com o péssimo pormenor de que era muito, muito legal, para tornar muito fácil para qualquer uma ficar a fim dele. Não que eu estivesse. É sério. Bem, jamais trairia o Alex.

E eu sabia que Alex jamais me trairia. Jamais. Jamais? Não, claro que não. Nem mesmo se eu estivesse em Los Angeles e ele em New York sem mim, compondo para o novo álbum, ficando animado e saindo pelo Brooklyn, e talvez tomando um drinque com o pessoal da banda, que eram todos solteiros, cercados pelo limitado, porém não desprezível, grupo de fãs que acabei de mencionar.

Não custa nada dar uma ligada.

Afundei em uma das poltronas de veludo no lobby maravilhoso. O 25 Degrees ficava dentro do The Roosevelt; era um hotel maravilhoso que eu sentia como se ele estivesse decepcionado pelo meu vestido simples de jérsei, ainda que estivéssemos no meio da tarde. Olhei ao redor e vi nada menos que oito pessoas telefonando. Ninguém vai brigar comigo, então. Na verdade, não tinha um lugar sequer a que eu tivesse ido em que as pessoas não estivessem ao telefone. Acertei o botão de discagem rápida para Alex e deixei tocar. Eram quase 5 horas em LA, e quase 8 horas em New York. Muito tarde para ele estar dormindo, cedo demais para estar escrevendo. Talvez tivesse saído. Ou estivesse cercado de fãs. Louras, magra e lindas se derramando em elogios para ele. E drogas. Ah, céus, com certeza elas estavam dando drogas a ele...

— Angela?

— Oi, eu só queria... — saber se você não está no meio de uma orgia cheia de drogas com um bando de fãs. Ou com a Kate Moss. — Tudo bem? — Perguntei.

— Sim, desculpe, não posso falar agora — a voz de Alex soava como se ele estivesse na rua e imediatamente senti saudades do som das buzinas e sirenes. Fãs buzinando para o meu Alex... — Estou chegando ao metrô.

— Vai a algum lugar legal? — Tipo o quarto de hotel da Kate Moss?

— Vamos experimentar uns materiais em um bar que vai disponibilizar o palco para nós hoje — ele disse. — Ver como as canções ficam ao vivo.

— É mesmo? — Fiquei surpresa com quão triste me senti. Ele ia tocar músicas novas sem mim? — Queria estar aí — falei.

— Quer que eu espere até você voltar?

— Sim. Você espera? — Quis saber.

— Não — ele respondeu.

— Ah — suspirei.

— Você estava brincando, não é? — Disse Alex.

"Não", pensei.

— Sim — respondi —, é claro. Depois você me conta como foi?

— Claro, conversamos mais tarde — e ele desligou.

— Sim, a entrevista vai muito bem. Não, não vou ter um caso com James, mas é bom saber que você se preocupa — murmurei enquanto ligava para Jenny.

— Angie? — Ela atendeu.

— Então você está bem? — Perguntei, fingindo estar chateada. — Onde você ficou noite passada? Com o Joe?

— Não — ela fungou. — Desculpe, Angie, não posso falar, estou ocupada. E não quero que tenha problemas com o seu ator.

Eu não sabia o que dizer, ela parecia meio irritada.

— Está tudo certo com a entrevista. Eu só queria saber se você estava bem. Fiquei preocupada porque não voltou para o hotel noite passada.

— Mas não preocupada o suficiente para ligar antes ou vir me ver noite passada, não é? — Ela retrucou.

— Srta. J, fala sério! — Ouvi Daphne gritando ao fundo. — Está falando com aquela garota inglesa?

— Desculpe, Jenny, eu estava muito mal e sabia que teria que usar o cérebro hoje. Não podemos sair para jantar? — Perguntei. A Jenny de mau humor não era nada legal.

— Não sei se vou poder, estamos saindo — ela disse. — Desculpe, sei que está trabalhando. Eu só achei que fôssemos passar mais tempo juntas. Onde você está?

— No Roosevelt — olhei ao redor, para a linda sala. — É muito bonito aqui.

— O James está com você? — Perguntou Jenny um pouco mais interessada — Será que ele consegue colocar nossos nomes na lista do Teddy's?

— Se eu soubesse o que é isso, pode ser — afirmei.

— É a discoteca que fica no Roosevelt — ela pareceu empolgada pela primeira vez desde que atendera o telefone. — Pergunte para ele e me ligue.

— Tive que comer um pouco do seu hambúrguer — comentou James nada arrependido, assim que voltei à mesa. — Mas se você quiser pedir alguma outra coisa, com certeza poderei ajudá-la.

— Estou bem — respondi, pegando um pedacinho saboroso. — Acho que temos que começar logo a entrevista.

James franziu a testa.

— Na verdade, estou um pouco exausto. O que acha de segurarmos até amanhã? Eu ficaria feliz em ir dormir cedo hoje.

— É justo — concordei. Dormir cedo? Nada a ver com um encrenqueiro de Hollywood. — Eu bem que gostaria de ir dormir, mas tenho o péssimo pressentimento de que vou acabar saindo com uma amiga.

— Sabe para onde vocês vão? — Ele perguntou, pegando o último pedaço do meu pão e partindo para cima das batatas fritas. — Tem uns lugares meio podres por aí, é melhor tomarem cuidado.

— Ela disse alguma coisa sobre um... Teddy's? É aqui, não é? — Eu simplesmente não conseguia pedir a ele que nos colocasse na lista. Era vergonhoso demais.

— Ah, o Teddy's é legal — James mastigou pensativamente. — Mas, não me entenda mal, é muito difícil conseguir entrar. A que horas estavam pensando em ir?

Dei de ombros.

— Sei lá. Tarde, eu acho. A Jenny saiu para fazer... alguma coisa — fiquei um pouco incomodada por não saber o que era essa coisa.

— Não dá para chegar lá antes das 11 h. Fazemos assim, que tal se eu for para o hotel agora e depois voltar para encontrar vocês aqui? Tenho certeza de que vou estar me sentindo melhor mais tarde, e, se estiver com o inimigo, a chance de me meter em confusão é menor — ele disse antes de terminar de beber a Coca Light.

— O inimigo? — Eu estava completamente confusa.

— Jornalista — ele respondeu, acenando para mim.

— Ah! — Quase gargalhei alto. — Desculpe, acho que vou decepcioná-lo.

James colocou o copo na mesa e depois ajeitou uma mecha de cabelo para trás da minha orelha. Sua mão pousou na minha bochecha ruborizada.

— Mas que pena — ele disse.

O dedão dele passou pela minha bochecha, os dedos se enroscaram no meu cabelo. Os olhos azul-escuros dele encontraram os meus, buscando algo com um sorriso tão leve que chegou apenas aos cantos da boca. Respirei lentamente, pensando que era ótimo que eu não tivesse terminado meu hambúrguer, quando meu estômago deu uma pirueta tripla e meu coração foi catapultado para algum lugar da minha garganta.

— Bom, é melhor deixar você ir — murmurei contra a mão dele.

— Desculpe — disse James, baixando a mão e os olhos. — É melhor deixar você ir.

"Isso seria, definitivamente, absolutamente mais difícil do que achei", pensei enquanto zarpava do restaurante. Mas, talvez, por motivos completamente diferentes dos que eu tinha imaginado.

Capítulo 6

A curta caminhada do The Roosevelt até o The Hollywood foi suficiente para me convencer de que o incidente do toque na bochecha na verdade não tinha acontecido. E se tivesse, era só porque, como havia imaginado, James Jacobs não conseguia se comunicar com uma garota se não estivesse tentando levá-la para a cama. Só que não havia sido assim durante todo o dia. Exceto pela aparência, ele era o completo oposto do que eu tinha esperado. Não era arrogante, nem grosseiro e, o que era muito irritante para Angela Clark, a grande entrevistadora, ele não queria falar de si mesmo. Hum. Eu estava pronta para me apaixonar por aquela carinha linda e esperava ranger os dentes para tolerar suas babaquices, mas definitivamente não achava que ele seria gentil. Até mais do que gentil. Então, precisava de uma bebida.

Encostada no balcão do bar da cobertura do The Hollywood, não achei que as letras brancas aninhadas nas colinas fossem mais reais do que tinham parecido ser no sábado. Se morar em New York era como viver em um filme, chegar a Hollywood era igual a entrar no set. Tudo parecia meio artificial, como se o céu e as colinas e o letreiro de Hollywood pudessem ser afastados para dar lugar a uma cidade mais bem-sucedida, se essa não se saísse bem no teste. Encostei-me na sacada e tentei absorver tudo aquilo. Não, ainda não estava caindo naquela história.

— Ei, inglesa. Onde está a Lopez?

— Oi, Joe — sorri quando ele se encostou ao meu lado, a camiseta preta justa colando nos braços. Não lembrava que eram tão grandes, mas imaginei que esse era um dos benefícios de sacudir coquetéis o dia todo. Bíceps instantâneo. — Saí o dia todo, não faço ideia de onde ela está.

— Ah, sim — ele ergueu a mão para esconder os olhos do sol. — A Jenny falou que você ia entrevistar o James Jacobs. Como vão as coisas?

"Ele fez carinho na minha bochecha e acho que ia me beijar e queria muito que tivesse beijado e isso faz de mim uma pessoa horrível porque eu tenho um namorado maravilhoso, mas ele não me liga nem manda mensagem e acho que tudo bem, porque ele é uma estrela de cinema, não é?" Foi o que pensei.

— Legal, acho — foi o que eu disse.

Joe deu uma risada zombeteira.

— O cara é um babaca. Adoraria ouvir as asneiras que ele anda contando.

— Na verdade, não — fiquei um pouco surpresa. Não conhecia bem o Joe, mas ele não parecia um cara ciumento. — Ele não é como você pensa. Nem como o pintam nas revistas.

— For favor, eu não leio essas porcarias — Joe virou-se, ficando de costas para a amurada —

Eu o conheci e estou dizendo, ele é um babaca.

— Sério? — perguntei — Onde? Quando? O que ele tez?

— Já é uma verdadeira repórter, hein? — Riu Joe. — Quem, o quê, como, quando, onde, por quê? Você mudou mesmo, inglesa.

— Não sei, não — respondi, encostando o copo gelado na testa —

Ainda não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

— Para mim, você parece estar indo muito bem — Joe colocou o braço ao redor dos meus ombros e me deu um meio abraço — Você está aqui há, o quê, seis meses? Veio do nada e cá está, entrevistando manés em Hollywood. E, devo dizer, muito gata. Aposto que a Lopez não está feliz de ter dado essa ajeitada em você.

— Obrigada? — Parecia meio elogio, pelo menos. — Mas acho que a Jenny está segura. Afinal, ela é simplesmente incrível. E ridiculamente linda — acrescentei, fazendo uma anotação mental de contar isso para a Jenny mais tarde e ganhar alguns pontos caso ela estivesse brava.

— Sim, a Lopez sempre teve algo especial. Mas morar com ela fez muito bem a você — ele apertou meu ombro. — Ei, o que aconteceu entre você e aquele cara do Brooklyn? Ainda estão juntos?

— Alex? — Fiquei surpresa por Joe se lembrar. Ele tinha se mudado para LA cerca de um mês depois que Alex e eu tivemos uma péssima primeira experiência juntos e eu não cheguei a mencionar o nome dele depois que ele terminou comigo. — Na verdade, voltamos.

— Que pena — Joe me encarou por um segundo a mais do que deveria, antes de eu desviar o olhar para as colinas. Mas o que é que estava acontecendo hoje? Será que estou com um cartaz de "estou desesperada e sou fácil" colado nas costas? Ou meu vestido ainda estava enfiado na calcinha?

— Então conte como conheceu James. Ele se hospedou aqui? — Perguntei. Eu podia não ser uma grande entrevistadora, embora tivesse muita experiência em mudar o assunto de uma conversa.

— Não, já nos encontramos umas duas vezes por aí — Joe franziu a testa. — O cara é estranho. Acho que é meio doido. Ele se considera superespecial, eu suponho.

— Isso é tão estranho — nem conseguia acreditar que estávamos falando da mesma pessoa. — Ele foi um cavalheiro comigo.

— Talvez ele seja diferente com as mulheres — Joe deu de ombros. — E aquela bicha que anda com ele. Que pentelho.

— O Blake é mesmo um pouco afetado demais — comentei —, mas não acho que seja um pentelho só porque é gay.

— Não me entenda mal — disse Joe, erguendo as mãos —, não tenho nenhum problema com isso, cara. Isso aqui é Hollywood, e mais da metade dos caras aqui são gays. É só que, bom... Ele não se dá bem com os outros.

— Por que não sai conosco hoje? — “dois coelhos, uma cajadada”, pensei. A Jenny me perdoaria se eu levasse o Joe e o Joe veria que o James não é, bem, o que ele acha que é. — Vamos ao Teddy's.

— Com o James Jacobs?

— E a Jenny — lembrei. — Vamos lá, aposto que mal vamos ver o James. Ele só vai nos colocar para dentro.

— Eu teria conseguido colocá-las lá dentro — Joe observou.

— Bom, eu gostaria muito que você viesse. E a Jenny também — falei, apertando o braço dele.

Joe parou, olhou para o bar onde tinha trabalhado o dia todo e voltou a me encarar.

— Que horas?

Desde que irrompera no meu quarto, por volta das 8 horas, Jenny tinha estado com o humor muito melhor do que da última vez que conversamos. Mas não tinha dito uma palavra sobre suas andanças, ignorando minhas perguntas com um "estava fazendo umas coisas" bem mentiroso. Nada irritante. Depois do que pareceu uma eternidade no chuveiro, ela reapareceu como uma deusa, com os cachos balançando ao redor do rosto como um halo, a pele brilhando após dois dias de sol e o sorriso mais contagiante que eu vira nela em meses.

— Los Angeles lhe cai bem, hein? — Comentei enquanto disputávamos espaço no espelho de maquiagem.

Não pude deixar de pensar que ela deveria aplicar a maquiagem vendada e com uma mão só quando estava ao meu lado. Enquanto o sol a deixou com um brilho dourado, a praia tinha me deixado manchada e meu cabelo estava uma bagunça incontrolável.

— Esqueci como era divertido — ela admitiu. — Fico com vontade de fazer loucuras. Faz com que eu me sinta, sei la, viva. Muito clichê?

— Não. Sei bem como você se sente — respondi, desenhando o contorno dos meus olhos com um lápis preto da Mac. O objetivo era desviar a atenção da minha gadelha desvairada e do nariz sardento. Uma tarefa razoável. — Não a respeito daqui, admito, mas é como eu me sinto em New York. Talvez precise viajar, ter uma nova chance.

— Agora, preciso de outra coisa — ela me deu uma piscadela e começou a passar a quarta camada de rímel. — Assim, eu sei que você não pode dar em cima do James Jacobs, mas existe algum protocolo que me proíba de levá-lo para dar uma voltinha? Conto todos os detalhes para você. Isso sim é que seria uma matéria interessante.

— Jenny — alertei-a vestindo meu novo minivestido amarelo Phillip Lim. Torci para que a cor ensolarada me animasse e me colocasse no espírito de Los Angeles. Por enquanto, ele só tinha colocado uns zeros a mais no limite do meu cartão de crédito, mas era lindo. — Acho que essa não é a melhor ideia que você já teve. Por que não o Joe?

— O que tem o Joe? — Indaguei.

Ela vestiu aquele que reconheci imediatamente como o vestido da sorte. Um lindo modelo vermelho, roxo e dourado de seda Alice + Olivia com um decote profundo em V terminando em um corte império. As tiras cruzadas nas costas enfatizavam sua pele bronzeada e sua cinturinha, enquanto a saia balançava ao redor dela enquanto andava. Meu Deus, ela não estava para brincadeira.

— Se não estou totalmente enganada, Joe já teve a chance dele. Você sempre tem que desejar chegar mais alto, Angie. Se não acredita que é digna do melhor, por que alguém acreditaria?

— Ai, céus, a Oprah Lopes está de volta — brinquei, passando um pouco de gloss transparente e torcendo para que tudo desse certo. — Sabe que sou completamente a favor de você ter uma noite de sexo vazio, sem sentido e possivelmente degradante com qualquer homem do mundo, mas será que tem que escolher justamente o que estou entrevistando?

— Claro que não — Jenny segurou meus ombros e deu uma boa olhada na minha maquiagem. — Assim, se o James conhecer o Jake Gyllenhaal, fico bem satisfeita em fazer uma troca.

— Isso não seria uma troca — resmunguei, pegando o novo gloss que ela entregou. — O James é muito mais gato que Jake. E mais legal também, aposto. E melhor ator.

— Opa, parece que alguém está apaixonadinha — Jenny aprovou o gloss cor de pêssego. — E o que o Alex acha de você fazer uma troca?

— Por favor... — minhas bochechas ficaram rosadas. Eu estava tão feliz por ela estar falando comigo de novo que não achei que fosse necessário lhe contar sobre o carinho na bochecha. — Não trocaria o Alex nem por uma estrela de cinema. Não dá para comparar beleza com amor, não é?

— Espere aí, ele disse que ama você? — Jenny parou imediatamente de empoar o nariz. — Quando isso aconteceu e por que é que só estou sabendo agora?

— Bom, não — admiti. — Ele ainda não disse. Só quero deixar claro que não troco o que tenho com ele por nada.

— Angie, queria que você simplesmente pegasse o telefone e dissesse isso a ele — falou Jenny. — O que está esperando? Pode dizer primeiro, sabia?

— Detesto quando você entra no modo Oprah — murmurei, calçando meus Louboutins perfeitos para tudo.

Como é que uma simples sola vermelha podia transformar uma sandália de tiras douradas de "belo sapato" em "gaste-um-mês-de-aluguel-comigo-e-farei-de-você-uma-mulher-completa"? Esses sapatos e eu tínhamos passado por muita coisa juntos, inclusive quebrar a mão de alguém; e, apesar de serem uma lembrança de tempos não muito bons, o efeito que tinham nas minhas pernas era mágico. Portanto, eles seriam perdoados por qualquer coisa.

— Então é isso? Você simplesmente não quer ser a primeira a falar? — Jenny estava me pressionando. Eu sabia que ela não descansaria até ter uma resposta. E a vaca sempre sabia quando eu estava mentindo.

— Não — suspirei, sentando na ponta da cama para fechar as fivelas dos sapatos. — Não quero ser a primeira a dizer, ok.?

— Mais do que o.k. — ela disse, aproximando-se — Mas, assim, eu já sei que você o ama, querida. Todo mundo sabe. A Erin sabe, a Vanessa sabe, acho que até o Scottie da lanchonete sabe. Então, tenho quase certeza de que o Alex também sabe.

— O nome dele não é Scottie — suspirei. — Então acha que eu deveria dizer?

— Não, o que estou dizendo é que deve abrir seu coração, Angie, e quem sabe, dessa vez esperar por ele — Jenny tirou os cabelos do meu rosto. — Deixe-o correr atrás. Se ele a ama, vai dizer.

— Se — fazia horas que tínhamos conversado e eu estava começando a ficar bem incomodada

por ele ainda não ter ligado de volta.

— Tem mais alguma coisa que gostaria de me dizer, querida? — Perguntou Jenny. — Porque, se ele fez alguma bobagem...

— Não, não — respirei fundo e fiquei de pé. — São só as minhas paranoias. Está sendo tão difícil falar com ele nestes últimos dias. Vamos lá, vamos sair e encontrar alguém para você.

— É isso aí! — Ela calçou as sandálias. — Mas ele não pode dizer que não foi avisado. Se eu vir uma única lágrima escorrendo pelo seu rosto por causa dele, vou chutá-lo de um lado ao outro da Brooklyn Bridge.

— Primeiro vamos ter que levá-la até o Brooklyn — falei, dando o braço e saindo com ela do quarto. — Você parece estar se sentindo em casa aqui.

— Bom, vamos ver como é que me saio com o seu galã — disse Jenny alegremente. — Quem sabe, de repente uso o jatinho dele para chegar até lá.

Joe estava aguardando na recepção, encostado na mesa e vestindo um jeans preto bem justo e uma camiseta cinza segunda pele com um amplo decote em V. Evidentemente, ele estava levando muito a sério a rivalidade com James. Mesmo que James não fizesse a menor ideia. Jenny literalmente saltou do elevador e se enrolou nele, os sonhos de jatinhos e mansões em Malibu esquecidos pelo menos até chegarmos ao carro de James, que nos esperava lá fora.

Não sabia se devia ficar feliz por isso ou não, mas ele tinha trocado o Hummer pela limusine, para a alegria de Jenny. Mas nada podia se comparar à expressão dela quando se viu posicionada entre um James com cara de assustado e um Joe com ar dominador. Sentei-me ao lado de Blake ao longo da viagem de cinco minutos até o The Roosevelt, tentando fingir que aqueles momentos esquisitos com James e Joe não tinham acontecido. No entanto, não estava tendo muito sucesso nisso.

— Por que é que temos que ir de carro se são apenas cinco minutos? — Perguntei depois que todos tinham sido devidamente apresentados. — Não é uma coisa muito boa para o meio ambiente, não é?

— Quer ver o que acontece quando passeio pela Hollywood Boulevard às 11 da noite? — Perguntou James, pressionando o botão para abaixar o vidro escurecido. — Oi, meninas — ele gritou para um grupo de garotas reunidas diante da Gap.

— Ah, meu Deus, você é o...? — A morena que estava mais próxima à limusine derrubou o refrigerante, espalhando Coca-cola por toda a calçada.

Elas correram para ver James e, honestamente, mesmo que ele não fosse um astro, acho que também não teria conseguido me segurar. A camiseta preta ficava justa sobre a barriga sarada "acabo de terminar um filme" e os jeans larguinhos não conseguiam esconder aquelas coxas fantásticas. E apesar de ele estar sentado, já havia reparado no bumbum dele quando entrou na limusine. Não que eu estivesse olhando, claro.

— Sim, James Jacobs — ele assentiu, fazendo um tchauzinho com a mão. — Tenham uma boa noite.

As três meninas empalideceram e ficaram boquiabertas por um segundo, enquanto James fechava a janela. Então, deram um grito estridente, de quebrar vidro e estourar os ouvidos. Antes que eu conseguisse me encostar novamente no banco, elas estavam sobre o carro. Literalmente.

— Chega de brincadeirinhas, James? — Suspirou Blake quando a limusine começou a rodar lentamente, até deixar as meninas para trás. — Tudo isso vai aparecer na revista dela. É isso que você quer?

— Isso acontece a todo lugar que vai? — Perguntei, olhando para as meninas paradas no meio da rua e se apoiando umas nas outras para ficarem em pé.

— Quase — riu James. — Não percebeu hoje?

— Só no restaurante — respondi, relembrando o que fizemos durante o dia. Era bem possível que houvesse pessoas desmaiando à esquerda, a direita e à minha frente, mas tinha estado tão ocupada tentando não me apaixonar por James que até minha mãe poderia ter desmaiado na minha frente que eu nem notaria. — Uau. Deve ser um pesadelo.

— Você aprende a conviver com isso — ele disse, sorrindo para Jenny, que tinha ficado em silêncio (pela primeira vez na vida dela) durante toda a viagem, mas olhando para James com o sorriso mais bobo que eu já vira estampado em seu rosto. Joe, por outro lado, estava carrancudo. Talvez essa não tivesse sido minha ideia mais brilhante. — Vamos entrar?

O Teddy's era muito divertido, para não dizer completamente surreal. Como tudo mais no The Roosevelt, o estilo era glorioso como a antiga Hollywood, e, enquanto passava pelo bar escuro, os camarotes discretos decorados com veludo cor de vinho e pessoas cor de mogno, me senti a própria Elizabeth Taylor. Se ela estivesse cada vez mais preocupada por ter pelo menos o dobro do peso de todas as mulheres do lugar. Enquanto segurava a melhor amiga para que não atacasse todos os homens do lugar. Mas talvez a Elizabeth Taylor tenha passado por isso, vai saber?

— Meu Deus, Angie, acho que morri e estou no paraíso — sussurrou Jenny enquanto éramos levadas até uma mesa VIP. — Este aqui é o meu lugar.

— Bom, não conte comigo para frequentá-lo com você — respondi baixinho. — Parece que alguém enfiou uma das gêmeas Olsen no meu vestido. Como essas meninas podem ser tão magras? E acho que o Joe vai socar o James. Ou o Blake. Ou os dois.

Apesar das tentativas de James de puxar conversa, Joe tinha mantido um silêncio impressionante, exceto quando eu ou Jenny falávamos alguma coisa para ele. Além disso, ele e Blake vinham trocando olhares desde que entramos na limusine e a coisa só ficou pior quando chegamos à boate.

— Então, Joe — comecei a botar em prática meu plano de distração. — Você vem muito aqui?

— Hum — Joe acenou com a cabeça, bebendo a cerveja que tinha insistido em comprar pessoalmente no bar —, com alguns caras do hotel. E sabe, às vezes faço bicos como modelo. Na verdade, trabalhei no Tropicana, o bar superior daqui, há duas semanas — ele estava sentado entre Jenny e eu, com um braço casualmente pousado ao redor do ombro de cada uma. Quer dizer, podia parecer casual, mas o apertão firme no meu ombro dizia que não era bem assim.

Jenny tomou a mão dele e entrelaçou os dedos com os dela, apesar de seus olhos continuarem fixos em James. Eu estava fazendo de tudo para não trocar olhares com ninguém além de um reflexo no espelho do bar. E alguém que parecia a Kristen Stewart. Ah. A Kristen Stewart.

— Já pensou em trabalhar como ator? — James perguntou, servindo a todos uma generosa porção de vodca de uma garrafa que tinham trazido até nossa mesa.

— Sei lá — respondeu Joe, virando a cara. — Ser modelo é uma coisa, mas dançar por aí de meia-calça para sobreviver? Acho que não.

— Ei — cortou Blake.

James riu, aparentemente inerte à grosseria de Joe.

— É um dos problemas dos filmes de super-herói. Mas, sabe, meias-calças são surpreendentemente confortáveis. A gente acaba se acostumando.

— Meia-calça, é? — Suspirou Jenny, largando a mão de Joe e apertando de leve o joelho de James. Está usando uma agora?

— Sério mesmo? — Joe estreitou os olhos para Jenny quando ela soltou sua risadinha mais conquistadora. — Todo mundo sabe que atores são uns egoístas iludidos. Sempre acabam na reabilitação, mais cedo ou mais tarde.

— Ei, está querendo roubar o título de próxima Oprah da Jenny? — Forcei uma risada, mas a coisa estava ficando tensa demais e eu não era chegada a confrontos.

— Vou dar uma volta — Joe controlou a respiração e apertou o braço possessivamente ao redor dos meus ombros. — Vem comigo, inglesa.

James me encarou, porém não consegui entender o que seus olhos azuis queriam dizer. Abri a boca para protestar, mas Blake foi mais rápido.

— Talvez essa seja uma boa ideia — ele desafiou Joe, tomando um gole direto da garrafa de vodca. — Vocês podiam mesmo ir embora.

— Eu? — Perguntei surpresa. — Que foi que eu fiz?

— Trouxe esse babaca — respondeu Blake — No que me diz respeito, a entrevista acabou por aqui. Na verdade, James, estamos de saída.

— Isso, por que não cai fora, sua bicha? — Joe murmurou para a garrafa de cerveja.

— Do que foi que você me chamou? — Blake levantou-se de repente seguido imediatamente por Joe e, depois, por James.

— Ei, caras, calma — James se colocou entre os dois, que se encaravam — Não está acontecendo nada.

— E, que grande porcaria — Joe abriu caminho entre os dois, empurrando Jenny da cadeira e em cima de mim quando saiu. O peso de Lopez jamais me causaria problema algum, mas a vodka que ela derrubou no meu vestido não era exatamente o que eu queria.

— Ah, droga — falei, levantando-me de um pulo direto para os braços de James.

— Temos que sair daqui — disse Blake, puxando o ombro de James.

Congelei por um segundo, encostada no peito de James, meu vestido molhado ensopando a camiseta dele e ficando quente com o calor de sua pele. Foi só quando ele me levantou, como se eu não pesasse nada, ou fosse meia Olsen e não três amarradas juntas, que percebi que estávamos saindo.

— Angie? — Jenny gritou acima da música, ainda caída no chão ao lado da nossa mesa destruída. — Espere!

— Jenny — chamei, preferindo ver os cachos castanho escuros de James às pessoas ao redor

cochichando e olhando para nós. E, aí, meu senhor, os flashes das câmeras.

— Blake, vá buscá-la — ordenou James, entrando no elevador e deixando um Blake irritadíssimo parado como um dois de paus. — Agora me lembro de por que parei de sair à noite.

Não sabia o que dizer. Por um lado, eu me sentia péssima por ter deixado Jenny — horrorosa, na verdade mas, por outro, sabia que, assim que James me colocasse no chão, a entrevista, meu emprego e talvez até mesmo meu visto, ou seja, mais ou menos a minha vida inteira, estariam acabados. Eu tinha que tentar consertar as coisas, ou a Jenny não teria mais uma companheira de apartamento com quem se irritar.

— James, eu sinto muitíssimo — falei assim que entramos na limusine e aceleramos pela Hollywood Boulevard. — Eu... eu acho que vou voltar para o hotel e...

— Não é uma boa ideia — disse James baixinho. — Dê uma olhada lá para trás.

Virei-me no banco, tentando não ficar tonta por estarmos correndo tanto. Não sei o que *é* que eu pensei que ia ver, mas, fosse o que fosse, não era um mar de luzes brilhantes e flashes nos seguindo. É verdade, ainda não lembrava direito qual era o lado da estrada em que deveríamos dirigir, mas esses carros estavam tomando a rua inteira. As buzinas, as freadas, até os gritos eram tão altos, tão intensos. Fazia as excursões que passavam na nossa rua em New York parecerem um episódio de *Songs of Praise*.

— O que está acontecendo? — Perguntei um pouco confusa e bastante enjoada.

— Paparazzi — suspirou James. — Meus bons amigos, os paparazzi.

— Como eles sabiam onde você estava?

— Quem sabe? Talvez alguém tenha nos ouvido hoje à tarde e deu a dica a eles. Talvez já estivessem na frente do Teddy's torcendo para que alguém aparecesse. Talvez alguém tenha ligado para eles quando chegamos.

— Mas só ficamos meia hora lá dentro! — Eu não podia acreditar. Apesar da velocidade a que estávamos, eles vinham na nossa direção ainda mais rápido e logo estavam ao redor do carro.

— Afaste-se da janela — James me puxou para o centro da limusine no chão entre os assentos. — Alguns flashes são tão fortes que permitem que nos vejam por trás dos vidros escuros.

— Uau, isso é bem glamoroso — falei, tentando ajeitar o vestido ao redor das coxas para evitar um novo episódio de exibição de calcinha.

— É, essa é a vida rock and roll de um astro do cinema — ele esticou um braço para me segurar quando fizemos uma curva fechada. — Mas você sabe tudo de rock and roll, não?

— Eu? — Fiquei encolhida no chão do carro, tentando não me aninhar no peito largo, quente e ainda um pouco úmido dele.

— E o seu namorado, a estrela do rock? Alan?

Ah.

— Alex. O nome dele é Alex. E ele não é uma estrela do rock. Tem uma diferença bem grande entre ele e o Bono — procurei minha bolsa pelo chão do carro. — Que horas são?

— Nem meia-noite, por quê?

— Só para saber — peguei meu telefone. Meia-noite aqui, 3h em New York. E uma chamada

perdida do Alex. Só uma. Vinte minutos antes e não deixou mensagem. — Droga — quando eu estava prestes a discar para ele, James arrancou o aparelho da minha mão.

— Se jogar isso pela janela, vou ter um ataque — avisei.

— Desculpe — ele disse, desligando o telefone — Vão grampeá-lo.

— Vão o quê? — Será que isso podia ficar mais doido?

James concordou lentamente com a cabeça.

— Podem grampear seu telefone se você usá-lo a pouca distância. Não sei como.

— E como é que consegue ligar para alguém? — Perguntei.

— Nunca ligo. É como se vivesse em 1995 — ele deu de ombros. — Se eu precisar muito falar com alguém, Blake se afasta e liga por mim.

— Então você não consegue mandar mensagens para seus amigos perguntando que sabor de muffin eles querem? — Quis saber.

— Não posso sair para comprar muffins. Na verdade, não posso comer muffins — James esclareceu.

— E não pode chamar um táxi quando fica bêbado? — Perguntei.

— Na verdade, tenho um motorista — ele disse.

— E se você precisar ampliar o limite do seu cartão para comprar alguma coisa incrível?

— Bom, esse não é um grande problema no momento. A não ser que esteja falando de um Bentley — ele concluiu.

— Acho que até poderia viver sem celular se fosse você — comentei, sentindo menos simpatia a cada segundo.

James concordou:

— Se eu não fosse quem sou, não estaríamos fugindo da boate. Os paparazzi não estariam nos perseguindo. E você não estaria sentada no chão do carro, estragando seu lindo vestido, e sem poder ligar para seu namorado.

— Mas se você não fosse quem é, eu não estaria em Los Angeles não teríamos nos conhecido e eu não poderia estar usando meu lindo vestido em março.

Escorreguei pelo banco quando a limusine fez umas curvas invisíveis e foi desacelerando até parar. O ruído dos paparazzi diminuiu cada vez mais, até que não podia ouvir nada além do motor desligando quando descemos do carro.

James passou as mãos ao lado do meu corpo, esticando a saia amassada. Respirei com nervosismo quando elas voltaram aos meus braços nus.

— Esse vestido é lindo. Já lhe disse isso? — Ele perguntou, ficando diante de mim. Ele era muito alto. Ainda não tinha notado como era alto. — Phillip Lim, não é?

— De vez em quando, você me deixa confusa, sabia? — Comentei dobrando o pescoço para trás para encará-lo melhor. — Se você não fosse todo hollywoodiano, poderia até pensar que era gay. O que partiria o coração de Jenny.

— Bom saber — respondeu ele, remexendo os bolsos em busca de chave. Eu estava certa, a

bundinha dele era mesmo linda. — Deveríamos ter ficado aqui. Sabe o que dizem: se quiser se meter em confusão faça isso no Chateau.

Ele queria confusão? Ops.

— Acho que eu deveria voltar para o meu hotel — gaguejei — Está tarde e tenho que entrevistar um cara amanhã.

— Ouvi dizer que é um egoísta iludido que gosta de usar meia-calça — disse James, abrindo a porta e me empurrando para dentro. — Então acho que vai ficar tudo bem. Além disso, posso pedir que lavem a seco esse vestido em 20 minutos e depois arranjo um carro para levá-la para casa assim que os paparazzi tiverem ido embora. Vamos lá, estou louco por uma xícara de chá.

Entrei no bangalô e dei de ombros. Não podia argumentar contra um bom plano.

— Posso usar o telefone aqui? — Gritei do banheiro enquanto tirava meu vestido amarelo encharcado. O banheiro estava cheio de cosméticos: Clinique, Anthony Logistics, Peter Thomas Roth. Tudo enviado por relações públicas, imaginei, mas, ainda assim, homens com mais potes de hidratante do que eu me deixavam desconfiada.

— Pode usar o fixo, pois vou ficar com seu celular até você sair — James bateu uma vez, na porta e entrou. O que me deu tempo apenas de pegar um dos roupões pendurados atrás da porta. Mas não tempo suficiente para vesti-lo. — Calcinha bonita. Calvin Klein?

— Hum sim — respondi, tentando vestir o roupão sem revelar nenhum pedacinho de pele ou renda branca. Uma tarefa que já não é muito fácil nos melhores dias, e que fica ainda mais difícil se você é a) ridiculamente desajeitada ou está b) no banheiro do hotel de um ator absurdamente bonito. Um ator absurdamente lindo que tinha tirado a camiseta. Oh. Que bela visão.

— Não conte para o seu amigo modelo, mas fiz uma campanha para eles no ano passado — ele ergueu um dos braços do roupão, teoricamente tentando me ajudar a vesti-lo, porém na prática apenas me enrolando ainda mais nos quilômetros de tecido. — Acho que a Eva usou essa aí.

Perfeito. Quem não quer ser comparada à Eva Mendes usando calcinha?

— Sinto muito por tudo aquilo — falei novamente. — Não sei qual é o problema dele. É só que... meu Deus, a Jenny vai me matar.

— Acho que ela vai ficar bem — James tirou o cabelo do rosto. As maçãs do rosto dele sempre tinham sido tão altas? O que mais aquelas mechas castanhas estavam escondendo? — E por favor, pare de pedir desculpas pelo bobalhão. Só fico surpreso por ser amiga dele, para ser sincero. Não percebeu que ele estava dando em cima de você? Sabe, fazia tempo que não chamava ninguém de bobalhão. Acho que você me faz lembrar meu lado inglês.

— Obrigada, eu acho — passei por ele e, movendo-me rapidamente pelo quarto, acidentalmente vi a cama feita na sala. Em um sofá. Para um. Será que dava para ele recolocar a camiseta? Eu sou humana pelo amor de Deus. — E, só para constar, ele não está nem um pouco interessado em mim. Nem o conheço direito; não somos grandes amigos. Ele e a Jenny trabalhavam no mesmo hotel em New York nada além disso.

— Então, eles são amigos?

— Mais ou menos — torci o nariz. Certamente Jenny não estava se aproveitando da "amizade" deles nesse momento. Eu ia pagar por isso.

— Ah, sei, amigos com "algo a mais"?

Antes que eu pudesse explicar, ouvi uma batida na porta. James abriu e trocou meu vestido por uma bandeja de bebidas. — Obrigado — ele disse a alguém que não consegui ver. — Chá?

— Sim, por favor — suspirei, percebendo de repente como estava cansada. — Eu faria qualquer coisa por um chá agora.

— Nem quero imaginar o que você faria por estes biscoitos, então — ele respondeu, mostrando um pacote de HobNobs. — Este é mesmo o melhor hotel do mundo.

— Não diga isso na frente da Jenny — retruquei, pegando um punhado de delícias crocantes. — Ela ama o The Union. Ou, pelo menos, amava, faz um tempão que não rouba nada.

— Temos vinte minutos para preencher — disse James, segurando a. xícara quente — O que quer fazer?

O que eu queria fazer? Essa era uma boa pergunta. Minha cabeça queria ligar para Jenny, para ter certeza de que ela estava bem e que ia continuar falando comigo. Meu coração queria ligar para Alex e perguntar como foi o show, ouvir a voz sonolenta dele e pedir que colocasse o telefone sobre o travesseiro para que eu pudesse ouvir sua respiração. Mas uma outra parte menos poética do meu corpo estava doida para levantar, (tirar aquela xícara das mãos de James Jacobs e ver se o flerte dele era para valer. Desenhar no abdome dele com a ponta do dedo, subindo pelo peito até seu lindo lábio inferior. E dar uma apertadinha, só para ver se era tão firme e macio como parecia. Aí, possivelmente, dar uma mordidinha. E então...

— Você está com uma cara tão estranha — interrompeu James. No que está pensando?

“Em jogá-lo no sofá e fazer muita safadeza com você até meu passaporte vencer.”

— Nada de especial — respondi.

— Na verdade, tem uma coisa que eu queria dizer. — Ele continuou. — Sobre a tarde de hoje, no restaurante.

Só uma mordidinha rápida.

— Não precisa, mesmo — falei.

— Sim, precisa. Desculpe, eu me envolvo com facilidade. Sério, e patético. Passo tanto tempo repetindo as porcarias que escreveram para mim que elas começam a aparecer sem que ninguém tenha me dado um roteiro — ele sentou no braço da minha poltrona. Seu perfume era uma delícia. — Acho que é por isso que o Blake fica tão bravo. Acabo me envolvendo em muita confusão com todas essas fotos.

— Fotos? — Perguntei.

— De mim. Quer dizer, se fossem só de mim, não seriam um problema — ele explicou.

— Ah.

— São apenas fotos, Angela — ele disse, encarando-me.

— Você não precisa me dar explicações — respondi, olhando direto para a frente. Tentando não demonstrar ciúme.

— Bom, tenho sim, você é a repórter — ele falou. — Mas só estou dizendo. De qualquer forma, mal posso esperar para ver como será publicada essa entrevista.

— A entrevista — cobri o rosto. — Não estou indo muito bem, não é? Eu vou ser demitida e, depois deportada. E não terei onde morar. E alguém terá que contar para a minha mãe...

— Do que está falando? — James afastou minhas mãos com as dele, que estavam quentes por causa do chá. — Por que você vai ser demitida?

— Porque o Blake cancelou a entrevista.

Olhei para ele como se ele fosse meio idiota. Muito bonito, mas meio idiota. E ele olhou para mim do mesmo jeito.

— Blake não pode cancelar a entrevista.

— Não? — Perguntei confusa. — Achei que ele tinha organizado tudo.

— Bem, não foi ele — James esclareceu.

— Não? — Indaguei.

— Não, Angela. Eu organizei — ele admitiu.

— Tudo bem, eu sei que não sou muito esperta nem nos meus melhores momentos, mas não entendo...

— A entrevista, você, foi minha ideia — disse James, parecendo bem satisfeito consigo. — Não sou idiota, sei o que as pessoas devem pensar quando veem todas aquelas fotos de mim e, bom, todas as mulheres que já conheci. Então, li algumas revistas femininas, pesquisei algumas jornalistas e foi assim que a encontrei.

— Você pediu que fosse eu? — Estava confusa. O que não era grande novidade, admito. — Foi você mesmo?

— Eu pedi que fosse você. Adorei o jeito como escreve — ele afirmou. — Mas, depois de tê-la escolhido, tive que colocar Blake na jogada, após ter selecionado a revista, para que não ficasse estranho. Atores normalmente não organizam a própria agenda com a mídia. Para ser honesto, Blake não estava muito convencido de que você era a escolha certa, então eu gostaria muito, muito, que pelo menos tentasse mostrar que ele estava errado.

— Então a entrevista não está cancelada? — Perguntei

— Bom, você vomitou em mim ontem, fez meu assistente arranjar uma briga hoje, mal posso esperar pelo que vem amanhã — ele balançou a cabeça e olhou para fora da janela. — Vou chamar um carro, agora já estará segura.

Encostei no espaldar da cadeira e assisti aos músculos das costas dele saírem da sala. James Jacobs tinha me escolhido. A entrevista não estava cancelada. Talvez eu não tivesse que deixar o país, no final das contas. O que significava que Alex e eu não teríamos que terminar porque eu ia voltar para a Inglaterra. O que era uma coisa muito, muito legal.

A não ser que o Alex ainda estivesse tão ocupado se divertindo com as fãs que não teve nem três minutos para me deixar uma mensagem. Pude ver a luz da bateria piscando no meu celular, jogado no fundo da bolsa. Obviamente, não é como se ele estivesse desesperado para falar comigo e me dizer que me amava nem nada assim. Como ele ousava não me dizer que não conseguia viver um único segundo sem mim quando um astro mundial — superastro — tinha me escolhido a dedo, em meio a tantos outros jornalistas, para entrevistá-lo? Eu tinha estado no quarto de hotel duas vezes até agora. E estive sem roupas duas vezes. Isso tinha que ser um sinal. Outra

batida na porta interrompeu meus pensamentos, que não estavam ajudando em nada.

— Deve ser o seu vestido — disse James do outro cômodo. — Seu carro chega em cinco minutos.

Enrolei-me no roupão, tentando não tropeçar nele e abri a porta. Ali estava meu vestido, limpinho, envolto em um plástico reluzente A lavagem a seco em vinte minutos tinha revolucionado minha vida.

— Obrigada — falei, pegando o cabide.

— Não, obrigado você — disse uma voz que vinha detrás de uma câmera imensa.

— Mas que...? — Dei um passo para trás, segurando meu vestido na minha frente para esconder os flashes.

— Angela! — Gritou James, correndo pelo quarto. — Feche a porta, saia de perto da porta!

Bati a porta na câmera, ouvi um baque abafado, um "droga" baixinho e sons de passos se afastando rapidamente. Chocada, olhei para James, mas ele já estava no telefone gritando incoerentemente. Como não tinha outra coisa a fazer, fui para o banheiro e me troquei. Dei uma conferida no espelho. Não, minha saia não estava presa na calcinha, não havia nem mesmo uma alça de sutiã à mostra. Impecável. Para mim. E, comparada ao veadinho assustado com os faróis com que eu parecia alguns minutos atrás, até que estava bem naquele momento.

— O.k. — falei, voltando lentamente até a sala e pegando minha bolsa. — Acho que é melhor eu ir embora, já causei bastante caos esta noite.

— Não pode sair agora — James me encarou como se eu fosse idiota. Acho que ele e Jenny se dariam muito bem. — Já chamei a segurança, mas ainda não conseguiram pegá-lo. Você não vai a lugar algum até que tenham recuperado aquela câmera.

Quis rir, mas tive um pressentimento de que não seria muito legal.

— Sério? James, só o que eles têm é uma foto minha segurando uma roupa limpa.

— É, pode ser — disse James. — Ou será que eles têm uma foto sua, sem vestido, parada na porta do meu bangalô à uma da manhã? O que será que seu namorado vai achar? E a editora? E sua mãe?

— Na verdade, acho que a minha mãe ficaria bem impressionada — respondi um pouco enjoada. — Mas entendo o que quer dizer. De qualquer forma, não posso ficar aqui. Tenho que ver a Jenny; tenho que voltar. Não tem jeito de sair daqui sem que esses cretinos tirem uma foto?

Todo o um metro e noventa de James Jacobs se posicionou entre mim e a porta, perscrutando-me com uma intensidade que eu costumava guardar para a pessoa que estava na minha frente no Starbucks, entre mim e o último brownie. E eu não tinha muita certeza de que era a pessoa ou o brownie.

— Você quer mesmo sair? — James me perguntou.

Não não não não não não não não não não.

— Sim — uau, quem diria que eu era tão forte?

— Então vou chamar um carro para pegá-la nos fundos do bangalô — ele respondeu, soltando o ar e deixando os ombros caírem. — Eles devem ter alguma coisa que não chame muita atenção.

Deixei o telefone no quarto.

Percebi que ainda não tinha respirado desde que dissera que queria sair e que o zíper da minha bolsa estava cortando minha mão por causa da força com que eu a estava segurando. Isso era terrível. Como é que eu podia estar pensando essas coisas sobre James quando Alex estava em casa, em New York, só esperando que eu ligasse? Provavelmente. Ele não estava muito desesperado para me ligar. Nem para dizer que me amava. Nem para vir a Los Angeles comigo. Enquanto isso, James parecia querer que eu ficasse, qualquer que fosse o motivo. Com certeza, 99% das garotas nessa situação ficariam, e que se danassem os namorados. Talvez se eu falasse rapidinho com o namorado, as coisas ficassem mais fáceis.

Soltei meu punho de ferro da bolsa e peguei o telefone. Sim, eram 4 horas em New York, mas ele não se incomodaria se eu telefonasse rapidinho. E seria legal se ele ligasse.

— Alô?

— Alex, sou eu — falei emocionada. — Desculpe; acho que não estava esperando que você atendesse. Estou tendo uma noite simplesmente maluca e...

— Angela?

— Sim?

— São 4 da manhã — Alex enfatizou.

— Eu sei — respondi.

— O que quer? — Ele me perguntou.

Mordi o lábio.

— Só queria falar com você. Dizer que estou com saudades — declarei.

— Você está bêbada?

— Não — franzi a testa. — Só estou tendo uma péssima noite. Nós saímos e o James se meteu em uma briga e aí chegaram esses milhares de paparazzi...

— Na boa, Angela, eu estou dormindo. Ligue amanhã, o.k.? — Suspirou Alex.

Tentei não me sentir ofendida. Ele estava no direito de ficar meio irritado, mas eu esperava que fosse achar minha ligação espontânea uma coisa fofa. Afinal, ele achava bem aceitável aparecer na porta da minha casa a qualquer hora da noite. Ligar para alguém às 4 da manhã para dizer que está com saudades é romântico, não?

Capítulo 7

Sem os paparazzi atrás de mim, a viagem de volta até o The Hollywood pareceu durar uma eternidade. Por fim, chegamos ao hotel e me arrastei até chegar ao quarto, morta de cansaço e doida para dormir.

— Onde diabos você estava?

Aparentemente, ainda não era agora que eu ia dormir. Jenny estava de pé no meio do quarto, parecendo simplesmente irada.

— Jenny.

— Não venha com "Jenny" para cima de mim! — Ela exclamou, batendo o pezinho. — Você me deixou lá naquela boate! Largada no chão, enquanto fugia com aquele babaca. Não dá para acreditar nisso

— Eu não fugi, fui carregada — comecei, com medo de chegar muito perto dela. Jenny estava segurando os sapatos em uma mão, o que significava que, além de mais rápida que eu, ela tinha uma arma mortal. Já provoquei muitos estragos com sapatos de salto na minha época, o suficiente para saber quão perigosos eles podem ser. — Jenny, estou me sentindo péssima, sinto muito. Mas o James disse que você ficaria bem e, sejamos honestas, você nem queria ficar conosco...

— Ah, "o James disse"? — Ela gritou, atirando um dos sapatos em mim. Desviei; pelo menos agora ela tinha perdido uma arma. — Bom, se o James disse, então não tem problema nenhum você ter me deixado no chão de uma boate, ensopada com a bebida de algum babaca. Não acredito nisso. Você passa um dia com um filho da mãe de um ator de cinema e já está agindo como uma vaca?

— O.k., vamos pegar leve? Eu não tive escolha. Caso não tenha percebido, não saí de lá com meus próprios pés. E acho que você está confundindo o James com aquele idiota do Joe. Ele é quem estava jogando drinques para todo lado.

— Só porque aquele imbecil do Blake estava enchendo o saco dele — Jenny agitou o outro sapato. Não era nada divertido assistir. — Os dois foram super grosseiros com o Joe a noite toda. Ele estava sendo desprezado pelos dois porque é barman, mas é evidente que estavam com inveja. O Joe poderia ser bem mais famoso que o James Jacobs se quisesse.

— De onde está tirando essas coisas? — Perguntei, largando a bolsa na cama e tirando os sapatos... mas sem chutá-los para longe, para o caso de ainda termos um duelo. — O Joe é que ficou de cara feia para o James e o Blake, principalmente o Blake, desde que entramos no carro. Até mesmo antes. Ele foi super esquisito quando falou deles à tarde: eu só o convidei por sua

causa.

— Acha mesmo que preciso da sua ajuda para conseguir um cara? Tipo, o Joe só foi porque você convidou? Meu Deus, quem pensa que é?

— Jenny — balancei a cabeça. — Não consigo fazer isso. Estou cansada e você está sendo ridícula. Por que não vamos para a cama e conversamos sobre isso amanhã?

— Agora eu sou ridícula? — O outro sapato passou voando pela minha cabeça e atingiu a porta. — A ridícula aqui é você. Está em Los Angeles há dois dias; me abandonou duas vezes e aí me largou no chão de uma boate na frente de dezenas de pessoas. Isso é que é ridículo. Você é ridícula.

— Jenny, desculpe — eu queria muito, muito dormir. — Desculpe por ter te abandonado, mas eu estava cansada e meio bêbada. E perdoe-me por não ter voltado para te buscar, mas fomos perseguidos pelos paparazzi e fiquei presa no hotel. E é uma pena que pense que eu a deixei de lado por causa do James; não era minha intenção, mas meu trabalho é entrevistá-lo. É por isso que estamos aqui, lembra? Por isso tenho que passar o tempo com ele. Eu queria poder passear por aí com você. De verdade.

— Dane-se — ela retrucou, mãos apoiadas no quadril — Não acredito que me deixou para trás. Aquele Blake é um imbecil.

— E o Joe foi bem inadequado com o Blake — defendi minha posição. Jenny Furacão precisava de uns revides de vez em quando. E ele trouxe você, não é?

— Se quer dizer que ele me puxou pelo punho e me atirou em um elevador para que eu encontrasse o caminho de volta para cá, então sim — ela reclamou. — Se está perguntando se ele pediu desculpas por ter sido um porco e me trouxe para cá, então não.

— Desculpe, Jen, mas o Joe estava sendo meio babaca. É claro que o Blake também pode ser bem difícil. Desculpe. Eu deveria... Não sei o que deveria ter feito. Mas não deveria ter deixado você.

— Não, não deveria — ela soltou os braços ao lado do corpo. — Desculpe, eu não deveria ter explodido. Estou cansada, eu acho. E de mau humor.

— Eu também — concordei, percorrendo o quarto lentamente e me sentando na cama. Jenny caiu de costas ao meu lado. — Mas, poxa vida, você tem que aprender a controlar o seu temperamento. Acha que a Oprah explode assim?

— Ah, sei lá — ela disse, tirando o vestido e entrando embaixo das minhas cobertas. Eu estava perdoada, então. — E não posso deixar de dizer, esse Blake é um superbabaca. E o James deveria demiti-lo. O Joe falou...

— Por favor, podemos parar? — Suspirei, levantando-me e tirando o vestido para pendurá-lo — Não fique doida, mas você já pensou que talvez o Joe estivesse com um pouco de ciúmes do James e tentou descontar no Blake?

— Sei lá — Jenny bocejou. — Ainda estou brava só que também super cansada. Vamos falar sobre isso amanhã. Vamos fazer alguma coisa legal.

— Hum, sério?

— É claro que sim — murmurou Jenny para o travesseiro, apagando a luz sem que eu pedisse.

— Boa noite, Jenny — sussurrei, caindo no sono antes mesmo de colocar a cabeça no travesseiro.

Programei o despertador para as nove, então fiquei confusa com todo aquele barulho que estava ouvindo, pois o relógio ao lado da cama dizia que eram 8h20.

— Desligue a droga do seu telefone — resmungou Jenny para o travesseiro.

— Quem pode ser? — Gemi ainda acabada.

— Eh. O Alex?

Droga, o Alex.

Rolei para fora da cama e peguei minha bolsa do chão. Era um número de New York, mas não era o telefone do Alex.

— Alô?

— Angela Clark, será que pode me explicar o que é que está acontecendo aí? — Era Mary. — Angela? Está aí? Ou ainda tão cansada depois de passar a noite acabando com a nossa vida que nem consegue falar comigo?

— Mary, não sei do que você está falando... — esfreguei os olhos. Ui, rímel de ontem.

— Sugiro que dê uma olhada, sei lá, no Perez Hilton, TMZ, ou qualquer outro site do mundo e me ligue depois com uma explicação muito boa para que eu não a mande para o olho da rua.

Pisquei os olhos para o telefone mudo. Do que é que ela estava falando? Engatinhei até o computador, fiz login e entrei no Perez. Que eu talvez tivesse adicionado ou não a meus favoritos durante minha pesquisa/adoração a James Jacobs.

E lá estava. Ou melhor, lá estavam. Uma foto de James e eu sentado na praia, em Santa Monica. Uma foto nossa comendo no 25 Degrees. Ele me carregando para fora do Teddy's. James me colocando no carro no Chateau pela suposta "saída secreta". É, James estava certo: as fotos não eram nada legais. Especialmente porque foram usadas para construir uma fotonovela completamente mentirosa do nosso suposto romance.

Droga. Pelo menos não tinham a minha foto usando o roupão de James. Ainda. Tropeçando até o banheiro, liguei para a *The Look e* esperei até que me passassem para a Mary, sem ter a menor ideia do que dizer.

— Espero que a história seja boa — ela atendeu.

— Mary, olhe, eu vi as fotos — respirei fundo — e elas não são o que parecem ser. Sério.

— É o melhor que você pode fazer? — Ela indagou.

— É a verdade — puxei uma toalha e enrolei-a nas pernas. — Superestimaram tudo, do jeito que colocaram na internet. Não sei o que mais posso dizer. É tudo lixo, tudo lixo.

— E você espera que eu acredite nisso? — Ela rebateu.

— Sim? — Enfiei a cabeça entre os ombros.

— Bem — disse Mary após uma longa pausa —, acho que é isso que acontece quando mandamos repórteres inexperientes para fazer pautas importantes. Como é que você pode ter um

caso com o entrevistado, Angela?

— Um caso? Eu e James Jacobs? Mary, por favor — forcei uma risada. — A coisa da praia fez parte da entrevista, o James queria ir até lá, fazer a entrevista lá, e havia outras três pessoas conosco no Teddy's. Mary, eu não quero que você pense que estou levando na brincadeira. A entrevista está indo bem, sério.

— Ficar dizendo "sério" no fim de cada frase não vai me dar menos trabalho para mantê-la na entrevista. A única razão pela qual você não está em um avião de volta para cá agora é porque recebemos um e-mail da equipe de James reiterando que ele não ia falar com nenhuma outra pessoa da revista.

— Mesmo? — Fiquei surpresa. Quando ele tinha feito aquilo? Por quê?

— E é por isso que todos no escritório pensam que você está, bem, mais do que entrevistando ele — Mary não parecia nada impressionada. Ou convencida. — Angela, o que quer que esteja acontecendo aí, seja cuidadosa. Esse negócio não ajudou muito sua imagem por aqui.

— É sér... Mary — não dava para acreditar que isso estivesse acontecendo. — Vou entregar a melhor entrevista que você já leu. Prometo. E não tem nada acontecendo com o James. Você me conhece, eu nunca faria isso.

— Tudo bem, mas não me decepcione, Angela — alertou Mary antes de desligar.

Ora, mas isso não era perfeito? Encostei minha subitamente latejante cabeça no vidro gelado do boxe do banheiro e fechei os olhos. E eu achando que seria demitida porque tinha chateado o James. Pelo contrário, agora todos na T*he Look* pensavam que eu tinha dado em cima dele e queriam me mandar embora por isso. O que é que eu podia fazer? Antes que pudesse tomar uma decisão, meu telefone tocou de novo. Por favor, que não seja a Mary dizendo que mudou de ideia...

— Alô?

— Olha, tem umas fotos bem interessantes na internet hoje — disse Alex.

— Sim, tem, sim... — esse com certeza não era um bom jeito de começar o dia. Eu não tive tempo de pensar em como abordaria o assunto com Alex. Ainda estava tentando descobrir como é que ia me explicar por ter dito "aquelas três palavrinhas". Então, escolhi outras três.

— Que idiotice, não?

— Não sei, será que é? — Ele não estava gargalhando.

— Alex, você sabe que aquelas fotos não são o que parece. Tudo fez parte da entrevista, só isso, apesar de ser uma história meio difícil de acreditar e, Deus sei lá, acho que não tinha nada mais acontecendo no mundo hoje cedo.

— Acho que não — ele disse sem emoção. Era horrível: ele poderia pelo menos ter a decência de gritar ou me chamar de vadia ou algo assim.

— Sério, é ridículo. A revista acabou de ligar dizendo que talvez abra um processo — o.k., não era exatamente a verdade, mas eu não aguentava mais. — A coisa toda é ridícula. James se meteu em uma briga com o amigo de Jenny, o Joe, lá na boate e é por isso que saímos correndo. E derrubaram uma bebida em mim, por isso James pediu que enviassem meu vestido para lavar. Era isso que estava acontecendo quando liguei para você na noite passada. Era isso que eu estava

tentando contar.

— Naquela ligação às 4 da manhã?

— Naquela — disse lentamente. — Eu estava tendo uma noite horrível Só queria falar com você. Desculpe.

Nenhuma resposta.

— Como foi o show?

— Bom — a voz dele continuava seca e séria. — E quais os planos para hoje? Comprar anéis de noivado? Um casamentinho rápido em Las Vegas?

— Alex, não existe nada entre James e eu. Sei que naquelas fotos imbecis parece ter... alguma coisa, mas na verdade não existe nada. Só o que fiz desde que cheguei aqui é ser um fracasso como entrevistadora, brigar com a Jenny e tentar falar com você. E, para completar, estou prestes a ser demitida — senti um enjoo ao falar aquilo em voz alta.

— Só uma dica nesse negócio de entrevistas: tenho quase certeza de que não é preciso ir para o quarto de hotel do cara à uma da manhã — retrucou Alex seco. — Costumo ficar de calças enquanto dou entrevistas.

— É mesmo? Pois eu achei que você não tinha uma grande experiência em ficar de calças.

Saiu antes que eu tivesse pensado. Esses eram os perigos de ser rápida demais.

— Certo, há fotos suas na internet, vadiando por Los Angeles com um ator babaca que acabou de conhecer, e você vem falar do meu passado? — Pelo menos agora ele estava prestando atenção em mim. Droga. — E será que agora é minha vez de dizer que estava saindo com outro quando a gente se conheceu?

— Não, agora é sua vez de se acalmar e perceber que isso é tudo muito idiota, que eu jamais o trairia e que às vezes, algumas vezes, sites desonestos publicam coisas que não são verdade.

Como é que ele ousava estar do outro lado do país na nossa primeira briga? Eu praticamente podia ouvi-lo pensando do outro lado da linha, mas, ainda assim, não disse nada.

— Olha, Alex, só o que estou pedindo é que acredite em mim e não na internet. Não pode ser tão difícil assim, não é?

Eu não estava feliz. Esses tipos de conversas não tinham acabado bem para mim no passado. Além disso, não é como se eu não tivesse considerado cruzar um limite bastante não profissional com James, o que não ajudava meus argumentos a soarem mais verdadeiros.

— Desculpe, mas é tudo muito estranho — declarou Alex por fim. — Não sei o que dizer.

— Desculpe, eu também não quis dizer aquelas coisas — funguei. — Só estou sendo paranoica porque não conversamos direito desde que cheguei aqui e aí todas essas fotos e as coisas e a Mary me ligando e agora você fica doido...

— Angela, ei, calma — interrompeu Alex. — O que eu quero dizer é que não consigo falar sobre isso pelo telefone. Vamos acabar dizendo besteiras. Mais besteiras.

— Então não vamos nos falar até eu voltar? — Perguntei.

— Você volta no domingo — ele lembrou.

— Mas ainda é terça-feira... — mordi o lábio. — Será que não posso ligar mais tarde?

Ele suspirou alto.

— Desculpe. Só, bem, deixe que eu ligo, o.k.? Tchau.

Olhei para o telefone para conferir. Sim, ele tinha desligado. Esse com certeza era o começo perfeito para um dia perfeito. Se eu soubesse que ia me meter em tanta confusão de qualquer jeito, tinha transado loucamente com o James quando tive chance. Maldita consciência, idiota e maldita.

— Angela você está na internet! — Grilou Jenny lá do quarto. — Agora é famosa!

Perfeito, simplesmente perfeito.

Demorei um bom tempo para convencer Jenny a se afastar do laptop e não enviar informações sobre mim para o Perez Hilton. Ela achava que eu deveria tirar o máximo proveito da minha potencial fama recém-descoberta, ou pelo menos participar de uns reality shows e conseguir uns brindes para nós. Eu, por outro lado, achava que deveria voltar para a cama e dormir até que todas as pessoas do mundo parassem de ler fofocas de celebridades ou até que a internet morresse, o que viesse primeiro. Mas não podia. Tinha coisas a fazer. Tinha um blog para escrever e, amanhã, supondo que James ainda estivesse de acordo, tinha que arrastar meu traseiro para fora do hotel e continuar a entrevista. Ele podia ter enviado um e-mail para a revista, mas não estava atendendo minhas ligações. Jurando que iria encontrá-la para um brunch, conforme prometido, mandei uma Jenny muito irritada para longe e sentei-me diante do laptop.

As Aventuras de Angela: Vale das Desventuras

Hum. Pois então, minha aventura em LA não está indo de acordo com o planejado. Como você está lendo isto, imagino que seja razoavelmente familiarizada com a internet e suas páginas repletas de coisas maravilhosas. O net-a-porter.com, por exemplo. Infelizmente, parece que há algumas páginas com coisas não tão maravilhosas assim, e essas páginas são feitas aqui em LA.

Assim, eu meio que sabia disso antes de vir para cá porque, ora, quem nunca perdeu uns minutinhos/horas/dias inteiros de trabalho no Perez Hilton ou no WWTDD? Por favor, quem é que não quer ver as fotos particulares do celular de uma estrela da Disney? Mas o que não sabia era que, apesar de todas as evidências estarem ali, às vezes as coisas que publicam nesses sites não só não são verdadeiras como também estão tão próximas da realidade quanto eu do Brad Pitt. Ou seja, completamente distante. Pelo amor de Deus.

Acho que muita gente pensa que deve ser divertido estar em um site desses, aparecer pendurado em celebridades em alguma boate chique de Hollywood, mas, assim como os próprios sites, as coisas nem sempre são o que parecem.

Espero que ainda esteja a caminho de um final hollywoodiano... e continuo esperando suas indicações sobre aonde ir para consegui-lo. Escreva para juroquenaosouvadia@thelook.com.

Depois de enviar o texto para Mary (e de rezar para todos os deuses e deusas em que pude pensar, incluindo o gênio do Aladim), revirei meu guarda-roupa e o de Jenny duas vezes atrás de uma roupa que dissesse "não tive nada com James Jacobs"; mas agora, sei lá porquê, tudo parecia ter vindo da Mansão Playboy.

Quem em sã consciência poderia acreditar que eu estava tendo um caso com uma superestrela de cinema? Era de mim que estávamos falando: a Angela Clark, que usa calcinha e sutiã que não combinam, que é incapaz de usar o curvex sem machucar a pálpebra e que tem uma gordurinha

que fica evidente em todas as calças, exceto uma. Angela Clark, meio inútil, que, aos 27 anos, não sabe nem colocar um plugue na tomada, e não sedutora de atores, supersirigaita sedutora, Angela Clark, supervadia internacional. Escolhi um jeans (infelizmente, não o que esconde as gordurinhas) e uma polo listrada da Splendid Abotoada até em cima. Cada centímetro meu escondido. Suando como uma porca debaixo daquele calor infernal, mas coberta dos pés à cabeça.

— Entendo que você não tenha amado o The Beverly Center — disse Jenny, arrumando os óculos escuros e acelerando para sair do estacionamento do The Hollywood. — E imagino que vá passar o dia todo tendo chiliques por causa daquelas fotos, não?

— Provavelmente — concordei séria. Eu ainda estava tão entorpecida com a conversa que tivera com Alex que não tinha energia nem para ter medo de Jenny ao volante.

— E o que podemos fazer para tirá-la desse chororô? — Ela me perguntou.

— Hum-hum — passei o dedo pela porta do carro. Pelo menos, como estávamos em um conversível, meu cabelo ficaria uma droga se eu fizesse ou não alguma coisa com ele. E eu não tinha feito. E, que alegria, o dia estava ensolarado. Com alguma sorte, poderia me queimar de novo.

— Nossa, parece que vai dificultar as coisas, não é? — Jenny bateu no volante. — Já sei, Angela, se alguém diz "Los Angeles" para você, no que pensa?

— Quê?

— No que você pensa? O que associa com Hollywood? — Ela insistiu

Paparazzi. Cabelos louros, implante de silicone.

-Sol?

— Mais alguma coisa? — Ela quis saber.

Sentir-se deslocada. Saudade do Alex. Preocupada com James.

— Filmes?

— Que filmes? — Jenny continuou.

— Jenny — só o que eu queria era voltar para a cama. — Aonde quer chegar?

— Querida, só estou tentando distraí-la. Amanhã tudo isso terá passado. Às vezes a vida joga uma bola difícil e você tem que correr atrás — Jenny parou o carro diante de uma porção de lojas. Cintilantes, reluzentes, adoráveis. — Ou comprar a sua.

— Onde estamos? — Perguntei quase cega com tanta beleza. Tudo era tão branco. E grande. — O que estamos fazendo?

— Estamos prestes a gastar uma grana... obscena — riu Jenny.

Assim que entregou o carro ao valet (eu nunca conseguiria me acostumar àquilo), Jenny me arrastou pela rua larga e ensolarada, passando por lojas e mais lojas de estilistas famosos.

— Nunca na vida quis tanto ser uma prostituta — boquiaberta, segurei com força a mão de Jenny. — Mas, meu Deus, olhe só aquela bolsa.

— Eu sei, olá, Uma Linda Mulher! — Jenny apertou minha mão. — Até eu dormiria com o Richard Gere por aquele vestido, mesmo ele já estando meio passado!

— Então aqui é a Rodeo Drive? — Perguntei maravilhada. — Por que diabos você me levou a um shopping ontem?

— Porque não temos dinheiro para comprar nada aqui — ela me afastou da vitrine da Louis Vuitton, onde deixei marquinhas dos meus dedos. — Mas pensei que poderia distraí-la por um tempo.

— Não temos dinheiro para nada? — Lutei contra o ímpeto de entrar na loja mais próxima e comprar um chapéu gigante. E luvas. — Sério?

— Angie, quando fazemos compras em New York, aonde vamos? — Perguntou Jenny.

— Bloomingdale's? Bergdorf's? — Não conseguia parar de admirar aquelas coisas lindas. As quais só via em revistas, na T*he Look*, mas que agora estavam bem aqui, na minha frente! Em uma loja! À venda!

— Não perguntei aonde vamos quando queremos provar coisas e nunca comprá-las a não ser que estejam em liquidação. Onde fazemos compras mesmo?

— Hum, Century 21 e Filene's — admiti. — Quando você não está por perto para me impedir, Gap.

— Exatamente. E acabei com meu cartão de crédito ontem, no The Beverly Center, então não, não temos dinheiro para nada — Jenny procurou o gloss dentro da bolsa, passou uma camada completamente desnecessária sobre os lábios já brilhantes e depois colocou um pouco de cor extremamente necessária nos meus. — Mas ninguém precisa saber disso, certo? Nada como provar milhares de dólares em roupas de marca para afastar a mente dos problemas.

Se meu único problema em LA fosse ainda não estar nem perto quão chique e glamourosa achei que estaria, a Rodeo Drive teria resolvido tudo. Das fachadas dramáticas em mármore branco as palmeiras que saltavam da calçada polida, passando pelos porteiros sérios postados à frente de cada loja de marca, isso era tudo que eu esperava.

Sim, as meninas com as botas Ugg ainda estavam por todo lado, mas tinham se transformado em outro tipo de mulher de LA. Não conseguia parar de olhar. Elas eram minúsculas, exatamente como as loiras platinadas. Entretanto, pareciam muito mais refinadas e caras, e era impossível dizer quantos anos qualquer uma delas tinha. Não dava para ver nenhuma etiqueta de marca em nada que vestiam, a não ser que se desse uma olhada nas assistentes que as seguiam carregando várias sacolas, mas elas exalavam dinheiro, uma delas saiu de uma loja bem na nossa frente, sem olhar, o que me fez dar um pulo para trás. Ela parou e nos encarou do mesmo jeito que eu às vezes olhava para os cachorrinhos na vitrine da loja de animais perto da Bloomingdale's — como se fôssemos bonitinhas, mas ela não quisesse chegar muito perto porque podíamos babar nela. Ou coisa pior.

— E aí, o que quer provar primeiro? — Perguntou Jenny, ignorando completamente o que aconteceu, — Dior? D&G?

— Ah, ali — apontei para uma vitrine maravilhosa, do outro lado da rua, cheia de vestidos rodados em lindas cores pastel. — Vou me cobrir de Miu Miu.

Depois da segunda taça de champanhe, eu estava mais do que pronta para concordar que, no final das contas, Hollywood tinha o seu charme. Jenny estava usando marcas dos pés à cabeça, com um vestido cor de bronze maravilhoso realçando sua cinturinha e um par de plataforma de

12 centímetros que a obrigavam a ficar na ponta dos pés.

— Estão confortáveis? — O vendedor absurdamente bonito pegou meu pé com uma mão e passou a tira de uma sandália linda, coberta de lantejoulas, pela minúscula fivela prateada.

— Estão divinas — eu estava quase com medo de ficar de pé sobre saltinhos tão delicados. Quando é que eu ia me sentir mais Kylie e menos Lily Savage ao provar uma roupa feminina?

— Sabe, acho que recebemos hoje a bolsa que faz o conjunto. Está lá nos fundos — ele sussurrou. — Tenho que ver como ela fica com os sapatos.

— Eu também — concordei, olhando para meus pés. Por que é que o pessoal aqui coloca os pés dentro de Uggs? Em New York nevava, era frio, a lã macia delas era necessária; mas aqui dava para andar por aí com sapatinhos de fada Miu Miu o ano todo. Na verdade, nem era preciso andar; esse era o lugar perfeito para sapatos de festa. Talvez seja por isso que todo mundo aqui anda de carro.

Fucei no meu BlackBerry enquanto meu Novo Melhor Amigo, o vendedor de sapatos, estava procurando a bolsa. O BlackBerry ainda era um mistério para mim. Eu já me metia em confusão suficiente com um celular, sem poder responder e-mails do trabalho enquanto passeava por aí. Ou seja, ficava bêbada. Antes que pudesse recolocá-lo no fundo da bolsa (muito chateada por estar cercada de Miu Mius mais jovens), ele começou a vibrar na minha mão.

— Alô? — Atendi automaticamente.

— Angela, é o James.

Ah, James. Droga. Fiquei tão distraída com a beleza que, por quinze minutos, tinha conseguido esquecer tudo.

— Angela, você está aí?

— Sim — acenei loucamente para Jenny. Eu não podia fazer isso sozinha. Mesmo usando sandálias de 800 dólares. Principalmente usando sandálias de 800 dólares.

— Queria dizer que sinto muito sobre as fotos. Blake está tentando tirá-las do ar agora mesmo — ele parecia genuinamente preocupado. Mas também, era um ator. — Você está bem? E conversamos com a revista. Vai ficar tudo certo.

— Bem, eu fiquei um pouco choc... — antes que eu pudesse terminar, Jenny arrancou o telefone da minha mão e saiu andando pela loja.

— James? Jenny — ouvi o começo, só que ela foi para longe. Mexi nas minúsculas fivelas das sandálias mas, aparentemente, elas tinham sido feitas por elfos e meus dedos gordos de salsicha (deviam ter inchado com o calor de LA, certo?) não conseguiram se soltar das tiras.

— Não sei, ela está meio arrasada — ela disse, voltando. — Porém, estou tentando cuidar dela. Estamos fazendo compras.

— Jenn — sussurrei —, me devolva essa droga de telefone.

— Estamos na Miu Miu — ela piscou, mantendo-me a distância. — Sim, acho que ela gostaria muito. Certo, vou passar para alguém.

Quando finalmente consegui tirar as sandálias, meu BlackBerry estava nas mãos do meu adorável assistente de compras, que tinha voltado segurando algo longo e incrivelmente cintilante.

— Mas é claro, sr. Jacobs — ele falou, antes de desligar e entregar o telefone. E a coisa linda e brilhante. Eu parecia um gatinho vendo uma bola em um jogo de pingue-pongue. BlackBerry ou bolsa brilhante. BlackBerry ou bolsa brilhante.

— O que foi aquilo? — perguntei a Jenny, incapaz de tirar os olhos da bolsa.

Era longa e estreita e redonda, como um estojo de lápis que tive no 7o ano. Porém, ao contrário do estojo, ela tinha uma pequena etiqueta de preço de 500 dólares escondida discretamente dentro do lindo tecido e era coberta de brilhos dourados cintilantes, iridescentes. Ah, e tinha também uma alcinha para passar no meu pulso e garantir que eu nunca, nunca, nunca a perderia. Nem mesmo dormindo.

— Jenny?

— Vamos levar a bolsa e os sapatos, obrigada — ela disse, tirando a bolsa das minhas mãos e devolvendo-a ao vendedor. Os olhos dele brilhavam quase tanto quanto as lantejoulas. — E estes aqui também — ela apontou para os sapatos boneca pretos e amarelos que estavam em seus pés e sentou no banco ao meu lado.

— Você deveria tirar fotos com mais gente famosa — ela passou o braço ao redor dos meus ombros. — James quer pagar pelos seus sapatos. Na verdade, nossos sapatos. Mas, se ele perguntar, os dois pares são seus. Ele disse para colocar na conta dele, e que amanhã vocês se veem.

— Está brincando? — Perguntei, vendo a bolsa e os sapatos sendo levados para trás do balcão, enquanto os funcionários cochichavam entre si. — Ele não pode fazer isso. Não podemos deixá-lo fazer isso.

Fiz uma careta, pensando no que Mary diria se soubesse que ganhei sapatos e bolsas de James. E até o momento que o assistente trocou minha taça de champanhe por duas sacolas enormes, com lindos laços de cetim, eu estava certa de que não ia aceitá-las. Mais ou menos.

— Ah, Angie, Angie, Angie — Jenny mexeu no meu cabelo e abriu um enorme sorriso. — Ele pode e nós podemos. E eu não poderia estar mais feliz. Para onde vamos agora?

O talento de Jenny para fazer compras só se comparava ao seu talento de comer, então depois da Miu Miu, depois da Dolce & Gabbana, Cavalli e Gucci, ela finalmente cedeu. Eu não me divertiria nem na La Perla de barriga vazia.

— A Tiffany's não deveria estar em nenhum shopping center — falei enquanto atacava a onipresente folha de alface que estava no meu prato. — Não importa quão chique ele seja. Não é legal.

— Ah, sei lá... — Jenny recostou-se, sorrindo para o sol com os olhos fechados. — Coma os seus bolinhos de siri e pare de reclamar de Los Angeles.

— Vou deixar Los Angeles em paz se me contar o que aconteceu da última vez que esteve aqui — sugeri. — E quero ouvir tudo sobre a sua dança. E como é que você não fez parte das Pussycat Dolls.

— Fique quieta — Jenny continuou olhando para cima. — Ei, é um beija-flor?

— Sim, e por mais que seja a coisa mais legal que eu já vi — respondi observando o passarinho passar pela nossa mesa e parar em uma floreira ao nosso lado —, você não vai conseguir me

distrair. Quer dizer que dançava mesmo?

— Sim — ela confessou.

— E fazia strip? — Perguntei.

— Não era strip, era burlesco — Jenny esclareceu.

— Então você fazia strip? — Insisti.

Ela suspirou e voltou a olhar para mim.

— Eu não ficava nua no show — ela disse.

— E por que voltou para New York tão rápido — mexi a Coca light com o canudinho —, se você e Daphne eram tão boas? A dança não poderia ter levado vocês a fazer outras coisas?

— Provavelmente — ela riu baixinho. — Levou a Daphne a fazer outras coisas. Outras coisas para os caras que vinham nos ver dançar. Outras coisas em troca de dinheiro,

— Daphne transava por dinheiro? — Perguntei. A julgar pelas pessoas da mesa ao lado que derrubaram os talheres, minha voz saiu um pouco alto demais. — Daphne era prostituta? — Acrescentei baixinho.

— Acho que ela não usaria essa palavra — comentou Jenny diplomaticamente. — Talvez uma garota de programa mais exclusiva. Na época, ela achava que era bem glamoroso.

— E você não? — Perguntei. — Quero dizer, não achava que era glamoroso? Jamais faria uma coisa dessas, não é?

— Acredite, não havia nada de glamoroso naqueles caras — ela respondeu.

— Então você não fez nada, não é? — Continuei.

Uma dúzia de beija-flores fazendo uma apresentação de dança em perfeita sincronia não teria chamado minha atenção nesse momento.

— É claro que não — afirmou Jenny, mas era tentador. De repente, Daphne começou a ter muito dinheiro, parou de fazer testes, faltou a alguns shows. Por fim, parou de dançar completamente e me senti estranha fazendo aquilo sozinha. Principalmente porque, graças a Daphne, agora tínhamos certa reputação. Acho que teria sido mais fácil simplesmente ceder, mas não pude.

— E aí voltou para casa? — Eu não estava acostumada a ver Jenny encolhida. Não estava sendo tão legal quanto achei que seria.

— É, voltei para New York — ela ergueu os olhos e me abriu um sorriso enorme. — E agradeça a Deus por isso, ou você estaria ferrada.

— Daphne não faz mais isso, não é? — Eu não conseguia me segurar, por mais que estivesse claro que Jenny queria mudar de assunto. — Hoje em dia, sabe...

— Angie, fico até com medo de pensar que, na sua idade, você não consegue nem dizer esse tipo de palavra. E não, não faz. Ela parou, tipo, logo depois que eu fui embora. Começou a sair com um velho rico e acho que não precisava mais do dinheiro. E agora está ganhando uma boa grana como consultora de moda, então... — finalizou Jenny.

— Você sente saudade de morar aqui? — Perguntei, por mais que não quisesse.

Ela era a minha Jenny, minha Jenny nova-iorquina que grita com táxis como Dustin Hoffman

em *Perdidos na Noite*, e não a dançarina exclusiva de Los Angeles de Daphne.

— Agora é diferente; foi há tanto tempo. Não tenho mais 22 anos; tudo é muito diferente — ela abriu um sorrisinho. — Mas é bem bom estar de volta sob o sol. Sei lá, não quero as mesmas coisas que queria da última vez que estive aqui. Não sei o que quero.

— Vai dar um jeito — falei ao ver que ela fingia não estar incomodada. — Você sempre dá.

— É — Jenny mostrou seu sapato amarelo Miu Miu. Era completamente lindo. — Sempre dou, não?

— Não acredito que tenha tido essa vida supermaluca — Jenny sempre me surpreendia. Nunca conhecera alguém como ela em toda a minha vida. Não importava quanto tempo passássemos juntas ou por quanto tempo conversássemos, de um jeito ou de outro, ela me surpreendia todos os dias. Às vezes com um pacote de M&Ms de manteiga de amendoim, outras com a informação de que tinha sido dançarina burlesca e sua amiga era uma prostituta fina. — Como é que consegue ficar atrás daquele balcão de concierge dia após dia sem ficar maluca?

Não sei — ela tirou alguns cachos do rabo de cavalo e começou a inspecioná-los em busca de pontas duplas — Eu tenho o Jeff para me distrair por um tempo; mesmo assim, às vezes quase tico. Sei lá.

Comemos em silêncio durante alguns minutos, Jenny concentrada em sua salada e eu dolorosamente consciente de que a garçonete continuava me julgando por ter perguntado se os bolinhos vinham com batata frita. Não vinham.

— O que vai fazer a respeito do James? — Perguntou Jenny depois de um tempo.

— Como assim? — Hesitei, sem saber o que responder.

— Acho que, se o seu namorado já está pensando que teve um caso com um ator supergato, que obviamente está a fim de você, deveria ir fundo de uma vez.

— Ele não está obviamente a fim de mim — retruquei séria, mas não pude conter um sorrisinho interno ao pensar que podia ser verdade. — Só porque ele ligou para algumas lojas e ganhamos umas coisas de graça. Não é nada para ele, Jenny; é como você deixar um amigo seu dormirem um quarto vazio do hotel ou algo assim. Um dos benefícios do trabalho.

— Eu podia me acostumar com esse tipo de benefícios — ela pegou o sapato novamente. — Veja bem, querida, estou dizendo pelo que vi noite passada. Ele gosta de você.

— Não, não gosta e, ainda que gostasse, o que não é o caso... — procurei a carteira na bolsa. A prestação de contas que se danasse, eu ia pagar o almoço com o cartão da empresa — ...eu não teria interesse.

— Claro que sim. Se não tivesse namorado — retrucou Jenny, roubando um pedaço de bolinho do meu prato.

Pensei cuidadosamente na minha resposta, sabendo que ela se aproveitaria de qualquer coisa que eu dissesse.

— Se eu não tivesse namorado, se não estivesse trabalhando e se ele não fosse um ator ridículo. Talvez.

— Ah, meu Deus, você está super a fim dele — Jenny juntou as mãos em uma palma. — Eu sabia! Deu para ver noite passada. Angie, quantas vezes você terá uma chance como essa?

Quantas vezes qualquer um tem uma chance como essa?

— Não importa — corei das bochechas aos dedos do pé. — E não importa que ele seja gato ou que goste de mim. É apenas trabalho. Por mais que no momento não pareça, é trabalho.

— Esqueceu a parte de "já tenho namorado" — Jenny ergueu uma sobrancelha. — Pensei que Alex fosse razão suficiente. Que interessante.

— Não é interessante — corrigi. — É que nem preciso falar dele, não é?

— Então vocês estão bem? Ele não surtou com as fotos? — Minha amiga quis saber.

Não adiantava tentar esconder as coisas de Jenny. No final das contas, a mentira só me traria problemas depois, quando eu precisasse dela. E sempre precisava.

— Ele não ficou muito feliz com elas — admiti. — Mas vai ficar tudo bem.

— Imaginei — respondeu Jenny. — Ele é do tipo ciumento.

— Não, não é. É? — Quis saber. — O que a faz pensar isso?

— Por favor, Angie — ela limpou as mãos em um guardanapo e refez o rabo de cavalo. — Alex é todo profundo e sensível. Não dá para ter as músicas românticas, as visitas aleatórias às 3 da manhã porque ele "queria ver você" sem um pouco de possessividade. Simplesmente não consigo vê-lo em uma boa sabendo que você está para cima e para baixo por Hollywood com um gatão meio sem-vergonha, com o mundo todo assistindo. Você consegue?

— Eu disse que ele não ficou muito feliz — murmurei, entregando o cartão de crédito para o garçom sem nem mesmo ver a conta. — Mas vai ficar tudo bem, não vai?

— O namorado é seu, você é quem sabe — ela respondeu, passando-me o gloss. Ela era detalhista mesmo. — O que acha?

— Acho que temos que parar de falar de homens, buscar o carro e ir nadar — peguei o cartão e a nota com o garçom. — E se tiver um spa ou algo do gênero, deveríamos fazer massagens. Afinal, essas são suas férias e eu não tenho compromisso nenhum até amanhã, às 11 horas.

— É isso aí, Angie — Jenny levantou-se e começou a recolher nossas muitas sacolas. — Sempre amei seu jeito de pensar.

Capítulo 8

Até o momento em que a limusine de James parou na frente do The Hollywood, às 1lh04, eu tinha esperado o telefonema de Blake dizendo que eles não viriam e que a entrevista estava cancelada. Mas ali estavam eles e ali estava eu, com os óculos de sol gigantes de Jenny, um copo de café Starbucks na mão e minha (linda, porém mais detonada a cada dia) bolsa Marc Jacobs pendurada no ombro. Respirando fundo, tomei coragem e abri a porta do carro. Se eu ontem tinha pensado que Alex estava chateado e Mary, brava, agora faltava a palavra de Blake.

— É por isso que essas entrevistas idiotas do tipo "um dia na vida de" nunca, nunca funcionam — ele reclamou, me encarando, assim que a limusine partiu do hotel. — Não fale nada até chegarmos ao hotel. É por isso que deveríamos ter marcado um encontro de uma hora em uma suíte com um assessor e um segurança, aí nada, nada, nada disso teria acontecido.

Não podia discordar da lógica dele.

— Mas haveria garrafas de água? — Perguntou James.

— É claro — Blake sibilou na minha direção.

— E salgadinhos?

— Não, porque você está proibido de comer carboidratos este mês — ele cruzou os braços e me olhou com uma raiva profunda.

— Blake, calma, não é culpa da Angela — James pousou a mão no ombro do assistente.

Tirei os óculos e tentei parecer o mais inocente possível.

— Não, as fotos foram culpa sua, não vou repetir de novo — retrucou Blake sem tirar os olhos de mim — E é culpa sua ela ainda estar aqui. Mas estou lhes avisando, já chega. Não saio mais do lado de vocês.

— Já entendi, Blake — James sorriu. — Nós vamos definitivamente obedecer a todas as suas regras. Mas, se vamos passar uma hora inteira falando, vou precisar de um café. O Coffee Beans é aqui perto, podemos pegar alguma coisa? Você sabe que detesto o café do hotel.

— Tudo bem — disse Blake com os olhos ainda colados em mim. Pensei em recolocar os óculos. — Ela vai comprar seu café.

— Você quer que a Angela saia de uma limusine e peça minha bebida preferida no café que eu sempre vou? — James esticou o braço e pegou minha mão. Tive que me segurar para não rir como uma menininha. Nervosismo, só nervosismo. — Honestamente, Blake, isso só serviria para colocar lenha na fogueira. O lugar está sempre cheio de paparazzi.

— Cheio — grunhi.

— Eu disse para você não falar nada até chegarmos ao hotel — Blake retrucou, saindo da limusine.

Prendi a respiração até a porta se fechar.

— Desculpe — eu me engasguei. — Sei que não tem graça nenhuma.

— Angela, só um segundo. Ei, Jack — James apertou minha mão e pressionou o botão do microfone para falar com o motorista. — Acho que vi uns fotógrafos quando chegamos. Podemos dar uma volta? Hum o Pinkberry na Beverly Drive?

A sombra de um aceno por trás do vidro escuro, e partimos.

— Que alívio, hein? — Suspirou James, estendendo os braços sobre o encosto do assento — Na boa, o Blake está enlouquecendo desde que aquelas fotos foram publicadas.

— E ele não vai ficar mais louco ainda agora? — Perguntei em pânico. — Temos que voltar e buscá-lo! Ele vai ligar para a revista. É sério James, estou muito perto de ser demitida. Se ele telefonar...

— Ele não vai fazer isso — James tirou algum fiapo inexistente da camisa azul escura. — Quantas vezes terei que lhe dizer? O Blake não pode cancelar nada. E a revista não pode demiti-la. Mandei um e-mail para lá assim que as fotos foram publicadas, ontem. Só farei a entrevista com você e eles sabem disso.

— Você não faz o menor sentido — esfreguei as têmporas e tentei não pensar em como a camisa dele era exatamente da cor dos olhos. Só o que eu fiz foi lhe arranjar problemas. Poderia ter uma entrevistadora de verdade, podia até fazer aquele negócio de uma hora no hotel que o Blake sugeriu e se poupar de todo esse estresse. E as fotos, você não está irritado? Ou, pelo menos, chateado?

— Você não fez nenhuma pesquisa antes de me conhecer? — James balançou a cabeça. — Há fotos bem piores de mim na internet. Fotos, vídeos. Nossa, coisas que jamais poderia mostrar, nem para a minha mãe. E por que eu iria querer sentar em um quarto dando o mesmo discurso de sempre sobre meu próximo filme, o que eu mais gosto em Los Angeles, as coisas das quais sinto falta na Inglaterra, blá-blá-blá quando poderia estar comendo hambúrgueres e falando sobre fatos reais com você?

— É justo — concedi. — Mas não se incomodou nem um pouco com as fotos?

— Só me incomodei porque elas chatearam você — ele deu de ombros. — Estou acostumado. E as mulheres que aparecem nelas normalmente também estão.

Ele nem corou. Então, corei por nós dois.

— E desculpe, eu deveria ter dito alguma coisa na hora. Quando vemos os fotógrafos, geralmente já é tarde demais — ele disse, olhando pela janela. Olhei adiante dele, para o letreiro de Beverly Hills posicionado sobre um jardim cuidadosamente aparado. Não era o letreiro de Hollywood, mas, ainda assim, era muito glamoroso. — Como estava a sua amiga quando você voltou?

— Jenny? Nem um pouco feliz comigo — admiti —, mas ela se acalmou um pouco com as compras. Aliás, obrigada. Isso foi, bem, uma loucura. Não precisava ter feito aquilo.

— Nem precisa comentar — James agitou a mão como se afastasse meu agradecimento. — E o

seu outro amigo, Joe?

— Não o vi. Eu sinto muito por ele ter se comportado tão mal — ainda não conseguia acreditar em como o Joe tinha sido patético. — E, como eu disse na outra noite, ele não é meu amigo.

— É, ele estava meio... — James fez uma pausa. — Bom, não importa. Não há nada na vida que não possa ser resolvido com frozen yogurt.

— Meu Deus, você é muito mulherzinha — falei. — Queria só ver se dissesse uma coisa dessas em Sheffield.

— Fique quieta e vá tirando a carteira — ele ordenou, e o carro parou. — Você vai pagar.

— Frozen yogurt? — Desci da limusine depois dele. — Parece uma troca justa por tudo que compramos ontem.

— É, mas eu não vou ter que pagar nada daquelas coisas, e esse frozen yogurt é bem caro.

— Você se esqueceu de onde veio, Jim Jacobs — murmurei.

*

No final das contas, o frozen yogurt do Pinkberry era simplesmente mágico. James cobriu o dele com abacaxi e morangos, enquanto eu enchi o meu de cereal Cocoa Pebbles e gotas de chocolate. Paguei com uma nota de 10 dólares e recebi troco. Um pouco.

— Isso é incrível — elogiei com a boca cheia de delícia láctea. — Isso não deveria ser saudável e sem gosto?

— É saudável, ou pelo menos era até você colocar toda essa porcaria em cima — James brincou.

A rua em frente estava repleta de homens bonitos e bronzeados com roupas esportivas e mais algumas das onipresentes meninas de Ugg.

— Bom, pensei em continuarmos a excursão pelos meus lugares preferidos de LA — continuou James, caminhando pela rua, passando pelas meninas que ficavam olhando e pelos caras que fingiam não estar olhando. A única diferença é que hoje estavam olhando tanto para ele quanto para mim. — Que tal o The Grove, para fazer mais compras? O que acha? Isso deve animá-la.

— Desculpe, James — apertei os braços ao redor do corpo. Por que todos os lugares de LA tinham que ser tão abertos? O que eu não daria por uma ruazinha sombria ou uma estação de metrô. — Sei que você não quer fazer as coisas do jeito normal, mas será que poderíamos pelo menos ir a algum lugar, sei lá, menos movimentado?

— Talvez o The Beverly Center? — James terminou o iogurte e jogou o pote na lixeira. — Ou Melrose? Mas com certeza vai haver paparazzi em Melrose.

— Vai haver fotógrafos aonde quer que você vá? — Perguntei, ignorando duas meninas segurando mini cachorros e giga cafés que nos encaravam do outro lado da rua.

— Talvez — James deu de ombros. — Mas já falei, não é problema nenhum.

— É um problema — retruquei, notando um grupo de pré-adolescentes, vestidas de Juicy Couture dos pés à cabeça, descaradamente comparando o James Jacobs e a "garota misteriosa" da

vida real às fotos em seus smartphones. — Desculpe, mas será um problema para mim.

— Não, mesmo — James passou o braço ao redor dos meus ombros.

Eu praticamente pude ouvir todos na rua ofegando juntos. — Se é problema para você, também é para mim. Se pudesse ir a qualquer lugar do mundo agora, para onde iria?

— New York?

James sorriu.

— Bom, não consigo atravessar o país com você em meia hora, mas vou chegar o mais perto possível.

De volta à limusine, saímos de Beverly Hills e continuamos por Hollywood até que James desse uma batidinha na divisória de vidro pedindo que Jack, o motorista, parasse. Assim que saímos, me senti em casa. Os bronzeados, botas e shortinhos sumiram e deram lugar a barbas, Converses puídos e camisas xadrezes. No lugar do Starbucks, havia cafés de esquina com hipsters preguiçosos como donos, as lojas de artigos vintage tomaram o lugar das Urban Outfitters e um pequeno cinema com filmes artísticos substituíra os imensos complexos com várias salas de cinema. E, por mais que eu não pudesse ver o mar, o lindo céu azul era cortado pelas colinas e montanhas que nos cercavam.

— Gostou? — Perguntou James, encostando-se na limusine ridiculamente chamativa. Não pude acreditar que estávamos a apenas dez minutos de Hollywood.

— Gostei — respondi, jogando minha (amada) bolsa sobre o ombro para cruzá-la diante do peito. — Onde estamos?

— Los Feliz — ele esclareceu. — É o mais próximo que consigo levá-la da sua casa sem usar o jatinho.

— Aposto que a pizza aqui não é tão boa quanto no Brooklyn — falei, olhando ao redor. Absolutamente ninguém estava nos observando. — Vamos ao trabalho, então. Onde faremos a entrevista?

— Aqui — ele apontou para uma portinha escura atrás de mim. Primeiro você.

James abriu a porta e fomos da rua ensolarada para um bar pequeno e escuro. Piscando os olhos, passei por uma cortina de contas. Como o Teddy's, da noite anterior, o lugar era cheio de recantos com mesas, mas esses eram de vinil craquelado, e não de veludo. O brilho falso e comprado da Antiga Hollywood complementado por Jessica Simpson, ficava no chinelo perto dessa classe genuinamente antiga, complementada pelo cheiro característico de duas décadas de noites de farra. O pequeno palco no meio do salão tinha uma bateria, algumas guitarras e um piano.

- Oi, James. - disse uma voz de trás do bar que acompanhava a parede dos fundos e era iluminado por abajures com jeito vintage. Se bem que eu tinha a sensação de que elas não tinham apenas jeito vintage eram realmente velhas e, se eu as roçasse, quebrariam em pedaços. A garota falando com James tinha lindos cabelos ruivos e usava bastante delineador preto. — Fique à vontade, vou dar uma saída e já volto.

— Obrigado, Marina — James sentou-se ao piano. — Bem-vinda ao The Dresden. Meu bar preferido em LA. Nenhum paparazzo.

— Você toca? — Perguntei, sentando-me ao lado dele na banqueta.

— Sim.

James ergueu a tampa e tocou algumas notas suaves. Naquele salão escuro, vendo James tocar piano, me senti a milhares de quilômetros de tudo. Das fotos, de Alex, de Mary. Pousei os dedos sobre as teclas frias do piano e olhei para o teclado.

— Você toca? — Ele me perguntou.

— Não — respondi. — Mal sei colocar um CD para tocar.

— Canta? — Ele quis saber

Encarei os olhos azuis dele e soltei uma gargalhada alta.

— Não, não canto — falei atrapalhada. — Meu Deus, pare com isso. Não viemos aqui para fazer uma entrevista?

— Sim — ele fechou a tampa do piano. — Só que me sinto uma fraude fazendo aquele tipo clássico de entrevista com você. É o jornalista que cria o personagem, você sabe. São as perguntas dele que trazem à tona aquelas bobagens de "eu amo o cheiro do mar à meia-noite".

— Posso usar essa frase? — Perguntei — Porque na verdade não tenho nenhuma pergunta sobre o oceano programada e isso pareceu bem legal.

— O.k., então vamos fazer o seguinte — disse James. — Você me faz uma pergunta e depois eu lhe faço uma pergunta. Desse jeito fica mais fácil?

— E me dá algumas ideias para outras perguntas — concordei, remexendo no fundo da (repleta de lixo, mas nunca com uma caneta quando eu precisava) bolsa. — Como você atirou meu gravador no Oceano Pacífico, vou ser obrigada a escrever, então vá devagar.

— Posso ir na velocidade que você quiser — ele falou.

Recusei-me a ficar corada. Recusei.

— Então, meu caro Jim Jacobs — pigarreei e assumi minha postura mais profissional. — Três álbuns que você levaria para uma ilha deserta? Seus preferidos?

— Essa é fácil e, desculpe, nada original — James fingiu que bocejava. — *The Smiths*, dos Smiths, *Nevermind*, do Nirvana, e *Different Class*, do Pulp. Porque sei que você vai dar bastante ênfase ao fato de eu ser de Sheffield.

— Você poderia ter escolhido Def Leopard — retruquei, anotando as respostas e imaginando se essas músicas estariam mesmo na lista das “mais ouvidas” do iPod dele. Como estavam no meu.

— Minha vez — James esticou os braços para o alto, saboreando o momento. — Angela Clark, por que você se incomoda tanto com o que os outros pensam?

— Você podia ter perguntado meus três filmes preferidos — reclamei.

— Responda, por favor — ele insistiu.

— Fácil e, desculpe, nada original — imitei-o, esticando os braços, fiz um rabo de cavalo com as mãos e soltei. — Não me incomodo. Minha vez.

— Acho que não — James balançou a cabeça. — Acha que eu não percebi que surtou quando aquelas garotas olharam para a gente na frente de onde tomamos iogurte? E, apesar de já ter dito

um milhão de vezes que seu emprego está seguro, você continua preocupada com a entrevista, com a revista. Então, não diga que não se incomoda.

— Você não disse que eu tinha que ser honesta — tirei uma mecha de cabelo que grudou no meu gloss. Nunca seria uma dama. — Só disse que devia responder à sua pergunta, e respondi.

— Então, tudo bem. Sua vez.

— Certo — assenti surpresa. Eu não achei que me safaria tão facilmente, mas não queria abusar da sorte. — Três coisas que você sempre leva em viagens.

— Um burrico, Michael Caine e cortador de unha — James me encarou completamente sério. — Minha vez.

— Você não é engraçado — declarei.

— Os 50 milhões de pessoas que viram meu último filme discordariam — ele rebateu.

— Vou escrever isso, se não me der uma resposta séria — ameacei.

— Então também quero uma resposta séria — ele falou.

Suspirei.

— Certo. Eu me incomodo um pouco — admiti.

- Obrigado. E por quê? - James quis saber.

— Por quê? Seria mais fácil você me dizer por que não se incomoda. Como é que a coisa toda não o perturba? Ainda que isso lhe aconteça todos os dias, até duas vezes por dia não entendo como pode simplesmente dar risada e achar que todos farão a mesma coisa.

James se aproximou e colocou meu cabelo para trás da orelha.

— Porque não é real — ele disse baixinho — Eu sei que aquelas fotos não são reais, as pessoas que eu amo sabem que não são reais; é só mais um personagem. Mesmo esta entrevista, por mais divertida que seja e por mais que esteja adorando ficar com você, quando for publicada, vai acabar sendo uma coisa falsa, com um personagem que criamos. As perguntas que está me fazendo não têm o objetivo de descobrir quem eu sou de verdade, não as verdades nuas e cruas. Servem apenas para descobrir aquilo que os seus leitores querem saber, sobre o James Jacobs que viram em todas as comédias românticas idiotas que já fiz.

Eu não sabia o que dizer. Ele não estava errado.

— Angela, não me importo que todos lá fora pensem que estamos transando como coelhos aqui, nós sabemos que isso não é verdade e é isso que conta. E ninguém com meio cérebro acredita no que vê nesses sites de celebridades.

— É, foi o que eu achei — mordi a ponta da caneta, olhando para o bar. — Podemos pegar algo para beber?

— Alguém acha que as fotos são reais — James comentou.

Apesar de saber que isso deixaria minha mãe horrorizada, passei por baixo do balcão do bar e me servi de um drinque.

— É — eu disse.

— Sua mãe? — Ele perguntou.

Ai meu Deus, nem tinha pensado nisso ainda. Coloquei mais um pouco no copo.

— Ainda não — respondi.

— O namorado? — Ele continuou.

— O namorado — falei.

Coloquei uma Coca Light sobre a vodca, mas coube só um terço da garrafinha.

— Não acredito que ele a chamou de mentirosa — James me seguiu até o bar.

— O quê? — Misturei minha bebida com um canudinho. — Ele não disse isso.

— Ele acha que as fotos são verdadeiras — ele falou. — E você disse que não eram, então tenho quase certeza de que isso significa que ele a chamou de mentirosa.

— Não, exatamente — dei um gole, fiz uma careta e coloquei mais Coca. — Ele só ficou um pouco, quer dizer, nada feliz com a história. O que é completamente compreensível.

— Mas você disse a ele que nada estava acontecendo e ele não acreditou em você? — James pressionou, sentando-se em uma banqueta do bar. — Uma cerveja para mim, por favor.

— Legal, agora virei garçonete — murmurei, pegando uma Corona na geladeira — Eu disse a ele que as fotos não eram o que parecia. Isso não significa que ele não acreditou em mim. Ele só ficou um pouco incomodado. A ex dele o traiu, então, você sabe, às vezes é difícil para ele confiar nas pessoas.

— Mas você não é a ex dele — James colocou um pedaço de limão dentro da cerveja. — E não o traiu.

— Não, mas, bem, eu estava saindo com outra pessoa quando o conheci, mas não, não o traí. Nunca traí ninguém. Nunca — coloquei um guardanapo sob a cerveja dele. Pelo menos eu teria alguma experiência trabalhando em bar, quando me demitissem da *The Look* — Jamais trairia o Alex — ergui o olhar com confiança. — Nunca mesmo.

— Então ele não tem o direito de fazê-la sentir-se mal só por causa de umas fotos de paparazzi — James argumentou. — Ele deveria ter acreditado no que você disse e se considerar um cara de sorte por ter uma namorada tão maravilhosa.

— Não diria que sou maravilhosa — tomei um gole do meu drinque. —Estou mais para comum ou legalzinha.

— Sempre faz piadas sobre si mesma? — James colocou a garrafa sobre o balcão. — Porque você é maravilhosa, sabe. E seu namorado nunca deveria fazer com que duvidasse disso.

— Não faço piadas sobre mim e não sou maravilhosa — o bar estava tão silencioso que eu podia ouvir meu coração batendo. Isso não parecia essencial para a entrevista. — Sério. Enfim, tenho mais perguntas a lhe fazer.

— Você é fofa, inteligente, engraçada e evidentemente ama esse idiota por mais que ele não a mereça — James prosseguiu, enfiando o limão mais para o fundo do gargalo da garrafa. — Se fosse minha namorada eu jamais a deixaria ficar infeliz. Nunca.

— Não sei — falei, examinando as unhas. — Acho que ninguém nunca conseguirá me fazer sentir melhor sobre o fato de que nunca serei a América's Next Top Model.

— É, você nunca faz piadas sobre si mesma — retrucou James.

Quanto mais tempo durava o silêncio mais esquisita ficava a situação.

— Ele já a traiu? — Ele perguntou. — O namorado?

— Não. Claro que não — respondi rápido. — Ele não faria isso.

James me analisou em silêncio enquanto bebia a cerveja.

— Podemos voltar à entrevista? — Perguntei com o estômago pesado.

— Porque se você fosse minha namorada... — James recomeçou.

— A entrevista? — Interrompi. Era demais. Isso já era demais.

— Meu iPod com vídeo, tênis de corrida e uma cópia de O *Grande Gatsby* — ele bebeu o restante da cerveja.

Olhei para ele.

— Três coisas que sempre levo em viagens — ele deu de ombros. — Qual a próxima?

Passamos mais uma hora falando sobre as marcas preferidas de James, os lugares onde gostava de passar as férias, restaurantes favoritos e tudo mais que uma leitora da T*he Look* poderia querer saber a respeito de seu ator preferido, até que minha mão começou a doer e o caderninho estava cheio.

— Sabe do quê? — Falei, terminando de anotar o lugar em que ele mais gostava de comprar bagels. — Acho que terminamos. Você está livre.

— Quer dizer que tenho que voltar para o Blake? — James perguntou, fingindo horror. Pelo menos parecia horror fingido; eu teria ficado verdadeiramente aterrorizada. — Não quer fazer alguma coisa esta noite? Desmarquei tudo da minha agenda.

Sorri e balancei a cabeça.

— Na verdade, só o que quero é voltar para o hotel e dormir. As últimas noites foram agitadas e eu tenho que escrever tudo isto aqui e mandar para a revista. Provar que estávamos mesmo trabalhando.

— É justo. Posso esperar até amanhã — James se levantou e se alongou. Ele era mesmo muito alto. — Desde que você esteja realmente trabalhando e não se escondendo. Promete que não vai deixar ninguém fazer com que se sinta mal por causa das fotos?

— Palavra de escoteira — jurei. — Você está certo. Com certeza estou exagerando.

— Legal. E se o seu namorado não tiver mandado uma dúzia de rosas para o seu hotel, ele vai ter que me dar umas explicações — ele abriu a porta e voltamos para o sol cintilante — Não vou deixar que faça você se sentir mal sem motivo.

— Se eu não soubesse que você é um ator detestável e egocêntrico, poderia até pensar que era legal — falei, escondendo os olhos e encarando-o. — Você deve ser um ótimo ator.

— Não se esqueça de colocar isso na entrevista — disse James, ligando para o motorista. — Eu sou bom, mas estou falando sério. Nunca deixe ninguém fazê-la se sentir um lixo. Não tenho mais esse tipo de gente ao meu redor.

— Não, só tem gente superpositiva como o Blake — retruquei, vendo que a limusine já virava a esquina. — Ele facilita sua vida?

— Eu sei que ele parece difícil para todo mundo — James explicou —, mas não sei o que faria

sem ele. Mesmo sabendo que vai ter um chilique por termos fugido dele hoje.

— Tudo bem, aposto que ele vai colocar a culpa em mim. De novo — comentei.

— Vai, sim — ele concordou. — Desculpe. Obrigado por aguentá-lo. E a mim.

— Obrigada por ter tornado tudo mais fácil para mim — coloquei os óculos de sol para conseguir dar uma olhada disfarçada nele.

— Sei que não vai acreditar — ele disse, colocando os óculos —, mas estou me divertindo muito. Sair com você me faz lembrar algo que não tenho mais.

— O quê? — mais de 3% de gordura corporal?

— Não sei bem — respondeu James, puxando meus óculos para o alto da cabeça e olhando para mim. Pude sentir o olhar dele penetrando até o fundo do estômago. — Mas está aí.

— Então, prefiro acreditar que seja algo legal — falei, recolocando os óculos quando a limusine parou ao nosso lado. O fato de James estar sendo um verdadeiro anjo, além de completamente gato, enquanto Alex estava sendo um babaca, estava me ajudando no quê, mesmo?

Capítulo 9

Voltei ao hotel e não encontrei Jenny em lugar nenhum, o que me deixou livre para tirar a soneca mais longa do mundo. Porém, depois de uma hora inteira olhando para o teto, fui forçada a aceitar que o sono não viria. Havia muita coisa na minha cabeça e, para ser honesta, a vodca que tomei no The Dresden não me ajudou a esvaziá-la.

Se eu pudesse resolver pelo menos um dos dramas que rondavam minha mente, talvez conseguisse dormir meia hora. O.k., primeiro, Alex. Olhando para o telefone, tentei relembrar nossa conversa, mas tudo soava muito pior na minha cabeça. Se ele pelo menos telefonasse, se pelo menos dissesse que estava tudo bem. Ou dissesse que me amava, droga. Só que isso ainda demoraria a acontecer. E, oi? Não era muito patético eu precisar que meu namorado dissesse que me amava para me fazer sentir melhor? Sim, muito, mas nem por isso deixava de ser verdade.

Coloquei outro travesseiro acima dos outros que já estavam apoiando minha cabeça e peguei o BlackBerry que estava na mesa de cabeceira. Nenhuma chamada perdida, nenhum e-mail novo. Nada de Mary sobre o texto para o blog que enviei pela manhã. Não importa o que James dissesse, meu emprego continuava na berlinda. Assim que a entrevista terminasse, ele não poderia fazer mais nenhuma exigência, e se Mary pensasse que eu ia transar com cada pessoa com quem trabalhasse, não haveria mais trabalho nenhum. Além disso, Jenny continuava estranha, não estava me ajudando muito.

Como se não bastasse, eu ainda tinha o mais inesperado dos problemas para resolver. James estava definitivamente dando em cima de mim. Definitivamente. O que deveria fazer? Meu trabalho na corda bamba, meu namorado não falando comigo, minha melhor amiga a ponto de me abandonar por qualquer coisinha e um homem loucamente bonito — mais que isso, um astro de cinema — dizendo que sou maravilhosa, acariciando meu cabelo e pedindo que eu passasse a noite com ele. Não era justo. Eu era apenas humana, ao contrário dele. Porcaria de deus grego, como ousava dar em cima de mim? Sério, o que uma garota pode fazer nessa situação?

Eu tinha levado seis meses para ajeitar minha vida depois que cheguei a New York: amigos ótimos, namorado maravilhoso, o emprego perfeito. E levei apenas quatro dias em Los Angeles para acabar com tudo isso. Uau, acho que deve ser um recorde. Sim, só havia uma coisa a fazer.

— Alô?

— Oi, pai, é a Angela.

— Angela, querida, é meia-noite, o que aconteceu? — Meu pai bocejou. Pelo menos era claro que eles não tinham visto as fotos.

— Desculpe, esqueci a diferença de horário — justifiquei-me, olhando para o relógio, que

piscava na mesa de cabeceira. — Não tem nada de errado, só queria falar uma coisinha com a mamãe, ela está acordada?

— Agora, está — ele murmurou.

— O que aconteceu? Angela, você está vindo para casa? — Medo maternal clássico. — O que houve?

— Não, mãe — respondi. — Só queria conversar um pouco. Estou trabalhando em Los Angeles esta semana, sabia?

— Eu nunca sei em que lugar você está — ela suspirou. — E não quer conversar há meses, menos ainda no meio da noite. Então fale logo, o que aconteceu?

— São 4 da tarde aqui, desculpe, não estava pensando direito — expliquei. O que era bem verdade.

— Não, você não tem pensado direito desde que se mudou, querida — concordou mamãe. — Qual o problema?

Ela estava acordada havia quatro minutos e já estava me dando bronca. Por que não liguei para ela antes?

— Nada não, só queria ligar para falar de, bem, de umas fotos — tentei pensar em como explicar a frase "a internet está bombando de fotos muito sugestivas de sua única filha" para minha mãe de 59 anos, mas nada me vinha à cabeça. — Apareci em umas fotos.

— Você está em fotos? É por isso que está em Los Angeles, porque vai fazer um filme?

— Não, mãe, eu vim para entrevistar uma pessoa, não para fazer um filme — fechei os olhos. — É que alguém tirou umas fotos de mim com a pessoa que eu estava entrevistando, ele é ator, e estão dizendo que estamos... saindo juntos.

— Está saindo com um ator? — Ouvi o som da água jorrando da torneira e de armários sendo abertos. Se ela estava fazendo chá, isso ia durar um bom tempo. — Pensei que você estava saindo com o rapaz da guitarra.

— Estou saindo com o rapaz da... ai, mãe, o nome dele é Alex — na verdade, uma xícara de chá seria muito bem-vinda. Ou mesmo algo mais forte. — Não estou saindo com o ator, só queria que soubesse que as fotos dão a impressão de que estou. Mas não estou.

— Só um minuto, querida, estou fazendo um chá. Imagino que você agora só beba café. Mas nada é melhor que uma boa xícara de chá, não é? Esses americanos fariam muito mais sentido se tomassem uma xícara de chá de vez em quando. Café me deixa muito agitada.

— É claro que ainda bebo chá — suspirei. — Dá para comprar aqui.

— Seu pai fica doidinho com café, você sabe — ela acrescentou. — Mas, então, que história é essa de estar saindo com um ator?

— O.k., deixe-me começar de novo — sentei na cama. — Não estou saindo com um ator, porém tem algumas fotos na internet que dão essa impressão. E não quero que fique chateada quando vir.

— Por que eu ficaria chateada? E em que lugar da internet, deixe me ver — ela bebeu um pouco de chá. — Onde estão meus óculos?

— Vocês têm internet? — Atravessei o quarto para pegar o laptop. — Quando compraram um computador?

— Seu pai está fazendo um curso. Pensei que poderia mandar e-mails para você, só que ainda não entendi esse negócio muito bem. Mas seu pai *já* está naquela coisa de Facebook. As fotos do casamento da Louisa estão lá.

— Papai está no Facebook? — Perguntei, fazendo login e procurando. Oh, céus, lá estava ele. A foto não era nada boa.

— Isso mesmo. Mas qual é mesmo o nome do website? — Mamãe perguntou.

— Mãe, acho que não precisa ver as fotos. Só queria que você...

— Se eu procurar seu nome no Google, vai aparecer? — Ela interrompeu.

— Se você o quê?

— Procurar no Google, ah, é maravilhoso, Angela, você digita qualquer coisa ali e os sites aparecem — continuou. — Consegui uma receita deliciosa de torta de maçã. Muito melhor que a da sua tia Susie. Ah, aqui está você, aqui está a foto.

— Não, mãe, esse deve ser o meu blog — eu estava falando tão rápido que nem sabia direito o que estava dizendo. Mas não podia suportar a ideia de que ela visse aquelas fotos. — As fotos não têm o meu nome, mas pensei que alguém que as tivesse visto pudesse me reconhecer e dizer...

— Bem, aqui diz que é você — ela não parava de interromper. — Você e James Jacobs? Tenho certeza de que já o vi em alguma coisa; ele é muito bonito, Angela.

— Espere, em que site você está? — Agora as fotos tinham o meu nome? Teclei meu nome no Google Imagens. E lá estava. Lá estávamos.

— As fotos estão em vários websites, Angela. Bem, vocês formam um belo casal — ela parecia estranhamente orgulhosa. — Quando vamos conhecê-lo?

— Mãe, eu não estou saindo com o James Jacobs — repeti. — As fotos não são reais.

— Não é você sendo carregada para aquele grande carro preto? — Ela indagou.

— Bom, sim, mas não... — tentei explicar.

— E não é você saindo do hotel? — Ela continuou.

— Sim, mas... — resmunguei.

— Esse vestido é muito bonito, Angela. Se você se vestisse assim enquanto estava vivendo com Mark, ele jamais a teria trocado por aquela sirigaita do clube de tênis. Só andava de jeans e moletons surrados...

— Mãe! — Sério. Por que mesmo eu tinha ligado para ela?

— Deixe para lá, aposto que o Mark vai se sentir bem bobo quando vir que você está saindo com uma estrela de cinema, não é? Malcolm, qual é aquele filme que vimos sobre o cassino? O novo namorado da Angela estava no filme — ela berrou sem afastar o telefone da boca.

Momentaneamente surda, voltei a atenção para o primeiro site que apareceu.

Atualizado: Nós finalmente confirmamos a identidade da nova paixão de James Jacobs! É ninguém menos que Angela Clark, também britânica, jornalista e, de acordo com nossas fontes, namorada do vocalista da banda de rock nova-iorquina Stills, Alex Reid. Que bela troca, dona

jornalista! Isso posto, sempre achamos que Alex Reid era uma gracinha; com certeza não é nenhum James Jacobs, mas, se estiver procurando alguém para ajudá-lo a superar a separação, estamos à disposição...

E ali, ao lado de uma nova foto de James me carregando para fora do Teddy's, a qual exibia fabulosamente a minha calcinha, estava uma foto de Alex, todo encasacado, a caminho da estação de metrô de Bedford Avenue. Não sabia se a foto era nova ou antiga, mas ele parecia arrasado.

— Que droga — sussurrei.

— Angela, sem palavrões — mamãe me repreendeu.

— Mãe, desculpe por tê-la acordado — falei, esfregando os olhos. Agora não tinha tempo para sonecas. — Tenho que dar uns telefonemas. Ligo mais tarde.

— Certo, querida. E eu não me incomodaria com as fotos. Você não sabe que o que dizem no jornal de hoje estará embrulhando peixe no mercado amanhã? Só tente não mostrar a calcinha nas próximas vezes. Até logo.

— É melhor que não haja próximas — murmurei baixinho, desligando e fazendo outra ligação.

Odiava quando minha mãe estava certa.

— Alex, sou eu... — sério, será que eu nunca ia aprender a pensar no que ia dizer na mensagem de voz antes de ligar? — Sei que você me disse para não ligar, mas fui obrigada. Pode ligar para mim, por favor? Eu só queria falar com você; aquelas fotos são pura idiotice. Conversei com a minha mãe e, bom, você não está nem aí que eu tenha falado com ela, não é? Enfim, por favor, me ligue?

Não era o meu melhor, mas já tinha feito coisa pior. As fotos da minha calcinha circulando pela internet mereciam totalmente esse título.

Passei as duas horas seguintes zelosamente escrevendo minha entrevista com James. Para alguém que nunca entrevistara uma celebridade de primeira linha antes, até que não estava tão ruim. Se não o conhecesse, essa entrevista com certeza faria com que eu me apaixonasse por ele. Infelizmente, eu o conhecera e, por mais que tentasse fingir que não, nutria sentimentos que não eram nada profissionais. Mas acho que não deveria incluir esse detalhe na entrevista.

Quando estava considerando pedir todo o cardápio do serviço de quarto, meu telefone tocou. Agarrei-o rapidamente, rezando para que fosse Alex. Meu amado namorado Alex, a quem eu nunca trairia. Nunca. De verdade.

— Ei, Angie, ainda está com James? — Gritou Jenny do outro lado da linha.

— Não — olhei o relógio. Onde ela esteve o dia todo?

— Beleza, estamos no The Grove. A Daphne teve que pegar umas peças na Nordstrom. Ela vai vestir a Rachel Bilson amanhã, acredita nisso? Ela é o máximo. Pequenininha, mas linda — continuou Jenny. — Estarei no saguão em 20 minutos e aí sairemos para jantar. E depois vamos sair. Daphne, onde você fez reserva?

O som das buzinas me impediu de ouvir o nome do restaurante.

— Jenny, você está falando ao telefone enquanto dirige? — Perguntei, apoiando a cabeça na mão.

— Hum, não?

— Por favor, tenha cuidado — pedi. Jenny não era muito preocupada com sua segurança nem nos seus melhores dias, e a ideia de ela estar dirigindo um carro me deixava aterrorizada. — Não sei se quero sair para jantar. A manhã de hoje foi muito estranha, um monte de gente ficou me olhando.

— Sim, só que você estava com o James, não é? Pois hoje estará conosco. Ninguém vai olhar, prometo. Quer dizer, até vão, mas só porque somos lindas. Então, arrume-se. Ah, droga, não deveríamos ter virado ali?

Antes que eu pudesse argumentar, ela desligou. Pelo menos torci para que tivesse desligado, e não provocado um engavetamento de seis carros.

Mesmo não querendo sair do meu quarto no hotel, também não estava a fim de brigar com Jenny outra vez. Em vez de ir para a cama, fui até o guarda-roupa e peguei meu vestido de seda preto Kerrigan. Provavelmente, Jenny estava certa. A essas alturas, uma celebridade de verdade já tinha feito alguma burrada e ido parar na primeira página do Perez, não é? O vestido era perfeito: seda preta soltinha, com uma faixa cor-de-rosa na cintura. Era bonito, mas definitivamente nada sexy, e se eu o combinasse com sapatilhas em vez dos saltos altíssimos que Jenny me obrigara a comprar junto com o vestido, ficaria bem conservador. Penteei o cabelo e passei um pouco de blush e rímel. Apresentável, porém sem chamar a atenção.

O que não se podia dizer de Jenny e Daphne. Fiquei em dúvida se elas estavam na recepção para me esperar ou para participar de um concurso para escolher a nova integrante das Pussycat Dolls. O cabelo de Jenny estava imenso, ou porque ela se entusiasmou com o pente ou porque dirigiu o dia todo com a capota do carro abaixada; e seu lindo bronzeado foi complementado com lábios supervermelhos, saltos de 12 cm e um minivestido de couro preto com gola boba justíssimo. Daphne não ficava muito atrás. Seu cabelo preto estava cuidadosamente cacheado e arrumado (e coberto com uns 3 centímetros de laquê), a maquiagem impecável e bem ao estilo dos anos 1950. Meia-calça com costura atrás, uma saia-lápis preta ridiculamente justa, uma camisa branca bem cortada e um cinto largo de couro vermelho enrolado na cintura compunham um visual que eu jamais sonharia em copiar. Já era uma vitória aplicar o delineador sem ficar cega — como é que ela conseguia andar por aí desse jeito?

— Vocês estão lindas — elogiei com a sensação de que tinha ido de pijamas ao baile da escola. — Não achei que íamos a algum lugar chique.

— Não é o máximo? — Jenny fez uma voltinha para mostrar. — Sabia que você ia amar; é um Marc Jacobs. A Daphne pegou emprestado para as fotos de amanhã. Não está usando seus Miu Mius?

Balancei a cabeça, olhando insegura para minhas sapatilhas gastas.

— Vestido Kerrigan? — Perguntou Daphne, encarando-me de cima a baixo. — Legal.

Confirmei, tentando não ficar completamente abobada com Daphne. De novo. Ah, sim, eu podia vomitar em frente a uma estrela de cinema e depois sentar ao lado dele na praia, mas era só me colocar diante de uma adulta que eu ficava sem ação. Sempre quis ser uma daquelas garotas sempre perfeitas, que andavam por aí com saltos altíssimos e uma bolsinha de mão, e não a que tropeçava por aí com suas botas, derrubando a mochila no metrô e espalhando absorventes por todo lado. Mas não era meu destino. Então lembrei que Daphne Fazia Aquilo Com Homens Por

Dinheiro e não sabia mais para onde olhar.

— E agora, para onde vamos? — Perguntei, seguindo as glamourosas até o carro. — Devo subir e me trocar?

— Temos sapatos de salto no carro — disse Jenny, pegando minha mão e sorrindo.

— Um simples "imagine, você está ótima" teria me deixado feliz — resmunguei.

O Dominick's era um restaurantezinho bacana na Beverly Boulevard, cheio de gente bonita, mas pelo menos aqui as pessoas pareciam estar comendo, e não apenas empurrando a comida no prato. Era um bom sinal.

— Está vendo? — Gesticulou Jenny com um garfo cheio de espaguete à carbonara. — Ninguém está olhando para você.

— Não, mas estão olhando para você, derramando molho no seu vestido emprestado — comentei, entregando a ela um guardanapo. Contra todas as expectativas, estávamos tendo uma noite ótima. Eu tinha acalmado os nervos, Jenny tinha melhorado o humor e, assim que superei a vontade de lhe perguntar quanto ela cobrava pelo quê, ela me revelou uma fonte excelente de fofocas de Hollywood. E, como eu tinha sido a capa dos tabloides ontem, achei que tinha direito de saber o tamanho das roupas das atrizes de *Desperate Housewives*. — E quais são os planos para mais tarde?

— Em uma terça-feira? — Daphne fez um biquinho com seus lábios perfeitamente delineados. — LAX? Hyde? O Bar Marmont seria legal, mas estivemos lá no domingo.

— Se o Bar Marmont tem alguma coisa a ver com o Chateau Marmont, acho que não — engoli uma garfada gigante de bife. — Será que o Hyde também vai estar cheio de fotógrafos?

— Querida, isso é Los Angeles — Daphne deu de ombros. — Qualquer lugar que preste estará repleto de fotógrafos.

— Estou começando a odiar Los Angeles — falei para meu bife. — Honestamente, como é que dá para relaxar se não se pode nem mesmo sair e beber com as amigas?

— Não desconte seus problemas em Los Angeles — alertou Daphne. — Está falando do meu xodó.

— Sim, não é culpa de Los Angeles você estar cheia de problemas — completou Jenny. — Los Angeles é linda. Sol maravilhoso, lojas, praias, boates e muitos gatos. E isso que nem estamos falando dessas coisas de natureza, como escalar as colinas, porque, para ser sincera, jamais escalaríamos as colinas. Mas entende o que eu digo, não?

— E você não é escritora? — Perguntou Daphne. — Tudo aqui é uma história, todo mundo. New York é entediante e prática. Tudo aqui é mais legal que em New York.

— Não acho — sorri, balançando a cabeça. — Nem se compara.

— Ela está certa, Angie — Jenny se intrometeu. — Se você pelo menos tentasse, com certeza se divertiria muito aqui.

— Você, Jenny Lopez, está traindo New York — retruquei, mas talvez ela estivesse certa. Talvez a cidade não fosse culpada pelos meus problemas. Acontece que não estaria tão arrasada se ainda estivesse em New York. — James me levou a um lugar hoje, o The Dresden. Ele disse que nunca há fotógrafos por lá.

— Então, não vale a pena ir lá — Jenny respondeu lentamente. — Não se estresse, querida. Mas, sabe, se você quer que essa história toda acabe logo, deveria sair e deixar que a fotografassem.

— Como é que é? — Perguntei, tentando não me distrair com o garçom incrivelmente bonito que estava tirando nossos pratos. Eu estava virando uma vadia mesmo. E por que todo mundo em LA era lindo? Que coisa mais desconcertante.

— Você sai, os paparazzi a reconhecem e tem a chance de falar alguma coisa para eles. Lindíssima, é claro — ela piscou. — E cercada de amigas gatas.

— Não é uma má ideia. — Concordou Daphne. — Você pode lhes dizer que estavam apenas trabalhando, ou que James e você são apenas velhos amigos ou algo assim. Mesmo que não acreditem, provavelmente vão publicar a frase e isso vai limpar a sua barra com a revista.

— Pode ser — respondi em dúvida. Falar com os paparazzi não parecia ser uma boa ideia. — Não sei.

— Já falou com o Alex? — Perguntou Jenny. — O que ele disse?

— Não falo com ele desde ontem — admiti, estudando atentamente o cardápio de sobremesas para evitar o olhar de Jenny. — Ele não está atendendo o telefone.

— Você está brincando? — Ela bateu o cardápio na mesa. — Ele não ligou?

— Não — confirmei. Eu realmente não queria falar sobre isso de novo.

— Se aquele babaca não ligar nos próximos dez segundos para dizer "eu sei que as coisas na internet são lixo e que tenho muita sorte de ter uma namorada como você", vou embarcar no próximo voo para New York para dar uns tapas nele.

Ela me encarou.

— Jenny, tente ver as coisas do ponto de vista dele — argumentei, pegando novamente o cardápio. Porque havia um tiramisu ali com quem eu queria muito me envolver. — Estou longe, em Hollywood, entrevistando um ator com péssima reputação, e depois de dois dias surgem na internet fotos em que ele está me carregando para uma limusine e em que eu estou de roupão no quarto de hotel dele.

— Mas não havia nenhuma foto sua usando roupão, havia? — Questionou Daphne, erguendo uma sobrancelha desenhada.

Mudei rapidamente de assunto.

— Ele estava sendo tão perfeito desde que voltamos, e aí eu chego aqui e tudo vira de cabeça para baixo. Vou ficar bem assim que chegar em casa.

— Longe dos olhos, longe do coração — Daphne abriu um sorriso açucarado que não ajudou muito.

— Talvez ele esteja com tanta saudade que nem aguenta falar com você — Jenny juntou as mãos sobre o coração. — Ah, Angie, é tudo muito romântico. E idiota. Ele está sendo um babaca. Os genes de menino devem estar tomando conta dele de novo.

— Obrigada, vocês duas, por me fazerem sentir melhor — franzi a testa. — Agora não faz diferença, não é? Qualquer que tenha sido o problema antes de eu ter sido rotulada de supervadia internacional pelo Perez Hilton, no que lhe diz respeito, Alex tem uma excelente razão para ficar

bravo comigo. E você sabe que a ex o traiu; ele não é o cara mais rápido do mundo para confiar em uma mulher. Assim que eu voltar a New York, ele vai ficar bem. Tenho certeza.

— Então é assim, você não pode sair da cidade sem que ele pire achando que você está com outro? Que relacionamento dos sonhos, hein — comentou Daphne, olhando para a taça de vinho. — E se ele vai encher sua paciência por algo que não fez, é bom que vá em frente e faça, é só o que eu digo.

— Não está sendo justa — retruquei, bebendo meia taça de vinho tinto. — Meu Deus, não sou totalmente inocente, não é? Acho que fui meio... bem, o James foi meio... nem consigo dizer... pode ser que tenhamos flertado um pouco. E eu não fiz nada, mas devo admitir que pensei seriamente na possibilidade.

— Angela, em primeiro lugar, não me interessa se você deu para todos os atores de *Gossip Girl*. Se disse ao Alex que não deu, e ele não acreditou em você, vou quebrar a cara dele quando voltarmos — Jenny pegou minha mão. — E em segundo lugar, precisa explicar melhor essa história de "flertar".

— Ah, não foi nada — tentei recuar depressa. — Foi só tirar o cabelo do meu rosto, segurar minha mão, dizer coisas — Daphne me encarava com olhos arregalados enquanto Jenny brincava com a colher de sobremesa. — E depois daquela coisa no Teddy's, ele meio que sugeriu que eu ficasse no hotel.

— E não ficou? — Daphne parecia impressionada. — Angela, você merece um prêmio, não um namorado imbecil que acredita em tudo que lê.

— Ele só deve ter dito aquilo por causa dos paparazzi — acrescentei, sabendo muito bem que não tinha sido essa a intenção. — Só estou vendo coisas onde não tem porque essa situação com o Alex está mexendo com a minha cabeça. Sou uma pateta com garotos, nunca sei o que eles estão pensando.

— Nenhuma garota do planeta sabe — Jenny balançou a cabeça. — Mas, ainda assim, não acredito que você veio para casa na noite de segunda-feira. O James Jacobs, quinto cara mais sexy do mundo segundo a revista *People,* e terceiro na minha opinião, estava se jogando em cima e você disse não? Angela Clark, você é a mais forte das fortes.

— Quem são o primeiro e o segundo? — Perguntei, enchendo minha taça com a garrafa de vinho que estava no centro da mesa.

— Christian Bale é o número um e Jake Gyllenhaal é o dois. Mas o ranking pode mudar, de acordo com quem estiver fazendo o papel de durão em algum filme no momento — Jenny abriu o cardápio. — É você quem gosta de caras mais magros. O que, imagino, seja o único motivo pelo qual dispensou o James Jacobs. Meu Deus, mesmo depois daquele papelão no Teddy's eu acharia difícil dispensá-lo. E não venha tentando mudar o assunto para cima de mim.

Esvaziei a garrafa enchendo a taça de Jenny até a borda.

— O que terei que fazer para calar a sua boca?

— Sair depois do jantar — sugeriu Jenny. — Sair mesmo. Dançar, beber. E se divertir.

— Não vou me comprometer com a diversão — dei de ombros. — Mais um drinque não faria mal nenhum.

— É isso aí! — Jenny e Daphne bateram as mãos. Se antes as pessoas não estavam olhando para nós, agora certamente estavam.

Uma hora, duas sobremesas e três martínis depois, nosso carro continuava no estacionamento do Dominick's, enquanto estávamos em um táxi a caminho do Bar Marmont. Tudo (exceto os martínis) me dizia que era uma péssima ideia, mas estava me divertindo tanto com Jenny e Daphne que parecia uma bobagem voltar para o hotel só porque uns fotógrafos podiam estar ali na frente e me reconhecer. Além do mais, eu estava quase bêbada, a ponto de começar a dançar.

— Então, Jenny — agarrei-me ao cinto de segurança do banco traseiro do táxi quando o motorista fez uma curva íngreme onde está o Joe?

— Trabalhando — ela me encarou séria. — Obviamente, estaria aqui comigo se não estivesse.

— Mas vocês ainda não...? — com certeza eu já saberia todos os detalhes sórdidos se ela tivesse fechado o acordo.

— Não, ainda não — ela fez um beicinho e passou um pouco de gloss. — Acho que ele deve estar doente. Mas vamos. Ele só pode estar doente, não é?

— Você só tem mais quatro dias — lembrei-a. — Melhor ser rápida, Lopez.

— A não ser que ela fique mais tempo — Daphne comentou baixinho quando o carro parou.

— Agora, não — disse Jenny, empurrando-a para fora.

Olhei de Daphne para Jenny. Do que é que ela estava falando?

— Só mais quatro dias — cantarolou Daphne quando começamos a subir os degraus até a porta do bar.

Não sabia com o que deveria me preocupar mais: a tensão súbita de Jenny, os fotógrafos parados na rua ou o homem enorme segurando uma prancheta e nos observando. E, assim, se eu não encontrasse logo um banheiro, teríamos um incidente muito vergonhoso aqui na porta. Mas não exatamente o que o cara com a prancheta imaginava.

Boa noite, senhoritas — ele nos olhou de cima a baixo e se posicionou diante da porta. — Estamos com a casa bem cheia hoje. São hóspedes do hotel?

Entrei em pânico, pois entradas vip não eram minhas amigas, Daphne, porém, parecia bem acostumada.

— Estamos com James Jacobs — ela disse com a voz macia. — Ele está hospedado aqui.

— Vocês estão com James Jacobs? — Ele nem se deu ao trabalho de erguer a sobrancelha.

— Bem, eu não estou "com ele" — explicou Daphne, dando um passo para o lado. — Mas ela está.

O homem olhou para mim, aparentemente não tendo notado minha presença por trás do cabelo enorme de Jenny, e um lampejo de reconhecimento passou por seu rosto. Só que não de um jeito muito bom.

Mostrei a ele meu maior sorriso por-favor-me-deixe-entrar-para-fazer-pipi, mas ele não entendeu bem. Ou talvez eu só estivesse parecendo bêbada.

— O sr. Jacobs já está lá dentro, mas vou perguntar a ele se está aguardando convidadas — ele me encarou e entregou a prancheta para um homem um pouco menor que ele.

— Sim, por favor — sorriu Daphne doce como mel.

Sentime um pouco tonta por causa dos martínis, da batida que podia sentir pela vibração no chão e da altura inacreditável dos saltos que Jenny me obrigou a vestir no táxi. Aparentemente, ela era suficientemente gata para usar sapatilhas, embora eu precisasse de uma ajudinha. E de umas vinte camadas de rímel e delineador suficiente para deixar um panda com inveja. Antes mesmo que o porteiro entrasse, um rosto familiar apareceu na porta.

— Angela! — Gritou James, mais alto que a música que tocava lá dentro. — O que aconteceu com a noite de descanso?

— Oi! — Respondi, passando pelo porteiro (rá!) e deixando que James me desse um abraço rápido antes que eu conseguisse me libertar e olhar ao redor em busca dos banheiros.

Meu alívio era imenso, tínhamos entrado e eu estava prestes a fazer pipi.

— James, essa é a Daphne, e você se lembra da minha amiga, Jenny?

Já volto — acenei, olhando para trás antes de voar até um corredor onde havia uma fila de meninas. Até onde eu sabia, garotas americanas só faziam fila para duas coisas, liquidações e banheiro, então, a não ser que alguém estivesse fazendo um feirão de Jimmy Choos ali atrás, os banheiros eram aqui.

Para um bar tão bonito, os banheiros não eram nada chiques, pensei comigo ao fechar a porta do cubículo feioso, apesar de o lugar ser realmente um arraso. Do lindo papel de parede com borboletas às luminárias com franjas, o Bar Marmont rescendia a glamour. E a multidão que o ocupava não ficava para trás. Pensei que talvez tivéssemos vindo parar acidentalmente nos testes para a próxima edição de *America's Next Top Model*. Se o programa aceitasse modelos masculinos. E homens não-muito-modelos, mas com cartões de crédito platinum. Acima de tudo, porém, era seguro. E não me referia apenas à fechadura na porta do banheiro. O bar era confortavelmente exclusivo.

Talvez James estivesse certo, talvez o Chateau e seu bar shabby-chic fossem seguros. O suficiente para que eu bebesse até me esquecer de Alex por umas duas horas. Só que ele estava ali, no canto da minha cabeça, sorrindo, tirando o cabelo dos meus olhos enquanto a franja dele caía na bochecha. Eu podia sentir o cheiro de seu desodorante, da camiseta suada depois do show, e podia ouvi-lo cantar baixinho no meu ouvido, mesmo com todo o barulho do bar. Talvez eu devesse mandar uma mensagem. Só para lembrá-lo de que eu ainda estava aqui. Minha maxicarteira parecia o Tardis. Onde estava meu telefone? Lavei as mãos e me encostei na parede, procurando desesperadamente e derrubando tubos de gloss pelo chão, até que o banheiro pareceu girar. Quem precisava de tantos tubos de gloss? Ah-há, lá estava o telefone, escondido debaixo dos pedaços de papel higiênico que tinha enfiado na carteira caso mais tarde acabasse. Antes que pudesse pensar melhor, escrevi uma mensagem:

"Sei que você está bravo, mas é tudo bobagem. Saudades. A <3"

Olhei para a tela e vi o ícone de mensagem enviada piscar. Enviando. Enviando. Enviada. Mais alguns segundos para ver se ele respondia E mais alguns.

— Ande logo, estou morrendo aqui — gritou lá de fora uma voz nada elegante. A tranca da porta não aguentaria um bom chute, e se ela estivesse como eu estava dois minutos atrás, derrubaria a porta em treze segundos. Joguei o telefone de volta na bolsa. Só havia um jeito de

resolver isso. Mais bebida. Agora precisaria de mais uns dois mojitos para começar a dançar, mas estava comprometida com essa meta.

Caminhei até o bar sem que as pessoas bonitas ao meu redor sequer me dessem uma segunda olhada. O que era estranhamente bom. Jenny e Daphne já tinham se enturmado com James, Blake e uma turminha, porém nem mesmo elas acenaram quando passei. Eu era invisível. Pensei que o único jeito de ficar anônima em LA seria adotar o uniforme — cabelo loiro, peitos enormes e um corpo magrelo e superbronzeado — mas, aparentemente, eu só precisava ficar em um bar legal, cheio de mulheres muito, muito lindas, e aí ninguém nem piscaria o olho. De qualquer forma, talvez o implante de silicone valesse a pena.

Ninguém ali sequer piscou o olho cheio de maquiagem quando me sentei, com exceção de James, que imediatamente empurrou Blake do lugar ao seu lado para abrir espaço para mim. Ou ele queria muito sentar ao meu lado ou pensou que meu traseiro era muito pequeno para caber no espacinho que havia entre ele e Jenny. O que era verdade. Fui me espremendo até o assento e ergui a mão para cumprimentar todos ao redor da mesa. Jenny abriu um sorriso imenso por cima da borda da taça de martíni e Daphne deu uma piscadinha por cima do ombro de um homem alto e magro com o afro mais impressionante que já vi. E no canto, com sua carranca, estava meu velho amigo Blake, oferecendo-me um olhar mortal de boas-vindas.

— Boa noite, madame — James estava usando seu uniforme usual: jeans indecentemente justos, camisa preta bem ajustada e olhos de ídolo das multidões. — Jenny me disse que conseguiu convencê-la a vir contra a vontade.

— Hum — dei uma olhada para Jenny, à minha esquerda. Ela ergueu a taça em retribuição, antes de voltar a conversar com o gêmeo de Joe sentado à frente dela. — Houve uma certa dose de coação.

— E alguns martínis? — Ele perguntou.

- Ela mencionou isso, é? — Quis saber.

Bem, eu não sabia o que você queria beber — James me entregou uma taça de martíni bem cheia. — E não sei do que gosta.

— Obrigada — agradeci e tomei um gole.

- Além de mim, claro — ele acrescentou.

Franzi a testa e continuei bebendo.

— Então, conseguiu falar com aquele seu namorado? — Perguntou James, chegando perto para que eu pudesse ouvi-lo apesar da música.

— Não — terminei o drinque e cuidadosamente coloquei a taça vazia sobre a mesa. — Mas está tudo bem.

— Se ele continua sendo um mané com a história das fotos, posso ligar para ele — James se ofereceu. — Mas acho que sou a última pessoa com quem ele gostaria de falar.

— Se eu achasse que ele atenderia o telefone, adoraria que ligasse para ele — fechei os olhos e percebi o braço de James pousado casualmente sobre meus ombros, e não na madeira do banco. Uma mão quente segurava meu ombro em uma espécie de abraço.

— Bem, para ser honesto, acho que o que tenho a dizer para ele não o faria se sentir melhor —

disse James com o rosto no meu cabelo. — Estou muito feliz que tenha vindo aqui hoje.

Eu me virei rápido para olhar para James, mas seu rosto estava tão perto que meu nariz bateu no dele. Ele tocou os lábios nos meus, tão leve que quase não senti.

— Não — corei. — Assim, desculpe, mas não.

James deu um sorrisinho e saiu da mesa em direção ao bar. As pessoas bonitas instintivamente abriram caminho e ficaram olhando quando ele passou. Era engraçado como elas reconheciam quem era da mesma espécie.

Enquanto observava a bundinha dele coberta de jeans se afastando na multidão, tentei desesperadamente clarear a mente. Daphne já estava bebendo vodca direto da garrafa, e imaginei como ela conseguiria fazer as fotos com a Rachel Bilson amanhã. E como Jenny faria para tirar tantos tipos diferentes de manchas daquele vestido de couro. E quando Blake finalmente se levantaria para quebrar a minha cara, em vez de apenas ficar olhando. Ah, agora.

— O que é que você pensa que está fazendo? — Ele perguntou exigente, atirando-se para o outro lado da mesa e quase empurrando Jenny do meu lado.

— Oi, Blake — torci para que ele acabasse desistindo, se eu me recusasse a brigar. — Sinto muito por hoje cedo. O James pensou...

— Esse é o problema, o James não pensa — disse Blake. Ele podia ter ficado quieto, mas era evidente que estava furioso. — Eu penso. Esse é o meu trabalho. Ele atua, eu penso, você faz perguntas e vai embora.

Aparentemente, ele queria brigar de qualquer jeito.

— E por mais que você não ligue para o seu emprego, seu namorado e essas porcarias, também é meu trabalho garantir que o James continue com as coisas que são importantes para ele — ele parou. — Não faça com que o meu trabalho seja garantir que perca as coisas que são importantes para você.

Opa.

— Blake, eu...

— Não — ele continuou. — Eu disse desde o começo que essa não era uma boa ideia, e como se a noite de segunda-feira não tivesse sido suficientemente ruim, aqui está você de volta com as vadias das suas amigas, se jogando para cima do James. É patético.

Certo, agora eu estava incomodada.

— Em primeiro lugar, nunca foi minha intenção mostrar minha calcinha na internet; e, em segundo, por favor, não chame minhas amigas de vadias. Você não as conhece, como ousa chamá-las assim?

Blake inclinou a cabeça para a esquerda para olhar ao meu redor e riu.

Eu me virei para trás. Jenny estava sentada confortavelmente a um centímetro da boca do gêmeo do Joe e Daphne estava dançando com o cara dela. Bom, ela estava dançando; ele estava sentado. Ela estava dançando no colo dele. Ah, meu Deus, ela estava dançando no colo dele!

— Não, imagine, nada vadias. Vocês estão aqui há o quê, vinte minutos? — Blake curvou a boca. — É, eu conheço vocês. Todas vocês. Acha que é a primeira zé-ninguém a tentar alguma coisa com o James?

— Blake, isso está muito chato. Estou ficando cansada de repetir a mesma coisa — dei as costas para minhas amigas vadias. Não dava para brigar com ele a respeito daquilo. — Ninguém está querendo nada com James.

Tentando me equilibrar nos saltos, fiquei de pé.

— Jenny — lati sem tirar os olhos do rosto convencido de Blake. Ele não era tão bonito quando estava brigando. — Jenny, posso falar com você um minutinho?

Ela olhou para cima, as sobrancelhas unidas em um pedido silencioso para ficar onde estava.

— Jenny. No bar. Agora — eu me virei e saí andando. Talvez meio lentamente e, bem, meio cambaleante, mas ainda assim andando.

— Angie, querida, o que está fazendo comigo? — Gemeu Jenny, ajeitando a barra do vestido enquanto eu a arrastava pela multidão. Por algum motivo, não abriram caminho para nós.

— O que está fazendo? — Perguntei, lutando por um centímetro do balcão do bar. — Eu estou brigando aos berros com Blake, ele está nos chamando de vadias e quando me viro você está praticamente transando com um estranho. E a Daphne está quase lá!

— Uau — Jenny assoviou, olhando para Daphne. Um pequeno grupo se formava ao redor, bloqueando minha visão. Graças a Deus. — Ela é tão sexy. É uma pena que não tenha continuado com o burlesco.

— Jenny, preste atenção, não é aí que quero chegar — falei depois de pedir uma Coca Diet, mas sabendo bem que não seria uma latinha de refrigerante que ia me deixar sóbria. — Eu vou procurar o James e me despedir, e aí vou embora. Já tenho problemas demais com o Blake tentando arruinar a minha vida.

— Angie, desculpe, mas vou ter que dar uma de Oprah para cima de você — Jenny pressionou os lábios em um traço fino. — Qual é o seu problema?

Olhei para ela, um pouco chocada.

— Qual é o meu problema? Não sou eu que estou enrolada com um estranho no meio de um bar...

— E eu estou, qual o problema? — Ela perguntou com as mãos nos quadris. — E faço o que bem entender, então cale a boca e escute. Sim, já sei que aquelas fotos suas com o James foram difíceis de ver, mas não eram a realidade e todo mundo vai perceber. O pessoal da revista, a sua mãe, o Alex. E eu não vou brigar por isso, mas se ele não entender, se nunca mais falar com você, é porque ele não merece a sua preocupação querida. Fato.

— Mas... — resmunguei.

— Não, ainda não terminei — ela pegou a latinha de Coca Diet e tomou um gole. — Tenho mais duas coisas importantes para dizer. Primeiro, que diabos aconteceu com a minha Angie? Está andando por aí choramingando e resmungando porque seu namorado está sendo um panaca e um gato do cinema está a fim de você? Cadê a garota que quebrou a mão de um cara quando descobriu que o namorado tinha outra? Que entrou em um avião e foi para New York sem pensar duas vezes?

— Não sei — sempre fui muito eloquente.

— E segundo: é muito, muito importante, que você pense no que vou lhe dizer — Jenny

agarrou meus ombros com força — sua mãe mora muito longe, então não está aqui para ensiná-la uma das lições mais fundamentais da vida. Quando um gato de verdade dá em cima de você, você deixa. Sabe que eu gosto do Alex, pelo menos quando ele não está sendo um cretino, mas, Angie, é um astro de cinema de verdade. Um homem maravilhoso, de primeira qualidade. E ele obviamente está querendo alguma coisa com você. Qual é o seu problema?

— Jenny... — protestei fraca.

— O Alex ligou? — Ela perguntou.

— Não — respondi.

— E você já ligou para ele desde a última vez que perguntei?

— Não — inocentemente, tomei um gole de Coca Diet.

— Mandou mensagem?

— Sim — admiti, olhando para o chão.

— Então não tem desculpa. Tem que fazer isso por mim — ela parecia estar falando sério. Jamais tinha visto Jenny tão comprometida com uma causa. — Tudo bem, você não precisa dormir com ele, mas qual é o problema de dançar? Dar uns amassos? O Alex nunca vai saber. Além do mais, vocês estão no meio de uma briga, praticamente dando um tempo.

— Jenny, se tem algo que aprendi com *Friends* é que estar dando um tempo não significa nada — tirei o pé esquerdo do meu sapato ridiculamente alto e o coloquei no chão gelado. Ah, que alívio. — Além do mais, eu já disse, estou indo para o hotel. Bebi demais esta noite.

— Apenas dance com ele e me deixe assistir — ela implorou. — Se vai me fazer sentir culpada por ficar com aquele cara lá da mesa, pelo menos me deixe viver através de você.

— Se me disser o nome daquele cara, reservo a suíte nupcial do The Hollywood — dei um momento a ela.

— John? — Ela deu de ombros.

— Não chegou nem perto.

— Grande coisa, Angie — Jenny apontou para James, que caminhava pelo bar procurando por nós lá na mesa. Procurando por mim. — Só uma dança. E aí você pode ir embora. Eu a levo para o hotel.

— Talvez esse seja o problema — falei, sentindo um formigamento familiar no estômago. — Se eu dançar com ele, não sei se vou conseguir ir para o hotel.

— Ótimo — sorriu Jenny, puxando-me de volta até a mesa; usando aqueles saltos, eu não tinha como impedi-la.

Ou a música estava ficando mais alta ou eu estava ficando cada vez mais bêbada, com ou sem Coca Diet. A música pulsava no chão e nos saltos finos dos meus sapatos. Eu queria muito dançar com James. Ou ir para a cama e terminar a entrevista com ele por telefone. E é por isso que sabia que estava na hora de ir. Mas Jenny me arrastou de volta até lá, até Blake, "John" e alguma moreninha sentada perto demais do meu James. Meu James, não. Só James.

— Angela — James estendeu a mão e me puxou para o assento ao lado dele. Jenny passou rebolando por Blake e sentou-se, devolvendo a expressão de ódio dele com um olhar assassino.

Eu amava aquela garota. — Angela, essa é minha amiga, Tessa.

A menina nova, usando hot pants jeans, botas e uma camiseta branca larguinha, estendeu a mão, mas era tão pequenininha que mal ousei pegá-la. Parecia que Jabba, o Hut, estava cumprimentando a Sininho.

— Oi — ela disse, saudando Jenny. — Já nos conhecemos?

— Sim, você é a Tessa DiArmo, não é? — Jenny cumprimentou-a. — A gente se encontrou no ano passado, no The Union.

Maravilhada, fiquei vendo como Jenny lidava com Tessa como uma profissional. Ela é quem deveria estar entrevistando celebridades. E dava para entender por que eu não me lembrara de Tessa; tudo no The Ivy estava meio borrado, exceto o chão do banheiro. Quando morava em Londres com Mark, eu mal conseguia abrir uma garrafa de vinho sozinha, mas, desde que me mudara para New York, podia tirar uma rolha da garrafa usando um curvex em menos de um minuto, se precisasse. Os prazeres e perigos da vida de freelancer.

— Sim, o The Union. Não fico em nenhum outro lugar em New York. Exceto o The Grammercy. Talvez o The Bowery. Ou o The Hotel em Rivington — Tessa balançou a cabeça, pensativa, evidentemente não lembrando que Jenny na verdade trabalhava no The Union. — Acho que vou voltar logo. Faz, tipo, semanas que não vou para lá. Talvez o Soho Grand. Vamos sair. Adorei sua roupa. Preciso muito de um novo consultor de moda. Seu vestido é lindo.

Percebi que o olhar arregalado de Tessa estava direcionado para mim.

— Bom, só quem escolhe minhas roupas é a Jenny — brinquei, olhando para meu vestido preto. Bem, ela o escolheu. — Ela faz milagres.

— Jura? Talvez você possa me ajudar. Tenho que ir a uma premiação amanhã à noite — continuou Tessa. — E sei lá, ninguém me traz nada, assim, interessante, sabe?

Comecei a rir, quando mais uma cotovelada de Jenny na costela transformou o riso em tosse. Então, um aperto da mão de James transformou a tosse em um gritinho. E depois em um soluço. Eu estava ficando mais bêbada a cada segundo.

— Ei, por que não vamos às compras amanhã? — Sugeriu Jenny em sua voz mais isso-é-tão-natural. — Posso encontrar algumas coisas para você, tenho certeza.

- Claro - sorriu Tessa. Pelo jeito, ela tinha estudado na mesma escola de encantamento de James. O sorriso dela quase me derrubou da cadeira. Onde?

— Melrose, talvez? Adoraria vê-la em um Betsey Johnson — disse Jenny, segurando as mãos de Tessa. — Alguma coisa curtinha, colorida, quem sabe um balonê?

— Nossa, não tem nada a ver comigo — Tessa olhou para Jenny com um misto de admiração e medo. — Não acha que seria ir um pouco longe demais?

— Querida, já chega de Uggs — Jenny deu um tapinha na mão dela — Acredite em mim. Nunca erro. Então, sapatos. Estava pensando em Choos? Alguma coisa metalizada?

— Por mais fascinante que esteja a conversa — sussurrou James no meu ouvido, tirando-me do meu transe. - não quer dançar?

Do outro lado da mesa, Blake e o antigo alvo dos carinhos de Jenny pareciam igualmente irritados. Parecia que o cara da Jenny não tinha gostado de perder a conquista para uma conversa

sobre sapatos de marca, e Blake estava simplesmente fumegando ao ver James me levar até a pista.

Olhei para Jenny e Tessa, as duas agitando os braços e debatendo com entusiasmo os méritos das gladiadoras com salto de Giuseppe Zanotti frente às plataformas peep-toe de Roger Vivier. Elas não sentiriam a menor falta de mim. E eu queria dançar, por mais que tivesse um mau pressentimento dessa dança com James. Um sentimento quente e bastante inapropriado. Uma dança não faria mal nenhum. Bom, talvez fizesse mal a Blake e, nesse momento, isso era um ponto positivo.

A música parecia ter ficado um pouquinho mais alta, um nadinha mais rápida, quando James me puxou para perto e começou a se mover com o ritmo. Ele tocou as palmas das mãos com as minhas por um momento, e então deslizou os dedos entre os meus, unindo nossas mãos e me puxando mais perto. Felizmente, ele era um ótimo dançarino, movimentando-se com graça e me levando consigo, sempre balançando, girando, sem me dar um segundo para pensar. Minha cabeça encostou no peito dele, na altura do coração, minha bochecha quente contra o tecido da camisa. Quando encontramos o próprio ritmo, James me girou, encostando minhas costas ao corpo dele e enlaçando minha cintura com os braços. O que foi bom, senão eu teria caído. Saltos de 10 centímetros não eram recomendados para movimentos rápidos de dança ou fugas repentinas. Ele deslizou as mãos para baixo, deixando uma trilha de borboletas no meu estômago, e em seguida me girou de novo, levantando meus braços acima da cabeça.

Estava em LA havia tão pouco tempo, mas parecia que eu já tinha esquecido como me divertir. E não era essa a essência de LA? Diversão? Andei tão ocupada me preocupando com a entrevista, entrando em pânico com as coisas do Alex, pirando por causa daquelas fotos idiotas. A verdade é que havia ficado muito estressada e em um curto espaço de tempo. Mas estava quase certa de que essa era a sensação de se divertir. Estar com pessoas que não estavam me julgando ou chutando meu traseiro por algo que nem aconteceu. Essa era a sensação de estar com alguém que queria estar comigo. Estiquei as mãos para o alto, bem acima da minha cabeça, e passei-as pelo cabelo, levantando a cabeça para olhar para James. Os olhos dele estavam fechados e ele estava cantando com a música. E meu Deus, como ele era lindo.

Rodopiei segurando na mão dele e coloquei os braços ao redor de seu pescoço, as pontas dos meus dedos tocando a gola da camisa. Os olhos de James se abriram e ele me encarou, parando por um momento e então me abaixando, quase até o chão. Parecia que eu era a própria Baby de *Dirty Dancing,* e ninguém coloca a Baby no canto. Só havia duas coisas que eu podia fazer naquele momento, totalmente desequilibrada, largada nos braços dele, seu rosto a poucos centímetros do meu. Dar risada ou beijá-lo.

Então, eu ri.

E ele me beijou.

Capítulo 10

— Desculpe — sussurrou James, levantando-me de novo. Segurei em seus ombros até que o sangue voltasse a circular pelo meu corpo. — Deveria ter pedido antes?

Havia coisas demais passando pela minha cabeça para que eu pudesse responder. Se tivesse sido um beijo rápido, só um selinho, talvez fosse possível dar risada e deixar para lá, mas aparentemente a prática levava mesmo à perfeição. Foi um beijo hollywoodiano. Meus lábios ainda estavam formigando, porém não havia nenhuma sensação de pele raspada pela barba. Dava para entender por que James tinha ficado com metade de Hollywood; todas as partes do meu corpo estavam pegando fogo.

— Angela? — Ele me chamou.

— Desculpe — pisquei os olhos, largando a camisa dele e pressionando os dedos sobre meus lábios. — O que foi?

— Você está bem? Não vai vomitar, não é? — Levando em conta meu histórico, era uma pergunta válida. Senti-me a própria menina de 14 anos em frente ao ídolo. Tinha literalmente perdido a capacidade de falar. — Angela, é sério, você está bem?

— Acho que vou, agora — finalmente consegui responder. — Embora.

— Embora? — James franziu a testa.

— Para o hotel — murmurei.

Ele passou uma mão ao redor da minha cintura e com a outra tirou o cabelo dos meus olhos.

— Quer vir até meu bangalô? — Ele me convidou.

Sim.

— Não.

Uau, eu disse não.

— Mesmo? — James parecia um tanto surpreso. — Pensei que talvez você fosse querer, sei lá, ir até lá?

Ele não estava nem de longe tão surpreso quanto eu.

— Não posso. Não é uma boa ideia — olhei para a mesa. Tessa tinha saído e Daphne não estava em lugar nenhum. Jenny, porém, estava sentada, encarando-me com os olhos arregalados, a boca aberta e batendo palminhas de empolgação. — Acho que vou pegar a Jenny e ir para casa.

— O.k. — ele apertou minha mão e fez um sinal para Blake, lá na mesa. Não pude deixar de notar que ele não parecia feliz. Para dizer o mínimo. — Deixe-me chamar um carro para você,

pelo menos. Não saia daqui.

Antes que eu pudesse fugir, Jenny estava ao meu lado.

— Angela. Clark. Meu. Deus. Do. Céu.

— Eu sei, fique quieta.

— Você acaba de ficar com um astro do cinema — o sorriso de Jenny era tão grande que suas bochechas só podiam estar doendo.

— Não acho que dar um beijo seja ficar — argumentei.

— E quem disse que você tem que parar em um beijo? — Ela me indagou.

— Jenny, se está tão desesperada para ver alguém ir para a cama com uma estrela de cinema, por que não vai você mesma? — Fechei os olhos e tentei não pensar no convite de James.

Angie, se eu pudesse, iria — respondeu Jenny. — E seria maravilhoso. Para ele.

Ah, dane-se — eu tinha que sair dali. — Sério, se não parar de falar de sexo em vez de fazer, eu é quem vou ter que ir para a cama com você. Isso já está ficando bem chato.

Você deveria ter dito — Jenny parecia magoada. — Não percebi que o estava chateando.

— Desculpe — respondi depressa. — Não foi o que quis dizer. Só me ignore.

— Não, continue, por favor — o humor de Jenny mudou. — Fale mais sobre os meus problemas.

— Não, eu não estou conseguindo me expressar bem — suspirei, o cérebro bagunçado demais para fazer qualquer sentido. — É só que, bom, você fala muito disso sem, na verdade, fazer. E não é como se não conseguisse arranjar alguém, certo?

— Por acaso passou pela sua cabeça que talvez eu não queira dormir com qualquer um? — Perguntou Jenny. Como eu estava de salto e ela de sapatilha, eu estava mais alta, mas ela com certeza quebraria minha cara em qualquer altura.

Fiz uma pausa.

— Não?

— Pois talvez devesse — ela frisou.

— Mas e tudo que você disse? — Esfreguei a testa.

— Meu Deus, Angie, para uma pessoa tão esperta, você fica completamente idiota em assuntos de homem — ela cruzou os braços. — Acha mesmo que vou ficar aqui fazendo-a sentir-se melhor porque um cara lindo está se jogando em cima de você enquanto seu namorado devotado está em casa choramingando por sua causa? Quer que eu a faça sentir-se melhor por ter dois caras a fim de você, enquanto eu não consigo manter nem um?

Jenny me empurrou e enfrentou a multidão para chegar até a porta. Ela estava certa, eu era completamente idiota, mas não só em assuntos de homem. Também não era muito boa em assuntos de mulher. O bar estava tão cheio que só consegui ver a parte de cima do cabelo dela indo até a porta e desaparecendo.

— Genial, Angela — murmurei para mim mesma, sozinha no meio do bar lotado. Eu não sabia o que fazer. Só havia uma coisa que estava clara na minha cabeça, e era minha crescente necessidade de fazer xixi. Empurrei e me espremi até o banheiro e bati na porta fechada.

— Oi — gritei mais alto que a música —, tem alguém aí?

Ninguém respondia, mas a porta estava fechada e meu último martíni não estava a fim de esperar e ver se alguém apareceria em alguns minutos. "Melhor a vergonha de ver outra pessoa fazendo pipi do que a de ter todas as pessoas do bar me vendo fazer pipi aqui", pensei. Olhei ao redor rapidamente, agarrei a maçaneta e dei uma batida na porta com o quadril. Pela primeira vez desde que chegara ao Bar Marmont, dei graças a Deus por ser mais gordinha que a maioria.

A porta se abriu mais facilmente do que eu esperava, e entrei no banheiro de lado, perdendo o equilíbrio. Fechei os olhos e estiquei as mãos para evitar passar mais tempo caída no chão do banheiro, mas, em vez de bater na parede, senti alguma coisa quente. E humana.

— Que diabos está fazendo? — Resmungou uma voz brava, e me virei para trás, acertando o olho na maçaneta da porta.

— Ahmeudeusmedesculpe — guinchei, tentando sair, porém meus sapatos de salto idiotas não permitiam que eu me movesse depressa. Meu olho começou a latejar enquanto eu tateava a maçaneta, mas a porta tinha fechado de novo. Eu tinha que sair dali.

— Angela?

Congelei e pensei se haveria alguma forma de voltar no tempo. É claro que eu não tinha encontrado um estranho dando uns amassos em alguém no banheiro, teria sido fácil demais. É claro que era o James. E é claro que todos pensariam que eu tinha vindo até aqui para encontrá-lo. Mas se ele não estava aqui comigo, quem é que estava encostado na parede atrás dele?

— Ai, droga.

Abri os olhos lentamente. Parado perto de James, com as mãos enfiadas em seus cachos castanhos, os mesmos que eu tinha enrolado nos meus dedos havia poucos minutos, estava um Blake bastante nervoso. E, por mais que James tivesse conseguido me beijar sem deixar marcas de barba, o Blake não tinha o mesmo talento. O queixo liso e forte de James estava vermelho, os olhos escuros e arregalados.

— Eu... eu preciso fazer xixi — falei chocada. Sem dizer uma palavra, Blake soltou os braços ao lado do corpo. Ele olhou de mim para James e de volta para mim, antes de me empurrar para me tirar do caminho (o que só podia me fazer ir parar na parede) e escancarar a porta do banheiro.

— Angela, eu posso explicar — disse James baixinho. — Não é o que parece.

— Eu preciso mesmo fazer xixi — repeti sem tirar os olhos do chão.

— Certo, tudo bem — James secou a boca com pressa. — Eu, bom, chamei um carro para você. E vou esperar ali fora. Deveria explicar, sei lá. Quero explicar. Vou esperar ali fora.

James fechou a porta atrás de si com cuidado, mas ainda assim continuei sem me mexer. Como se precisasse de mais alguma evidência de que Jenny estava certa. Eu era completamente idiota em matéria de garotos.

Por fim, saí do transe, fiz xixi e lavei as mãos, mas ainda não queria voltar para o bar. O que eu diria? O que James diria? E será que a paciência de Blake tinha esgotado e ele ia me matar? Não conseguia acreditar no que tinha visto.

Olhei-me no espelho. Nada bom. Meu cabelo estava uma bagunça, o delineador borrado até o meio do rosto e, aparentemente, ficar em choque não me ajudava em nada. Nunca tinha me visto

tão pálida. Peguei meu potinho da Stila na bolsa. Talvez, se minha cara estivesse melhor, eu me sentisse melhor. Passei um pouco de fúcsia nas bochechas e nos lábios. Fiquei parecendo um palhaço assustado. Estava me sentindo tão idiota. Como é que não percebi?

Abri a porta do banheiro e saí torcendo todos os dedos possíveis, na esperança de que James e Blake tivessem ido embora. E lá estavam eles, bem na minha frente. James parecendo totalmente aterrorizado e Blake com uma expressão surpreendentemente blasé. Ele ergueu uma sobrancelha para mim, cochichou alguma coisa para James e saiu.

— Então — James pressionou os lábios em uma linha fina. Os lábios que eu beijara. Os lábios que beijaram Blake.

Parei e fiquei olhando para o chão.

— Angela, temos que falar sobre isso — ele continuou.

— Não, na verdade, não temos — respondi. Só o que queria era ficar longe dele. Queria estar na minha casa, com o Alex, enrolada no edredom.

— Angela, por favor — ele deu um passo à frente e estendeu a mão, mas recuei. Isso era demais, eu tinha que sair dali.

— James, por favor, eu só quero ir para o hotel — falei encolhida para me afastar da mão dele e disparei para longe. Eu já tinha chegado na porta antes que ele viesse atrás de mim.

— Espere! — James gritou. Todos entre ele, eu e a porta pararam tudo que estavam fazendo para olhar. Ele percorreu o espaço que havia entre nós dois em segundos. — Temos que falar sobre o que você... o que pensa que viu.

— O seu beijo com Blake? — Perguntei.

James ficou levemente cinza e me empurrou para fora da porta.

— Por favor, não — ele pediu, colocando o braço com firmeza ao redor dos meus ombros.

— O quê? Você não estava beijando o Blake? — Tentei afastá-lo. — Deixe-me adivinhar, estava apenas fazendo respiração boca a boca nele?

— Angela, por favor, tem gente, paparazzi, por todo lado — James fez um gesto na direção da rua lá embaixo e tentou me levar até um Lexus estacionado ao lado. — Entre no carro e vou explicar.

— Explicar que estava beijando Blake? — Perguntei.

O grupo de paparazzi no primeiro degrau da escada se virou para nos olhar.

— James, aqui! — Gritou um deles em meio a um mar de flashes piscando. — Dê um sorriso!

— E aí? — Parei em um degrau e dei de ombros. — Vai contar para eles ou eu conto?

— Por que não nos conta, querida? — A voz gritou novamente. — Já ouvimos a versão de James muitas vezes.

— Angela, por favor — James segurou minha mão e a apertou. — Não.

Parei e olhei para ele. Como era asquerosamente bonito. Mas nunca tinha estado tão brava com alguém em toda a minha vida.

— Não. Nem pensar, você é completamente maluco e...

Antes que pudesse terminar de falar, James agarrou meu rosto com as duas mãos e beijou minha boca. Bem, essa era uma das formas de fazer uma pessoa não falar. Meus olhos traidores instintivamente se fecharam; eu sabia que os flashes estavam enlouquecendo ao nosso redor, mas de repente ele me abaixou de um jeito que não consegui me soltar. Antes que pudesse pensar em alguma coisa, James se afastou, me tomou nos braços e entrou no carro. A surpresa com o ar-condicionado gelado, o couro macio do banco e a velocidade com que saímos dali me deixou em silêncio.

— Angela, eu sinto muito — James se lamentou.

Fixei o olhar no assento à minha frente.

— É só que... é complicado — ele disse.

Silêncio absoluto.

— Não era minha intenção enganá-la nem envolvê-la em coisa alguma. Mesmo.

Virei o rosto para ele.

— Não era sua intenção? — Perguntei.

— Não — ele falou.

— Então você não tinha intenção de me beijar quando dançamos? — Quis saber.

— Bem... — ele resmungou.

— E não tinha intenção de flertar comigo durante toda a semana? — Continuei.

— Não, não tinha — ele respondeu.

— Então você não passou a semana flertando comigo?

— Não era isso que deveria ter acontecido — ele disse.

Voltei a encarar o assento.

— Não percebi que havia um plano — comentei.

O telefone de James começou a tocar.

— Blake? — Perguntei, tentando reconhecer alguma coisa lá fora, por trás das janelas escuras. Não tinha a menor ideia de onde estávamos.

— Blake — suspirou James.

— Ele deve estar fazendo xixi nas calças de tanto rir da minha cara — passei os dedos na ponta dos meus cabelos. O sol o estava deixando ressecado; teria que fazer alguma coisa com as pontas duplas quando chegasse em casa. Que surpresa! Mais uma coisa ruim a respeito de LA. — Então, o que deveria ter acontecido?

— Como assim?

— Se não era para isso ter acontecido, o que era? — Perguntei, observando meu reflexo no vidro escuro. A garota à minha frente era tão patética que eu nem conseguia reconhecê-la.

— Angela, eu não quis constrangê-la — disse James baixinho.

Eu não conseguia parar de pensar no quanto tinha sido trágica. Jenny estava certa, qual era o meu problema? Tinha perdido o controle sobre minha vida com tanta facilidade.

— James, eu cheguei a lhe contar o que aconteceu com meu ex? — Perguntei por fim.

— Alex? — James perguntou.

— Não, acho que tecnicamente ele ainda não é meu ex — a Angela da janela olhou para mim. Limpei o gloss que estava manchado ao redor da boca dela e arrumei seu cabelo. Agora já estava começando a parecer mais familiar. Familiar e muito, muito brava. — Meu ex-namorado de Londres. Ele estava me traindo com uma menina do clube de tênis. Peguei os dois transando no banco traseiro do nosso carro na festa de casamento da minha melhor amiga.

— Oh — James parecia mais do que um pouco confuso. — Sinto muito.

— Hum. Foi o momento mais vergonhoso da minha vida inteira — desenhei os traços do meu reflexo na janela embaçada. — Foi terrível... um horror. Passar uma vergonha daquelas na frente de todos os meus amigos, da minha família. Ser traída por alguém em quem eu acreditava. Honestamente, achei que jamais superaria.

Posso imaginar — ele disse com cuidado.

Mas depois que fiz xixi no estojo de barbear dele e desapareci para o outro lado do mundo, me senti muito melhor — estendi o braço e peguei a mão de James.

— Mesmo?

— Ah, sim. E também é possível que eu tenha quebrado a mão do noivo durante a primeira dança do casal — dei um apertãozinho rápido na mão úmida de James. — Ele sabia tudo sobre o caso e não me contou. Não acha que foi péssimo da parte dele?

— Sim? — O bronzeado de James estava começando a ficar meio esverdeado.

— Nem posso imaginar o que eu faria com alguém que me fizesse passar vergonha diante de... ah, sei lá, todo o Hemisfério Ocidental obcecado com celebridades?

— Angela, é sério...

Apertei a mão dele com mais força.

— Meu Deus, eu não sei. Talvez tivesse que pagar a alguns maloqueiros para fazerem cocô no carro dele, algo assim.

— Olhe, juro que vou resolver tudo — gemeu James.

— Ou será que eu deveria voltar e falar com os paparazzi sobre um certo amante secreto gay? — Dei de ombros.

Por um momento, James ficou em silêncio.

— Não acreditariam em você — ele afirmou.

— Pois eu acho que há duas formas de encarar a situação aqui, James — enfiei as unhas na palma da mão dele, antes de atirá-la de volta para seu colo. — A primeira, que é aquela que eu estava usando até esta noite, diz que ninguém acredita mesmo no que lê em sites de celebridades. Mas a outra já é consagrada.

Seus lindos olhos azuis estavam completamente inertes. Que coisa deprimente.

— Sabe o que dizem: onde há fumaça, há fogo — apertei os lábios. — Seria uma fofoca ótima, não acha? Mesmo que ninguém acreditasse. Com certeza, algo que vale a pena publicar.

— Ninguém publicaria — James balançou a cabeça. — É perigoso demais. Eles pensariam que

eu entraria com um processo. E você não faria uma coisa dessas.

De repente, o carro parou. Abri a porta e vi uma fila de estrelas desenhadas na calçada. Estávamos em frente ao The Hollywood. Graças a Deus.

— Angela, por favor. Nós temos que conversar — James esticou o braço para me puxar para dentro do carro.

— Você quer mesmo me deixar ainda mais brava? — Perguntei, afastando a mão dele. — Falei sério a respeito dos maloqueiros.

Ele soltou minha mão, empurrando-me para a calçada. Cambaleei, mas consegui me equilibrar entre Greta Garbo e Julie Andrews. Legal, uma freira e uma isolada. Ou seja, meu futuro.

Capítulo 11

— Atenda o telefone, atenda o telefone — cantarolei, andando de um lado para o outro do quarto esperando que Alex atendesse. Meu laptop estava aberto em cima da mesa, mostrando fotos de James e eu nos beijando, ele me jogando no carro, meu olhar de surpresa e ódio confundido com impaciência e paixão por toda a internet. É claro que ele não ia atender o telefone.

"É melhor assim", pensei, atirando o telefone para o outro lado do quarto. Veja só que coisa inédita, eu não sabia o que diria a ele. Alex, o astro mundialmente famoso que todo mundo sabe que já saiu com várias garotas, na verdade é supergay. Só que isso é um segredo, então não conte a ninguém, por favor." Não, não dava para acreditar. Eu tinha que pensar em como explicaria tudo antes que ele ligasse de volta.

A não ser que ele ligasse imediatamente.

— Alex?

— Angela.

— Alex — respirei fundo —, eu tinha que falar com você antes que visse as fotos.

— Angela, eu já vi as fotos, lembra? — Alex disse lentamente — E vamos falar sobre elas quando você voltar.

— Sim, mas — olhei de volta para o computador — essas são as de ontem.

— Como assim? — Ele não entendeu.

— Tem outras — esclareci.

Sentei na cama e olhei para meus dedos do pé. Considerando que era meia-noite e eu estava apenas alguns andares acima da Hollywood Boulevard, o quarto estava bem silencioso. Deveriam colocar isso no site do hotel. Boa propaganda.

— Da mesma noite? — Quis saber.

— Não, mas eu posso explicar — falei.

— Em que site? — Perguntou Alex com a voz completamente seca. — Ou está em todos, mais uma vez?

— Alex, por favor, não olhe, deixe-me explicar — ao ouvir o som das teclas do outro lado da linha, me encolhi. É claro que ele já estava no computador.

— Devo admitir, você está bonita — ele disse por fim. — E quantos caras têm a chance de ver sua namorada o traindo em tempo real? Deus abençoe a internet.

— Alex, pare — fiquei de pé, era mais fácil lidar com um drama quando estava na vertical. O tapete também era muito macio. Talvez pudesse arranjar emprego como publicitária do The Hollywood depois que Mary me demitisse. — Não é o que parece. O James é...

— Totalmente além da sua capacidade? Sim, você se deu muito bem por aí, Angela — ele nem soava como o meu Alex.

— Por favor, pare e deixe-me explicar — tentei encontrar as palavras certas, mas minha cabeça estava totalmente vazia.

— O que quer que eu diga? — Pelo menos agora ele estava parecendo um pouco bravo. Entretanto, isso não era tão legal quanto achei que seria. — Primeiro, aparecem essas fotos em que está praticamente montada na primeira celebridade que já conheceu, depois você não atendeu o telefone, depois me liga às 4 da manhã para dizer, sei lá. O que devo pensar? O que quer que eu diga?

— Não dê a entender que sou eu quem o está ignorando! Tentei falar com você desde que cheguei aqui — protestei. — Você é que não queria falar comigo. E que não estava atendendo o telefone.

— E só porque tenho coisas para fazer aqui sem você segurando na minha mão significa que pode sair transando pelas minhas costas? — Ele berrou.

Quase derrubei o telefone.

— O quê?

— Como assim, o quê? — Ele perguntou. — Um dia vocês estão de mãos dadas na praia, depois saindo do quarto dele no meio da noite, e aí depois aparecem se beijando na frente de um bar? Vai me dizer que não tem absolutamente nada acontecendo?

Não foram muitas as vezes na minha vida em que algo me surpreendeu tanto que perdi a fala, mas essa noite estava se tornando um recorde.

— Diga que não dormiu com ele — a voz de Alex estava baixa e rouca. — Diga. Agora.

— Eu... eu não dormi com ele — gaguejei. Ele não perguntou se eu tinha pensado nisso; perguntou se eu fizera. Ouvi um suspiro e mais toques no teclado. — Por favor, pare de olhar as fotos. Eu não fiz nada, Alex, nunca faria. Por favor, acredite em mim.

— Pois acho que temos um problema — ele disse em voz baixa. — Acho que eu não acredito.

O telefone estava esquentando minha orelha, mas não conseguia soltá-lo. Muito tempo depois de Alex ter desligado, eu continuava parada no meio do quarto, segurando o pedaço de plástico, que esfriava aos poucos. Ele tinha dito aquilo? Depois do que pareceu uma eternidade, meu cérebro voltou a funcionar e redisquei. Isso não ia ficar assim. Contudo, o telefone de Alex nem chamou; caiu direto na mensagem de telefone fora da área ou desligado. Tentei ligar de novo, usando o aparelho do quarto, para ter certeza, só que também não funcionou. Ele devia ter tirado a bateria ou algo assim.

Sentei-me à mesa e conferi as fotos. Visitei as galerias sobre James e eu que já tinham se espalhado pelos sites de fofocas. Era tão estranho. E não só porque quase todos estavam zombando das minhas roupas e do tamanho do meu traseiro, mas isso é porque as fotos foram tiradas de péssimos ângulos. Juro. O mais surpreendente era que para centenas — senão milhares

— de garotas em todo o mundo, isso parecia um sonho transformado em realidade. Garota comum é enviada para entrevistar ator famoso, ator famoso se apaixona pela garota comum e começa um romance intenso.

Com certeza isto era mais romântico que a realidade: garota comum é enviada para entrevistar ator famoso, cai no flerte fingido e clichê do ator famoso, deixa o ator famoso beijá-la e aí descobre que ele é gay. Mas como as fotos dos dois já estão na internet, ela toma um pé na bunda do amor de sua vida e acaba sozinha. Sério, quem pagaria para ler uma história dessas? Baixando a tampa do laptop, imaginei se algum dia alguém gastaria um centavo sequer para ler qualquer coisa que eu escrevesse. Isso com certeza deixaria Mary doida. Se em algum momento eu tinha precisado de Jenny Lopez, o momento era esse, mas ela não estava em lugar nenhum. De novo. Provavelmente, ainda brava depois da nossa discussão no Bar Marmont. Olhei para meu celular, frustrada. E quase morri de susto quando ele começou a tocar. Era Louisa.

— Alô? — Atendi com cuidado. Com certeza ela daria um sermão. Louisa adorava fazer mais drama quando havia uma crise.

— Oi, Angela! — Ela respondeu animada. — Eu tinha que ligar. Nós tivemos o melhor jantar do mundo noite passada. Fomos àquele Alta que você falou, meu Deus. Eu tinha que ligar. Havia uns camarões tão grandes. Nossa!

Em silêncio e confusa, ouvi o empolgado relato que ela fez do restaurante. Ela não ia nem perguntar sobre as fotos?

E aí comemos uma coisa com queijo de sobremesa. Sério. Uau.

Acho que nunca mais vou comer na vida. E você, está se divertindo em Los Angeles, querida?

Não sabia o que dizer. Ela não sabia de nada. Louisa nunca fora muito interessada em fofocas de celebridades. Eu também, antes de me mudar para New York, não era muito ligada nesses assuntos. Mas era algo difícil de evitar nos Estados Unidos.

— Ah, na verdade, não — respondi lentamente. Na verdade, estava sendo muito legal não ouvir gritos de ninguém durante dois minutos. — Estou tendo problemas com a entrevista. E Alex e eu estamos brigados.

— Ah, querida — disse Louisa do outro lado da linha ruidosa. — Por quê?

— Ele acha que eu o traí — "com James Jacobs", pensei.

— Mas é claro que não! Você jamais faria uma coisa dessas. Por que é que ele está achando isso? — Era reconfortante saber que, depois de tudo aquilo, Louisa acreditava que eu estava sendo honesta sem a menor dúvida, mesmo sem ter ouvido toda a história. No entanto, ela ainda não vira as fotos. Nem o vídeo no TMZ. Ou as notícias do E!News.

— Não, não traí — confirmei. — Só que ele viu uma foto que meio que faz parecer que sim. E se recusa a me escutar.

— Ah, querida, espere-o se acalmar e, depois, fale com ele — ela aconselhou. — Tenho certeza de que tudo isso vai passar quando voltar a New York. Concentre-se em fazer o seu trabalho.

— Você está certa — concordei, desejando que os dois problemas não estivessem tão interligados. — Mas, enfim, você não ligou para ouvir meus problemas. Estou muito feliz que tenha gostado do Alta.

— Amei — ela corrigiu. — Vamos lá com certeza quando eu vier visitá-la.

— Combinado — assenti. A não ser que eu perdesse meu emprego e meu visto, aí teríamos que nos contentar com o Nandos, em Wimbledon.

— Ligue se precisar, querida, tenho que ir. Amo você — ela mandou um beijinho.

— Pode deixar, também amo você — desliguei. Uau, isso foi esquisito. Porém, estranhamente, o que ela disse fazia sentido. Eu tinha que me concentrar em fazer as coisas voltarem ao normal.

Amanhã não seria um dia divertido, principalmente com a ressaca que viria por aí. Enquanto zapeava a TV (será que nunca deixariam de passar *Friends?),* puxei minha bolsa muito-desgastada-pelo-uso-mas-ainda-assim-a-melhor-coisa-que-eu-tive-na-vida até a cama.

Quando tudo estava dando errado, uma garota sempre podia contar com Marc Jacobs para fazê-la sorrir. Revirando as porcarias lá no fundo, acabei encontrando uma caneta e um bloquinho, desprezando o BlackBerry.

— Às vezes eu quero escrever em papel, o.k.? — Falei para ele. E olhei ao redor para ter certeza de que não havia ninguém por perto para ver minha loucura. Só o Ross e a Rachel.

1. Ligar para a Mary

2. Ligar para o Alex ou para os amigos dele

Isso não seria fácil, visto que o único amigo de Alex de quem eu tinha o telefone era o ex de Jenny, Jeff, e ela tinha me obrigado a apagar o número da memória depois de uma noite bastante saudável no nosso apartamento, regada a vinho e sorvete, na qual queimamos todas as coisas que ele tinha tocado, inclusive uma escova velha que eles tinham usado para se pentear para uma festa hilária dos anos 1980. A escova quase incendiou o prédio quando Jenny a jogou na lata de lixo com fogo. No fim das contas, ela não era apenas nojenta, mas também altamente inflamável. Talvez eu tivesse o número anotado na última página da agenda — só que eu estava bêbada demais para pensar nisso no momento.

3. Falar com James

Por mais que quisesse simplesmente ligar para o The Sun e contar a eles que James era gay como um arco-íris, não podia fazer isso. Culpa da porcaria do meu senso de dignidade estúpido e equivocado. Ou seria orgulho? Talvez fosse mesmo porque a ideia de me ver estampada na primeira página do News of the World só de lingerie e cheia de Photoshop, sob a manchete "Namorada de fachada de James Jacobs fala tudo!", fosse um pouco demais. Na verdade, o News of the World nunca diria "namorada de fachada", provavelmente escolheriam algo como "Vadia patética a fim de veados, Angela Clark conta tudo sobre as orgias noturnas de James Jacobs em banheiros públicos de Hollywood...". Minha mãe ficaria tão orgulhosa.

4. Resolver as coisas com a Jenny

Já era bem difícil aceitar que as coisas estavam esquisitas entre nós, principalmente com tudo que está acontecendo, mas tinha a terrível sensação de que ficariam ainda mais esquisitas antes de melhorarem. Ou será que era a terrível sensação de que eu ia vomitar? Larguei a caneta e o bloco e corri para o banheiro para me ajoelhar diante do vaso, bem a tempo.

Quando é que eu ia aprender?

— Deus do céu, Angie, que diabos aconteceu com você?

Acordei devagar, com o rosto gelado e grudado a alguma coisa dura, vendo apenas um pé borrado, usando chinelo. Mover a cabeça doía demais, e, por algum motivo, meu braço esquerdo estava completamente paralisado.

— Angie, está me ouvindo? Você tomou alguma coisa? — Continuava ouvindo a voz, mas parecia tão distante. — Há quanto tempo está caída no chão do banheiro?

Ahh, isso fazia sentido, eu ainda estava no chão do banheiro. Por isso sentia frio. Por isso eu não conseguia mexer o braço. Por isso o pé de Jenny estava quase encostado no meu nariz.

— Pelo amor de Deus, Angie, você está só pensando nas respostas em vez de falar em voz alta?

"Sim", pensei.

— Mmhuh — falei.

Com a ajuda de Jenny e de um gancho de toalhas que não tinha sido feito para erguer uma garota bêbada de 10 toneladas do chão, logo estava sentada, ou largada, no assento da privada. Aceitei na hora o copo de água que ela me ofereceu, sem me preocupar por ser da torneira da pia do banheiro, e bebi tudo. Esse foi meu primeiro erro.

Depois de engolir o primeiro copo de água, tomei outro lentamente, enquanto Jenny me olhava, sentada na borda da banheira, balançando a cabeça.

— Não dá para acreditar em você, Angie — ela tirou o cabelo do meu rosto. — O que aconteceu depois que eu saí?

— O que aconteceu? — Fechei os olhos de novo. Não ajudou. — Você quer saber o que aconteceu?

— É — disse Jenny, tirando o copo vazio das minhas mãos e voltando a enchê-lo. É estranho dizer que tinha um gosto celestial? — Estou falando da noite passada. O que aconteceu com aquilo de "Nunca trairia o Alex, mesmo que estivéssemos dando um tempo"?

— Eu me lembro, não estava tão bêbada assim — respondi, apesar de evidentemente ser mentira. — Do que está falando?

— As fotos de você e James? — Jenny me encarou como se eu fosse boba. — Aquelas que a Erin, a Vanessa e a Gina enviaram por e-mail hoje? Eu não esperava que estivesse aqui. Ele já foi embora ou você preferiu voltar para o hotel depois daquilo?

— Ah, meu Deus — de repente, voltei a me sentir muito, muito mal. — Não é nada do que está pensando.

— Você não transou com ele, não é? — Perguntou Jenny com o rosto desagradavelmente saudável se iluminando.

— Jenny, ele é gay — falei com a cabeça apoiada na palma das mãos.

Ela riu.

— Se ele disse não, é só falar.

Olhei para cima e, pelo jeito, a palidez doentia ajudava a realçar minha cara de seriedade.

— Não creio — ela afirmou.

— É sério — insisti.

— Não pode ser — Jenny se recusou a acreditar.

— Ele e Blake — contei.

— Sério? Que sexy — ela comentou.

— Está fugindo do assunto, Jenny — puxei uma toalhinha, encharquei-a com água gelada e pressionei contra o meu rosto. — O que é que eu vou fazer?

— Bom, para começar, vai tomar um banho — disse Jenny, ficando de pé e puxando a cortina atrás de si. — Depois, vai me explicar direitinho como é que descobriu essa fofoca deliciosa e potencialmente lucrativa, e por fim vai comigo fazer compras para Tessa DiArmo ir ao evento de premiação hoje à noite.

— Vai mesmo fazer isso? — Perguntei, tirando o vestido suado e entrando no banho. Ahh, o doce alívio da água.

— Nunca duvide de mim, Angela Clark — declarou Jenny, fechando a porta do banheiro. — Lave logo esse traseiro e esteja lá no saguão em dez minutos.

Dez minutos era um exagero, mas, quinze minutos mais tarde, saí do elevador com o cabelo mais ou menos seco, uma maquiagem feita às pressas e a bolsa cruzada no corpo. Jenny olhou de cima a baixo para meus jeans e camiseta e suspirou.

— Essa não é uma roupa para ser fotografada, querida — ela falou, passando o braço ao redor do meu ombro e me levando até o carro. — Cadê o chapéu? Os óculos escuros?

Triunfantemente, tirei os óculos de sol da bolsa.

— Estou usando exatamente a mesma roupa que você — reclamei.

Mas é claro que não estava. Meu jeans largo e a camisetinha American Apparel nem se comparavam aos jeans Seven superjustos de Jenny e à blusinha branca com decote profundo em V. Pelo menos, nossas Havaianas pretas eram idênticas.

Pegamos cafés gelados no caminho, eu feliz por ter um motivo para sair do carro/armadilha e ela doida para demonstrar sua habilidade de beber um Frapuccino enquanto dirigia, e lhe contei toda a história de James/Blake. Depois de terminar a história pela terceira vez, joguei a cabeça para trás e fitei o lindo céu azul, sem nuvens. Se eu olhasse para lá, pelo menos não veria Jenny avançando os sinais vermelhos.

— E o que você vai fazer? — Jenny perguntou, fazendo uma curva fechada em uma esquina da Melrose Avenue. — Já explicou tudo para o Alex? Falou com a Mary?

— Falei com o Alex, só que não foi muito legal — "para ser bem delicada", pensei comigo. — Tenho que ligar para a Mary, mas estou adiando. Acho que não é um bom sinal o fato de ela não ter me ligado ainda.

— Para mim, está tudo muito claro, querida — disse Jenny, entrando com o carro em um estacionamento que ficava ao lado de um prédio.

A loja parecia ser dividida em várias seções diferentes, mas Jenny sabia exatamente aonde estava indo, o que não me surpreendia. É como se ela tivesse um GPS de compras interno: eu tinha quase certeza de que podia largá-la em qualquer grande capital de compras do mundo e ela saberia onde ficavam o Starbucks, o banheiro e a franquia Marc Jacobs mais próximos. Era um talento que eu queria ter quando crescesse.

— Bom, se ela tivesse ficado, talvez fosse a consultora de Tessa agora — comentei com minha

voz mais neutra. Que ainda assim era meio acusadora. — De qualquer forma, queria falar sobre a noite passada. Sobre o que você disse antes de... sair.

— Oi, eu liguei para reservar uma sala para Tessa DiArmo? — Disse Jenny cheia de confiança para uma vendedora que passava. — Pode verificar se já está tudo pronto? Vamos começar a enviar coisas para lá em breve. Obrigada.

A garota nos olhou de cima a baixo, assentiu e correu para os fundos da loja. Jenny continuou de costas para mim.

— Acha que isso ficaria bem na Tessa? — Ela segurou um vestido soltinho Twenty8Twelve. — Casual demais para uma premiação, não é? Mas talvez com saltos e a jaqueta certa...

— Jenny, você sabe que não vou deixar essa história de lado, não sabe? — Falei, afastando o vestido. — Sobre o que você disse ontem? E não, não ficaria bem na Tessa. Mas ficaria em mim.

Ela jogou o vestido para mim.

— Tenho que encontrar uns dez modelos antes que Tessa chegue aqui, então será que dá para falarmos disso depois?

— Vamos falar agora; seus pensamentos ficam mais claros quando você está fazendo compras — entreguei o vestido para a vendedora, que reaparecera ao lado de Jenny. — Pensei que essa viagem fosse principalmente para você ir para a cama. O que aconteceu com Joe?

— Aconteceu que talvez não fosse tão fácil quanto eu pensei. Ou, pelo menos, ele não é mais tão fácil — ela disse, voltando a atenção para um minivestido cinza tomara que caia Hache. — Estas dobras são bem interessantes. Pode ficar lindo com, digamos, uma jaquetinha de couro e um salto bem grosso?

— Sim, fica lindo — concordei, entregando o vestido para a vendedora ao lado dela. — Então, qual o problema? Joe? Porque você consegue muitos caras melhores que o Joe, sabe disso.

— Sim, claro. Só que, aparentemente, eu não estou a fim. Que tal este? — Ela mostrou um vestido de alças coberto de paetês dourados.

— Jeff?

— Jeff.

— Ah, Jenny.

Vi os lábios dela se comprimirem em uma linha fina enquanto conferia sistematicamente a arara na frente dela, da esquerda para a direita.

— Vou buscar um pouco de água para vocês — disse a vendedora, distanciando-se do silêncio constrangedor. Concordei e ela sumiu.

— Sabe, não sou a melhor pessoa para dar conselhos sobre relacionamentos, mas você vai superar, mais cedo ou mais tarde. Isso é fato. E acho que foi você mesma quem me ensinou — peguei um modelo vermelho Hervé Léger e mostrei para Jenny. — Eu só queria que você conversasse comigo sobre isso. Faça o que eu digo, essa coisa toda?

— É, só que eu não sou muito boa para seguir meus próprios conselhos — ela disse, balançando a cabeça para aprovar o vestido vermelho. — Ele está morando com outra garota, sabia? Ele ligou para me contar, para que eu não ficasse sabendo pelo Alex. Acho que, mesmo depois de tudo, ainda achava que iríamos ficar juntos. Agora, já não sei mais.

— Essa namorada nova pode não ser coisa séria — sugeri. — Você não sabe.

— Não sei de mais nada — ela finalmente se virou. Lágrimas silenciosas escorriam pelo seu rosto. — Talvez eu precise me afastar um tempo. Jeff está em toda parte lá em casa, não consigo seguir em frente.

— Você está pensando em ir embora? De New York? — Eu não sabia o que fazer.

— Talvez. Por um tempo. Não sei — ela segurou minha mão. — Angie, eu quero muito que tudo dê certo hoje. Podemos falar sobre isso mais tarde? Não quero estar toda "mimimi" quando Tessa chegar.

— É claro — falei, dando um abracinho curto, porém apertado nela. — Mas, quando terminar tudo e você estiver pronta, vamos conversar. Jantar?

Ela concordou.

— Jantar, com certeza. Mas, por favor, querida, não entre em pânico, porque não há nada para falar ainda. E ainda temos que tirar você de um mundo de problemas.

Fiz uma careta.

— Sabe que nestes últimos cinco minutos eu quase tinha esquecido tudo?

Jenny riu.

— É, vai tentando.

— Vou é tentar ligar de novo para o Alex — tirei um vestido balonê prateado da arara e entreguei a ela. — Convença-a a provar este. Já volto.

A Fred Segai era um labirinto muito fashion. Cada salãozinho levava a uma nova sala, um beco sem saída da moda. Por fim, segui a luz do sol e consegui sair pela porta por onde entramos e me sentar a uma mesa do café. Segurando o telefone ao lado da orelha, fechei os olhos. Só o que eu tinha que fazer era apertar um botão. Em vez disso, pedi um smoothie. E conferi meus e-mails. E dei uma olhada no Perez Hilton no meu BlackBerry. Eu não sabia o que dizer a ele. A ligação da noite passada tinha sido tão horrível que não via como resolver as coisas por telefone e, depois de notar aquela expressão nos olhos de Jenny, percebendo quanto ela estava sofrendo por saber que nunca mais se acertaria com Jeff, a perspectiva de perder Alex para sempre se tornou dolorosamente real.

Quando meu telefone tocou, atendi automaticamente e, mesmo sabendo que era eu quem havia apertado o botão para atender, fiquei surpresa ao ouvir alguém do outro lado da linha.

— Angela? É o James.

Na mesma hora desejei não ter atendido.

— Angela, você está aí? — Ele não parecia bem.

— Claro que sim — respondi com frieza.

— Você está bem? Onde está? — Ele perguntou.

— Estou bem — respondi. — Estou esperando para entrar ao vivo no programa do Ryan Seacrest para tirar você do armário. E depois vou ao E!News.

— Por favor, quero muito resolver essa situação — ele disse afobado. — Por favor, não vá ao ar.

Ajeitei-me na cadeira e olhei ao redor. As pessoas estavam me encarando de um jeito estranho, mas a maioria tentava parecer ao máximo possível nem um pouco interessada.

— Por mais que seja isso que mereça, pode se acalmar — suspirei. — Não vou a um programa de rádio falar que você é gay. Só estou caminhando pela Melrose e entregando panfletos. Gosto desse toque pessoal. Muito mais eficaz.

— Você está em Melrose? Pode vir até o hotel? Precisamos muito conversar — ele pediu.

— Na verdade, não precisamos — retruquei. Eu estava tão incrivelmente brava com ele que só de ouvir sua voz minha mente ficou afiada. Era uma emoção mais fácil de lidar do que a imensa bola de confusão que me dominava quando tentava pensar em Alex. — E não tem a menor possibilidade de eu ir até o seu hotel.

— Mas se nos encontrarmos fora do hotel, seremos fotografados — disse James. — Eu pensei...

— Já me falaram que você não servia para pensar — tomei um pouco de smoothie. Estava delicioso. — Não vou para o seu hotel. Vou ligar para minha editora e contar tudo a ela, e depois voltarei para New York para tentar salvar meu relacionamento.

— Angela, por favor, se disser alguma coisa para sua editora, ela vai colocar na revista — James implorou.

— Não dou a mínima — declarei.

— Por favor, Angela — ele choramingou. — É tudo. Todo o meu trabalho. Por favor, não faça isso.

— Não é problema meu, James — agora não era hora de ser fraca, E daí que eu o tirasse do armário? E daí se destruísse sua carreira? E arruinasse sua vida? Não ligo. — Tenho meus próprios problemas. Vou ter que ganhar dinheiro de algum jeito, para começar, afinal, você provavelmente me fez perder o emprego.

— Não seja assim, sei que não é uma dedo-duro — argumentou James. — Apenas venha até aqui e fale comigo. Por favor? Podemos conversar onde você quiser. Vamos dar um jeito de garantir o seu emprego e tudo o mais; mas, por favor, não diga nada à revista. Ainda não.

Eu deveria ter desligado. E ter ligado imediatamente para o News of the World e dito a eles para separarem a lingerie. Mas não.

— Onde? — Perguntei.

— Não pode mesmo ser no hotel? — Ele insistiu.

— Não pode mesmo ser no hotel. O oposto de um hotel. O mais longe possível de uma cama. O lugar mais público da Terra seria melhor — ressaltei.

— Disneylândia?

— Você não está brincando, não é? — Percebi que estava segurando o copo vazio de smoothie bem perto da borda da mesa, em um ângulo meio perigoso. O casal sentado ao meu lado parecia bastante nervoso. — Não acho que o Magic Kingdom vai resolver isso, James.

— É o lugar mais feliz da Terra — pude sentir o sorriso em sua voz. Como ele ousava achar que ia se safar tão facilmente?

— Eu odiaria sujar de sangue aquelas fantasias de personagens. Devem ser um saco de lavar.

— Certo, o.k. — ele disse já bem menos feliz. — Você está em Melrose? E quer um encontro em um lugar sem qualquer conotação sexual. Onde está? Vou mandar um carro.

— Fred Segai — coloquei o copo sobre a mesa e a mão no colo, sorrindo para os dois ao meu lado e fazendo cara de "não sou louca, é sério", mas eles estavam muito ocupados fuçando em seus BlackBerries e smartphones para perceber minha sanidade.

— É, um lugar bem discreto — ele comentou. — Já encontrou a Paris?

— Quer que eu vá ou não? — Retruquei. Sério, por que é que ninguém olhava quando eu estava tentando ser gentil, mas, assim que erguia o tom de voz, todos paravam para me assistir? — E não seremos só nós dois de jeito algum. O Blake vai também.

— Ah, Angela, acho que não — James respondeu depressa. — Ele não está de muito bom humor.

— O humor dele vai melhorar se eu tirar vocês dois do armário? — Perguntei.

Silêncio.

Suspiro.

— Tudo bem. Fique aí e vou mandar o carro.

Desliguei e peguei minha bolsinha de maquiagem. Aonde quer que James fosse, lá iam os paparazzi. As coisas já estavam suficientemente ruins sem que as minhas olheiras aparecessem no jornal. Encarei-me no espelhinho do pó. Isso não era bizarro? Como é que eu tinha conseguido ir de alguém que não consegue ser servida no Slug and Lettuce, em Wimbledon, sem gritar com a garçonete, a alguém que tinha que se preocupar se iria ou não aparecer na página de fofocas de algum tablóide com círculos vermelhos ao redor das minhas muitas, muitas imperfeições? O que mais queria era me enfiar na cama e só sair depois que tudo tivesse passado. Talvez eu saísse para a ceia de Natal, mas voltaria logo em seguida.

Olheiras ocultas e blush nas bochechas, respirei fundo. Era hora de encarar a fera.

— Escritório de Mary Stein.

— Oi, Cici — falei corajosamente. — A Mary está?

— Oh, Angela — Cici conseguiu falar meu nome de um jeito tão arrastado que durou uns três minutos. Ela devia estar adorando tudo isso. Não sei se ela vai conseguir falar com você agora, pois está em uma ligação com o diretor de redação. Por sua causa, você sabe.

— Sim, bem, é muito importante — falei entre dentes. Essa parte era pior do que falar com a própria Mary. — Você pode tentar me passar para ela?

— Hu-hum — a alegria na voz dela era insuportável. — Mas se ela não puder atendê-la, posso contar tudo que ouvi até agora. Sobre a sua história, você sabe.

— Grata. Pode apenas tentar passar a ligação? — Insisti.

A música de espera durou uma eternidade.

— Bem?

— Ah, Mary — fiquei um pouco surpresa. Principalmente porque achei que Cici não estava nem tentando passar a ligação, já que era óbvio que ela queria me contar todas as coisas legais que estavam falando de mim no escritório. — Oi.

— Não, nada de oi — Mary estava lívida. Por mais que não pudesse vê-la, eu sabia que ela estava totalmente concentrada em mim, o que nunca era muito bom. A Mary era bem menos assustadora quando estava teclando no Mac gigante enquanto falava. — Você compreende que fez uma besteira muito, mas muito grande?

— Mary, por favor, deixe-me falar. Eu sei que parece ruim... — comecei.

— Parece ruim? — Ela interrompeu antes que eu terminasse a segunda frase. — É ruim. Você está acabada.

— Mary, por favor — não havia blush suficiente no mundo para fazer a cor voltar às minhas bochechas. — Deixe-me terminar. Sei exatamente o que parece, mas não é nada disso. Não há nada acontecendo entre James e eu. E, sério, tenho a melhor entrevista do mundo. Tenho certeza de que quando você receber o texto... quando todos lerem o texto, vão amar. E o James vai fazer as fotos. Ainda podemos dar um jeito, não?

— Angela, acho que o sol fritou seu cérebro. Acha mesmo que a revista quer publicar a sua entrevista agora? Você está espalhada por toda a internet como pegadora de astros. Teríamos mais leitores agora se a entrevista fosse com o seu ex.

— Meu Deus, será que dá para pararem de dizer que ele é meu ex? — Gemi. — Eu não fiz droga nenhuma.

— A não ser que faça um exame íntimo ao vivo na TV para provar que ainda é virgem, acho que ninguém vai acreditar nisso — respondeu Mary. — Ou talvez possa fazer no rádio. Acho que já fizeram algo assim no Howard Stern Show.

— Mary, por favor, você trabalha na mídia. Como pode acreditar na internet e não em mim? — Eu não ia chorar. Não aqui.

— Aprendi a não acreditar em tudo que leio há muito tempo — Mary se acalmou um pouco. — Mas não importa no que eu acredito. As pessoas não ligam para o que é verdade e o que não é; elas querem entretenimento, querem saber quem tem a melhor história. E a sua entrevista com o James não é mais a melhor história. Você é.

— Não sou uma história — falei baixinho. — Sou só eu.

— Bem, estou lhe contando o que o diretor de redação me disse — ela continuou. — Então, não desconte em mim. As coisas são assim. O blog ficará suspenso por alguns dias; não vamos tirá-lo do ar, mas precisamos decidir qual rumo tomar.

— Como assim, qual rumo? — Eu não era a pessoa mais rápida do mundo para entender as coisas. — É só o meu blog. Meu diário.

— Agora, é — concordou Mary. — Mas desde ontem tivemos um aumento expressivo no número de visitantes, e obviamente os novos leitores estão atrás de detalhes sobre você e James. Acontece que os diretores não querem que isso saia on-line, de graça.

— E não há detalhe nenhum — lembrei.

— O.k., Poliana, já terminou? — Ela nem esperou uma resposta. — Os diretores querem a sua história com exclusividade. Você e James ou só você na próxima edição da *Icon*. E querem que o rumo do blog mude para combinar com seu novo... status.

— Mas, Mary, não é assim — isso não podia estar acontecendo.

— É a melhor oferta que você terá, Angela — disse Mary. — Se não fizer o que eles querem, está fora.

— E o que é que eu vou fazer? Não é verdade. E o Alex? Tenho que acertar as coisas com ele, Mary, e jamais conseguirei isso se aparecer em uma revista declarando meu amor por James.

— E como vai acertar as coisas com ele lá da Inglaterra? — Perguntou Mary. — Porque, você sabe, se perder o trabalho aqui, perderá o visto.

— Você está me chantageando? — Indaguei.

— Angela, querida — suspirou Mary —, isso não é um jogo. Se você diz que não está com James, eu acredito em você, mas agora tudo isso aconteceu. Não tem nada a ver com verdades, nada a ver com você; no momento, só diz respeito a vender revistas. Uma entrevista sua e de James na I*con* vai vender muito mais revistas do que uma entrevista com James na *The Look*. E um blog seu como namorada de uma celebridade será mais popular que outro sobre a sua vida em New York. Você não é idiota, pode compreender.

Fiz uma pausa. Era só o que podia fazer para não vomitar ali mesmo. Talvez perder o visto fosse a melhor opção. Eu podia ir para casa. Fingir que nada disso tinha acontecido.

A não ser que tivesse outra história. Uma que fosse bem mais interessante e muito mais exclusiva.

— Mary, eu posso provar que não estou dormindo com James — falei lentamente. — Porém ainda não posso dizer por quê. Quanto tempo tenho para explicar tudo?

— Que coisa, Angela, eu sei que isso é uma porcaria, mas será que dá para você se decidir? Não vão fazer uma matéria especulando se está ou não com o cara — latiu Mary. — Estou tentando ajudá-la, tentando lhe dar algum poder.

— Ótimo — respirei fundo, pelo que pareceu ser a primeira vez em horas. — Se eu não explicar tudo, darei a entrevista. Por favor, Mary, por favor, segure só até o fim do dia, e se eu não puder me explicar, farei o que você quiser. Fotos, entrevistas, tudo. Eu e James.

— Você tem até o fim do dia — disse Mary séria. — Estarei no escritório. Ligue para cá quando tiver o pão e o peixe.

— Pão e peixe? — Perguntei.

— Angela, você vai precisar de um milagre para resolver isso — advertiu Mary.

Capítulo 12

Precisei de quinze minutos e da ajuda de três vendedoras para encontrar Jenny. Sério, aquela loja tinha sido desenhada para manter os novatos bem longe. Por fim, encontrei-a segurando uma jaquetinha de couro tipo smoking ao lado de um bolero de paetês prateados. A expressão dela mudou quando me viu caminhando em sua direção.

— Gosto da de couro — apontei.

— Você está com uma cara péssima, o que aconteceu? — Ela perguntou, largando as duas jaquetas no chão e segurando nos meus ombros. — Tudo bem?

— Obrigada — respirei fundo. Ainda estava lutando para não vomitar no chão — Acabo de falar com a Mary.

— Foi tão ruim assim? — Jenny fez uma careta. — Angie, você tem que contar a verdade a eles.

— Quem acreditaria? Honestamente? — Balancei a cabeça. — Mas eu vou resolver tudo, não se preocupe. Só me encontre para o jantar hoje à noite.

— Sim, claro — concordou Jenny, pegando as duas peças caídas no chão. — Aonde você vai?

— Vou encontrar o James — respondi.

Jenny me encarou.

— Você está louca? Quero seu telefone. Vou ligar para sua editora, agora. Não, vou ligar para a Erin, ela é relações públicas e já saiu com quase todo mundo. Vai saber o que fazer.

— Jenny, por favor, não faça isso. Só me dê um dia para resolver tudo isso. Por favor, posso tentar? Se eu não conseguir, faremos tudo do seu jeito. — "E do jeito da Mary e do jeito do James e do jeito de todo mundo, menos do meu", pensei.

Jenny estava carrancuda, nem um pouco convencida.

— Você tem que se preocupar com a Tessa — lembrei-a.

— Quem está preocupado comigo? Por quê? — Perguntou uma vozinha atrás de mim. Virei-me e vi Tessa DiArmo com o vestido dourado que eu tinha entregado para Jenny, sapatos de salto alto e uma pulseira de pedras.

— Uau — fiquei encantada. Suas pernas pareciam não terminar nunca, e o dourado realçou as mechas louras do cabelo, que eu não tinha visto até então — Tessa, você está incrível.

— Vista isto — disse Jenny, entregando a ela a jaquetinha de couro. — Vai dar um ar mais duro às paillettes.

— Paillettes? — Perguntei com um sussurro.

— Paetês enormes — explicou Jenny. — É vocabulário de moda, criado para fazer a gente se sentir burra.

— Amei — disse Tessa, girando e fazendo os paetês, ou melhor, as paillettes dançarem à luz do sol. — Com certeza vou usar este aqui hoje à noite.

— Fantástico — o rosto de Jenny se iluminou. Eu não a via tão feliz desde que Ryan Phillippe tinha se hospedado no The Union em outubro do ano passado e ela "acidentalmente" levou a cesta de boas-vindas que ele não tinha pedido justamente quando ele estava no banho. — Agora, prove o Léger.

— Sou magra demais para o Léger — choramingou Tessa, voltando para o provador reservado. — Fico parecendo um palito de dentes.

— É por isso que vai provar este aqui, com um estilo mais bustiê. Vai dar a impressão de que você tem mais curvas — gritou Jenny do outro lado da porta. — Nada de joias e use os Louboutins de tiras. Ah, prove a jaqueta de couro com este também.

— Jenny, você é muito boa nisso — falei, pegando-a de surpresa com um abraço. — Ela está linda.

— Não está? — Ela corou e me abraçou também. — E é tão divertido. Estou fazendo compras com o cartão de crédito de outra pessoa, dizendo a ela o que fazer, ela me escuta e ainda me paga. Acho que é o que chamam de "sonho que virou realidade".

— Que ótimo — senti o telefone vibrar no bolso. O carro devia ter chegado. — Olha, eu tenho que ir. Divirta-se! Ligo para você mais tarde.

— Mas saiba que não estou nada feliz com isso — ela gritou enquanto eu me afastava. — Diga para aquele cretino que vou quebrar a cara dele quando o vir de novo.

James evidentemente decidira que não era seguro ficar no carro comigo e mandou só o motorista. Não pude deixar de me lembrar de todas as coisas que ele tinha visto, tudo que sabia. James devia pagar uma fortuna a ele para que não abrisse a boca. Ou isso, ou o cara era decente. Uau, não foi muito legal eu só ter pensado que ele era uma pessoa honesta depois de considerar a grana.

Ele dirigiu em silêncio por uns dez minutos antes de parar o carro na frente do que parecia ser um parque. Um parque com um boneco de mamute afundado em uma piscina de gosma preta e fedida.

— Aqui? — Perguntei ao motorista, tentando encontrar James e Blake.

E lá estavam eles, sentados em um banco ao lado do portão.

— Aqui — ele confirmou, desligando o motor. — Tente não jogá-los na piscina.

Os dois ficaram de pé quando me viram caminhando pela grama.

Parei a certa distância do abraço que James ofereceu e cruzei os braços, imitando a fúria mal contida de Blake. Quem poderia pensar que tínhamos tanta coisa em comum?

— Poços de piche? — Perguntei, observando os grupos de crianças que corriam ao redor. Todos eram pequenos demais e estavam animados demais por estar fora da sala para reconhecer ou dar bola para James, mas seus professores estavam se esforçando para não olhar.

— Ninguém pensaria que estamos transando atrás de um museu, não é? — James deu de ombros. — Há crianças por todo o lado e, você sabe, piche não é algo exatamente afrodisíaco.

— Que seja — tentei me preparar. Isso não seria fácil e eu não tinha contado que minha decisão pudesse mudar ao ver como James estava mal. Quer dizer, mal para James. O cabelo dele estava bagunçado e as olheiras estavam tão grandes quanto as minhas, mas ele continuava parecendo um galã fazendo o papel de abandonado, enquanto eu parecia a Amy Winehouse depois de uma noite particularmente ruim. — Podemos terminar logo com isso?

Blake foi à frente, passando os poços de piche até chegar a uma parte totalmente deserta do parque, atrás do museu. Ele se encostou no que era, segundo a pequena descrição na base, uma escultura de plástico de uma preguiça pré-histórica gigante e olhou para o outro lado. James suspirou e sentou-se na grama, não muito longe. Olhei de um para o outro. O rosto de Blake estava imóvel, impossível de ler. Talvez a falta de sono de James tenha a ver com outras preocupações, que não tinham nada a ver com o que eu poderia falar ou fazer.

— Angela — James começou, segurando minha mão. Estava sentada ao lado dele, sem saber direito o que fazer. — Primeiro, posso apenas pedir desculpas? Dizer que sinto muito?

— Você já disse isso algumas vezes — comentei, os olhos ainda colados em Blake. — E acho que será melhor se eu falar primeiro. Desculpe se você tinha ensaiado alguma coisa.

— Vá em frente — ele disse, apertando a mão que eu esquecera que ele estava segurando.

— Falei com a minha editora hoje de manhã — afastei a mão dele e fiz uma pausa para ver se ele teria alguma reação. A droga do ator não teve droga de reação nenhuma. Ele devia trocar de profissão e jogar pôquer profissional. — A revista não quer mais a sua entrevista.

— O quê? — Ele parecia surpreso. — O que você disse?

— Calma, eu não contei nada a eles... ainda — percebi que Blake estava começando a prestar atenção na conversa. — Eles querem fazer uma entrevista conosco do tipo "estamos muito apaixonados" na edição da *Icon* da semana que vem. Pelo jeito, já não sou mais adequada como entrevistadora porque todos pensam que sou uma vadia que veio para cá apenas para seduzi-lo.

— Sério? — James balançou a cabeça.

— Sério.

— Uau, que coisa incrível! — Ele riu, puxando-me para o chão em um grande abraço de urso. Impotente e chocada demais para fazer qualquer coisa além de me preocupar com as manchas de grama na minha camiseta, olhei para Blake. — Isso é sensacional! — Festejou James. — Vai resolver os nossos problemas. Faremos a entrevista, você se muda para cá, e todos pensarão que estamos namorando. É perfeito. Vamos comprar um apartamento — que tal Los Feliz? Você gostou de lá, não gostou? Ou prefere alguma coisa perto da praia? Ah, Angela, isso é fantástico. Por que não me contou no telefone?

Reunindo forças, empurrei-o para longe e fiquei de pé.

— Porque não vamos fazer isso! Eu tenho uma vida, um emprego e um namorado, e não vou abrir mão de tudo para ajudá-lo a fingir.

— Mas seria perfeito — James parecia confuso. — Eu vou pagar tudo.

E você terá seu próprio quarto no apartamento e tudo o mais. Não será como se estivéssemos

realmente namorando, não é?

— Está ouvindo o que diz? Não vou fazer isso, James. Você tem que contar a verdade para a revista — eu me virei na direção de Blake. — E você, não é possível que esteja concordando com uma coisa dessas.

Ele deu de ombros, mas o rosto estava pálido, os olhos queimando. Ai, e será que estavam avermelhados? Ele tinha chorado?

— Angela, você acha que essa é a primeira vez que isso acontece? — James ficou de pé e colocou as mãos no meu ombro. — Nós nos damos bem, não é? Não somos amigos? E será ótimo para a sua carreira. Pense em como será legal, viver em LA, sob o sol, frequentar festas, lançamentos... seria um sonho.

— Não o meu sonho — afastei as mãos dele. — James, escute. Eu tenho uma vida. Tenho um namorado. E se você não sair do armário, não contar a verdade, vou perder tudo. Se fôssemos realmente amigos, você não deixaria isso acontecer.

James esfregou as mãos no rosto.

— Você não faz ideia do que está me pedindo. Está sendo egoísta demais.

— Eu estou sendo egoísta? Você não entende nada de mulheres mesmo, não é? - cutuquei

— Também não entende nada de homens - murmurou Blake.

Continuei falando.

— Só o que estou lhe pedindo é que diga a verdade, enquanto você está me pedindo para mentir e abrir mão de tudo. O que lhe parece mais razoável?

James ergueu as mãos

— Mas pense no que estou lhe oferecendo. Vai abrir mão disso por um babaca que pensa que você está com outro e um empreguinho porcaria, escrevendo para um site?

Eu já tinha ficado furiosa antes. Fiquei bem irritada quando minha mãe lavou meu suéter da Bay Trading na noite anterior ao baile da escola. Fiquei bem brava quando Peter Jenson contou para todo mundo que eu era lésbica depois que entrou no banheiro durante a festa de 16 anos da Louisa e nós duas estávamos conversando enquanto eu fazia xixi. E, é claro, não fiquei exatamente feliz quando encontrei meu namorado transando com a amante no banco de trás do nosso carro durante o casamento da minha melhor amiga. Mas nada daquilo podia se comparar a como eu me senti naquele exato segundo.

Esse homem ridiculamente bonito, para quem tudo na vida tinha dado certo, estava ali, diante de mim, oferecendo o que ele achava que seria uma vida perfeita, enquanto seu namorado secreto estava a dois metros dali, encostado em um mamífero marrom de plástico gigante. E eu estava sendo egoísta? Entendi por que Blake era tão pentelho. O namorado dele era o cara mais arrogante do universo e ele não podia reclamar disso para ninguém.

— Você ama o Blake? — Perguntei.

— O quê? — James se voltou para onde Blake estava, olhando para nós e encostado nos braços da preguiça.

— Você o ama? — Repeti.

— Angela, chega de joguinhos. Você vai me sacanear ou o quê?

Ignorei-o e continuei.

— Porque eu amo mesmo o meu namorado, e pensar que, no momento, ele não tem certeza do meu amor é muito pior para mim do que toda essa bobagem.

Assim que disse as palavras, soube que era a verdade. Eu não conseguia tirar da cabeça o rosto de Jenny enquanto falava sobre Jeff, e não queria jamais me sentir daquele jeito a respeito de Alex.

— Não acho que vocês dois se amam. Se estivessem apaixonados, não dariam importância para os outros, iriam querer apenas ficar juntos — falei.

— Como se fosse simples assim — James retrucou. — Não sou um cara qualquer que pode simplesmente fazer o que quer, quando quer, Angela. Minha carreira depende da minha reputação. É tudo parte do personagem, tudo que eu faço.

— Ah, cale a boca. Não estamos mais nos anos 1950, seu idiota — aproveitei para empurrá-lo; infelizmente, aquele 1,90 metro de músculos nem se moveu. — Ninguém liga se você é gay.

— Também não eram os anos 1950 quando eu estava crescendo, mas eles ligavam — ele esbravejou baixinho. — Não vou fazer isso e fim. O Blake entende por que temos que fazer as coisas como fazemos.

— Ah, é? — Perguntei.

Pela primeira vez, percebi que Blake não estava encostado na (absolutamente hilária em qualquer outra situação) preguiça gigante só porque era legal demais para ficar de pé. Ele simplesmente não conseguia mais manter-se de pé. Os olhos dele não estavam apenas avermelhados, mais úmidos, com lágrimas de verdade.

— Eu entendo, James? — Ele perguntou. De repente, me senti incrivelmente desconfortável. Droga.

— Falamos sobre isso noite passada — disse James em um tom de voz muito mais doce do que aquele que vinha usando comigo. — Você disse...

— Não, você falou sobre isso noite passada — a voz de Blake foi ficando mais alta e a de James, mais baixa. — E eu não disse nada, mas vou dizer uma coisa agora. Essa vaca está certa. Não tem porque continuarmos com essa palhaçada. Eu sei que você sofreu muito quando era mais jovem, mas isso já acabou. Agora está aqui e tem a mim. Se sentisse o que eu sinto, nada mais importaria.

Parei no meio da caminhadinha discreta que estava fazendo para sair do caminho. Blake tinha me chamado de vaca? Que babaca, eu estava do lado dele!

— Blake, não — o rosto bonito de James estava perigosamente perto de ficar arrasado. Troquei de posição com Blake, e agora ele segurava os ombros de James e eu apertava a patona da preguiça. Ela parecia fascinada com a coisa toda. Considerando-se que era uma criatura gigante de plástico conhecida pela indolência.

— Não o quê? Lembra quando você me pediu que nunca o obrigasse a escolher, e eu concordei? — Blake colocou a mão na bochecha de James. — Bem, mudei de ideia. Estou pedindo. Estou obrigando. Se fizer essa entrevista com ela, vou embora. Ligue quando tiver

tomado sua decisão. Ou não. Não estarei no hotel quando você voltar.

Ficamos observando Blake se afastar até desaparecer. Então, James olhou para mim.

— Drama — falei, erguendo as sobrancelhas.

— Será que é cedo demais para uma bebida? — James perguntou, estendendo a mão.

Hesitei antes de pegá-la. Ele estava exatamente como eu me sentia. Exatamente como Jenny ficou naquela manhã. Estava de coração partido.

— É um pouco cedo — falei, afastando a mão dele e seguindo em frente. — Mas isso nunca foi problema para mim.

Depois de percorrermos três quadras em silêncio, peguei o telefone na bolsa e torci para que tocasse.

— Ah, liga logo para ele — disse James sem se virar para mim. — Parece que estou olhando para um filhotinho na vitrine da pet shop. Dá para ver seu reflexo na janela.

Sorri e liguei para o Alex, mas ainda assim a ligação não completou. Nenhuma resposta, nada.

— Segure isto — pedi, entregando meu telefone para James e esvaziando a bolsa no banco do carro. Sabia que estava ali, em algum lugar.

— Deus do céu, mulher, quanta tralha você tem dentro dessa bolsa? — Ele perguntou ao me ver procurando em meio a post-its, notas de um dólar e embalagens de chiclete. — Já vi apartamentos com menos coisas dentro.

— Eu sei, eu sei — disse, sacudindo uma agenda de telefones em busca de papéis soltos. — Quando comprei esta bolsa, prometi a mim mesma que cuidaria dela, mas, bom, não sou boa nisso.

— Pode esperar, da próxima vez que encontrar Marc vou contar a ele o que você fez com a bolsa — zombou James, revirando absorventes e embalagens de gloss. — Ele vai ficar enojado.

— Você conhece o Marc Jacobs? — Congelei em meio à busca. — Conhece de verdade?

— Fiz uns anúncios para ele — James comentou. — Cara legal.

— Não ter me contado isso foi com certeza a coisa mais babaca que você fez comigo — falei, desdobrando uma notinha fiscal que estava na última página da minha agenda. — Aqui.

Antes que pudesse pensar duas vezes, liguei.

— Jeff, é a Angela. Clark. Namorada do Alex, amiga da Jenny? — Falei rapidamente antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Sim, eu já sabia quem era quando você disse Angela — respondeu Jeff. — E aí?

— Hum, bom, eu estava pensando, será que você sabe se o Alex está em casa? Ele não está atendendo o telefone e, bom, não estou na cidade. Ele está por aí?

— Não, não está. Ele não falou para você aonde ia? — Jeff pareceu surpreso. Pelo jeito, mais uma pessoa no mundo não tinha ouvido falar das minhas "Aventuras de Angela em Hollywood". Que sorte a minha que era o ex-namorado da minha melhor amiga, com quem eu estava absolutamente proibida de falar. — Ei, hum, e como está a Jenny?

— Ele foi para algum lugar? — Inclinei-me para a frente e encostei a testa nos joelhos.

— Sim — Jeff respondeu —, ele passou aqui ontem à noite e pediu que eu ficasse de olho no apartamento dele. Estava com uma mochila, parecia estar com pressa de chegar a algum lugar. Mas e aí, ela está bem?

— Quê? Ah, Jenny, sim — menti. — Ela está em uma fase excelente.

— Legal, diz a ela que mandei um oi — pediu Jeff. — Bom, quando ele voltar, aviso que você ligou, o.k.? Tchau.

— Droga — resmunguei, recostando-me no assento do carro. A sensação era de que eu tinha levado um chute.

— Más notícias? — Perguntou James.

— Até que você diga "Angela, quero que me ajude a organizar uma entrevista para que eu divulgue da forma mais pública possível que sou gay", acho que nenhuma notícia será boa — franzi a testa. — Não pense que o perdoei só porque levou um fora do seu namorado. Ainda não estamos quites.

— Conte um pouco sobre o Alex — disse James, colocando o braço sobre meus ombros. Era incrível como aquilo tinha ido rapidamente de excitante para irritante. — Explique por que ele vale todo esse trabalho.

— Não é só por ele — respondi. — É para você deixar de ser um babaca e devolver a minha vida. Só tenho uma, meu Deus, não é justo que eu a tenha perdido em tão pouco tempo.

— Fique quieta, fale sobre ele — ele insistiu.

— Tudo bem. O Alex é... — eu não sabia por onde começar. — Ele é gentil, inteligente, doce, atencioso, criativo...

— Você ainda não falou que é gato. Ou bom de cama. Por favor, não está descrevendo o cara para a sua mãe — James deu um tapinha no meu joelho. Lancei o olhar mais sério que pude. — Desculpe, continue.

— Ele é muito... apaixonado pelas coisas. Pela música, por mim. E isso faltou na minha vida por muito tempo. Paixão. Paixão por alguma coisa, qualquer coisa, na verdade.

— Sei que isso não vai fazer você gostar mais de mim — disse James. — Mas sabe o que dizem, que a paixão nunca dura? Pois é verdade. Não pode estar me pedindo para jogar toda a minha carreira no lixo só porque gosta de sair com um cara de uma banda.

Logo agora que pensei que estávamos chegando a algum lugar.

— Estamos apaixonados um pelo outro, não é só paixão — há uma diferença; além do mais, isso não é tudo. Eu o amo porque ele me faz sentir capaz de fazer qualquer coisa. Ele faz com que eu me sinta a pessoa que eu quero ser — inclinei a cabeça para o lado. — Sinto muita pena de Blake.

— O que quer dizer com isso?

— Você não sente a mesma coisa por ele? — Perguntei.

James não disse nada.

— Com licença — eu me debrucei para a frente para falar com o motorista de James. — Pode por favor nos levar direto ao The Hollywood?

— Sim, senhorita — ele concordou.

James me olhou de lado e suspirou.

— E então, vai falar a verdade ou não? — Perguntei por fim, assim que paramos diante do meu hotel.

— Você não compreende o que está me pedindo — James balançou a cabeça. — Há muito mais coisas envolvidas nisso do que o seu namorado.

— Eu sei. Tem o meu trabalho, meu visto, meu apartamento, minha reputação, o respeito da minha família e dos meus amigos. Ah, é, e tem o seu namorado.

— Não pense que é fácil para mim — ele fechou os grandes olhos azuis e as olheiras escuras pareceram ainda mais fundas à luz baixa da limusine. — Mas, desculpe, não posso.

Precisei de toda a minha força para abrir a porta do carro e sair. Pensei que ele ia fazer a coisa certa, se não por mim, pelo menos por Blake. A limusine se afastou rapidamente, antes que eu pudesse entrar de novo e implorar a James que mudasse de ideia, então fiquei sozinha na rua.

Sem saber o que mais poderia fazer, liguei para Jenny. Quando caiu na caixa de mensagens pela quarta vez, desisti. Não adiantava ligar de novo para Alex, e Mary não queria ouvir nada do que eu tinha para falar que não fosse "mal posso esperar para ser a vadia na capa da *Icon* na semana que vem". E por mais que isso ficasse cada vez mais inevitável, eu não conseguia me convencer a fazer a ligação.

Entrei na penumbra do saguão do The Hollywood e chamei o elevador. As paredes douradas melhoravam meu reflexo, mas até as minúsculas câmeras de segurança no teto podiam ver como eu estava patética. A umidade fizera meu cabelo ficar todo armado e a maquiagem que havia aplicado na Fred Segal tinha derretido ou saído com as lágrimas silenciosas dos últimos três minutos. Não sabia se seria bom ou ruim ver Alex nesse exato momento. Ele veria como eu estava na pior, mas também veria que eu estava um caco. Não era exatamente a garota perfeita para chamar de amor-da-minha-vida. Por que não disse a ele que o amava? Por que não disse no casamento de Erin? Ou antes de ir para o aeroporto? Tive tantas oportunidades.

Exausta, entrei no quarto, fechei as cortinas para esconder as colinas de Hollywood e capotei na cama. Nada mais a fazer além de esperar que Mary ligasse com as más notícias.

Capítulo 13

Acordei meio desorientada, com as costuras dos jeans desenhadas na minha perna, mas só precisei de alguns segundos e dei uma olhadinha no relógio ao lado da cama para lembrar por que estava deitada em plena quarta-feira à tarde. Eram 6 horas em LA, 9 em New York. O tempo acabou. Agora eu não poderia mais resolver as coisas antes que Mary concordasse com a entrevista para a *Icon* e Jenny assumisse como minha assessora de moda. Pelo menos pareceria um pouco decente nas fotos que destruiriam a minha vida na próxima terça. Eu estava mesmo precisando de uma foto nova para o perfil do Facebook.

Uma das minhas coisas preferidas de ficar em bons hotéis era a política de discrição. Por mais que a camareira tivesse recolhido várias toalhas sujas de vômito do banheiro, ela alegremente repôs as bebidas no frigobar. Na verdade, acho que tinha ainda mais vodca ali do que ontem. Agarrada ao telefone, sentei de pernas cruzadas diante do frigobar. Por falta de coisa melhor para fazer, misturei uma vodca com uma Coca Diet e tomei em um gole. E misturei outra. E virei de novo.

Depois de acabar com a vodca, o gim e o vinho branco, segurei-me ao balcão para me levantar. Hum. Bêbada demais para ficar em pé sozinha, mas não a ponto de passar às miniaturas de Jack Daniels. Passei um pouco de gloss e troquei de camiseta rapidamente, para então pegar a chave do quarto e sair. Só havia um lugar para ir em tempos difíceis.

O lugar onde todo mundo sabe o seu nome.

- Angela?

Evidentemente, na atual conjuntura, havia uma única pessoa que sabia o meu nome: Joe. Mas um bar era um bar e um drinque era um drinque.

— Oi — cumprimentei, caindo em uma das banquetas à frente dele. O bar da piscina estava praticamente vazio, pois os hóspedes adoradores do sol tinham entrado para se arrumar e enfrentar a noite, e os festeiros locais ainda demorariam para aparecer. — Tudo bem?

— Hum, o.k. — respondeu Joe, não parecendo convencido de que o mesmo podia ser dito de mim. — E você, tudo bem?

— Claro que não. Nenhuma — bati a mão no balcão do bar para enfatizar as palavras. — Ele é um babaca, Joe. Tudo que está na internet, é tudo lixo.

— Suponho que esteja falando do meu grande amigo James Jacobs — disse Joe, entregando um cardápio de drinques e uns amendoins. — Está?

— Um mojito, por favor — engoli um punhado de amendoins. Há quanto tempo eu não comia? — E ui, nem pensar. Sou boa demais para ele. Não que ele pudesse, claro. Ele não saberia

o que fazer comigo se eu desse uma chance. Não é isso?

— Eu não sei — disse Joe com um sorriso. — Mas acho que está certa, você é boa demais para ele.

— Sou, sim — concordei, movendo a cabeça com entusiasmo, enquanto Joe separava a menta, o açúcar e o limão. Ele tinha uns braços lindos mesmo. Tão bonitos como os de James. — Você está bem, Joe? Não o vemos desde segunda.

— Estou ótimo — ele afirmou, entregando o drinque. — Nesta cidade, a gente se acostuma a lidar com panacas, Angela. Mas acho que temos que lidar com panacas em qualquer lugar, não é?

— Hum-hum — concordei. O mojito estava uma delícia. — Qualquer lugar.

— Mas então, alguma chance de eu convertê-la a Los Angeles? — Ele perguntou. — Já que a panaquice é uma epidemia global?

Balancei a cabeça para um lado e para o outro com tanta força que tive que me segurar no balcão pra não cair do banquinho.

— Nem.

— Ainda apaixonada por New York, é? — Joe colocou outro canudinho no meu drinque e tomou um gole. — Não tem nada que você goste em Los Angeles?

— Não, odeio isto aqui — falei, encostando a testa na dele quando me abaixei para tomar outro gole.

— Nem eu — disse Joe, encarando-me. Nariz com nariz, olhos nos olhos, e eu senti que estava corando dos pés à cabeça.

— Vou jantar com a Jenny mais tarde. Você devia vir — afastei-me, perdendo o equilíbrio de novo. — Ou vai trabalhar?

— Na verdade eu saio às 7, mas vocês não me querem por perto — Joe pegou um par de copinhos e uma garrafa de tequila. — Vocês vão falar dos namorados e de sapatos e essas coisas. O que é que eu posso falar sobre isso?

— Ah, nada a ver — bati no braço dele, derramando a tequila que ele estava servindo. — Nós queremos muito que você vá. E pode acreditar, não vamos falar de namorado. A Jenny está solteira, você sabe.

Joe segurou minha mão e a beijou. Depois de um segundo incrivelmente longo, ele jogou sal sobre a linha úmida que a boca dele formara.

— No três?

— Três? — Murmurei.

— A tequila? — Joe colocou um copinho cheio até a borda na minha outra mão.

— Se eu beber, você vem jantar com a Jenny? — Perguntei.

Olhei para o líquido dourado. Tinha impressão de que seria uma péssima ideia, mas o sal já estava na minha mão, o que é que eu poderia fazer? Meus pais me ensinaram a não desperdiçar comida. Nem bebida. Nem condimentos.

— Vou ao jantar — confirmou Joe. — Um, dois, três.

— Ugh — ignorando o amargor da tequila na minha garganta e o desejo instantâneo de

regurgitar, mordi o pedaço de limão que Joe segurou para mim. — Odeio tequila.

— Mas parecia uma profissional — disse Joe, enchendo os copos novamente. — Mais uma e aí acho que posso sair.

Concordei, pegando o copo. O sol estava começando a se pôr nas colinas de Hollywood, as luzes das casas dos ricos e famosos começavam a acender. Se estivesse sentada na cobertura do The Union às 7 da noite, em março, de jeans e camiseta e, opa, tivesse esquecido de colocar sapatos, eu com certeza morreria congelada.

— Angela?

— Oi? — Respondi de volta. Joe ergueu o copo.

— Eu já disse "três" umas, sei lá, cinco vezes.

— Ah, tá — virei o copo, estremeci e bati com ele no balcão. — Onde vamos jantar? Estou morrendo de fome.

— Acho que você deveria se trocar primeiro — disse Joe, batendo o cartão e passando o bar para uma loura alta com uma camisa preta igual à dele.

— Vamos a algum lugar chique? — Perguntei.

— Não, mas a sua camiseta está do lado avesso e suja de maquiagem — Joe me tirou da banqueta e me carregou até a porta.

Dei risada, levemente histérica por não estar mais no chão.

— E daí? É isso que os hipsters estão usando em New York.

— Bom, nesse caso... — Joe me colocou no chão, tirou a própria camisa, virou-a do avesso e vestiu. Felizmente, ele não abotoou novamente. — Melhor?

— Muito — afirmei, caindo no elevador quando as portas se abriram.

— Você não pode mesmo entrar no meu quarto — falei, lutando com o cartão e a fechadura. — Vou levar dois minutos.

— Eu me comporto — disse Joe, entrando junto comigo antes que eu pudesse fechar a porta. — Juro.

— É bom mesmo — falei, pisando na pilha de garrafas, copos e camisetas sujas que eu tinha criado diante do frigobar. — Eu só não quero que você veja que deixei o quarto uma zona.

— Angela, isso é um hotel. Já vi coisas piores — ele se abaixou e pegou meu celular do meio da bagunça de garrafas vazias. — Tem umas chamadas perdidas.

Peguei o telefone e conferi a lista de chamadas, prendendo a respiração. Mary, duas, Jenny, uma. Nada de James. Nada de Alex. Joguei o celular na cama e voltei para o guarda-roupa, determinada a não cair no choro. Nem no chão.

— Não era quem você queria? — Quis saber Joe. Fiz uma careta.

— Angela, não sei bem o que está acontecendo, mas sei que você jamais faria qualquer coisa para machucar alguém — disse Joe, cruzando o quarto e me abraçando. — Então, se está se culpando por alguma coisa, é hora de parar.

— Hum — concordei encostada na camisa dele, meus braços pendurados ao lado do corpo.

— Você se lembra de quando chegou a New York e fomos àquele karaokê? — Perguntou Joe, afagando minhas costas, tocando as pontas dos meus cabelos. — E Jenny pediu que eu levasse o café para você. Lembro que ela me contou sobre o seu ex, sobre como ele a traiu e você o pegou. Você parecia devastada.

— E estava — minha voz era abafada pelo peito de Joe. — E eu jamais trairia ninguém.

— Eu sei — respondeu Joe. — Você não é esse tipo de garota, sei disso.

— Mas o Alex acha que eu o traí — falei baixinho. Deus, o cheiro dele era melhor que o do James, se é que isso era possível. — Ele sumiu.

— Então ele é ainda mais babaca do que pensei — Joe me afastou um pouco e ergueu meu queixo para que eu o encarasse. — Eu nunca teria deixado você vir sozinha para Los Angeles. Nunca sairia de perto de você.

— Ele nem atende meus telefonemas — falei com a voz fraca. Vi a cama atrás de nós. Eu precisava muito estar nela, sozinha. Mas será que deveria estar sozinha no meio de uma crise?

— Ele não atende seus telefonemas? — Joe perguntou. — Não acredita em você?

— Eu jamais o trairia — balancei a cabeça e segurei os dois lados da camisa aberta dele. — O amigo dele disse que ele saiu. Eu... ele... eu tentei explicar, mas... acho que ele terminou comigo.

— Então isto aqui não é traição.

As mãos de Joe deslizaram pelas minhas costas até o meu cabelo, empurrando meu rosto na direção do dele. O beijo dele era macio, morno e delicado, e seu peito, quente e firme. Sabia que essa era uma ideia ruim, bem pior que a da tequila, mas igualmente reconfortante. Não, eu era uma pessoa muito, muito, muito má.

— Eu ia trocar esta camiseta — murmurei, afastando-me do beijo. Uau. Fiquei tonta. — Para o jantar.

— Deixe-me ajudá-la — disse Joe, passando as mãos por baixo do tecido fino da blusa e trazendo-a até a cabeça, para depois tirá-la e enrolá-la na minha cintura, puxando-me para perto. — Quer trocar de calça, também?

Minha pele estava queimando nos lugares onde ele havia tocado e meus lábios estavam desesperados por mais beijos, mas, honestamente, minha maior preocupação era ficar em pé. Beijos eram maus. Por mais que fossem deliciosos, eram maus.

— Esta calça está ótima — respondi por fim. Joe soltou minha cintura e eu caí na direção dele. Malditas pernas traidoras.

— Acho que você deveria trocar — ele comentou.

Joe largou minha camiseta e encontrou o cós do meu jeans. Por que eu estava usando essa calça larga hoje? Se estivesse com a calça skinny, ele não conseguiria nem colocar um palito ali, quanto mais uma mão inteira por trás da minha cintura. Oh, e agora pela minha calcinha. Se o quarto parasse de girar por um momento, eu conseguiria pensar melhor.

— Não, não, estou bem — insisti, empurrando-o para longe. Ou, pelo menos, pensei que tinha empurrado. Havia uma grande possibilidade de eu apenas ter me jogado em cima dele. Tudo estava começando a ficar meio confuso. — Acho que tenho que ir para a cama.

— Também acho — ele disse, o hálito quente no meu pescoço, seguido pelos lábios, pelos

dedos enrolados nos meus cabelos. Tentei não fechar os olhos, mas era difícil. Tentei não deixar Joe me empurrar até a cama, porém, graças a um movimento nada gracioso, minha resolução e meu equilíbrio desapareceram.

— Onde estávamos com a sua calça?

— Acho que tenho que ligar para o Alex — sussurrei contra o peso de Joe em cima de mim. Por que é que, depois de uns drinques, um homem grande e pesado esquentava mais que um cobertor? — Isso não é bom.

— Não? — Ele sussurrou no meu ouvido, e então deixou um rastro de beijos do meu pescoço até meus lábios. Onde é que estava a minha blusa? Como é que meu sutiã tinha ficado desse jeito? — Não é bom?

— Não? — Protestei com fraqueza, estendendo as mãos diante de mim. Aparentemente, isso também era um chamado. Alguém entrelaçou os dedos nos meus e ergueu minhas mãos acima da cabeça. Eu estava tão cansada e tão quente e tão... não, alguma coisa não estava certa. E não era só o fato de eu não estar enxergando nada. — Tenho que falar com o Alex.

— Que tal se eu for o Alex? — Disse a voz baixa no meu ouvido — E você só continua fazendo o que está fazendo.

— Você é o Alex? — Fechei os olhos por um momento. Como aquilo tinha acontecido? Mas, viva, Alex. — Ah, eu o amo.

— Eu também a amo — a voz sussurrou de volta. — Você não vai dormir, não é?

— Não — respondi, fechando os olhos mais uma vez. — Acho que não.

E era verdade: desmaiar não era a mesma coisa que dormir, certo?

Acordar com a cabeça latejando, a boca parecendo o chinelo de Gandhi e uma necessidade intensa de virar o estômago do avesso não era algo que eu tinha planejado tornar um hobby, mas cá estava eu, pelo segundo dia seguido, ficando cada vez melhor nisso. Além de beber o suficiente para derrubar um elefante, eu também tinha me esquecido de fechar as cortinas, e o sol dolorosamente brilhante de LA entrava pelo vidro da janela. Nada legal.

Descolei o rosto do travesseiro (baba era um aderente natural incrível) e me empurrei para uma posição semivertical sentada. E foi aí que vi que havia mais alguém na cama. E eu estava de sutiã. E, uma leve apalpada para confirmar, de calcinha. Graças a Deus por isso, pelo menos. Não que houvesse qualquer garantia de que ela tinha ficado ali a noite toda.

Meu coração caiu até o estômago e começou a bater depressa, aparentemente competindo com o meu cérebro. Mas não havia nada. Branco total. Cheguei até a ponta da cama, tentando não mover ainda mais as roupas de cama reviradas, e procurei minha camiseta no chão. Quem quer que fosse e o que quer que tenhamos feito, eu não queria falar a respeito só de sutiã. Mesmo que ele já o tivesse visto. E, aparentemente, tinha.

Tateando com a ponta dos dedos até encontrar minha blusa, logo percebi que havia outra, maior e mais escura, ao lado dela. Uma camisa preta igual às milhares do The Union que a Jenny deixava espalhadas pelo apartamento. Ah, droga. Droga droga droga droga droga. Sem muita vontade de confirmar o que já começava a se delinear dentro de mim, virei a cabeça lentamente. Deitado ao meu lado, completamente capotado, estava Joe. Não ousei olhar sob as cobertas, mas, ao lado da camiseta dele, estavam os sapatos. E ao lado deles, a calça. Ai droga droga droga droga.

Sem pensar, eu me levantei da cama o mais rápido que minhas pernas fracas podiam aguentar, peguei o telefone na mesinha de cabeceira e fui até a porta.

— Jenny! — Gritei, socando a porta do quarto dela enquanto vestia a camiseta em pleno corredor. Acenei com a cabeça para um casal que passou por ali, preocupada demais para ficar com vergonha por estar só de camiseta e calcinha em um corredor de hotel. Era o fim da picada. — Jenny, pelo amor de Deus, abre a porta.

Uns dois segundos depois, ouvi a fechadura fazer um barulho e a porta se abriu para revelar uma Jenny completamente irritada.

— Angela, ainda é muito, muito cedo. Que diabos?

— Só me deixe entrar — empurrei-a para o lado e entrei no quarto, idêntico ao meu. Considerando que Jenny estava ali, não me surpreendi por estar um pardieiro. Roupas, bolsas, sapatos e toalhas por todo lado. — Preciso de ajuda.

— Não é só para isso que estou aqui? — Ela murmurou, fechando a porta. — Não é como se eu não estivesse de ressaca nem nada assim.

— Aonde você foi noite passada? — Perguntei, olhando para a zona de guerra que estava o quarto. Pelos saltos altíssimos e o vestido longo largados em um montinho de seda e brilho ao lado da cama, imaginei que ela tinha saído.

— Eu falei para você, a Tessa me convidou para a premiação. Você recebeu minha mensagem, não é? — Jenny bocejou e pegou o telefone do hotel. — Oi, será que poderiam me mandar café e, sei lá, umas torradas?

Ela fez uma pausa e me encarou com um olhar questionador. Concordei, sabendo bem que o pedido só chegaria daqui a umas duas horas.

— Sim, café e torradas aqui para o quarto? Obrigada — ela se jogou na cama e começou a engolir M&Ms, que tirava de um pacote aberto sobre a mesinha de cabeceira. — Adoro estar do outro lado daquele telefone. Mas e aí? Você está péssima.

Cambaleando, sentei com ela na cama, tentando não balançar muito para não vomitar.

— Uh, acho que fiz uma coisa muito imbecil — revelei.

— Qual a novidade? — Jenny ergueu a sobrancelha. — Eu lhe disse para não encontrar o James ontem. O que você fez agora?

— Acho que é mais "com quem" eu fiz — afirmei.

— O quê? — Ela indagou.

Soube que ela estava prestando atenção quando o M&Ms que estava jogando para o ar errou sua boca e bateu na janela.

— Angie, que diabos? — Jenny ralhou.

— Bom, as coisas não foram bem com o James, então vim para cá e tomei uns drinques — não tinha pensado no que ia dizer. Como explicar? — Muitos, na verdade. E aí fui lá para cima para tomar mais alguns.

— Juro que quando voltarmos para New York vou colocá-la no AA — murmurou Jenny. — Ou pelo menos arranjar um daqueles monitores de tornozelo que a Lindsay Lohan usa. Você

ficou com um cara que conheceu no bar?

— Hum-hum — passei o dedo na ponta do dedão e me perguntei quando é que eu tinha estragado a pedicure. — Jenny, sou uma idiota.

— Angie — Jenny se aproximou e colocou o braço ao redor dos meus ombros. — As pessoas fazem besteira quando estão estressadas, acalme— —se. O que a sua mãe me disse quando perdi a roupa lavada da Kirsten Dunst? "Há coisas piores no mundo?"

— Acho que nesse caso minha mãe diria "Angela, sua grande vadia, não acredito que você foi para a cama com o barman" — respirei fundo e olhei para cima. Dessa vez, Jenny nem pegou um M&Ms; a mão dela ficou parada no ar.

— Joe? — Ela perguntou.

— Joe — confirmei.

Torci o nariz, tentando forçar minhas lágrimas teimosas a voltarem para os olhos.

— Você dormiu com o Joe? — Ela continuou.

Subitamente, o braço ao redor dos meus ombros ficou muito tenso.

— Acho que sim — peguei um M&Ms vermelho e entreguei a ela.

— Acabo de acordar e não me lembro de nada, mas ele está na minha cama e as roupas dele não.

— Então ele ainda está aí? — Ela ficou de pé. — No seu quarto?

— Sim, e é por isso que estou aqui — respondi, ajeitando-me na cama. Movimentos rápidos, estômago sensível. Nada bom. — O que está fazendo?

— Angie, você estava tão bêbada que nem se lembra do que aconteceu, não é? — Ela voou até a porta. Eu a segui o mais rápido que pude. O que não era muito. — E ele estava trabalhando, então estava sóbrio, ou pelo menos deveria estar. E eu definitivamente não acho que você se jogou para cima dele, não é exatamente a sua cara ficar com um cara por uma noite. Vou acabar com ele.

— Jenny, espere — segui-a pelo corredor, puxando minha camiseta por cima das calças até onde podia. — Eu nem sei o que aconteceu, por favor não...

Mas era tarde: ela passou o cartão e escancarou a porta do meu quarto antes que eu pudesse detê-la.

— Muito bem, palhaço — ouvi o grito dela enquanto corria até a porta.

— Jenny, por favor — insisti.

Mas, além da morena insana batendo a porta do banheiro, o quarto estava vazio. Nenhum barman na cama; nenhum astro de cinema gay no banheiro; ninguém.

— Jenny, você pode, por favor, se acalmar e falar comigo? — Fechei a porta atrás de mim, dando um aceno simpático ao mesmo casal que me vira de sutiã poucos minutos antes. — Por favor?

— Angie, eu não acredito que ele fez uma coisa dessas — ela falou, ficando de joelhos e procurando debaixo da cama.

— Acho que ele não está aí — circundei a pilha de garrafas perto do frigobar e peguei a última

Coca Diet. — Por mais envergonhado que possa estar por ter acordado na minha cama.

— É bom que ele esteja em um avião, a caminho do México — disse Jenny, pondo-se de pé novamente.

— Não sou tão ruim assim — fechei as cortinas, pensando que era meio parecida com o Gizmo, dos Gremlins. Aparentemente, luzes fortes e comer/beber depois da meia-noite também me faziam mal. — Mas acho que essa não deve ter sido minha melhor atuação.

— Que droga, Angie — Jenny parou de procurar por um segundo. — Não é isso que estou dizendo. Não se sinta mal a respeito do que aconteceu nem um segundo sequer. Ele se aproveitou de você e eu vou acabar com ele.

— Não está brava comigo? — Quis saber.

— Por que estaria? — Ela rebateu.

— Porque sou uma vadia que nem se lembra de ter ido para a cama com o cara com quem você queria ir para a cama? — Argumentei.

Jenny riu.

— Querida, acho que já sabemos que não estou pronta para ir para a cama com ninguém. É claro que não estou brava. Não com você, pois é minha melhor amiga. Você faz coisas idiotas. Eu dou um jeito. É assim que nós somos, é isso que fazemos.

— Isso é verdade — concordei, começando a tomar a Coca Diet. Pelo menos o drama tinha distraído minha mente da ressaca. Até agora. — Não acredito que fui tão idiota. O que é que vou dizer para o Alex?

— Não vai dizer nada — Jenny falou.

— Mas não posso mentir para ele — respondi.

— E o que vai acontecer? Considerando que ele caia na real e esqueça essa porcaria do James Jacobs e eu permita que vocês voltem a namorar, se contar isso, ele vai terminar com você de novo — Jenny me puxou até a cama. — Não estou dizendo que está tudo bem, e você tem que se sentir uma porcaria mesmo, mas contar para o Alex é a coisa mais idiota que pode fazer. Sim, você vai limpar sua consciência; no entanto, ele nunca, jamais, vai perdoá-la. Quer perdê-lo por causa de uma noite em que bebeu demais?

— Não. Não se eu já não o tiver perdido por um caso que não existe. Não acredito que isso aconteceu — enterrei o rosto no travesseiro. — Como se as coisas já não estivessem uma porcaria.

— Já que você vai ficar com a boca fechada e eu vou chutar o traseiro de Joe e mandá-lo para outro continente, agora me conte o que aconteceu com o James ontem — Jenny ficou mais suave. — Ele não aceitou falar com a Mary?

Balancei a cabeça.

— Ele não quis assumir o risco. Para ser honesta, eu o compreendo. Ele nem me conhece direito; não é como se fôssemos amigos de infância, não é? E estou pedindo que coloque em risco o trabalho de uma vida inteira ao confessar esse supersegredo, que vai mudar completamente a vida dele. Acho que há uma boa diferença entre ele perder o emprego dele e eu, o meu. Quem sou eu, comparada a ele?

— É alguém que está dizendo a verdade. Isso faz diferença — Jenny pegou meu telefone e começou a olhar as mensagens.

— E não é só isso. A Mary disse que ia seguir em frente com a entrevista da *Icon* se eu não ligasse para ela ontem à noite. E não liguei. Meu Deus, como é que cheguei a esse ponto?

— O ponto em que somos duas gatas solteiras — ela devolveu o telefone. — E em que você está prestes a ganhar uma fortuna vendendo uma história tórrida? Adorei.

— Admiro que você sempre consiga ver o lado bom — falei, dando um abraço nela.

— É o meu trabalho — ela respondeu. — Além, é claro, da minha nova carreira como consultora de moda. Posso fazer o seu ensaio?

— Se houver ensaio, claro que pode fazê-lo — engasguei. E caí no choro.

Jenny me levantou e me deu um abraço apertado, de esmagar o nariz e secar as lágrimas.

— Angela Clark, o que é que vou fazer com você?

Capítulo 14

Depois de me preparar um banho de banheira, afastar todos os objetos pontiagudos e separar uma roupa confortável e nada controversa sobre a cama, Jenny saiu do quarto, supostamente para ligar para Tessa a respeito de uma reunião que elas teriam à tarde. Porém, eu tinha a leve suspeita de que ela saiu para procurar, encontrar, socar e matar Joe. Ainda bem que já havia coisas demais na minha cabeça para que pudesse pensar nessa possibilidade — James, Alex, Mary e, é claro, minha primeira transa sem compromisso, que tinha sido tão absolutamente fantástica que não me lembrava de absolutamente nada; e o cara tinha desaparecido da face da Terra. Tirei a roupa, jogando a camiseta e a lingerie no lixo. Não queria me lembrar nunca mais do que aconteceu quando estava com elas.

A água da banheira estava tão quente que cheguei a ficar sem fôlego, e minhas pernas submersas ficaram vermelho-tomate. Soltei o ar devagar e fui deslizando o restante do corpo para dentro da água, sentindo o calor escaldante se transformar em quentura agradável. Tirei o braço da água e pensei que era curioso que a parte debaixo tenha ficado 100% lagosta, enquanto a de cima ainda estivesse rosinha. E essa era toda a minha intelectualidade naquele momento.

Depois da terceira tentativa frustrada de ligar a água fria com o pé esquerdo, percebi que o barulho insistente que vinha do quarto era o meu telefone. Deixei tocar até o fim três vezes, mas então me dei conta de que a pessoa que estava ligando não ia desistir com tanta facilidade. Saí da banheira e, encharcando o quarto, peguei o aparelho para ver quem queria tanto assim falar comigo. Três chamadas perdidas: duas de Mary e uma de um número estranho de Los Angeles; porém, nenhuma mensagem. Antes que eu pudesse dar outra olhada no número local, o celular zumbiu nas minhas mãos. Mary de novo.

— Oi, Mary — teria que enfrentá-la mais cedo ou mais tarde, então, que fosse enquanto eu estava nua e molhada.

— Por que diabos você não está atendendo o telefone do hotel? — Ela berrou. Eu me virei e vi o fone pendurado ao lado da mesinha. Apenas uma casualidade da minha noite de paixão. — Ou respondendo a algum dos dez mil e-mails que enviei?

— Desculpe — olhei ao redor procurando minha bolsa. Será que eu a tinha levado para o bar? —, tive uma noite meio doida. — Só o que queria era perguntar se estava ou não demitida, mas fiquei com muito medo que ela dissesse que sim.

— Ah, quer dizer que teve uma noite doida? Você estava em uma conferência com os diretores até as 11 horas, tentando convencê-los a ficar com a sua história do James Jacobs? Eles acham que vai vazar antes que possamos publicar na semana que vem. Está com tudo certo, não é?

— Bom, ele não vai sair por aí me exaltando em todo lugar, não é? — Resmunguei, procurando alguma coisa para vestir. O ar-condicionado do The Hollywood não incentivava a nudez solitária.

— Angela, acho que você não está entendendo — continuou Mary. — Assim que alguém toma uma decisão como essa, não há muito tempo para capitalizar em cima. A última coisa que queremos é que ele mude de ideia ou, pior, decida que está tão feliz de sair do armário que vai vagar pela cidade pegando geral antes que a revista chegue ás bancas.

Estava ajoelhada, abrindo a última gaveta do guarda-roupa, e congelei.

— O quê?

— Como assim, o quê? — Mary parecia tão confusa quanto eu. — Diga que já marcou a nova entrevista?

— Nova entrevista? — Perguntei.

— Com James e o namorado?

Girei sobre os calcanhares.

— Você sabe? — Estava surpresa.

— É claro que sei. Você está bem? Andou bebendo? — Ela começou a falar bem devagar. — Falei com o James ontem. Ele disse que estava tudo certo, que você ia fazer a entrevista e que ele queria que fosse publicada na *Icon* da próxima semana. Angela, preciso do texto para amanhã. Estamos marcando as fotos para o domingo, mas você não precisa estar aí para isso, preciso que esteja aqui. Diga que vai conseguir fazer isso.

— Ele contou para você? — Perguntei assombrada. — Contou tudo?

— Ele falou que prefere beijar meninos a meninas, é isso a que se refere?

Senti que o quarto estava tremendo sob meus pés e espiei por cima da cama como um suricato, para ter certeza de que Los Angeles não estava sendo engolida por um terremoto.

— Angela, isso não é brincadeira — disse Mary. — E se você achou que os diretores não a queriam na entrevista original, nem imagina o que estão achando de tê-la cobrindo isso. Preciso do seu texto amanhã, no começo da tarde, à uma da tarde aí em Los Angeles, para editar, e depois preciso que volte. Temos que soltar a história na segunda, antes que a revista saia, na terça. Cici está marcando seu voo de volta para a tarde de domingo.

— Nem sei o que dizer — olhei para o vidro, não era nem para as colinas, era para o vidro mesmo. — Não sei.

— É melhor que pense em alguma coisa até segunda de manhã — ela me recomendou. — Porque quero a matéria completa no meu escritório às 9.

Desliguei o telefone e finalmente consegui vestir uma calcinha e uma camiseta, para me sentar de costas para a mesinha de cabeceira, com as pernas esticadas. James tinha ligado para Mary. Ele ia fazer a entrevista. Ergui os dedos dos pés e alonguei as panturrilhas. Por que ele não ligou para me contar? Procurei o telefone do hotel sobre a mesinha.

— Oi, aqui é Angela Clark, quarto 608... Tem alguma mensagem para mim?

Ouvi quando a garota da recepção teclou alguma coisa.

— Bom dia, srta. Clark, temos sim. Na verdade, temos algumas. Posso enviar alguém até aí ou gostaria que eu as lesse agora?

Fiz uma pausa.

— Pode pedir que alguém as traga? Muito obrigada.

Achei melhor que não fossem lidas em voz alta. Fiquei de pé e tentei me fazer apresentável. Minha mãe morreria se pensasse que eu estava abrindo a porta para — bem, para qualquer um — vestida assim, Era a mesma lógica de limpar a casa de cima a baixo antes das férias, caso um ladrão aparecesse. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo, escovei os dentes com pressa e não muito bem e passei um pouco de gloss e rímel. Estava procurando uma parte de baixo adequada para usar com as muito inadequadas camiseta e calcinha de listras cor-de-rosa que eu estava usando, quando ouvi a batida na porta. Cara, eles eram rápidos nesse hotel.

— Entre — gritei do guarda-roupa, mas, em vez de ouvir um clique e o barulho da porta se abrindo, ouvi outra batida.

Certo, então eu teria que aparecer de calcinha. De novo. Lembrei que metade do hotel já tinha visto minha calcinha mesmo — que diferença podia fazer um mensageiro? Abri a porta.

-Oi.

Não era um mensageiro.

Era Alex.

— Eu sei que em Los Angeles as pessoas usam menos roupas do que em New York, mas, Angela, isso é ridículo — ele enfiou um par de pequenos fones de ouvido brancos pela gola da camiseta e balançou a cabeça.

Fiquei com tanto medo de cair que me agarrei à porta. Era ele mesmo.

— Posso entrar? — Ele perguntou, a franja longa e escura caída sobre os olhos cansados. Acenei com a cabeça e dei um passo para trás para que ele passasse com a mala. — Então você já detonou o quarto, é?

Acenei de novo, ainda agarrada à porta. Era ele mesmo. Diante de mim, no meu quarto de hotel, usando os jeans velhos, a camiseta verde puída e Converse pretos detonados, tão ridiculamente não LA que minha mente se recusava a assimilar a presença dele contra a janela, com o letreiro de Hollywood ao fundo.

— Angela, por favor, diga alguma coisa — ele falou depois de um minuto de silêncio. — Ou feche a porta, pelo menos?

Soltei os dedos da madeira e deixei que a porta se fechasse, mas não consegui sair do lugar. E se ele desaparecesse quando eu o tocasse? E se dissesse a coisa errada e ele fosse embora para sempre?

— Certo, uma coisa de cada vez — Alex colocou a mochila na mesa, ao lado do meu laptop. — Preciso usar o banheiro, e, depois, será que podemos conversar? — Ele caminhou na minha direção, porém não pude ver seu rosto porque ele entrou no banheiro. Alex parecia cansado, disso eu tinha certeza, mas cansado porque tinha acabado de desembarcar do avião, porque não estava conseguindo dormir? E ele não parecia nem um pouco feliz.

Quando a porta do banheiro se abriu, eu continuava parada no mesmo lugar. Alex olhou para

mim, olhou para a montanha de garrafas que Jenny tirara do chão e jogara no lixo e olhou de volta para mim. Seu rosto estava úmido e rosado onde havia jogado água, e umas mechas da franja estavam coladas à bochecha. Levantei a mão lentamente para tirá-las, mas ele segurou minha mão e colocou-a contra a bochecha.

— Oi — ele disse suavemente.

— Oi — respondi.

— Devo sair e entrar de volta? — Ele me perguntou.

Balancei a cabeça lentamente. Ele estava mesmo aqui. Eu o estava tocando e tudo o mais.

— Desculpe por tudo que disse — ele mordeu o lábio inferior. — Ao telefone. Sei lá, acho que surtei.

— Tudo bem — murmurei. A mão dele era tão quente.

— Não, não está — seus olhos verdes estavam tão avermelhados que mal conseguia encará-los. Eu sabia que ele não era de dormir muito nem nos melhores dias. — Eu nem esperei para ouvi-la. Nem tentei.

— Tudo bem — repeti. Não estava, mas isso foi antes de eu dormir com o barman.

— Angela, pare de dizer que está tudo bem. Não está — ele me puxou para perto gentilmente. — Fiquei olhando para o telefone por umas três horas depois que nos falamos. Foi tão completamente errado ter dito aquelas coisas todas.

— Então... então você poderia ter ligado? — Falei dolorosamente ciente de que a) eu estava um trapo e b) meu quarto estava com cheiro de bebida. — Por que não ligou? Por que não atendeu quando liguei?

— Achei que um gesto romântico e grandioso fosse melhor? — Alex pegou minha outra mão na dele para que eu parasse de puxar a barra da camiseta. — Ou porque depois que conversamos eu vi aquelas fotos na internet, joguei o telefone pela janela. Ficou meio difícil telefonar.

— Entendo — respondi.

— Sei que você ainda deve estar brava — ele continuou. — Mas será que posso explicar? Por favor, só me deixe dizer o que passei as últimas dez horas ensaiando, e se depois disso ainda quiser que eu vá embora, eu vou.

— Querer que você vá? — Eu não sabia muito bem em que universo paralelo tinha ido parar, um lugar onde Alex achava que minha incapacidade de formular uma frase se devia ao fato de eu estar brava com ele. Estava brava, aliás, furiosa, só que comigo mesma.

— Então, na última vez que conversamos, fui um completo babaca, mas foi porque eu estava louco de ciúmes. Sei que você nunca... eu sei. Sabia disso. Você não é a minha ex nem, bom, eu — ele tentou me levar até outro lugar; eu, porém, não me movia. — É que a minha cabeça estava meio zonza. Acho que não queria que você viesse para LA.

— Podia ter dito isso antes que eu viesse — finalmente comecei a sentir meus pés de novo, permitindo que ele me arrastasse pelo tapete. — Você podia ter vindo comigo.

— Achei que não devia. E como tudo estava acontecendo tão rápido de novo, achei que um tempo separados seria bom. Por outro lado, não foi a primeira vez que errei em alguma coisa.

— Verdade — sussurrei.

Alex estava indo lentamente na direção da cama. A cama que ainda estava bagunçada do que quer que tinha acontecido com Joe na noite anterior.

— E acho que é por isso que eu não estava atendendo o telefone — ele deslizou as mãos pelos meus braços até chegar aos ombros. — Queria provar que não estava sentindo sua falta. Que não ficaria arrasado sem você. Trágico, não é?

— Trágico — concordei.

— No fim das contas, eu estava errado, então acho que você vai ter que me aguentar. Se ainda me quiser? — Ele disse.

— É claro que sim — falei, e uma pequena lágrima escorreu pelo canto do meu olho. — Mas ainda temos que conversar sobre algumas coisas, tenho que explicar. Não é tão simples como...

— É tão simples quanto quisermos que seja — segurando as minhas mãos entre as dele, Alex me puxou para perto e trombei contra o peito dele. Ele tinha cheiro de sono e do desodorante que ficava na janela do banheiro do apartamento dele. — Não tem que me explicar nada. Já disse que não aconteceu nada com aquele cara e eu deveria ter acreditado em você, em vez de ter ficado fazendo perguntas. Desculpe. Mas agora estou aqui e quero consertar tudo. Diga o que devo fazer.

Nunca me senti uma cretina tão grande em toda a minha vida. Aqui estava ele, esse cara lindo que tinha voado milhares de quilômetros para pedir desculpas por acreditar em fotografias que milhares de pessoas em todo o mundo, incluindo a tonta da minha mãe, estavam achando que eram verdades absolutas. Estava aqui para me dizer que não acreditava nelas, que ele é quem estava errado, e agora tentava me puxar até uma cama que, até pouquíssimo tempo atrás, continha um barman muito pelado e uma Angela muito idiota.

— Angela, você está bem? — Ele segurou meu rosto manchado de lágrimas entre as mãos. — Sei que as coisas vão demorar um pouco para ficar bem. Não espero que me perdoe agora. Só quero saber que pode me perdoar um dia.

— Eu... eu não acredito que você veio — gaguejei. — Não acredito que está aqui.

— Eu não poderia estar em nenhum outro lugar — ele encostou a testa na minha e deixou que minhas lágrimas molhassem suas bochechas. — Então essas lágrimas são de felicidade porque estou aqui, e não de tristeza porque você me odeia?

— Eu não odeio você. Você é quem deveria me odiar — vacilei. Eu tinha que contar para ele. Uma coisa era guardar para mim quando pensei que tínhamos terminado, outra era mentir descaradamente depois que o cara tinha voado o país inteiro para me ver. — Desculpe, Alex.

Não fale mais nada — os lábios dele encontraram minhas bochechas e beijaram as marcas das lágrimas. — Você sempre fala demais.

Sem nem pensar, ergui o rosto e beijei-o, beijei seus lábios salgados pelas minhas lágrimas e secos por causa do longo voo. Eu não sabia como algo que me fazia derreter completamente também podia me deixar enjoada.

Alex me puxou para cima dele, sobre a cama. Desajeitada, montei nele, as canelas apoiadas na estrutura de madeira. Os lábios dele beijaram suavemente o meu pescoço até chegar à gola da

camiseta. Deixei-o me puxar e me empurrar de costas sobre o travesseiro, enquanto me concentrava em seus olhos semicerrados, sua respiração ofegante; mas, cada vez que tentava me entregar, eu sentia Joe na cama conosco.

— Alex, não posso — falei com a voz embargada, pegando a mão dele antes que fosse longe demais. — Desculpe, preciso resolver umas coisas e depois nós temos que conversar.

Ele tirou o cabelo dos olhos e suspirou levemente.

— Desculpe, eu não devia ter feito isso — ele se ergueu e sentou na beirada da cama com a cabeça entre as mãos. — Quer que eu vá embora?

— Meu Deus, não — sentei rapidamente e abracei-o. E se ele fosse embora e nunca mais voltasse? — Não posso fazer isso. Ainda. Mas você fica comigo?

— Não vou sair, a não ser que você me peça — ele se aproximou e me beijou de novo, um beijo quente e profundo. — Tem muitas coisas para fazer hoje?

Repassei a lista mentalmente: ligar para James, marcar a entrevista, encontrar Jenny, estrangular Joe, bordar um A vermelho na frente de todas as minhas roupas. Nada que não pudesse esperar.

— Não, agora. Podemos apenas ficar deitados aqui um pouco? — Perguntei.

Alex concordou e beijou a pontinha do meu nariz antes de tirar os tênis e se deitar na cama. Em silêncio, deitei-me de costas para ele, encostando a cabeça em seu peito, enrolando minhas pernas nas suas. Agarrei com força o braço que ele passou ao meu redor e fiquei ouvindo sua respiração leve, o hálito quente na minha nuca cada vez mais lento. Ele dormiu em poucos minutos, mas, cada vez que fechava os olhos, via as costas nuas de Joe.

O que eu tinha feito?

Assim que tive certeza de que não iria acordar a qualquer momento do meu sonho/pesadelo e descobrir que minha cama havia ficado completamente vazia nas últimas 24 horas em vez de fazer um rodízio de caras bonitos, sai dos braços de Alex e vesti um jeans bem velho. Caminhei o mais silenciosamente possível até o banheiro e olhei para o telefone. Com quem deveria falar primeiro? O que deveria dizer?

Melhor ligar logo, e não ficar sentada no vaso admirando um telefone celular, o que, com certeza, não era muito higiênico.

— Estava pensando a que horas você ia ligar — James não parecia tão feliz quanto imaginei que estaria. — Demorou um pouco, não acha?

— Olha, você não vai acreditar, mas está correndo um rumor lá na revista de que você é gay — estiquei os dedos do pé até encostarem no toalheiro aquecido. Ui, droga, quente demais. — Não é um absurdo?

— Muito engraçado — a voz dele ecoou. Aparentemente, o banheiro não era o melhor lugar para uma conversa telefônica. — Então, quando é que você vem? Quero acabar logo com isso.

— Ah, obrigado — ouvi Blake falando do outro lado da linha. — Que bom que você está empolgado.

— Fique quieto — retrucou James, mas pude ouvir um sorriso na voz dele. — Assim, é sério, segundo a sua editora assustadora a coisa é meio urgente.

— Eu sei — falei, encostando os dedos no chão gelado. — Ela foi bem clara a respeito da urgência. O problema é que o Alex apareceu aqui e não posso deixá-lo agora. — Eu só tinha deixado de acrescentar "porque estou morrendo de medo de que, se eu abandoná-lo nesse quarto do hotel, ele vai encontrar alguma evidência de que dormi com o barman."

— Ele apareceu, é? Para pedir desculpas? — Mm-hm — resmunguei.

— Algum diamante acompanhando as desculpas?

— Não — eu não podia imaginar alguma forma de estar me sentindo pior do que naquele momento, mas provavelmente diamantes teriam garantido esse efeito. — As coisas estão um pouco complicadas. Tenho que enviar o texto até o começo da tarde de amanhã, então podemos encontrar às 9h? Assim eu teria duas horas para conversarmos e mais duas para escrever.

— Você é uma escritora tão boa assim ou só está tão desesperada de tesão que nem consegue se separar do seu homem? — Perguntou James.

E eu quero uma resposta honesta, já que estou prestes a sair do armário por você.

— Ah, então é por ela que vai fazer isso? — Blake de novo.

— Eu tenho que levá-lo para a entrevista? — Perguntou James. — Ele está insuportável desde que concordei em fazer isso. Ainda dá tempo de mudar de ideia, não é?

— Não, não dá — respondi depressa. — Então, faremos a entrevista no seu hotel?

— Claro, é onde acontecem todos os escândalos — ouvi um ruído e risadas ao fundo. — Desculpe, é que o Blake está pirando porque estou organizando isso sozinho. Caia fora; você deveria estar organizando as fotos, não ouvindo minha conversa. Devo dizer, srta. Clark, é uma pena que não esteja nas fotos.

— Já apareci em fotos demais com você — respondi. — Nos vemos amanhã, às 9h?

— O.k. — ele confirmou. — E, Angela, desculpe por todo o aborrecimento. Espero que tudo termine da melhor forma possível. Para nós dois.

Desliguei o telefone e tentei sorrir, feliz por James e Blake estarem juntos, mas ainda estava brava porque, se aquelas fotos não tivessem vazado, eu provavelmente nunca teria ido parar na cama com Joe. Fiz uma pausa entre as ligações para lavar o rosto e passar hidratante, pois minha pele tinha ficado muito seca aqui. Apliquei uma camada de dois centímetros de uma loção e me olhei no espelho.

Eu não parecia nem um pouco diferente depois de ter tido uma transa de uma noite completamente promíscua; então, por que me sentia tão estranha? Os mesmos olhos azuis, os mesmos cabelos castanho-claros, os mesmos dentes "razoáveis, mas que passariam por clareamento se eu fosse super-rica". Se pelo menos pudesse me lembrar do que aconteceu, aí poderia parar de imaginar o pior. A não ser que tivesse sido o pior e meu cérebro estivesse tentando proteger o nadinha de autoestima que eu ainda tinha. E o pior era que, por mais que pudesse reclamar de James e das fotos, de Joe se aproveitando de mim, a verdadeira culpada de tudo era eu. Eu é quem devia resolver as coisas. Com a ajuda de Jenny.

Liguei para o celular dela e caiu na caixa de mensagens. O dia em que ela atendesse o telefone seria um sinal do apocalipse.

— Oi, Jenny, sou eu. Então, não sei onde você está, mas preciso falar com você. O Alex

apareceu. Ele está aqui no meu quarto e não sei o que fazer. Estou entrando em pânico com toda essa... situação. Socorro? Por favor?

— Ei — disse Alex, aparecendo na porta. — Tudo bem?

— Pensei que estivesse dormindo — falei, limpando as sobras de hidratante do rosto. — Só estava resolvendo umas coisas.

— Tudo bem, não precisa explicar nada — ele se espreguiçou e se segurou no alto do batente da porta. A camiseta subiu e pude ver o abdome claro e firme dele. Ainda bem que estava apoiada na pia. — Então, meu relógio biológico está desregulado e estou morrendo de fome. Quer comer alguma coisa?

— Na verdade, estou faminta — nem conseguia lembrar qual tinha sido a última vez que comi alguma coisa. — Quer sair?

Alex soltou o batente e deu um passo hesitante para dentro do banheiro. Ele sorriu e limpou um pouquinho de hidratante que tinha ficado na minha bochecha, o que me fez corar dos pés à cabeça.

— Você quer?

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não.

— Eu também não — ele tirou a camiseta e soltou o cinto. — Mas preciso tomar um banho. Vem comigo?

Olhei para o chão. Por que ele estava tornando tudo tão difícil para mim? A sensação de vazio no estômago foi tomada por borboletas. Antes que eu pudesse responder, ele estava na minha frente, me beijando. Com tanta intensidade que chegava a machucar meus lábios e me deixar sem fôlego. Quando ele colocou as mãos nas minhas axilas e me puxou para cima da pia, enrolei as pernas ao redor da cintura dele, beijando-o. Talvez essa fosse a melhor forma de esvaziar minha cabeça. Parecia uma ótima ideia. Não que pudesse usar a minha opinião como um indicador de boas ideias, considerando meu histórico.

Senti vagamente que tinha batido na torneira quando um filete de água gelada começou a correr na parte inferior das minhas costas, mas estava tão ocupada ajudando Alex a tirar minha camiseta que nem me importei. Em vez de desligá-la, enrosquei meus dedos nos cabelos dele, exatamente o que queria ter feito desde que ele apareceu na porta. Segurei com força no pescoço dele e Alex deu um passo para trás, tirando-me da pia e se apoiando no toalheiro.

— Você quer? — Ele perguntou ofegante, entre beijos que deixavam meus joelhos cada vez mais fracos. Tão fracos que chegar ao chão quanto antes era a única solução.

— Achei que eu é quem falava demais — respondi, puxando-o para os azulejos duros e gelados.

Capítulo 15

— Não acredito que aquele cara é gay — disse Alex mais tarde, quando já estávamos deitados no chão do banheiro, enrolados nas toalhas macias do The Hollywood. Não tinha muita certeza de que as minhas pernas conseguiriam chegar até o quarto, e engatinhar não parecia muito legal. Sem contar que ter dois homens na minha cama no mesmo dia era muita promiscuidade.

— Pois é — cheguei mais perto do peito de Alex. Quanto mais perto eu ficava, mais segura me sentia. — Que loucura, não acha?

Por mais que Alex estivesse se esforçando para manter a história de "não precisa explicar nada para mim", eu queria muito contar toda a história para ele, ou pelo menos toda a história relacionada a James Jacobs, assim que fosse pós-sexual mente apropriado.

— Acho que não dá para ter certeza de nada — Alex brincava com as mechas do meu cabelo, erguendo-as e deixando que caíssem de volta. — As pessoas acreditam no que querem. É meio deprimente ele pensar que não podia ser quem é de verdade desde o começo.

— Desculpe por ter envolvido você na história — falei baixinho, completamente extasiada com os carinhos dele. — Quase morri quando publicaram aquela foto sua na internet.

— Pois é, que coisa maluca, não? — A voz dele parecia profunda e áspera naquele banheiro de hotel. — Não sei de onde tiraram aquela foto. Ainda bem que os fofoqueiros da internet pelo menos me acham gatinho. Os caras tiraram muito sarro da minha cara.

— Inveja — falei.

— Claro. O mais louco de tudo isso é que as vendas aumentaram — Alex comentou.

— Ganho uma comissão? — Perguntei, ajeitando a toalha para que as dobrinhas ficassem cobertas. Uma coisa era ficar nua durante os espasmos da paixão, outra era ficar exposta debaixo da luz fria do banheiro depois que seu namorado já estava satisfeito.

— Como vai querer que eu pague? — Ele sussurrou no meu ouvido. Um arrepio percorreu a minha espinha, e não tinha nada a ver com os azulejos gelados.

— Pensei que estivesse com fome — tirei o cabelo dele do meu rosto, já que Alex já estava sobre mim. — Não vão trazer nada para comermos se estivermos nos divertindo no chão do banheiro.

— Não diga que não tem um estoque secreto de guloseimas por aqui — a respiração dele no meu pescoço era quente, e eu podia sentir minhas costas arqueando. — Você nunca fica a mais de 10 metros de distância de um pacote de M&Ms.

— Não sei do que está falando — retruquei, torcendo para que ele não encontrasse o pacote

gigante de M&Ms de amendoim antes que eu conseguisse escondê-lo.

O dia passou depressa, antes que eu pudesse fazer alguma coisa com ele além de conferir periodicamente que Alex estava mesmo ali e aproveitando meu primeiro sono não alcoólico havia dias. Por fim, Alex e eu conseguimos colocar roupas para nos fazer decentes e caminhamos até o McDonald's mais próximo para comer — e para dar tempo à camareira para trocar as roupas de cama. Estava vendo Alex devorar o segundo Big Mac quando meu telefone anunciou uma mensagem de texto. Era Jenny.

"Ei, td ok com Alex? Não contou do Joe? Estou com a Tessa, ligue se precisar de mim xoxo"

Ergui os olhos para Alex, que mastigava como se alguém estivesse prestes a arrancar o sanduíche da mão dele. Não sabia se deveria rir ou chorar. Mas sabia que o Joe poderia aparecer a qualquer momento e estragar tudo.

"Não disse nada, td certo até agora. Divirta-se. T vejo amanhã? A xxx"

Empurrei meu sanduíche de frango para longe, subitamente não tão faminta quanto desesperada para voltar para o quarto do hotel e colocar um sinal de "Não perturbe" na porta.

— Não está com fome? — Perguntou Alex de olho na minha bandeja.

Balancei a cabeça.

— Não. Cheia de M&Ms — tomei um gole da Coca Diet enquanto Alex dava um jeito no McChicken. — E já está recuperado da viagem?

— Hum — respondeu Alex, escondendo a boca cheia de comida com a mão. — Nem sei que horas são. Mas está escurecendo — ele acenou com a cabeça na direção da rua. O sol já tinha praticamente se posto e todos os turistas da Hollywood Boulevard, artistas fantasiados e malucos em geral estavam por ali. Tentei não ficar olhando para o Homem-Aranha e o Jack Sparrow que entraram na lanchonete e pediram dois McLanche Feliz. — Tem certeza de que não tem nada para fazer hoje? Essa entrevista não vai ser difícil?

— Sim e não — puxei o cabelo para trás em um rabo de cavalo e depois soltei. — Estou achando que o pessoal da revista vai reescrever qualquer coisa que eu fizer, mas, sabe, não quero mandar nenhuma porcaria. Meu plano é reunir o máximo de informações possível e organizar da melhor forma que conseguir, assim os editores terão bastante material para trabalhar. Tenho uma porção de coisas que arranjei durante a semana, então amanhã só precisarei incluir a parte do "A gente se ama". Isso é que vai ser difícil. Acho que nem mesmo agora eles vão falar muito. O Blake me odeia.

— Legal, acho que vou dar uma olhada em voos de volta. Já sabe o que você e a Jenny vão fazer? — Ele começou a atacar as batatinhas.

— Não — respondi, brincando com o canudinho da Coca. Será que ele não podia terminar logo de comer? — Mas volto no domingo. Cici vai fazer a reserva amanhã. Peço que tente colocá-lo no mesmo voo?

Alex concordou.

— Meu grande gesto romântico não foi muito bem planejado — ele disse.

— Acho que eles não têm que ser — estiquei o braço e apertei a mão dele. O que foi muito idiota, porque o fez comer ainda mais lentamente.

— Então, o que está acontecendo com a Jenny? — Alex finalmente esvaziou a caixa de batatinhas. E começou a beber a Coca. — Ela se entendeu com aquele garçom?

Senti que estava ficando meio verde.

— No fim das contas, ela não estava preparada para ficar com ninguém — afastei o assunto de Joe o mais rápido possível. — Ela ainda está tão arrasada pelo que aconteceu com Jeff que não sei o que terei que fazer para que se anime. Assim, não é como se não houvesse vários caras se jogando em cima dela, ela continua saindo e tal — quis que Alex terminasse o refrigerante de uma vez para voltarmos para a segurança do quarto. — Não sei, talvez essas férias façam bem a ela. Está saindo com uma amiga que trabalha como consultora de moda. E estão se divertindo com isso enquanto eu trabalho. A Jenny é bem boa.

— A Jenny é boa dizendo às pessoas o que fazer? — Alex balançou o copo e tomou o restinho. — Você só pode estar brincando.

Não preguei o olho na noite de sexta-feira, e não foi porque (pelo menos não tanto quanto deve estar pensando) Alex estava nu ao meu lado. Por mais aliviada que estivesse por encontrar o quarto do hotel de volta à sua glória pré-pior-noite-da-minha-vida, eu continuava inquieta. Como podia deitar aqui com o Alex e fingir que estava tudo bem quando o tinha traído nessa cama? Eu quase tinha enfiado a cara do meu ex no para-brisa do carro quando descobri que ele estava me traindo.

Na manhã seguinte, eu estava de pé, de banho tomado e vestida antes que Alex tivesse aberto os olhos. Meu novo plano era simples: tirar a entrevista com James do caminho, tirar Alex daquele hotel e tirar todo mundo de Los Angeles. Sabia que Jenny estava certa: era melhor não contar nada a Alex e, se eu fosse capaz de deixar minha lamentável/esquecível transa sem compromisso para trás em outra cidade, muito, muito distante, tudo seria mais fácil. Só que agora ele estava aqui, na cena do crime, e eu me sentia uma grande vadia.

Peguei minha adorável e fiel bolsa e saí, deixando um bilhete para Alex. Eu só precisaria estar no hotel de James dali a algumas horas, mas Jenny tinha deixado as chaves do carro comigo e eu não ia ficar ali no quarto, enlouquecendo, de jeito nenhum. Depois de tirar o carro do estacionamento com alguma dificuldade, me preparei para o lendário trânsito de Los Angeles da melhor forma possível (passando filtro solar, batom e colocando óculos escuros) e liguei o sistema de piloto automático do conversível. Nunca havia dirigido um carro automático antes — bem, eu não tinha dirigido carro algum desde que chegara aos EUA —, mas era como andar de bicicleta. Aparentemente. Infelizmente, mesmo às 6h30 de uma manhã de sábado, as ruas de Los Angeles não eram adequadas a ciclistas nem a motoristas estrangeiros. Até que me acostumei rápido a guiar do outro lado da rua; porém, não conseguia virar no sinal vermelho. Felizmente, havia várias retas para percorrer até encontrar um Starbucks, comprar um café e um muffin e colocar o piloto automático até o Griffith Park.

O parque era lindo: tão diferente de tudo que eu vira de Los Angeles até agora, mais selvagem que o Central Park e a milhões de quilômetros de distância dos espaços abertos meticulosamente organizados de Londres. Estacionei ao lado de um imenso teatro a céu aberto, peguei meu café, coloquei os fones do iPod e caminhei pelo parque, seguindo os corredores e as pessoas que levavam os cachorros para passear. Depois de vinte minutos afogando meus pensamentos na música mais barulhenta que consegui encontrar, percebi que estava diante do Planetário de

Griffith. Bebi mais um gole do café frio, sentei na grama e observei a cidade acordando lentamente. Uau, eu estava bem distante de casa mesmo.

Los Angeles parecia muito diferente daqui de cima; pela primeira vez, senti que estava longe. New York era tão alta e compacta, uma lasquinha de ilha, respirando e crescendo cada vez mais para o alto, como se estivesse erguendo a mão para mostrar ao mundo que existia. New York me fazia andar depressa, me fazia querer ser o tempo todo alta e cintilante como os arranha-céus. Mesmo com todo o glamour e as celebridades, Los Angeles era mais como uma cidade que soltou a respiração, chutou os sapatos e abriu a janela. Os prédios aqui eram um pouco mais baixos, mais desbotados pelo sol e mais distantes uns dos outros, não empilhados uns contra os outros em uma corrida até as nuvens. Era uma cidade tão segura de si que não precisava brigar por atenção. Além do mais, era tão ensolarada e quente, por que não relaxar um pouco?

Mas é claro que falei cedo demais. Dentro da bolsa, meu telefone tocou. Quem poderia querer falar comigo a essa hora? A tela piscou com as palavras Casa Mãe.

-Alô?

— Angela?

— Mãe?

— Oi, querida! Estava falando de você agora mesmo. Está com seu astro de cinema?

— Mãe, por que está falando desse jeito chique? — Perguntei imediatamente arrependida de ter atendido a ligação.

— Não sei do que está falando, querida — mamãe continuou com a mesma voz que usava para falar com as minhas professoras e com o cara que foi lá em casa instalar a Sky. — Enfim, a Sheila está aqui, você se lembra da Sheila, da biblioteca? Bem, ela disse que o seu namorado já saiu com aquela garota daquele filme que gosta... você sabe, aquele com o cara de *Os Caça-Fantasmas,* em que ele vai para a China e ela é bem bonita.

Essa era a minha recompensa por ter dirigido sozinha em Los Angeles pela primeira vez? Será que eu tinha virado masoquista?

— Mãe, ele não é meu namorado. O Alex é meu namorado. Já falamos sobre isso.

— Eu sei que hoje em dia está na moda sair com duas pessoas ao mesmo tempo, Angela, mas, sinceramente, acho que isso ainda vai acabar em lágrimas — ela continuou. — Não pense que não sei. Eu estava saindo com outro rapaz quando conheci seu pai e, sim, admito que por algum tempo fiquei com os dois, mas...

— Mãe! — Gritei, atraindo a atenção de vários labradores e um chihuahua. — Não tem absolutamente nada acontecendo entre James e eu. Namoro só o Alex.

— Ah — ela parecia ridiculamente decepcionada, ainda mais considerando que não conhecia nenhum dos dois. — Puxa, mas que pena. Ele parecia ser tão querido.

— Pois é, sinto muito — lamentei.

— Então você está dizendo que não vai casar com aquele ator. Mais alguma coisa? Estava indo preparar um sanduíche para o seu pai.

Inspirei e expirei lentamente, vendo o sol se espalhar sobre a cidade. Está vendo como as coisas podem mudar? Se não tivesse recuperado meu emprego na *The Look,* provavelmente

estaria comendo um sanduíche com meu pai.

— Só queria que você soubesse — falei, tentando ser paciente. — Soubesse que estou bem. E que não tive nada com James Jacobs.

— Não se sinta mal, aquela loira é tão linda. Não que você não seja, não é, querida, mas sabe como é. E então, vai ficar muito tempo em Los Angeles ainda? Quando volta para casa?

Tentei não me sentir ofendida por minha mãe não achar que eu era tão bonita quanto a Scarlet Johansson. Afinal, as mães não eram as únicas pessoas do mundo que sempre achavam seus filhos os mais lindos? Exceto a mãe da Scarlet Johansson, eu acho, que deveria pensar que a irmã da Scarlet era tão bonita quanto ela. Se é que ela tinha irmã.

— Você tem mesmo que me perguntar isso toda vez que liga? — Questionei, terminando de beber o café gelado. Eca. — Não sei, mãe. Talvez eu vá para casa no Natal, se vocês não estiverem em um cruzeiro de novo.

— Não estou falando daqui — ela falou impaciente, como se a idiota fosse eu. O que, considerando a última semana da minha vida, era verdade. — Quero dizer, quando volta para New York?

— Ah — sorri para meus chinelos. Casa. — No domingo.

— Não se preocupe, Angela — minha mãe suspirou dramaticamente. — Nós já nos acostumamos com a ideia de que fomos abandonados. Você tem uma nova vida com seus namorados e suas amigas. Como vai a Jenny? Ela é uma garota tão bonita.

— Está bem — não sei o que eu esperava. — Mãe, posso perguntar uma coisa?

— Que bobagem, é claro que pode — ela disse.

— Você já escondeu alguma coisa do papai? — Quis saber.

Ela ficou em silêncio.

— Um segredo do tipo, o que os olhos não veem o coração não sente, ou um segredo como ele ainda achar que eu faço meus próprios pudins Yorkshire, em vez de comprar na Aunt Bessie's?

— O primeiro — que nojento. Comprar pudim Yorkshire congelado.

— Então, é claro que sim — ela falou. — Todos os relacionamentos têm seus segredinhos.

— Sério? — Tinha que admitir que estava um pouco curiosa a respeito dos segredos da minha mãe. Desde que não fossem safadezas. Ui. — Como o quê?

— Bem, há as mentirinhas brancas, como os pudins Yorkshire. E as batatas assadas. E uma vez eu usei uma mistura pronta de purê de batata para o almoço do domingo, porque tinha ido ao Blue Nun com a sua tia Les e ele nunca ia saber — ela contou. — Mas, bem, há algumas coisas que ele certamente preferiria não saber. Você tem que saber avaliar, Angela. É assim que se faz um relacionamento dar certo.

— Mas você não acha que ele merece saber? — Perguntei. — Não deveríamos ser honestas a respeito de tudo?

— Você gostaria de saber? — Ela falava lentamente, escolhendo cada palavra com o maior cuidado. Algo muito estranho para minha mãe. — Imagine se esse seu rapaz, sei lá, ficou um pouquinho "alto" e beijou a menina da padaria quando passou debaixo do raminho de visco em

uma festa de Natal, e ela pensou que tinha sido um beijo de verdade, mas ele não, mas quem sabe ela o tenha beijado na boca e não na bochecha e...

— Mãe, você beijou o sr. Owens da padaria? — Gritei.

— E essa reação explica por que seu pai não sabe disso — ela se justificou com formalidade. — Sendo assim, o que quer que tenha feito, sugiro que não conte para esse seu namorado, a não ser que queira vê-lo bem longe. Tenha calma, Angela.

Ela estava certa. Eu odiava quando isso acontecia.

— Tenho que ir, mãe. Preciso fazer umas coisas antes de voltar a New York. Embarcamos amanhã, e pode deixar que eu ligo quando tivermos chegado — prometi, sabendo que não ligaria e que ela teria esquecido que eu prometera antes mesmo de voltar ao sanduíche do papai.

— Muito bem, querida — pelo menos ela tinha voltado a usar o tom de voz normal. — Pense no que acabo de lhe dizer. E nunca conte nada ao seu pai sobre os pudins Yorkshire. Acho que ele perdoaria o beijo, mas não os pudins congelados.

Engoli o muffin e dei uma última olhada em LA iluminada pelo sol da manhã, que tocava os telhados da cidade de Los Feliz, logo abaixo; cintilava sobre Hollywood, saltitava sobre Beverly Hills e caía nas praias e nas ondas de Venice e Santa Monica. Eu me levantei, limpei a calça e voltei ao carro com um leve sorriso no rosto. Se minha mãe conseguia esconder a verdade sobre os pudins Yorkshire, com certeza eu acabaria me esquecendo completamente do incidente com Joe.

Quarenta cabeludos minutos mais tarde, parei diante do Coffee Bean para pegar mais cafés e muffins como um gesto de paz para James e Blake, e para dar uma pausa na assustadora volta de carro por Los Angeles. Assim que tirei os dedos do volante, vi que o telefone estava piscando dentro da bolsa. Ao contrário de todo mundo nas ruas de Los Angeles, não era capaz de dirigir e falar ao celular ao mesmo tempo.

Eu mal conseguia pensar e dirigir. Havia duas mensagens. Uma era de James.

"Não lembro o q combinamos, então vamos ao seu hotel. Bar da piscina, 9h?"

Droga. Que horas eram?

8h40.

Droga.

E outra de Alex.

"Não acredito q fugiu, estou me sentindo usado. Vou pegar meu calção e esperar vc por aqui..."

Droga droga droga.

Atirei a bolsa e o telefone no banco traseiro e liguei o motor. Nunca mais reclamaria do jeito metódico como Blake cuidava da agenda de James. E nunca mais marcaria alguma coisa com o macaco e não com o dono do realejo. Parei um momento para pensar em como aquele pensamento tinha sido inadequado e voltei às ruas.

Não consegui chegar à cobertura do hotel a tempo. Enquanto enfiava o dedo no botão mais alto do elevador, senti minha calma recém-adquirida esvanecer ao pensar em James confrontando Joe. Alex confrontando James. Blake confrontando Alex. Joe contando tudo para Alex.

Saí do elevador o mais rápido que meus chinelos permitiram. Eu mal conseguia olhar. Lá estavam eles, James, Blake e Alex, sentados a uma mesa, bebendo café e, meu Deus do céu, rindo.

— Ei! — Alex ficou de pé e se aproximou para um beijinho. Olhei de um para o outro, parando em Blake, que me olhava com um sorriso de anjo. Um anjo que sabia alguma coisa que eu não sabia. — Então, conheci James e Blake.

— Estou vendo — falei, sentando-me cautelosamente e aceitando o café que James me servia. Quando olhei para o bar, Joe não estava lá. Ufa. — E como está sendo?

— Bom, enchi o saco dele por ter chateado você com a história das fotos, aí ele encheu o meu saco porque eu fui um babaca a respeito das fotos, depois ele disse que gostava da minha banda e agora estamos tomando um café — Alex franziu o rosto para o sol forte. — E então você chegou.

— É mesmo? Quer dizer que agora vocês são melhores amigos? — Eu não conseguia parar de olhar para o Blake. Ele parecia tão terrivelmente orgulhoso de si. E, oi? Será que o Alex não devia estar bravo?

— Melhores amigos para sempre — declarou James. — Estamos em Hollywood, querida.

— E honestamente, acho que não consigo ganhar dele em uma briga — sussurrou Alex de modo teatral. — Mas posso tentar, se você quiser?

— Ah, ela adoraria — disse Blake. — Vamos tirar as camisetas de vocês e fazer uma luta agora.

— Isso. Bom, isso é ótimo. Ainda mais porque tínhamos marcado de nos encontrar no seu hotel — bebi o café, levemente preocupada com os altos níveis de cafeína que estava atingindo. Preocupada com outros detalhes que James podia decidir incluir na conversa. — Mas acho que pelo menos agora todos se conhecem, e seria melhor que não houvesse violência.

— Você se saiu bem — riu Blake. — Afinal, normalmente há violência quando conhecemos seus amigos, não é, Angela?

— A Jenny bateu nele? — Alex perguntou.

— Não — respondi rápido, cortando Blake. Ah, eu sabia que ele ainda me faria sofrer. — É uma longa história, mas não temos tempo agora. Não sei se lembram, mas tenho uma entrevista para fazer e acho que não é uma boa ideia falar sobre um assunto tão delicado aqui, onde todos podem ouvir, não é?

— Vamos voltar ao Chateau, então — James virou o espresso. — O carro está lá embaixo.

— Não dá tempo — suspirei. Meninos idiotas que não faziam o combinado. — Teremos que fazer a entrevista no meu quarto. Alex, você pode ficar aqui em cima por um tempo? Só umas duas horas.

— Claro. Mas eu estava brincando sobre o calção. De qualquer forma, tem uma loja de discos muito boa aqui perto. Vou dar uma olhada.

— O.k. — no que me dizia respeito, quanto mais longe Alex ficasse do hotel, melhor. Joe não estava em lugar nenhum, mas ainda assim. — Ligo para você assim que terminar.

— Por que não saímos todos para jantar hoje? — Sugeriu James. — É o mínimo que eu posso fazer, sério. Deixe-me levá-los a um lugar bem legal.

— Parece bom — concordou Alex. — Não temos planos, não é?

— Que planos poderiam ter? — Perguntou Blake, sorrindo para mim.

— Não — crispei os lábios. Ele estava adorando isso. — Jantar parece ótimo.

— E você vai levar a Jenny, não é? — Disse Blake, colocando o braço ao redor do meu ombro enquanto caminhávamos até o elevador.

— Se ela estiver livre — não queria parecer tensa. Não seria nada bom deixar o Alex desconfiado de Blake, e eu não queria irritar James antes de terminar a entrevista.

— E sabe quem mais você deveria levar? — Perguntou Blake, apertando-me em um abracinho. — Aquele tal de Joe. Para fazermos as pazes, sabe.

— Ah, Blake, sério? — James fez uma careta de dor e se encostou na parede do elevador.

— Quer que ele venda uma história na página seguinte a da entrevista? — Perguntou Blake. James balançou a cabeça. — Então deveríamos convidá-lo. Angela?

Eu me senti um hobbit no meio de três gigantes, fechados em um espacinho tão pequeno, todos olhando para mim.

— Hum-hum.

— Ótimo, faremos a reserva para seis — Blake sorriu quando o elevador parou no nosso andar. — No Dolce, talvez?

— Tanto faz — respondi, acompanhando os dois para fora do elevador e voltando para me despedir de Alex, que bocejou alto, alheio às provocações de Blake. Não que ele tivesse alguma ideia do problema que o namoradinho de James estava causando. — Até depois?

— Sim — ele disse com aquela voz profunda que fazia meu estômago revirar. Outro beijinho rápido e ele se foi.

— Muito bem — disse James, mal conseguindo conter um sorriso. — Entendi o que você vê nele.

— Ah, fique quieto — rosnei, marchando até o quarto. — Não vamos falar de homens.

— Então por que é que estou saindo do armário? — Gemeu James, arrastando-se atrás de mim.

Quatro horas mais tarde, olhei para o rascunho final da entrevista em que James Jacobs Assumia sua Homossexualidade. Era possível que houvesse um excesso de "estava tão confuso" e "enfrentei tempos difíceis", mas temperei tudo com o senso de humor de James e, por mais dolorido que fosse, o amor genuíno dele por Blake. Além de incluir a frase cuidadosamente planejada por Blake: "Nunca me vi como um gay, apenas me apaixonei por um homem. Acho que somos livres para nos apaixonar por quem quisermos". Tinha que admitir, ele era bom no que fazia. Mesmo depois de ler aquela entrevista, graças a Blake, as milhares de fãs de James Jacobs podiam continuar tendo a esperança de que ele um dia "voltasse atrás".

Anexei o arquivo a um e-mail e o enviei para Mary, cruzando todos os dedos. Assim que o e-mail sumiu da caixa de mensagens, peguei o telefone e liguei para Cici.

— Escritório de Mary Stein — ela atendeu seca.

— Oi, Cici. É a Angela.

— Ah, aquela que fez o James Jacobs virar gay — respondeu ela sem emoção. — Só queria

agradecê-la por fazer uma besteira tão grande que estou tendo que trabalhar no sábado.

— Ah, sinto muito — eu realmente não sabia o que dizer. Além de "BEM FEITO!", mas não teria sido muito legal. — Bem, só liguei para confirmar os voos de amanhã.

— Três e meia, saindo do Aeroporto Internacional de Los Angeles. A Mary quer você no escritório na segunda, às 9h. E disse que ligaria assim que desse uma olhada na entrevista. Que acabamos de receber.

— Mas eu não atrasei! — Protestei. — A Mary disse para enviar até as 4h da tarde de New York.

— E nós adoramos ficar sentados no escritório o dia todo esperando — respondeu Cici. — Não acredito que você o fez virar gay.

— Sabe, na verdade ele já era gay antes de eu chegar aqui — esclareci.

— Ah, claro.

— Você sabe que o Papai Noel não existe, não é? — Provoquei.

— Que seja, vou enviar as informações do voo agora — Cici falou.

— Nem a fada do dente — continuei.

— Tchau, garota que tornou o James Jacobs gay. Tente não encontrar o Jake Gyllenhaal por aí — zombou a assistente.

Desliguei e reli mais uma vez a entrevista. Estava boa. Fiquei feliz. Baixei a tampa do laptop e fui até o guarda-roupa pegar minha mala. Fazer as malas significava ir embora. Ir embora significava nunca mais ver o Joe de novo. Nunca mais ver o Joe significava que Alex jamais descobriria o que aconteceu. E isso me deixava ainda mais feliz.

Agora só precisava enfrentar o jantar, mas o que eu ia vestir? Com certeza não a calça que sujei no parque, decidi quando a olhei no espelho. Sério, será que ninguém ia me avisar que tinha terra no meu traseiro e eu ia passar o dia todo desse jeito? Peguei o vestido verde Robert Rodriguez que usei para conhecer James. E deixei-o de lado. Por mais lindo que fosse, eu não queria que fosse um motivo para James contar a Alex histórias hilárias sobre mim vomitando em frente ao bangalô. Hum. Melhor também não usar o Phillip Lim amarelo. Coloquei meus vestidos novos na mala um a um, tentando não pensar na conta do cartão de crédito, até que restaram apenas duas camisetas e um biquíni de Jenny. Não era o melhor traje para um jantar.

Sem qualquer outra ideia, peguei o telefone e liguei para Jenny.

— Oi, querida, tudo bem? — Ela atendeu no primeiro toque, pela primeira vez na história.

— Mais ou menos — respondi, jogando os lingeries limpas na mala. — James e Blake querem nos levar para jantar hoje. Vamos?

— Ah, Angie, não sei. Será que é uma boa ideia?

— Provavelmente, não — admiti. — Mas o James quer se desculpar ou algo assim pagando o jantar para nós. E o Alex meio que aceitou por mim, e eu meio que aceitei por você.

— Então, na verdade, você só está ligando para me dizer que eu vou ao jantar?

— É. Mas, sabe, talvez seja divertido? — Tentei. — Com certeza será um lugar legal, e vai ser bom termos um jantar de despedida chique em nossa última noite em LA. Um jantar que não

termine com ninguém aparecendo no Perez Hilton.

— Hum, é... — Ela concordou vagamente. — É que... eu estava meio que querendo jantar com você hoje, só nós duas. Preciso falar com você.

— Sim, parece que não conversamos direito há eras — dei uma cheirada no meu vestido preto Kerrigan. Não, não dava para usar. — Por que não tomamos um drinque antes do jantar? Com certeza Alex nos dará uma hora. Mas será que você por acaso teria alguma coisa para me emprestar para vestir, senhora consultora?

— Vou levar alguma coisa — pude ouvir o sorriso em sua voz; mas, ainda assim, ela não parecia feliz. — A que horas é o jantar?

— Hum, oito? — Olhei para o relógio. Mal passava das 13h. — Jenny, você está bem?

— Conversamos depois, pode ser? — A ligação estava cortada. — Apareço no seu quarto lá pelas 6. Vamos deixar você lindona e depois tomamos aquele drinque.

— Promete que não vai bater no James? — Perguntei.

— Sim — respondeu Jenny.

— E no Alex? — Continuei.

— Talvez — ela disse.

— Jenny.

— Tudo bem, eu vou me comportar. Só queria que pudéssemos jantar sozinhas — ela se justificou.

— Você pode trazer a Daphne, se ela estiver a fim — sugeri, mesmo que incluir Daphne naquela mistura não me deixasse exatamente feliz. Eu não a vira desde que ela desapareceu com um estranho durante nossa grande noite no Bar Marmont, e, honestamente, não tinha a impressão de que ela estava sentindo minha falta.

— Bom, acho que não. Vamos ficar só com o drinque — minha amiga concordou.

— Bem, se mudar de ideia, saiba que o Blake está em umas de "quanto mais gente, melhor" — tirei os chinelos e joguei-os dentro da mala. — Ele quer que eu convide o Joe.

— Que droga, e o que você disse? — Ela quis saber. — Não pense que me esqueci daquele paspalho. Nele eu posso bater, não é?

— Na verdade, prefiro não cruzar com ele nem hoje e nem amanhã — caminhei até a cama e pensei em tirar uma soneca. — Mas, se voltarmos para LA, você tem minha total permissão para chutar a cara dele com força. Várias vezes.

— Ótimo — Jenny riu. — Vejo você às 6.

Assim que Jenny desligou, ouvi um barulho.

— Ei, você já terminou ou volto depois? — Perguntou Alex, entreabrindo a porta.

Sorri.

— Já terminei, pode entrar — respondi.

Ele abriu a porta e mostrou uma sacola de plástico.

— Legal. Olha, fiz compras — ele falou.

— Que patético — peguei a sacola da mão dele e conferi os CDs. Nunca tinha ouvido falar naquelas bandas, mas com certeza eram muito legais. — Se você chama uma sacolinha de “compras". Jenny riria da sua cara.

— A Jenny ri da minha cara o tempo todo — ele pegou os CDs e colocou na mesinha de cabeceira. — E quais são os planos para a tarde, jornalista?

— Hum, acho que tenho que tirar uma soneca muito importante — falei, caindo de costas na cama e segurando as mãos dele nas minhas. A pele branquinha de nova-iorquino dele tinha ficado cor-de-rosa por causa do sol. Que lindinho. — E você?

— Eu bem que poderia tirar uma soneca — Alex deitou-se ao meu lado, deixando uma perna caída por cima das minhas. — Mas não estou tão cansado assim.

— Não sei o que dizer — falei, me encostando nele. — Não era só o rosto que estava rosinha; o corpo dele estava todo quente. — Estou quebrada.

— Então, acho que vou fazer todo o trabalho, que tal?

Senti os lábios dele na minha nuca e fechei os olhos. Tínhamos algumas horas livres e seria um desperdício de quarto de hotel se não fizéssemos nada, certo? Quando as mãos de Alex deslizaram ao redor da minha cintura, só o que pensei foi que deveríamos brigar mais vezes.

Capítulo 16

— Toc-toc, a fada da moda chegou — declarou Jenny, entrando no quarto sem realmente bater na porta. — Ai, céus, eu deveria estar brava com você, Brooklyn. Será que dá para pelo menos colocar uma calça?

Abri os olhos e vi Alex sentado ao laptop. De cueca, felizmente.

— O.k., Lopez — ele disse, pegando a calça jeans que estava no chão. — Só que ela está com a minha camiseta, então vou ter que ficar com isso aí que você tem dentro da sacola.

— Ah, isso é para mim? — Repentinamente, fiquei bem acordada. Jenny estava segurando uma sacola bem grande e bem linda de, ah, meu coração, Marc Jacobs.

— Sim, mas se alguém perguntar, isso aí é para Tessa DiArmo — com um floreio, ela tirou da sacola um vestido roxo de seda maravilhoso. — O que acha?

— Jenny, é lindo — ofeguei, saltando até o outro lado do quarto para ficar mais perto daquele vestido tão, tão lindo. — Acho que é a coisa mais linda que já vi.

— Ei, eu estou aqui, viu? — Falou Alex lá da mesa.

— Eu sei, eu sou demais, além disso, queria que estivesse linda para seu último encontro com os paparazzi — Jenny pendurou o vestido em frente ao guarda-roupa. — Então, tome um banho, coloque seus Louboutins e venha logo para o bar lá na cobertura. Você tem meia hora.

Quarenta minutos mais tarde, eu estava usando a peça de roupa mais cara que já tocara meu corpo, os saltos mais altos que já ousara calçar e sutiã e calcinha descombinados, como sempre. Tomara que Jenny não confira, pois ficaria muito decepcionada. Também torci para que ela me perdoasse pelos dez minutos extras que passei maquiando meu olho de dourado e esfumando; afinal, ficou ótimo com a roupa.

— Você está linda — disse Alex, ajustando o delicado cinto dourado na minha cintura. — Parece que se esqueceu de colocar a calça e nem liga.

— Mas pelo menos estou de calcinha — falei confusa. — Será que é muito curto? Dá para ver minha bunda?

— Não, não é isso — ele deu uma puxadinha na barra. — Está lindo.

— Pare, é para ser assim mesmo — falei, afastando os dedos dele. — Vejo você lá embaixo, mais tarde.

Dei um beijinho nele e saí. Esse vestido precisava estar em um lugar onde pudesse ser visto por todo mundo.

Chegar à piscina foi diferente. Eu sabia que essa seria a última vez que teria essa vista e julgaria os banhistas. E que estava com um vestido de 1.500 dólares, e não com um biquíni emprestado da Jenny e uma assadura de depilação, o que era ótimo. Jenny já estava em uma das mesas, olhando para as colinas e bebendo o que parecia ser o seu segundo mojito. Pelo amor de Deus, eu só estava dez minutos atrasada.

— Começou sem mim? — Puxei uma cadeira e me sentei com cuidado. Por mais que tivesse amado o vestido, sabia que teria que devolvê-lo. Chuif.

— Você está atrasada — disse Jenny, entregando-me um copo cheio. — Mas está uma gata. Cara, eu sou boa mesmo.

— É sim. E também está muito linda — afirmei, debruçando-me sobre a mesa para não pingar nem uma gotinha no meu vestido e dando uma olhada em como o busto de Jenny estava bonito naquele vestido vermelho decotado. — Se eu não a conhecesse, diria que trabalha com isso há anos. Todo o dinheiro que gastei valeu muito a pena. Vai tentar seguir carreira nisso quando voltarmos? Porque seria bem legal continuar usando roupas de graça.

— É — ela olhou para as unhas. — Tome seu drinque.

— Ah, não — tentei não olhar para as minhas unhas. Droga, lascadas até o talo. Eu jamais conseguiria estar perfeita. — Não vou encher a cara hoje. Foi bem legal acordar hoje cedo sem vomitar, e espero repetir a experiência amanhã. Se bem que o Blake vai ser um babaca no jantar, então provavelmente vou precisar de uns drinques.

— Não precisa ser muito esperta para saber disso. O Blake é um idiota, ponto final — ela sugou a bebida pelo canudinho fazendo barulho.

— Jenny — pela primeira vez em vários dias, olhei para minha melhor amiga. Ela não estava feliz. — Jenny, qual o problema?

Ela sorriu para mim.

— Na verdade, nenhum. Pela primeira vez em muito tempo, não tem nada errado.

— Explique, por favor? — Insisti.

— Ah, Angie — Jenny tirou os cachos cor de chocolate do rosto e colocou as mãos sobre a mesa. — Vou dizer de uma vez. Eu vou ficar em Los Angeles.

— Hã? — Fiquei surpresa.

Ela tirou minhas mãos geladas do mojito e segurou entre as suas.

— Eu vou ficar. Com a Daphne. Não vou voltar para New York — declarou Jenny.

— Vai ficar? — Perguntei, apertando de leve as mãos dela. — Por quanto tempo?

— Não sei — ela apertou de volta. — Um bom tempo?

— Não estou entendendo, você não vai voltar comigo amanhã?

— Não — ela respondeu.

— E nem na outra semana? — Quis saber.

Jenny suspirou e sorriu.

— Eu preciso de um tempo longe de New York, longe do trabalho. Preciso de um tempo para respirar.

— Mas você não pode simplesmente decidir que não vai voltar — argumentei em pânico. — Não pode dizer "ah, vou ficar um tempo em Los Angeles". As pessoas não fazem isso.

— Você fez — lembrou Jenny. Completamente desnecessário. — E ficou tudo bem.

— Só porque eu tinha você — eu odiava quando as pessoas usavam fatos para comprovar que estavam certas. Ficava tão difícil argumentar. — Você não pode tomar decisões precipitadas: quem faz isso sou eu. A balança da nossa amizade vai ficar completamente desregulada e aí, meu Deus, o universo vai acabar ou algo assim. Fale comigo. O que está errado, de verdade.

— Você já sabe — Jenny afirmou.

— Jeff? — Perguntei.

— Jeff — ela confirmou.

Olhei-a com minha melhor expressão de Oprah.

— Você vai mudar a sua vida inteira por causa de um homem? — Indaguei.

— Não foi o que você fez? — Ela rebateu.

— Dá para parar de me usar como exemplo? — Franzi a testa. — Não sou um bom exemplo.

— Querida, você é o melhor exemplo — Jenny apertou novamente as minhas mãos, dessa vez com mais força. — É o único exemplo. Eu disse uma vez que você era minha heroína, e é verdade. Eu não tenho sido eu mesma há muito tempo, sabe disso. Vai fingir que não notou?

— Talvez — respondi.

— E eu preciso me distanciar. Amei morar com você e, se eu achasse que poderia convencê-la a se mudar para cá, tentaria. Mas tenho que fazer isso, Angie.

Eu não queria ouvir isso. A ideia de voltar para New York sem Jenny era assustadora.

— E o seu emprego? — Perguntei.

— Eles foram ótimos — ela sorriu. — Permitiram que eu cumprisse o aviso prévio aqui, enquanto me acerto como consultora de moda. E, sim, sei que não é um trabalho muito seguro, mas não é para sempre. Se não der certo, volto a trabalhar em hotéis.

— E você vai morar com a Daphne? — Perguntei, fazendo uma anotação mental para nunca mais falar com o gerente da Jenny no The Union.

— Sim — ela soltou minhas mãos e voltou ao mojito. — Desculpe por não ter lhe falado nada antes. É que você já estava com tantos problemas, não queria que se preocupasse comigo.

— Ah, Jenny — estava me sentindo um lixo. Pior do que quando acordei ao lado de Joe, se é que isso era possível. — Queria que você tivesse dito alguma coisa. Por que não falou que as coisas estavam difíceis quando estávamos em casa?

— Acho que não sabia quanto estava mal até chegarmos aqui — ela olhou para as colinas. — É, eu estava triste com a história de Jeff, o trabalho estava uma droga. Daí pensava, "é só o inverno", e não queria ser uma vaca, mas estava com inveja por você e Alex terem voltado a ficar juntos. Achei que, com o tempo, fosse superar tudo.

— E agora acha que não vai? — Quis saber.

— Agora acho que ficar aqui por um tempo será melhor para mim.

Fiquei em silêncio por um momento. Como é que a Jenny, a minha

Jenny, podia pensar que ficar aqui a faria se sentir melhor?

— LA é diferente para mim, Angie — ela disse, lendo meus pensamentos. Que irritante. — Sei que você enfrentou um monte de problemas aqui, mas nem se compara às dificuldades que eu tive que passar nos últimos dez anos em New York. Lembra como se sentiu quando chegou lá? É assim que me sinto aqui. Como se pudesse fazer qualquer coisa, como se houvesse um milhão de coisas para tentar. A única coisa chata é que você não vai estar aqui.

— Não há nada que eu possa dizer para convencê-la a vir para casa comigo? — Perguntei, já sabendo que tinha perdido a batalha. — Porque estou a um segundo de ter um chilique.

— Desculpe — minha amiga disse.

Eu não podia chorar. Não era só minha maquiagem que estava em risco. Não sabia como tirar lágrimas de um vestido Marc Jacobs.

— Não diga isso. Se precisar de um tempo longe... — senti uma pequena lágrima passar pelo meu rímel e fazer uma manchinha roxa no joelho. Meleca. — Mas eu sinto que a desapontei.

— É sério, Angie, estou sofrendo com isso, mas não sei que outra coisa posso fazer — ela esticou o braço e, com um guardanapo, secou a trilha molhada da lágrima. — Sem choro. Não tenho tempo de refazer sua maquiagem e odeio que você fique desgrenhada.

— Não vai gostar nada do que vem por aí, então — respondi, já sentindo outra lágrima seguir a primeira. E outra, e outra, e outra, até virarem uma chuva de choro e soluços.

— Ah, pelo amor de Deus — gemeu Jenny, chegando até o outro lado da mesa e segurando dois guardanapos limpos sob meus olhos. — Pare de chorar ou vou jogá-la lá para baixo. Pressione estes aqui sob os olhos. Não esfregue.

— Obrigada — funguei pateticamente. — Desculpe. Tem que fazer o que é melhor para você, sei disso, é o que quero. Estou muito feliz por você, juro. Só estou triste por mim. Afinal, você sabe, só penso em mim mesma.

— Sim, eu sei — Jenny se aproximou e me deu um abraço. Tentei parar de chorar, mas só o que conseguia pensar era quanto sentiria falta de seus abraços, do cabelo macio fazendo cócegas no meu nariz, o perfume de coco e algodão-doce. Não era justo.

— Vai ter valido a pena quando eu virar uma superconsultora e pudermos ficar com as roupas — ela falou, me soltando.

— Verdade — concordei. — Então, temos tempo para mais um drinque de menina ou temos que... — Ei, babaca!

Antes que eu terminasse a frase, Jenny estava de pé a caminho do bar. Levei alguns segundos para entender o que estava acontecendo; eu ainda nem tinha me levantado e Jenny já estava subindo em uma banqueta e passando por cima do balcão, o cabelo voando para o alto, os braços se jogando em cima de, ai, céus, Joe.

— Seu completo imbecil — ela berrou, empurrando-o para cima de uma fileira de garrafas. Não havia muita gente na piscina àquela hora, mas, se ela não tinha conseguido a atenção de todos antes, com certeza conseguira ao derrubar uma dúzia de garrafas no chão.

— Jenny! — Gritei, correndo até lá o mais rápido que podia com aqueles saltos altíssimos. Ela

sabia como encerrar um momento de emoção. — Jenny, pare!

— Qual é o seu problema? — Gritou Joe, finalmente caindo em si e segurando os pulsos de Jenny com as mãos e mantendo-a a distância, Lopez, vê se relaxa.

— Não ouse me dizer para relaxar — ela urrou. — Como é que você pôde?

— Pude o quê? — Ele latiu de volta, os olhos percorrendo o bar até pararem em mim. Então, ele sorriu. — Está com ciúmes, Lopez?

Depois que consegui segurar a vontade de vomitar, deixei que Jenny estapeasse a cabeça dele por alguns minutos antes de intervir.

— Jenny, pare, vai acabar quebrando a unha — falei, puxando-a de leve para o lado. Os homens não sabiam como lidar com uma mulher agressiva. Ele só precisava ter olhado para os sapatos: qualquer ameaça ao equilíbrio e ela estaria acabada.

— Ei, inglesa, segure a cachorra aí — ele sorriu para mim. — Desculpe por não ter ligado, mas quando acordei e vi que tinha sumido, imaginei que poderia me encontrar. Quando me quisesse.

Ele parou para sorrir. Eu parei para segurar o vômito.

— Para onde foi, aliás? Podia ter usado o telefone do quarto para ligar para a Jenny e se vangloriar.

— Ai, eca, Angie, posso voltar a bater nele? — Pediu Jenny atrás de mim.

— Jenny — segurei-a, por mais que não fosse minha vontade. Como alguém podia ser tão nojento?

— Eu sumi porque... porque estava... bem, um pouco confusa. Para ser sincera, não me lembro de nada do que aconteceu.

— Sério? — Joe parecia decepcionado. — Uau.

— Pelo amor de Deus, Joe — Jenny recomeçou. — Não vai sobrar nada do seu ego quando eu quebrar a sua cara por ter se aproveitado da minha melhor amiga quando ela estava fora de si.

Corei dos pés à cabeça. As poucas pessoas que ainda estavam na piscina cochichavam entre si. O que elas queriam, além de drama? Afinal de contas, estavam em Hollywood.

— Acalme-se, Lopez — Joe cruzou os braços. — Não fiz nada que ela não quisesse. Certo, inglesa?

— Não me lembro — falei, sem saber para onde olhar.

— Bom, ele não deve ter sido muito bom, o que é ótimo — disse uma voz do outro lado do bar.

Olhei e vi Blake e James parados ali. James estava com os braços cruzados, mas Blake escolheu uma expressão mais tranquila, com as mãos no rosto e um sorrisinho de "eu sabia que você era uma vadia" no rosto.

— Acho que ninguém estava falando com você, cara — Joe voltou-se para os dois. Eu queria poder dizer que não estava empolgada. Mas estava.

— Não parece que ninguém aqui queira falar com você, também — James deu de ombros. — E mesmo assim, você está aqui. Talvez devesse pedir desculpas para a Angela e cair fora.

— Pedir desculpas pelo quê? — Joe deu a volta no balcão. — Por fazer o que você não

conseguiu?

— Por favor, vamos parar? — Minha voz soou terrivelmente alta nos meus ouvidos. — James, Blake, vamos jantar, e Joe, não me lembro do que aconteceu na noite passada, mas me arrependo imensamente do que quer que tenha sido e não quero falar sobre isso nunca mais.

— Dane-se — ele me olhou de cima a baixo. — Só não volte pedindo mais quando essa bicha não conseguir terminar o trabalho.

— É isso, agora chega.

Em um movimento rápido, James estava na frente de Joe, o braço na garganta dele, empurrando-a para trás até que a cabeça de Joe batesse no balcão. Não parecia muito confortável. — James — Blake soltou um grito de alerta. — Pense.

James concordou, mas não tirou os olhos de Joe.

— Peça desculpas à Angela e aí, se ela estiver satisfeita, vamos fingir que isso nunca aconteceu. Nada disso.

— Não vou pedir desculpas — ele tossiu. — Nem aconteceu nada, ela estava de porre.

— Estava? Então por que as suas roupas estavam no... — fiquei ainda mais vermelha. — Por que você ainda estava lá de manhã?

James forçou o braço na garganta de Joe novamente.

— Pense muito bem antes de responder.

— Pensei que talvez você fosse acordar? — Grunhiu Joe. — Mas só falou do seu ex, vomitou e voltou a dormir. Estava muito tarde para ir para casa e eu tinha que trabalhar na manhã seguinte.

— Então não houve nada? — Eu mal conseguia respirar.

— Nada — confirmou Joe.

— E você a fez pensar que houve? Mas que classe — James deu um último empurrão antes de soltá-lo. — Bom, pelo menos vamos todos dormir melhor esta noite. Você não chega aos pés dela.

— Nossa Senhora, pode ficar com ela — Joe tossiu e se recompôs. — Vadia.

E foi nesse momento que James se virou e acertou um soco na cara de Joe que o fez cair de costas.

— Acho que perdi alguma coisa.

Eu me virei e vi Alex olhando para aquela cena lamentável.

— Alex, é, hum... esse é o Joe — apontei para o montinho sangrando e gemendo no chão. Pela expressão no rosto dele, era impossível saber o que tinha visto de tudo aquilo. Ou ouvido.

— Esperei lá embaixo e ninguém apareceu, então subi para encontrá-la — ele ainda estava a alguns passos de distância. — Não pensei que vocês estivessem... brigando?

— Pois é, Alex — disse James, passando por cima de Joe, que soluçava alto. — Tivemos uns problemas com esse cara, mas é melhor irmos. Nossas reservas são para daqui meia hora e o Mondrian fica um pouco longe. Bela camisa.

Blake e Jenny seguiram James até o elevador: Blake me olhando com um sorrisinho

zombeteiro, Jenny segurando umas risadinhas nervosas. Passei por cima de Joe e segurei na mão de Alex.

— Que aconteceu? — Ele perguntou, aceitando meu beijo leve na boca.

— Hum, não sei direito — respondi, puxando-o até o elevador. — Eu falei que eles tinham brigado na segunda-feira. Acho que foi pelo mesmo motivo.

— Certo — Alex olhou novamente para Joe, enquanto eu rezei em silêncio para que ele continuasse soluçando até que o elevador chegasse e Alex e eu saíssemos dali. — Cara, ainda bem que o James não quis brigar comigo ontem, hein?

— Não é? — Concordei, apertando o botão.

Se é que era possível, a noite ficou ainda pior depois que saímos do hotel. Felizmente o gerente reservou nossa mesa em um lugar distante dos outros clientes do restaurante, assim não contaminaríamos a noite de mais ninguém com a gigantesca nuvem de constrangimento que pairava sobre nós. Conhecendo meu talento de dizer as piores coisas nos piores momentos possíveis, comi em silêncio, mantendo minha perna encostada na de Alex e ocasionalmente tentando distraí-lo com um aperto na coxa. E, a julgar pela mão dele acariciando as minhas costas, estava indo bem.

Entre pedidos de massa e de muitas, muitas garrafas de vinho, James conduziu a conversa, fazendo perguntas a Alex sobre a banda, sobre New York e, o mais perigoso dos assuntos, sobre mim. Alex enfrentou bem a sabatina, sorrindo, concordando e apenas raramente me chutando de leve sob a mesa ou tentando mudar o foco da conversa para Jenny e Blake. Porém, Jenny estava ocupada demais bebendo todo o vinho que James fosse capaz de pedir.

Quando o patinho atrasado que era o prato dela chegou, ela já estava na segunda garrafa e se dividindo entre discutir animadamente sua nova vida em Los Angeles com Blake e lamentar-se por estar me deixando para trás, em New York. Blake, quando não estava animando Jenny com a promessa de apresentá-la a várias celebridades, fazia perguntas cada vez mais estranhas para mim, de preferência quando Alex estivesse ouvindo. Quando o garçom veio perguntar se queríamos sobremesa, foi um alívio dizer que não, pedir a conta e chamar um táxi,

Nunca tinha me sentido tão tensa.

— Bom, façam uma boa viagem de volta à New York — James cumprimentou Alex e o puxou em um abraço masculino aceitável, com um só braço. — Foi bom conhecê-lo. Cuide bem dela. Acho que essa se mete em problemas com alguma facilidade.

Sim, se mete, e agora não vou mais estar por perto para resolvê-los — Jenny se atirou em mim. — Sério, Brooklyn, vou passar meu telefone amanhã antes de vocês viajarem e quero que me ligue quando ela cair em um bueiro ou algo assim.

— Não vou cair em um bueiro — murmurei nos cabelos dela. — Eu vou ficar bem, Jenny.

Com certeza eu ia cair em um bueiro.

Sim, vai sim — concordou Jenny, jogando-se em Alex, que os braços, assustado. — E vou escolher roupas para a sua banda. Prometa que vai me ligar sempre que precisar.

- Prometo disse Alex, afastando-a. — E Angela também.

Eles entraram no táxi, deixando James, Blake e eu em frente ao restaurante.

— Então, Blake, sei que foi meio estranho...

— Não precisamos fazer isso — ele me cortou e foi para o carro dele e de James, erguendo a mão em uma espécie de aceno. — Tchau, Angela.

— Pelo menos não foi muito estranho — suspirei, deixando James me dar um grande abraço.

— Sim, viva as pequenas alegrias da vida — ele falou. Mesmo agora, depois de tudo, eu não podia deixar de pensar em como aquele homem tinha um cheiro bom. — Desculpe se esta semana foi tão difícil, mas gostei muito de conhecê-la. Por mais que você não possa ver, Blake está muito feliz, e é por sua causa.

— Ah, que bom que o fiz feliz — menti. — Você promete tomar conta da Jenny?

— Palavra de escoteiro — ele jurou. — E você promete que vai me convidar para o casamento?

— Pega leve — olhei para ele séria. — Espero que a gente consiga superar tudo isso.

— Vai ficar tudo bem — James me deu um beijo na bochecha e me empurrou para o táxi. — Vocês estão asquerosamente apaixonados um pelo outro.

— É — concordei, olhando para o banco traseiro. Alex estava confortando uma Jenny aos prantos e mesmo no escuro pude ver que a expressão dele pedia socorro. — Espero que sim.

— Acho que sim — disse James enquanto eu me sentava no banco traseiro, ao lado de Alex.

— Não chegue muito perto, senão vou chorar no seu vestido — fungou Jenny. — Se estragar, não posso devolver.

— Aí o James vai ter que pagar por ele — abracei-a por cima do ombro de Alex enquanto James, rindo, fechava a porta do táxi.

Capítulo 17

Eu não imaginei que estaria triste ao fazer o check-out no The Hollywood, mas, depois que Jenny e eu colocamos a bagagem no porta-malas do Mustang, achei estranho sair por aquelas portas pela última vez.

— Tem certeza de que pegou tudo? — Perguntei a uma Jenny com uma ressaca violenta, que acenou com a cabeça e deitou quietinha no banco de trás, entre duas malas.

— Angie, eu vou morar a dez minutos daqui — ela disse por trás do cabelo. — Se esqueci alguma coisa, acho que posso pegar amanhã, quando vier trabalhar.

— Você falou com alguém a respeito da noite de ontem? Será que ainda vai poder trabalhar aqui?

— Para mim, está tudo bem — ela disse, bebendo um gole de água de uma garrafa. — O Joe foi demitido, então acho que não vou ter problema algum.

— Demitido? — Falei baixinho, vendo Alex procurando por nós. — Como assim?

— Acho que a administração não gosta de empregados que se metem em brigas com astros de cinema. Ou que dormem com as hóspedes.

— Mas ele não dormiu com nenhuma hóspede — retruquei depressa quando Alex acenou e caminhou na nossa direção. — E foi o James quem bateu no Joe. Não que eu o esteja defendendo, é claro.

— Claro — disse Jenny. — E assim, não fique brava, mas o pessoal do hotel acha que foi desse jeito porque foi o que lhes contei. Na verdade, não faz diferença quem começou ou terminou a briga. Isso aqui é Hollywood: as celebridades nunca são culpadas. Ele mereceu, Angie. Não fique se sentindo culpada.

— Não estou — fiquei tão surpresa quanto ela. — Ele não valia nada.

— Verdade — Jenny bateu de leve na minha mão. — Ei, Alex.

— Ei — ele parou ao lado da porta do motorista. — Eu dirijo?

— Bom, ela é que não — olhei para Jenny, que ficava mais esverdeada a cada segundo. — E, para ser honesta, não gosto muito de dirigir. E nem sei para onde vamos.

— Então, eu dirijo — ele abriu a porta e se sentou ao meu lado. Nunca pensei nisso, mas, como morávamos em New York, eu nunca tinha visto Alex dirigir. Nem sabia se ele tinha carteira, mas, como se ele já não fosse suficientemente gato, ele colocou um Ray-Ban, ligou o motor e partiu para a Hollywood Boulevard.

— Que foi?

— Nada — sorri alegremente. — É que não sabia que você dirigia.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim — ele disse, reduzindo a velocidade quando o sinal ficou vermelho. — E acho que há muitas coisas que não sei sobre você.

— Gente, parem o carro — Jenny gemeu, batendo na minha cabeça. — Vou vomitar.

— Essa é uma coisa que eu preferiria não saber, Jenny — falei, segurando seu cabelo enquanto ela vomitava dentro da bolsa, tentando não pensar no que Alex quis dizer com aquilo.

— Então, ligo para você quando chegarmos? — Perguntei a Jenny, carregando as malas dela até a sala. A casa de Daphne era linda, com grandes janelas e uma sacada com vista para a cidade. Até que a "carreira" dela tinha pontos positivos.

— Sim, ligue quando estiver no apartamento — Jenny se apoiou na porta. — Vou precisar que você me envie algumas coisas.

— Imagino que sim — comentei, pensando em como seria estranho chegar lá sem ela, sem saber quando voltaria para casa. Se é que um dia voltaria.

Jenny cambaleou na porta e apertou a campainha.

— Vou vomitar de novo.

— Quer que eu fique um pouco aqui? — Mesmo sabendo que corria o risco de levar um jato de vômito nas costas, abracei-a. — Posso ficar, se quiser.

— Eu estou bem, vá pegar o seu voo — disse Jenny, tocando a campainha de novo. — Gente, que barulho é esse? Angie, você me odeia por eu ficar aqui?

Claro que não, eu entendo — disse relutante. — Só queria que você não tivesse que ficar tão longe para colocar a cabeça em ordem. — Você pode vir morar aqui por um tempo, não? — Ela me perguntou. Olhei para o carro lá fora. A cabeça de Alex estava balançando no ritmo da música que ele ouvia no rádio.

— Ou pode ficar em New York, com ele.

— Se é que ele ainda vai me querer, depois de tudo isso — falei. Meu Deus, Angie — Jenny soltou do batente da porta para me um tapinha atrás da cabeça. — A conta de celular vai ser imensa se a cada vez que brigarem for ficar desse jeito. Entre no carro, e volte para a casa, deem uns amassos no avião, quem sabe, e depois finjam que nada disso aconteceu.

É um bom plano — falei ao soltá-la do abraço. — Eu amo você, Jenny. Sempre sabe o que dizer.

— Sim, eu sei — ela concordou. — Também amo você, Angie. Sempre sabe como estragar tudo e me fazer sentir indispensável. A caminho do carro, tentei não chorar, mas foi em vão. Quando estava errado na minha vida, Jenny sempre estava por perto para me ajudar a enxergar melhor. O que aconteceria agora? E por que era tão fácil dizer que a amava se, no entanto, eu era incapaz de dizer essas palavras para a pessoa que mais tinha que ouvir?

— Ela está bem? — Perguntou Alex, abaixando o volume do rádio.

Acenei com a cabeça.

— Vai ficar — respondi.

— E você está bem? — Ele perguntou, secando as lágrimas que escorriam pelas minhas bochechas.

— Vou ficar — passei os dedos sob os olhos para limpar alguma maquiagem que tivesse borrado e sorri. — Aeroporto?

— Na verdade ainda temos algumas horas — ele falou, ligando o carro. — E não estou afim de passar mais tempo que o necessário no aeroporto.

— O que quer fazer? — Perguntei subitamente nervosa por estar sozinha com ele, por mais que estivesse sorrindo.

— Sei que isso vai parecer estranho, mas que tal irmos à praia? Quem sabe quando estaremos aqui de novo, não é? Acho que eu pelo menos tinha que dar uma olhada no Oceano Pacífico.

— Alex Reid, ratinho de praia — tirei o cardigã e aproveitei meus últimos raios de sol em LA. — Quem diria?

Parei no calçadão para tirar as sandálias, mas Alex foi direto para a areia. Ver a silhueta dele desenhada contra o céu e o mar era tão surreal que mal ousei segui-lo, com medo de que ele desaparecesse como uma miragem. Exceto que, em vez de um oásis, o que havia na minha frente era uma calça jeans preta e uma camiseta amarrotada do Sucrilhos Kelloggs delineando ombros largos e quadris estreitos. Ele se virou e sorriu, interrompendo meu banquete para os olhos.

— Ei, você está me paquerando? — Ele ergueu as mãos sobre os olhos: o sol de Santa Monica era demais para seus olhos criados no Brooklyn, mesmo com os Ray-Ban para protegê-los.

— Talvez? — Respondi, pisando na areia.

Deus do céu, como estava quente. Deus do céu, como ele era gato. Muito mais lindo que o James Jacobs. Qualquer um podia passar metade da vida na academia e ter um corte de cabelo de 200 dólares. Só o Alex podia ficar bem com aquela franja comprida que não via um pente desde, bem, quando ele tinha cortado pela última vez? Um mês atrás? Ainda assim, estava tão macia quando caminhei pela areia e tirei-a delicadamente do rosto dele.

— Você vai se queimar mais rápido que eu. Está usando protetor solar?

— Está tudo bem — ele disse, tirando minha mão do rosto dele e segurando-a. — Não conte para ninguém, mas na verdade eu fico bronzeadão. É só que não pego muito sol em casa.

— Acho que os astros do rock não costumam ser bronzeados — comentei, feliz por estarmos falando bobagens. — Não é muito hipster, não é? Não muito...

— Angela, eu amo você.

Eu sabia que minha boca tinha ficado aberta de um jeito que não me deixava nada bonita, mas ainda assim não conseguia mexer um músculo sequer.

— Angela?

Pisquei. Não, ele ainda estava aqui. Eu não estava dormindo. Talvez estivesse com uma insolação por não ter usado um chapéu a caminho da praia. Ou talvez ainda estivesse bêbada desde, bom, a semana toda.

— Você está bem? — Ele quis saber.

— Sim — respondi finalmente. — O que você disse?

— Algo que deveria ter dito antes que viajasse, mas não queria que surtasse se eu estivesse muito longe para fazer algo a respeito. Eu amo você, Angela.

— Por quê? — Perguntei.

— O quê? — Ele não entendeu.

— Por que você me ama? — Repeti.

Ora, por que não arruinar um momento perfeito, não é? Grande Angela.

— Sente aí — suspirou Alex, puxando-me para a areia, ao lado dele. Estava muito quente mesmo; o que não era problema para ele, que estava de jeans, mas nada confortável para a parte de trás das minhas pernas. — De todas as respostas que poderia ter me dado, por essa com certeza eu não estava esperando. Quer que eu diga por que amo você?

— Sim, por favor — falei baixinho, sem conseguir encará-lo.

Não é que eu não acreditasse nele. Bem, na verdade, era. Mas, mais do que isso, a cena toda era tão surreal — Alex sentado ao meu lado de jeans, camiseta amassada, pele branquinha e cabelo preto contrastando com o sol — que eu tinha a impressão de estar sonhando.

— O.k. Eu amo você porque tem várias botas de cano alto ao lado da porta do banheiro, e elas estão ficando todas úmidas nos cantos porque você passa horas na banheira quando deveria estar trabalhando. Amo você porque coloca minhas meias no aquecedor para esquentar quando se levanta antes de mim, o que sempre acontece. Amo você porque me faz querer fazer coisas que jamais faria seis meses atrás — ele balançou a cabeça. — Amo você porque me faz querer vir até Los Angeles para dizer que eu amo você.

— Ah — coloquei o cabelo para trás das orelhas e tentei sorrir, ainda olhando para a areia. — É mesmo? Mesmo depois de toda a loucura desta semana?

— Está se referindo a algum detalhe em particular da loucura?

Eu realmente não sabia se havia algum.

— Não?

— Então, não quer falar a respeito de nenhuma ligação telefônica feita às 4 da manhã?

Bom, podia ter sido pior.

— Ah. Sim. Teve uma — concordei, olhando para longe. — Aquela em que eu disse que amava você.

— Era nessa mesmo que eu estava pensando — respondeu Alex. — Por quê, do que achou que estava falando?

Dei de ombros, desenhando um "8" na areia com o dedo.

— É que foi uma semana tão maluca. Não estava pensando em nada em particular.

— Ah, então você não estava pensando na noite que passou com aquele cara que levou um soco do James ontem? — Ele perguntou.

Parei o desenho. Parei de respirar.

— Não, necessariamente — respondi.

— Você sabe que a confiança é algo muito importante para mim, Angela — disse Alex,

colocando a mão dele sobre a minha. Não é como se nunca tivéssemos conversado sobre isso.

"Ah, meu Deus", pensei, fechando os olhos com força. "Não permita que isso esteja acontecendo de novo; não deixe que ele faça isso de novo."

— Eu gostaria muito que você me contasse o que aconteceu, em vez de ter que tentar montar o quebra-cabeça com as coisas que ouvi ontem. Acho que tudo que eu imaginar será muito pior do que a realidade.

— Eu não sabia que você estava lá — falei. — Ouviu tudo?

— Não sei. Por que não me conta? — Ele insistiu.

— Tudo bem — tentei repassar a história toda na minha cabeça antes de falar. Será que havia alguma forma de explicar tudo sem que, no fim, ele se levantasse e fosse embora? Provavelmente, não. — Versão resumida? Eu pensei que tivesse perdido meu emprego, pensei que tivesse perdido você. James estava se recusando a falar a verdade e enchi a cara no bar do hotel. Joe me ajudou a voltar para o quarto, me deu um beijo e eu desmaiei. Depois disso, só o que sei é que acordei, ele estava ali, surtei e foi isso. E só descobri o que realmente tinha acontecido ontem à noite. E não foi nada. Absolutamente nada. Foi tudo tão idiota. Eu fui tão idiota.

— E você não ia me contar? — Ele perguntou.

— Não sabia o que deveria contar — ergui os olhos, mas Alex estava apoiado nos cotovelos, fitando o mar. O nariz dele estava cor-de-rosa e brilhante. — Certo, eu não ia contar.

— Mesmo pensando que tinha dormido com ele?

Será que havia uma resposta certa?

— Acho que eu teria contado quando voltássemos para casa. Mas quando descobri que nada aconteceu, bem, acho que não ia falar nada sobre isso.

Ele não se moveu, não disse uma palavra.

— Não via motivo para deixar as coisas piores do que *já* estavam. Não aconteceu nada; achei que não valia a pena magoá-lo sem motivo - justifiquei.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele soltou o ar e mexeu a cabeça.

— Faz sentido — Alex disse.

— E as outras coisas se resolveram, não? — depois de ter passado a manhã inteira praticamente com medo de encará-lo nos olhos, agora, tudo que queria era que olhasse para mim. — Aquelas besteiras das fotos na internet.

— Você sabia que o James era gay quando foi para o quarto dele naquela noite? — Ele perguntou.

O que tinha acontecido com aquele papo de "você não precisa me explicar nada", pensei, enchendo as bochechas de ar para me concentrar.

— Não, mas não tinha nada acontecendo. Eu não estava mentindo. Nada aconteceu — esclareci.

— Não quero parecer paranoico, mas achei bem estranho você me ligar às 4 da manhã para dizer que me amava horas antes de as fotos aparecerem na internet — ele virou a cabeça para olhar para mim e tirou os Ray-Bans. — Por que você me ama, Angela?

Panaca. Virou minha pergunta contra mim.

— Por que eu o amo?

— É fácil dizer "eu amo você", mas muito mais difícil explicar o porquê — ele disse. — Como você sabe.

— Sim, certo.

Fechei os olhos de novo. Não era tão fácil assim, não é? Se fosse, eu teria dito semanas atrás e não estaríamos tendo essa conversa. Por que isso era tão difícil? Eu dizia para as pessoas o tempo todo por que o amava.

— Eu amo você porque sempre deixa uma camiseta debaixo do travesseiro para mim, mesmo sem saber se vou passar a noite na sua casa. Amo você porque sabe que quero açúcar no meu chá pela manhã, mas não à noite, e porque sempre finge que esqueceu que eu queria um chocolate quente desnatado no Starbucks, porque sabe que prefiro leite integral, mas não gosto de pedir para a menina atrás do balcão não ficar achando que eu sou gorda.

Alex começou a sorrir. Então, continuei.

— Amo você porque quando saio do metrô e vejo-o no café perto da sua casa, ou estou chegando em casa e você está no mercadinho comprando Lucky Charms para mim, eu fico com borboletas no estômago. Sempre. Ou quando bato na sua porta, pouco antes de você responder, sinto que elas estão em revoada dentro de mim. E, quando acordo, procuro por você, mesmo que não esteja ali. É como se o meu cérebro achasse que você sempre deveria estar ali, como se acordar ao seu lado fosse minha programação original — copiei a pose dele e me apoiei nos cotovelos. Droga, a areia ainda estava quente. — Isso foi bom? Passei?

Ele se aproximou e me beijou delicadamente na boca, a pele quente dele roçando na minha. Por um longo tempo, ninguém disse nada.

— Desculpe, não era para ser um teste — ele disse, afastando-se um pouco. — Era um teste para mim. Eu não queria fazê-la sentir-se mal, nunca quis ser um daqueles namorados babacas que não confia na namorada, mas, não tenho desculpa, acho que ainda não superei o que aconteceu com a minha ex. Mas você não é a minha ex. Sei disso. E prometo que nunca vou duvidar de você, nunca. Eu estava sendo um namorado babaca.

— É isso? — Indaguei.

— Não é o suficiente? — Alex quis saber.

— Assim, você não vai dizer que me ama, mas que não pode ficar comigo? — Encostei minha testa na dele, pensando que seria bem legal se eu simplesmente calasse a boca.

— Eu ia parar na parte do eu amo você — ele disse, deitando-me na areia e me beijando de novo.

— Acho que posso viver com isso — respondi, rolando para cima dele. Afinal, a areia ainda estava muito quente.

Capítulo 18

— Jenny, sou eu — murmurei para o telefone. — Atenda se estiver aí.

Nada. E eu estava presa em um apartamento às escuras, sem nenhuma luz funcionando. Por

mais que ligasse e desligasse o interruptor ao lado da cama sem parar. Minha mãe ficaria orgulhosa.

— Droga — suspirei. — Bem, se atender, pode me ligar e dizer onde fica a caixa de fusíveis. Sério, o que é que você estava pensando quando decidiu se mudar para Los Angeles?

Apertei o botão vermelho para finalizar a ligação e agitei a luz do celular para caminhar até o corredor. Deveria estar em algum lugar por aqui, não? Eu estava morando sozinha no apartamento havia uma semana e, até agora, tinha chamado um encanador porque derrubei minha corrente da Tiffany's no ralo da pia da cozinha; um exterminador porque achei que um aplique da Jenny fosse um rato; e um estranho na rua para matar uma aranha imensa que decidiu dividir o banheiro comigo. Eu estava determinada a superar essa crise sozinha.

Maldito Alex e sua ligação idiota às 3 da manhã. Dei uma espiada em cima do batente da porta. Será que aquela coisa branca era a caixa de fusíveis? Por mais que gostasse de receber declarações semialcoolizadas de amor a qualquer hora da noite, se ele não tivesse ligado, eu não teria levantado para fazer xixi e descoberto que estava sem luz. O que significava que não teria entrado em pânico achando que havia um blecaute, o que significava que não teria ligado de volta para ele e ele não teria me deixado ainda mais preocupada dizendo que o fusível do apartamento tinha caído. Viver sozinha não estava sendo muito bom.

Mordi o lábio inferior e coloquei a mão na testa, sem saber exatamente o que fazer. Olhei ao redor em busca de inspiração e a encontrei cintilando lá fora. As luzes da cidade iluminavam a sala, o edifício Chrysler e suas luzes brancas logo no fim da rua. Tateei até chegar à janela, conseguindo bater o dedão apenas duas vezes.

Debruçada na janela, olhei para a rua movimentada lá embaixo e respirei fundo, um pouco mais calma. Como é que a Jenny podia largar isso? Como é que o sol brilhando o ano todo e um conversível podiam competir com a cidade de New York? Mesmo agora, no meio da noite, as ruas estavam cheias de gente. Será que a Jenny poderia calçar suas Ugg agora e comer comida japonesa em cinco minutos? Acho que não. Bem, era possível, mas eu tinha quase certeza de que ela teria que pegar o conversível e dirigir uns bons quilômetros até encontrar um restaurante. Olhei uma fila de táxis amarelos e os carros da polícia passando, casais de mãos dadas e atravessando a rua tentando chegar antes que o sinal abrisse; uma porção de personagens caminhando por ali, tão ridiculamente cedo naquela manhã de terça-feira, e nenhum deles surtando porque não conseguia religar a luz.

— Vamos lá, Angela — disse para mim mesma. — Isso é bobagem.

Por um segundo, pensei em simplesmente voltar para a cama e me preocupar com isso pela manhã, mas sabia que não conseguiria dormir. Eu tinha que resolver isso. Tateei de volta pela sala, batendo o joelho no caminho.

Após uma inspeção mais cuidadosa, na ponta dos pés, vi que a coisa branca em cima da porta se parecia muito com uma caixa de fusíveis. Só um dos disjuntores estava para baixo e, de acordo com meus parcos conhecimentos, isso significava que um fusível tinha caído. É claro que eu não tinha uma escada. Nem uma banqueta. Nem nada que pudesse usar para subir para alcançar a caixa. Olhei para o telefone na minha mão — podia ligar para o Alex? Ele alcançaria, mas isso seria como admitir uma derrota. E eu tinha que estar no escritório às 9. Se ele viesse para cá agora, com certeza eu não voltaria a dormir. O que até não era tão ruim, pensei sorrindo, mas

não, eu tinha que fazer isso. Não podia ser uma garota tão fútil. Se bem que... Voltei para o quarto e procurei meu sapato com salto mais alto. Dois minutos depois, estava combinando um top de pijama rosa Victoria's Secret com um short rosa American Apparel e sapatos dourados de salto fino Christian Louboutin. Muito sexy.

Peguei uma lata de spray para cabelo no banheiro a caminho do corredor e me estiquei o máximo que pude, batendo na tampa da caixa de fusíveis até que se abrisse.

— Vamos lá — arfei incrivelmente feliz comigo mesma. Fiquei na ponta dos pés, tentando mover o disjuntor caído sem espirrar spray na cara. Estava completamente esticada. Se eu conseguisse fazer isso, poderia fazer qualquer coisa. Poderia passar as contas do apartamento para o meu nome. Poderia descobrir o que era aquele tal de 401k no meu contracheque da *The Look*. Poderia descobrir qual era o remédio para gripe que correspondia ao Night Nurse — quantos tipos de remédio para gripe uma cidade precisa ter?

No sétimo pulinho, bati a tampa da lata no disjuntor, que se ergueu.

— Angela? — Chamou uma voz do outro lado da porta.

Levei um susto, o coração batendo acelerado pelo medo da visita desconhecida e pela surpresa (até para mim) de ter conseguido religar a luz.

— Angela, você está bem? Eu ouvi uma batida?

Levantei-me da montanha de sapatos onde tinha caído (a Jenny sempre insistia que eu os guardasse) e olhei pelo olho mágico. Era Alex.

— Angela, deixe-me entrar — ele estava apoiado na parede, encarando o chão. — Não estou bêbado. Não muito.

Abri a porta devagar, tão feliz que meu coração ainda se animava ao vê-lo, mesmo quando estava com as bochechas vermelhas e os olhos arregalados.

— Muito sexy — ele deslizou pela fresta da porta e passou o braço pela minha cintura. — Promete que sempre vai estar me esperando de salto alto às 3 da manhã?

— Ah — corei e tentei tirar os sapatos. — Vou ver o que posso fazer — tinha passado meses tentando manter a ilusão de que dormia sempre em camisolinhas sexy ou com as camisetas velhas de Alex. Esse não era um visual perfeito para uma visita noturna.

— E essa história de blecaute, foi só para me fazer vir para cá? — Ele perguntou, conduzindo-me até a cama.

— Não — protestei, mas sem muita veemência. — O disjuntor caiu, mas eu arrumei. Não está orgulhoso?

— Muito — ele sorriu e foi desligando as luzes pelo caminho. — Mesmo assim, acho que podemos deixar as luzes apagadas. Por precaução.

— Precaução — concordei. Então eu apareceria acabada no escritório pela manhã. De novo.

— Bom dia, Cici — bocejei, passando pela mesa dela toda feliz, adiantada e completamente podre. — A Mary já chegou?

— Bom dia, garota-que-fez-o-James-Jacobs-virar-gay — ela cantarolou — Claro que já. Por quê, vai tentar fazê-la mudar de opção também?

— Já faz uma semana. Você não está ficando cansada dessa piada? — Indaguei.

Ela balançou a cabeça e sorriu docemente.

— Não é uma piada. Você fez com que um dos homens mais lindos do planeta virasse gay. Eu devia era lhe dar uma surra. Aquele seu namorado hipster já virou gay também?

— Não que eu saiba — eu estava bem certa de que ele não era gay, depois da noite passada. E desta manhã. E, tomara, desta noite.

— Que bom, porque ele é bonitinho. Para um hipster — ela deu de ombros. — Não chegue perto, estou finalmente saindo com um cara que não é um completo perdedor e não quero que você me faça virar gay.

— Vou tentar manter distância — prometi. — Não seria muito difícil.

Mary estava diante do computador, como sempre, com o cabelo grisalho balançando enquanto digitava no teclado e os óculos quadradinhos no meio do nariz.

— Angela, querida!

Congelei. Querida? O que é que eu fiz?

— Sente-se, querida — ela disse, olhando para mim e desligando o monitor.

Querida em dobro? Alguma coisa estava errada. E ela nunca, jamais, desligava o computador na minha presença. Torci para que não estivesse doente.

— Os números das vendas da edição da *Icon* com o James Jacobs já chegaram — comentou. — E são bons.

— O que é bom? — Prendi a respiração.

— Dois milhões e meio de exemplares. O normal é um milhão e meio — ela nem conseguia ficar parada na cadeira. — O pessoal da diretoria está bem feliz hoje, Angela Clark.

Mordi o lábio com um pouco de força. Dois milhões e meio de pessoas estavam lendo a entrevista que eu escrevi? Tudo bem, na verdade 2 milhões e meio de pessoas estavam lendo sobre a homossexualidade de James Jacobs, mas, ainda assim, o texto era meu.

— E isso está se refletindo no número de visitas ao site, no tráfego no seu blog e até no número de assinaturas. Da *Icon* e da *The Look* — Mary torceu o rosto no que só podia ser descrito como um sorriso. — Angela, estou tão orgulhosa. E tão, tão chateada por ter enfrentado tantas dificuldades para chegar até aqui. Sei que fui uma chata enquanto você estava em LA.

— Claro que não — falei, pensando exatamente o oposto, mas sendo britânica demais para concordar com ela. — Então não estou mais com problemas?

— Pelo contrário. Assim que os números das vendas apareceram, você se tornou a menina de ouro da Spencer Media. Acho que poderia subir e pedir sua própria revista, se quisesse.

— Um pouco demais, eu acho — senti as bochechas corarem. Era agora ou nunca. — Mas eu estava pensando...

— Que passatempo perigoso — Mary ergueu uma sobrancelha.

— Você acha que teria chances de escrever mais coisas para a *The Look*? Para a revista?

— Como? — Ela perguntou.

— Uma coluna, talvez? Ou algumas matérias? — Sentei sobre as mãos para não roer as unhas. — Ou qualquer coisa, na verdade?

— Você sabe que eu estava brincando quando falei da sua própria revista, não é? — Mary pressionou os lábios com o dedo indicador e balançou os cabelos. — Você quer escrever uma coluna para a *The Look*?

Soltei o lábio que estava mordendo e confirmei.

— Será que tenho alguma chance?

— Sabe que não trabalho diretamente na revista, Angela. Não é como se pudesse criar uma coluna de uma hora para a outra.

— Mas poderia falar com alguém? — Aquela história de menina de ouro foi esquecida bem depressa.

— Sim, eu poderia falar com alguém. Mas você também poderia — ela disse.

— Eu sei que poderia falar com a minha editora na revista, mas não a conheço tão bem quanto você. Ela só me manda CDs e coisas para fazer resenhas, mas quase nunca a vejo e...

— Não é o que eu quis dizer, Angela — ela falou. — Assim, considerando a posição em que está agora, e com "agora" quero dizer o dia de hoje, você pode falar com gente de outras revistas. Está em alta, mas isso não vai durar.

- Acontece que não quero ir para outro lugar — protestei. — Eu amo trabalhar com você e não...

- Sim, mas vamos supor que entrou aqui hoje e me disse que foi procurada por outra editora, quem sabe uma das nossas, rivais, e lhe ofereceram um blog e uma coluna e você estava pensando no assunto...

— Estou imaginando — falei lentamente.

— E se você me dissesse isso, eu não abriria mão de você, e lhe ofereceria um aumento pelo blog e conversaria com a editora da revista imediatamente... Então, gostaria de me dizer alguma coisa...?

— Outra editora me procurou? — Quis saber.

-E?

— Ofereceram um blog e uma coluna? — Continuei.

— Certo.

— Então... — resmunguei.

— Então, o que eu posso oferecer é um aumento no valor pago pelo blog. Hoje mesmo falarei com os editores da revista — Mary ligou novamente a tela do computador. — Ligo para você mais tarde.

— Obrigada, Mary — agradeci, levantando-me para sair, ainda sem entender bem o que tinha acontecido. — Falo com você mais tarde?

— Sim — ela confirmou sem me olhar. — E você fez uma boa entrevista, Angela. Apesar de toda a confusão que criou para chegar a ela, realizou um belo trabalho.

— Obrigada? — Eu tinha quase certeza de que ela havia feito um elogio — Tchau, Cici.

— Tchau, garota-que-fez-o-James-Jacobs-virar-gay.

Sim, é claro que eu queria passar mais tempo aqui.

— Então você conseguiu arrumar os fusíveis?

— Sim, Jenny — suspirei, caminhando pela 42nd Street em direção ao Bryant Park.

O pedacinho de verde já estava cheio de trabalhadores tentando ficar mais cinco minutos ao sol da primavera. O tempo havia melhorado na semana passada e as ruas de New York tinham voltado a ser um lugar em que eu queria estar, e não as inimigas mortais das sapatilhas e amigas eternas das Uggs feiosas. Na última vez que estivera sentada naquele parque (tentando, sem sucesso, consertar um salto quebrado), estava tão frio que eu mal conseguia respirar.

— Mas, honestamente, você não deveria ter me deixado sozinha. Acho que quebrei o forno.

— Você tem um forno?

— Nós. Nós temos um forno — praticamente gritei ao telefone. — Ainda é o nosso forno. E sim, ele com certeza está ali. Tinham umas caixas de cereal velhas dentro dele; você estava usando como armário.

— Ainda não encontrou alguém para dividir o apartamento? — Ela riu.

— Mas só faz uma semana — por pura força do hábito, olhei para os dois lados, mesmo sabendo que a rua só seguia em uma direção, antes de cruzar até a Sexta Avenida. — Eu nem comecei a procurar alguém, estive muito ocupada.

O que não era mentira. Eu tinha uma semana inteira de séries de TV para colocar em dia e, bom, ainda esperava que fosse abrir a porta a qualquer momento e encontrar Jenny ali, chorando e dizendo que LA era uma merda e ela tinha voltado de uma vez por todas.

— Ocupada fazendo outros caras gatos virarem gays? — Ela me perguntou.

— Nem comece — murmurei. — Enfim, como você está? Entediada? Morrendo de saudade? Vindo para casa?

— Hum, quer a resposta real ou a que vai fazer você se sentir melhor?

— A segunda — respondi.

— Está um saco. Chove todo dia; não estou fazendo nenhum trabalho como consultora; não conheci o Ryan Phillippe ontem e odiei.

— Assim é melhor — falei enquanto, do outro lado da linha, ouvia buzinas e palavrões. — Jenny Lopez, não me diga que está dirigindo enquanto conversa comigo.

— Não estou dirigindo enquanto falo com você?

Bem, eu pedi que ela mentisse.

— Como está o Alex? Tudo bem? — Ela gritou, mas não porque estava buzinando, porque, afinal, ela não estava dirigindo.

— Sim — respondi. — Acho que sim. Assim, nós conversamos sério antes de viajar para cá, e não falamos mais daquilo desde então. Nada daquilo.

— Os dois usando a palavra com "a"?

— Hum. Mais ou menos — respondi.

— Você está usando a palavra com "a" quando não está bêbada ou na cama? Ou bêbada na cama? — Jenny perguntou.

— Na verdade, não. Parece que toda aquela história em Los Angeles nunca aconteceu — comentei.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Isso não quer dizer nada, Angie — ela disse.

— Hum — resmunguei.

— Não é como se ele sempre estivesse transbordando de emoções, não é? — Ela quis saber.

— Na verdade, sim — respondi.

-Sim?

— É — confirmei.

— Mas você não acha que tem alguma coisa errada, não é? — Ela quis saber. — Talvez ele só esteja, você sabe, expressando os sentimentos com gestos e não com palavras. Querida.

— Ele ganha a vida escrevendo músicas, Jenny — retruquei. — Acho que não tem problema algum com as palavras. Não sei. Só estou ficando cansada de tentar ler nas entrelinhas, mas não quero falar nada e acabar tendo problemas de novo. E se ele começar a pensar que dou muito trabalho?

— Você dá um pouco, querida — ela disse. — Acho que deveria dar um chute no traseiro dele e voltar para Los Angeles. Pode muito bem escrever daqui. Ah, e você e James poderiam fazer um show na internet! Seria demais.

— Talvez — sorri, pensando naquilo. Seria demais. — Tem visto ele?

— Não, ele não estava lá quando eu não conheci o Ryan Phillippe noite passada. E ele não disse para mandar um oi.

— Certo. Vou ignorar a parte do Ryan Phillipe até que você consiga falar disso pela terceira vez. Ele está bem?

— Está ótimo — ela confirmou. — Está tão assumido que nem tem graça. Ele e o Blake se agarrando por todo lado. Não tem visto as fotos?

— Acredite se quiser, mas não tenho acompanhado os blogs de fofocas — respondi. — Mesmo assim, estou feliz que esteja tudo bem com ele. Não muito pelo Blake.

— Ah, sim — ela parou de falar comigo para gritar uma porção de impropérios para a pessoa que estava no carro da frente. — Sabe que não estou dirigindo, não é? Então, eu não acabo de virar na contramão em uma rua, então vou desligar porque estou... ocupada.

— Tenha cuidado — tentei não dar sermão. Como é que eu poderia cuidar dela quando vivia a milhares de quilômetros de distância? — Falamos mais tarde. Amo você.

— Ah, vá se danar, seu panaca! Amo você, Angela — ela respondeu e desligou.

Depois de comprar um exagero de caixas de cereal e galões de leite, cambaleei escada acima lutando com as chaves. Equilibrei uma caixa de Lucky Charms, um copo meio vazio de Starbucks e minha amada, mas agora honestamente bem detonada, bolsa, conseguindo segurar o cereal entre a bochecha, a porta e o ombro enquanto tentava encaixar a chave na fechadura.

— Posso segurar para você?

— Ah, meu Deus, Alex! — Exclamei, atirando a sacola de compras e quase o cegando com uma caixa de Cap'n Crunch. — Não ouvi você chegar.

— Deve ser porque estava falando com as compras enquanto subia as escadas — ele me deu um beijo na testa e pegou duas caixas.

— Agora eu moro sozinha, o.k.? — Murmurei, abrindo a porta. — Tenho que falar com alguém.

— É, eu estava querendo falar sobre isso — disse Alex atrás de mim.

Mas eu não estava ouvindo. O apartamento estava cheio de flores.

Não apenas um buquê aqui e ali, mas repleto de flores por todos os lados. Cada superfície estava colorida com buquês de rosas, vasos de lírios, potes com gérberas, todas coloridas. Era tão lindo que por um segundo nem me toquei de que um completo estranho tinha entrado no meu apartamento. Eu me virei para trás e olhei para Alex. A não ser que não fosse um estranho. Talvez tivesse sido alguém que estava escondido atrás da escada.

— Você fez isso? — Perguntei, soltando as compras no chão. — É incrível.

— Queria muito dizer que fui eu — ele disse, entrando no apartamento atrás de mim, mas só o que fiz foi isso.

Ele pegou minha mão e a cobriu com a dele, depositando algo pequeno e quente dentro. Uma chave.

— Você pegou a chave extra? — Perguntei ainda desorientada com as flores. O perfume das rosas era inebriante. Deixei a chave de lado e abri uma janela. — Foi assim que deixou o cara das flores entrar?

— Não deixei ninguém entrar — disse Alex. — Estava do outro lado da rua, no restaurante, esperando você. Como disse, não fui eu quem fez isso. Mas estou começando a pensar que gostaria de ter feito; com certeza tornaria tudo mais fácil.

— Tornaria o que mais fácil? — Perguntei, procurando um cartão. Tinha que ter alguma coisa em uma das cestas. Por fim, vi um grande envelope branco em uma das sacolas repletas de junquilhos e mosquitinhos. — Meu Deus, é do James.

— Que ótimo — disse Alex seco.

— "Querida Angela" — li em voz alta. — "Espero que isso não seja espalhafatoso demais. Não posso evitar, sou gay, você sabe. A Jenny me emprestou a chave dela e pedi ao entregador que deixasse no seu quarto. Ela disse que você pode devolver a chave quando vier nos visitar, MUITO EM BREVE. Com amor, James." Não é lindo?

— Lindo — repetiu Alex ainda parado na porta entre dois vasos altos repletos de lírios.

— Só vou pegar a chave, já preparo alguma coisa para nós — falei do quarto. — Você quer fazer alguma coisa? Desculpe, eu nem disse oi, mas isto é uma loucura, desculpe. Ai, meu Deus.

— O que foi agora?

— Não sei, mas é do Marc Jacobs! — Dei um gritinho e abri outro envelope branco, pousado sobre uma grande sacola branca. A chave de Jenny caiu no chão e foi parar embaixo da cama.

“Presente do meu amigo Marc. Ele disse para você cuidar bem desta.”

Dentro da sacola havia um saquinho e dentro do saquinho, uma imensa bolsa de couro azul royal. Soltei minha amada bolsa velha no chão e passei a tira azul comprida por cima da cabeça, deixando que a bolsa ficasse apoiada no meu quadril. Corri para mostrar ao Alex, com um sorriso de orelha a orelha. Ele deu um sorrisinho e se abaixou para pegar a chave extra.

— Não é linda? — Enfatizei tanto a palavra “linda” que ela durou quase um minuto, e então me virei novamente para o espelho para admirar a bolsa. — O James é incrível, não acha?

— É — disse Alex com uma mão atrás da cabeça, mexendo no cabelo enquanto a franja comprida escondia parte de uma expressão visivelmente infeliz. — Onde coloco esta chave?

— Bem, na verdade, eu andei pensando — senti meu rosto corar e comecei a tropeçar nas palavras. — Pensei que talvez devesse ficar com ela.

— É mesmo? — Ele perguntou, um sorriso surgindo no rosto.

— Eu ia fazer uma cópia para você — confirmei, feliz por ver que ele não estava surtando. — Depois do fiasco do disjuntor ontem à noite, acho que seria bom. Assim, a Erin tem uma chave extra, mas ela mora do outro lado da cidade, e faz muito mais sentido que você tenha a sua, não é?

— Ah. Entendi. Quer que eu fique com ela caso haja uma emergência — o sorriso dele se dissolveu em uma linha fina.

— E também para, sabe como é, para que possa entrar quando quiser. Para não ter que ficar me esperando no restaurante — completei rapidamente, apertando a alça fina da bolsa. Por que é que eu tinha a impressão de que tinha feito besteira? — Quero que você tenha a chave do meu apartamento.

— Obrigado.

Olhei de volta para a chave prateada sobre o balcão da cozinha, em meio às flores.

— Alex, se a chave que você me deu não era a chave extra, é do quê?

Ele suspirou e soltou os ombros.

— Da minha casa.

— Você ia me dar uma chave? — Perguntei. Se ele ia me dar uma chave da casa dele, porque estava agindo de forma tão estranha por eu estar dando uma chave da minha casa para ele? — Que coisa, hein?

— Não era para ser uma chave de reserva — ele disse, sentando na ponta da minha cama. — Sei que não quer outra pessoa morando com você, e acho que a Jenny vai demorar para voltar, então ia sugerir que viesse morar comigo.

Sentei ao lado dele na cama.

— Todas aquelas besteiras que enfrentamos na semana passada, Angela, foi tudo porque ainda estamos fazendo joguinhos bobos. Sei que erramos da primeira vez, foi tudo rápido demais, mas tenho certeza de que a amo; então, por que esperar? Assim que você foi para o aeroporto, eu senti sua falta. Quando vi aquelas fotos na internet, acabei surtando, fiquei com muito ciúme. Odiei pensar que a estava perdendo. Tanto que embarquei em um avião para encontrá-la.

— Certo — assenti.

— Quanto mais penso a respeito, mais tenho certeza de que vou ser muito feliz se puder encontrá-la no cômodo ao lado quando sentir saudades de você — ele colocou a mão no meu joelho e, depois, pousou-a na cama. — Portanto, se andei meio estranho esta semana, é porque tenho refletido muito.

— Certo — concordei.

Passei o dedo no zíper dourado da minha bolsa. Mas que coisinha mais linda.

— Não estou pedindo que faça a mala e venha comigo agora — disse Alex. — Mas vou deixar a chave com você, tudo bem?

— Tudo bem — respondi, puxando o zíper de um lado para o outro.

— Sei que não posso competir com o seu namorado de Hollywood, mas comprei isto no caminho — ele levantou a aba da bolsa carteiro, tirou um único girassol e colocou-o no meu colo. — Achei que fosse ser romântico, sei lá. Você não vai falar nada, Angela?

Fechei todo o zíper e cuidadosamente passei a alça sobre a cabeça. Coloquei a bolsa dentro do saquinho. Não fazia a menor ideia de onde estava o saquinho da minha primeira bolsa. Honestamente, eu não deveria ter coisas bonitas se não conseguia cuidar delas. Por mais que as quisesse muito.

— Não sei o que dizer — falei ainda incapaz de olhar para ele e me segurando na ponta da cama com as duas mãos. — Não que eu não queira morar com você. Só que estou um pouco surpresa.

— É, eu também — ele desabafou, colocando uma mão sobre a minha. Estava quente e cobriu-a completamente. — Então, vai pensar a respeito?

— Vou — prometi, finalmente encerrando a competição de "quem pisca antes" com o tapete e dando uma espiada nos profundos olhos verdes dele. Estavam grandes, brilhantes e cheios de esperança. — Vou, sim. Tudo que você disse estava certo. Vou pensar nisso.

— Então, por enquanto, isso basta — ele disse, colocando o girassol na minha mão. — Tenho que ir. Sou muito alérgico a pólen, e isso está pior que uma floricultura.

— Que menininha — brinquei, seguindo-o até o corredor do prédio. — Quer fazer alguma coisa mais tarde?

— Tenho ensaio, pode demorar — ele disse, torcendo o nariz para as rosas sobre a mesa. — Vejo você amanhã?

Concordei, beijei-o mais uma vez e fiquei observando enquanto ele descia as escadas. Fechei a porta e me encostei nela, ainda segurando o girassol. Coloquei-o no único vaso que havia na casa e, afastando as flores de James para dar algum espaço, pus no batente na janela.

Caí no sofá e bocejei. Era ótimo estar de volta ao horário de New York, blogando na sala de casa; reconfortante. Enquanto essa fosse a minha casa. Nossa, eu ia precisar pensar muito nessa coisa de morar junto. Talvez morar com o Alex fosse maravilhoso. Acordar com ele, dormir com ele, ficar acordada com ele... mas eu não podia tomar uma decisão baseada apenas nisso, não é? E lá estava meu coração acelerando de novo.

— Blog primeiro, mudanças de vida depois — falei para meu laptop enquanto fazia login.

As Aventuras de Angela: I want to be a part of it...

Então, pelo jeito, minha entrevista com James Jacobs foi um sucesso! Espero que tenham gostado; não fazem ideia do que tive que enfrentar por vocês. Bem, na verdade, acho que têm ideia, sim. Por mais que eu goste de pensar que sou a única, tenho certeza de que vocês visitam outros blogs além do meu, de vez em quando... Mas, para resumir, valeu a pena. Não só pela bolsa que acabo de receber. Obrigada, James.

Aliás, por falar nisso, quero esclarecer uma coisa de uma vez por todas. Eu nunca fiz ninguém "virar gay" (até onde sei?), apenas informei esse detalhe ao mundo. Então, se alguma de vocês está preocupada com meus poderes mágicos de "transformar" caras gatos, pode dormir tranquila.

Voltando ao blog. Vocês já viram como está lindo lá fora hoje? Não sei se é porque a primavera está aí ou porque não perdi nenhum dedo congelado hoje, mas estou muito feliz por estar de volta a New York. Não me entendam mal, foi muito divertido em Hollywood e acabei perdendo minha melhor amiga por lá; portanto sei que voltarei logo, mas existe algum lugar na terra que se compare a New York? Não tenho que me preocupar com paparazzi porque, por favor, não sou notícia para New York. Não tenho que me preocupar em entrar no carro só para comprar leite, porque há um mercado na esquina que funciona 24 horas. E não tenho que me preocupar em passar protetor solar durante o ano inteiro; mas lembre-se, é muito importante usar uma base com filtro solar e, de que qualquer forma, acordar e ver o sol não foi nada mau. Principalmente depois de passar de dezembro a março tendo que se enrolar em dois pijamas, um roupão e quatro meias só para ir do quarto ao banheiro toda manhã. De qualquer forma, acho que não saio daqui por um bom tempo. A não ser que vá para algum lugar próximo...

Enviei o texto para Mary e me enrolei no sofá. O apartamento já estava fedendo. Comprar milhares de dólares em flores parecia uma grande ideia, mas, na realidade, era como se eu estivesse vivendo na perfumaria da Bloomingdale's. Um pouco demais. O apartamento de Alex sempre tinha o mesmo cheiro. Café forte na cozinha, o sabonete fresquinho que ele usava no banheiro e, se a janela estivesse aberta, uma leve doçura no quarto vinda da fábrica de açúcar que ficava ali perto.

Levantei-me e briguei com a janela para que entrasse um pouco de ar, porém ela não abriu. Jenny era a única que conseguia abri-la. Suspirei e desisti: melhor tentar a janela da cozinha. O girassol de Alex estava bem no centro dos outros arranjos elaborados. Talvez eu não servisse para viver sozinha, mas será que essa era uma boa razão para ir morar com alguém? Onde estava Jenny quando eu precisava dela? É claro que ela disse que eu podia ligar, mas ainda era cedo em LA e eu sabia que ela tinha passado a dormir até o mais tarde possível, agora que não trabalhava mais em turnos. Antes que pudesse ouvir o conselho das únicas pessoas que saberiam o que dizer no momento, os personagens de *Friends*, ouvi alguma coisa no corredor.

Levantando a cabeça por trás do sofá como um suricato, vi quando a porta se abriu e Alex estava ali, segurando uma caixa de Cheerios.

— Encontrei isto aqui lá embaixo, você deve ter derrubado — ele disse sem jeito.

— Você não foi embora faz, o quê, meia hora? — Perguntei, levantando-me do sofá e pegando a caixa de cereal.

— Sim, mas eu meio que fiquei sentado lá na frente — ele admitiu, recolocando a chave no bolso. — Estava pensando.

— Pensando? — Isso nunca era bom.

— Sei que você precisa de um tempo para decidir sobre ir morar comigo — ele disse, pegando a minha mão. — Então, quis deixar mais um argumento.

Ele me deu um beijo suave, que foi ficando mais e mais forte até me deixar ofegante e encostada na porta da geladeira.

— Acho que não ajudou muito — falei, empurrando-o. — Como vou conseguir pensar agora?

— Não vai — ele sorriu, aproximando-se para outro beijo. — O objetivo é convencê-la a vir morar comigo.

— Quer vir aqui mais tarde? — Perguntei enquanto Alex tirava o cabelo do meu rosto com as duas mãos. — Depois do ensaio?

— Vai ser tarde — ele sussurrou entre beijos.

— Você tem a chave — lembrei. — Fique à vontade..

— Parece bom — ele me beijou mais uma vez e saiu. — Até depois. Fechei a porta e me abracei com força. Ah, essa decisão não seria fácil. Mas, também, as decisões difíceis não eram bem mais divertidas?



Autora best-seller, Lindsey Kelk é uma escritora britânica. Além da série Eu amo, que foi finalista nas categorias Paixão pura e Comédia romântica do ano, do People's Choice Award, Lindsey também escreve artigos e colunas para várias revistas femininas. Atualmente, ela mora em Nova York.

https://t.me/SBDLivros

Fotos: Vivian Cabot

Digitalização: Tainá C. e Andresa D.

Revisão: Luciana B., Nathalia M.e Tai A.

Produção do e-book: Vivian Cabot

Eu amo Hollywood

"Você não sabe que o que dizem no jornal de hoje estará embrulhando peixe no mercado amanhã?"

Depois de fugir de seu ex-noivo e ir parar na vibrante New York, a inglesa Angela Clark está convencida de que finalmente encontrou seu lugar no mundo. Fez novos amigos – entre eles a antenada Jenny –, tem o emprego dos sonhos na badalada revista *The Look* e está perdidamente apaixonada por Alex, seu namorado supersexy.

Mas tudo vira de cabeça para baixo quando vai a Hollywood entrevistar James Jacobs, um ator lindo de morrer. Em meio ao glamour dessa ensolarada cidade e das compras na Rodeo Drive, Angela logo descobre que a vida de celebridade não é nada fácil. A reputação de conquistador de James coloca Angela em apuros quando os dois são fotografados por um paparazzo numa situação um tanto "comprometedora". De repente Angela se torna o centro das atenções! Mas será que essa inglesinha atrapalhada conseguirá convencer seus amigos – e principalmente sua chefe e seu namorado – de que tudo não passou de um mal-entendido?

Confira as aventuras de Angela em ***Eu Amo Hollywood!***

EDITORA FUNDAMENTO
www.editorafundamento.com.br

ISBN 978-85-395-0629-3
9 788539 506293